



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>



30.5

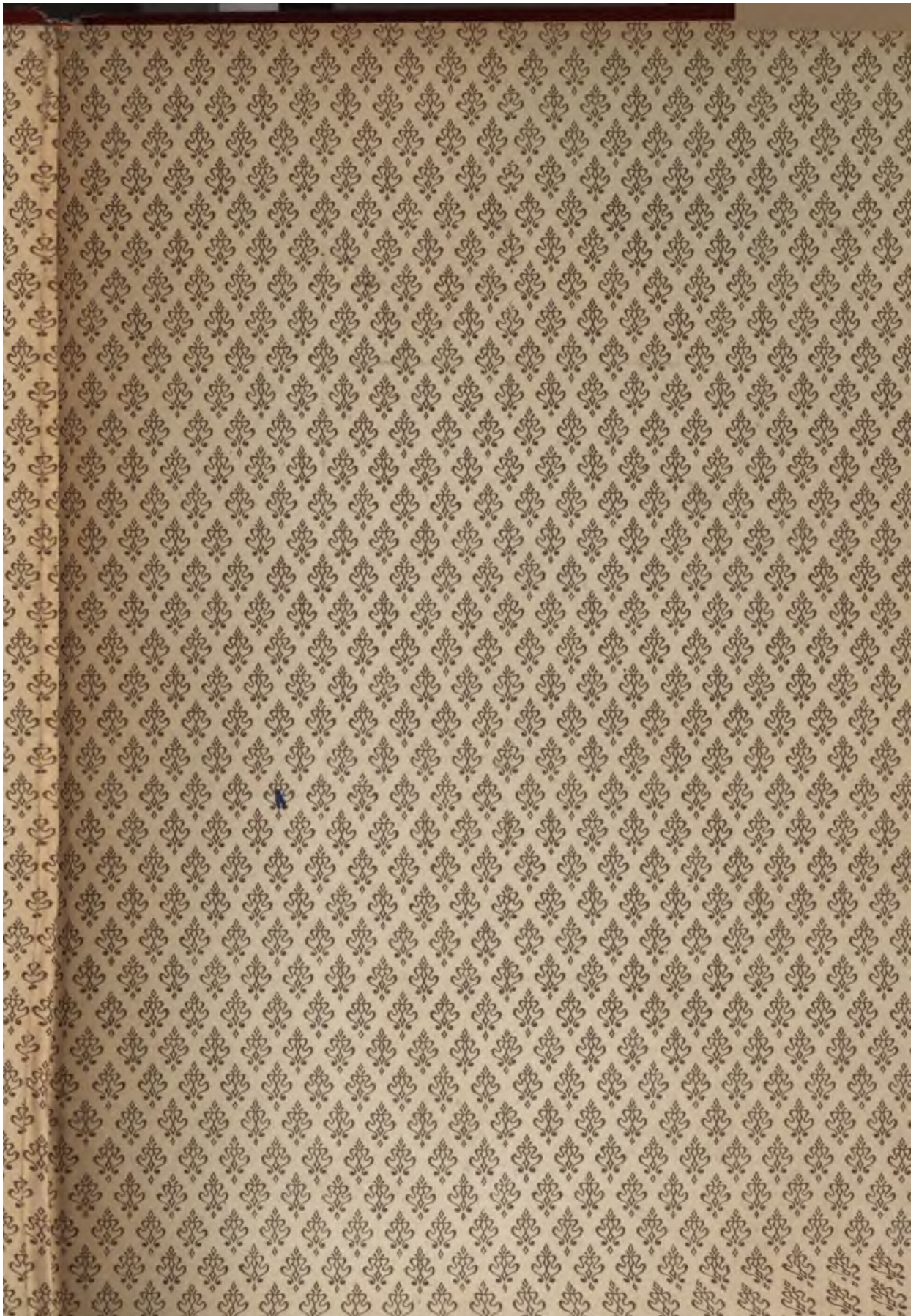
Harvard College Library



FROM THE FUND OF

CHARLES MINOT

Class of 1828





O LIVRO DE ESOPHO

FABULARIO PORTUGUÊS MEDIEVAL

PUBLICADO CONFORME A UM MANUSCRITO DO SÉCULO XV

DESENHO DA

BIBLIOTHECA PALATINA DE VIENNA DE AUSTRIA

DE

Dr. J. LEITE DE VASCONCELLOS

*Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa
Professor do Curso de Bibliothecaria Archiva*

op. 126. Revista Lusitana, no. VII - B

LISBOA

IMPRESSA NACIONAL

1910



O LIVRO DE ESOPHO

FABULARIO PORTUGUÉS MEDIEVAL

PUBLICADO CONFORME A UM MANUSCRITO DO SÉCULO XV

EXISTENTE NA

BIBLIOTHECA PALATINA DE VIENNA DE AUSTRIA

PELO

Dr. J. LEITE DE VASCONCELLOS

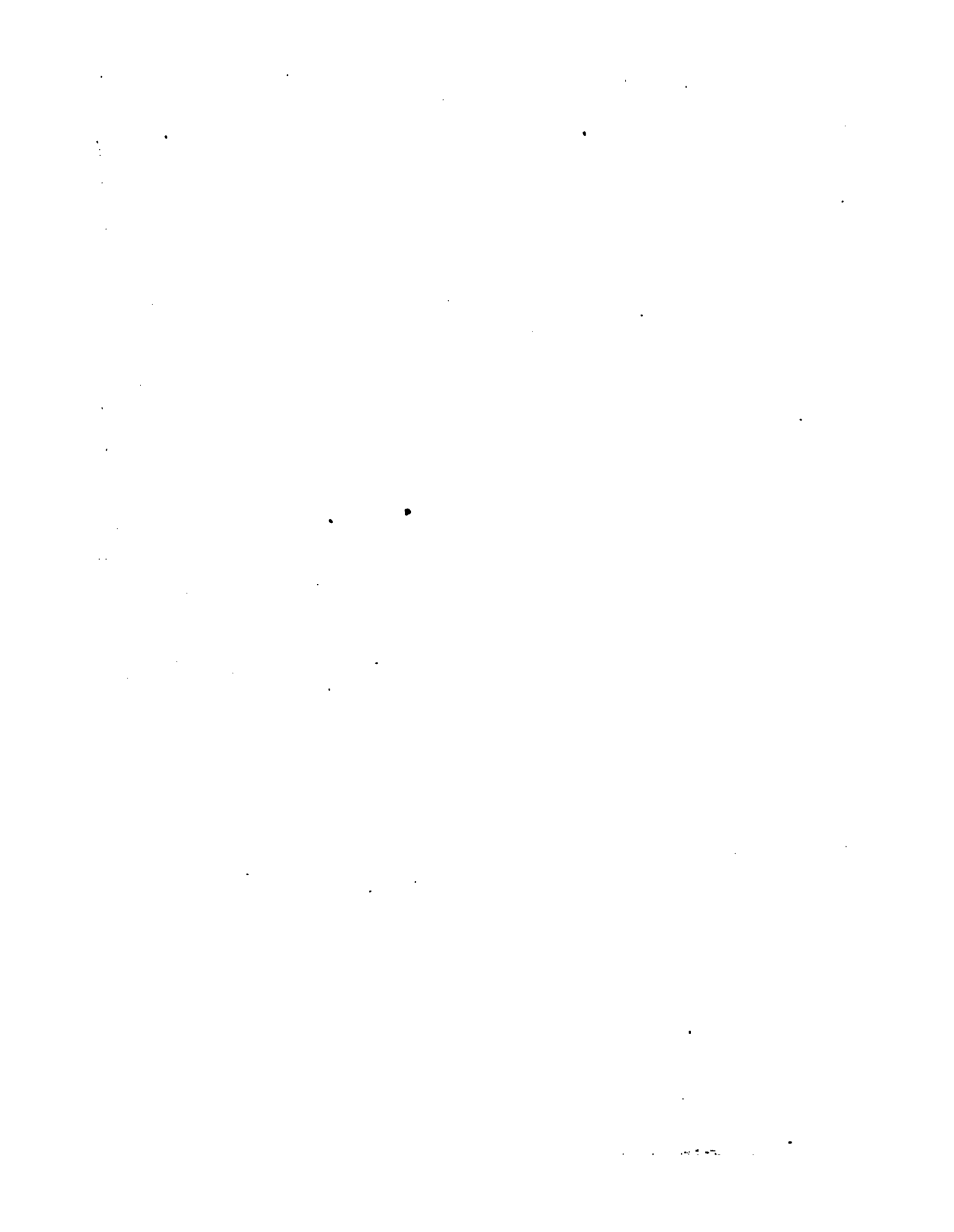
*Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa
Professor do Curso de Bibliothecaria Archiva*

Imprensa da Bibliotheca Nacional, vol. III e IV

LISBOA

IMPRESSA NAVIDEAL

1900



O LIVRO DE ESOPPO

FABULARIO PORTUGUÊS MEDIEVAL

PUBLICADO CONFORME A UM MANUSCRITO DO SÉCULO XV

EXISTENTE NA

BIBLIOTHECA PALATINA DE VIENNA DE AUSTRIA

PELO

DR. J. LEITE DE VASCONCELLOS

*Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa
Professor do Curso de Bibliothecario Archivista*

LISBOA

IMPRESSÃO DE ALFONSO

1906



a 10.80.5

~~at 4440.5~~

1. minor found
6

A

Sr. Alfred Morel-Fatio

**Douto Professor de Philologia Romanica
na Escola de Estudos Superiores de Paris e no Collegio de França**

Dedica este trabalho

o seu prado amigo

José Leite de Vasconcelles.



12-25-2014 10:00 AM

[The remainder of the page contains extremely faint and illegible text, likely a scan of a document or a list of items.]

ADVERTENCIA PRELIMINAR

Este trabalho começou, como se diz no frontispício, a ser publicado no vol. VIII da *Revista Lusitana*, fascículo 2.º, onde occupa as pp. 99-151, e acabou de o ser no vol. IX, fascículo 1.º, onde occupa as pp. 1-109.

De ter cada um dos fascículos vindo a lume em sua typographia, um no Porto, o outro em Lisboa, resultou o apresentar a respectiva separata dois aspectos typographicos, quanto ao papel e quanto á impressão.

Lisboa, Março de 1906.

J. L. DE V.



10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

10/10/10

FABULARIO PORTUGUÊS

Em 1900 tive a felicidade de encontrar na Bibliotheca Palatina (*Hofbibliothek*) de Vienna d'Austria um livro manuscrito, em português, que tem no respectivo Catalogo esta marcação: «3270* Philol. 291». A letra concorda com a de documentos portugueses datados do seculo xv; é boa e uniforme. O titulo do livro diz o seguinte, em letra muito mais moderna que a do corpo da obra: *Fabulae Aesopi in lingua Lusitana*.

O livro está escrito em papel, com margens. Consta de 48 folhas, numeradas modernamente até 46, porque a numeração das folhas 28 e 40 está repetida. O verso da folha 46 está em branco. Por isso o numero total de paginas escritas é de 95. Ha paginas que tem 29 linhas; outras tem menos. Altura das folhas: 0^m,215; largura: 0^m,145. Altura da parte escrita, quando cada pagina tem o maior numero de linhas: 0^m,140 a 0^m,145; largura: 0^m,100. A tinta é desmaiada, um tanto amarella. Varias folhas estão deterioradas pela traça e umidade, sobretudo as de n.º 25, 34-r, 38, 39, 41-r e 42 r, onde ha falhas de palavras. Outras tem estragos menores.

Na fl. 1-r. ha uma illustração á penna, e ha outra na fl. 3-v. Pelo meio do livro ha varios espaços em branco para conterem outras illustrações que não chegaram a ser feitas. Cada capitulo tem no principio um espaço em branco, destinado a receber uma letra capitular floreada, que só rara vez chegou a escrever-se.

O volume foi encadernado em pergaminho branco; tanto na parte anterior como na exterior vê-se ao centro, por fóra, o brasão da Austria. Na parte anterior, em cima, vêem-se as iniciaes da Bibliotheca de Vienna, e em baixo as de um antigo bibliothecario e a data da encadernação, — tudo disposto assim:

E. A. B. C. V.

Brasão da Austria

17. G. L. B. V. S. B. 53

Tanto o brasão como as letras e a data são doirados. As iniciais superiores significam: *Et(x) Augustissima Bibliotheca C(aesarca) V(indobonensi)* ¹. As inferiores: *Gerardus Liber* ² *Van Swicthen Bibliothecarius*, com a data de 1753. — Altura da capa: 0^m,22; largura: 0^m,1450; largura da lombada: 0^m,020. Na lombada collaram-se duas tiras de papel encarnado, uma superior à outra, que dizem respectivamente:

FAB.	COD. MS.
ÆSOP.	PHILOL.
LING.	CCXCI
LVSIT.	

Como o título o mostra, o livro consta de fábulas em português; ellas todavia não são traducções de Esopo, são apenas no gosto esopiano. Chamo provisoriamente ao livro FABULARIO PORTUGUÊS. As fábulas são em numero de 63, ou, se contarmos como uma unica as de n.º XLIX e L, em numero de 62.

*

Na transcrição sigo sempre o ms., exceto no seguinte: emprego letra maiuscula inicial nos nomes proprios, e depois de ponto final; substituo o *s* longo, ou *f*, por *s*; substituo por *rr* um sinal que no ms. representa *r* forte (quasi sempre inicial) ³; escrevo *i, ij*, por *í, ij* accentuados; *j* por *J*; *y* por *y* pontuado; separo as palavras procliticas, quando (por ex., a conjunção *e*, a preposição *a* e *de*, o artigo definido singular, etc.) vem unidas á palavra principal; separo por traço de união, como hoje se faz, as encliticas que no ms. vem unidas á palavra antecedente (escrevo, por ex., *tornauan sse* por *tornauansse*); uso de apostropho para indicar a omissão que na pronuncia se fazia de certas vogaes (por ex. escrevo *lho* por *lho*); desfaço as abreviaturas, regulando-me pela maneira ordinaria como as mesmas palavras estão noutros passos, quando escritas por inteiro ⁴; separo os §§; noto por travessões os dialogos; pon-

¹ *Vindobona* é, como se sabe, o nome da cidade antiga a que hoje corresponde Vienna, e por isso o nome adoptado para esta quando se escreve em latim.

² *Liber baro*, titulo nobiliario, «barão», = allemão *Freiherr*; *Frei* «liber», *Herr* «baro».

³ Faço sem hesitação esta mudança, porque algumas vezes o tal signal alterna com *rr* no manuscrito. Podia, tambem, em vez de *rr*, adoptar *r*.

⁴ A abreviatura *nh̄* por *nehum* ou *nem hum* é systematica, e por isso deixo-a. Tambem hoje adoptamos systematicamente certas abreviaturas, que nunca desfazemos, por ex.: «V. Ex.ª», «D.ª», «Fr.ª» e outras. No ms. não se adopta porém a este respeito regra constante. Convém notar o seguinte. No ms. encontra-

tuo¹ e accentuo moderadamente². Com relação ás nasaes, observa-se no ms. que estas estão representadas por tres maneiras: por *m*, por *n* e por til. O *m* e o *n* alternam indifferentemente no corpo da palavra (*temveja*, *omde*, *homrra*, *ssenbrante*, *paamcadas*, *enpeecer*), mas o *m* é muito mais frequente que o *n*; no fim de palavra raras vezes se encontra *n*. O til usa-se principalmente no fim de linha, ou proximo do fim, para abreviar a palavra, e esta não ultrapassar a margem; tambem nas mesmas condições se usa ás vezes *n*. Ha porém casos em que o til se usa sem regra: *correrõ*, *mũdo*, longe do fim de linha. E' tambem frequente *nõ*, *ny* com til (= *mim*) e *tpo* com til (= tempo). Os ditongos ou digraphos são quasi sempre notados com til: *homões*, *rãas*, *corações*, *hũu*, *hũa*. Pela minha parte, faço a respeito das nasaes o seguinte: substituo o til por *m*, quando eu vir que elle representa abreviatura; deixo-o nos casos em que é evidente que elle se adota sistematicamente (ditongos, etc.)³; conservo sempre o *n*, mesmo quando elle está no fim de linha. — Como no ms. se usa *ç*, mesmo antes de *e* e *i*, restituo a cedilha quando ella faltar, pois vê se que falta por engano. — Em todos os outros casos em que eu me afastar do original, indica-lo-hei em nota. Os accrescentamentos, incluindo os titulos do prologo e das fabulas, serão postos entre colchetes.

*

Seguidamente ao texto apresentarei um vocabulario, farei algumas considerações linguisticas, accrescentarei umas paginas com anotações ás fabulas e um estudo litterario d'estas.

Como reservo para o vocabulario a explicação das expressões que necessitarem d'ella, só raro accrescentarei ao texto notas que não sejam meramente paleographicas ou phoneticas.

A presente edição, apesar de critica, é pois quasi diplomatica. O

se frequentemente *dico*, *fico*, *dcor*, por *dcto*, *fcto*, *dctor* etc., latinismos orthographicos tradicionaes por *dicto* (*dictus*), *fecto* (*factus*), *doctor* (*doctor*); transcrevo essas palavras, e outras analogas, com *ct*. Quando estiver por extenso *autor*, *doctor*, *doutor*, transcrevo assim mesmo. Não ha duvida que na pronúncia o *c* não se fazia ouvir. — No ms. *oscillam pollo*, com *o*, e *pella*, com *e*, etc., oscillação que correspondia, como hoje, á pronuncia; como muitas vezes se encontra escrito *pllo*, *plla* etc., com *ll* cortados, é impossivel saber se quem escreveu queria representar *e* ou *o*: para a transcrição régulo-me pela fórma mais proxima d'esse logar, quando escrita por extenso. — Outras particularidades vão assinaladas nos seus logares.

¹ No ms. o ponto final está frequentemente indicado por dois pequenos traços verticaes e parallellos ("). Ha ainda outros sinais de pontuação: por exemplo um ponto (.) serve de virgula ás vezes.

² Com estas alterações, que em nada modificam a pronuncia, torno o texto mais facil de ler.

³ No ms. o til abrange geralmente mais de uma letra. Quando as letras são vogaes, não se pôde saber a qual d'ellas propriamente pertence; comtudo escrevo *rãa*, *hũu*, *corações* etc., com o til na primeira.

manuscrito está inedito, e apparece agora a lume pela primeira vez. Tanto quanto pude averiguar, nunca nenhum historiador da nossa litteratura teve conhecimento d'elle. Escusado será encarecer a importancia da publicação, quer sob o aspecto litterario, quer sob o aspecto linguístico ¹.

J. L. DE V.

[PROLOGO DO AUCTOR]



[Fl. 1-r]. ² [S]egundo diz o *Livro da vida e dos costumes dos philosophos*, conta-se que no tempo d'ell-rey Çiro, rey de Persia, este autor viuia o quall sse chama Exopo Adelpho, e foy greguo da çidade de Amtiochia e foy ajmda poeta famosissimo e de grande emgenho, o

¹ Quando estive em Vienna d'Austria em 1900, copiei algumas fabulas directamente do ms., e fiz um indice d'ellas. Como porém a copia me levava muito tempo, obtive para a Bibliotheca Nacional de Lisboa uma photographia de toda a obra, e por ella me regulo agora. Esta photographia, que ficou excellente, tirou-a o Sr. E. Schattera (Wien, Hauptstrasse, nr. 95), por intermedio do Sr. Dr. R. Beer, illustre funcionario da Bibliotheca Palatina. O texto que hoje publico foi copiado da photographia pelo Sr. Balbino Bibeiro, 2.º conservador da Torre do Tombo, e collacionado com ella pelo Sr. Pedro d'Azevedo, 1.º conservador do mesmo estabelecimento, e por mim.

² Na margem esquerda lê-se em letra moderna: Ms: Phil: 201 | *Fabulæ Æsopi* | in *Lingua Lu-* | *sitaná* | . *Cyro Rey de Persia*. E mais a baixo: *Translat-* | *ur e* | *Greco in* | *latin.* | .

quall fez este liuro em greguo, e depois foy trelladado de greguo em latino de hũ ssabedor chamado Rromulo. Aqueste Exopo no primeiro anno do predicto rrey Çiro sse comta que fosse morto de maa morte per emveja.

Este Exopo em aqueste sseu liuro poem ¹ muytas estorias ffremeras d'animalias, de homões e de aues e de outras cousas, segumdo em elle veredes, pellas quaaes ell nos emsinaua como os homões do mundo deuem de viuer virtuosamente e guardar-sse dos males.

E assemelha este sseu ljuo a hũ orto no quall estam flores e ² fruytos: pellas frores sse emtemdem as estorjas, e pello fruyto sse emtende a sentença da estoria; e comvida os homões e amoesta-os que venham a colher das frores e do fruyto ³. Ainda compara este sseu liuro ⁴ aa noz, que ha dura casca, e haos ⁵ pinhões, que dentro teem ascondido o meolo que he ssaborido: assy este liuro tem em ssey escondido muytas notauces sentenças. [Fl. 1-v.]

I. [O gallo e a pedra preciosa]

[C]omta-sse que hũa vez hũ guallo, amdando em hũa caualariça escaruando por achar algũa cousa pera comer, ⁶ achou hũa muy fremosa pedra preciosa; e maravilhou-sse e disse:

— Ó gema preciosa e nobilissima, a quall jazes em aqueste vill lugar: tu nom fazes a mym nhũ ⁷ proueyto; mais sse te a ty achasse outra perssoa ⁸ que conhecesse o teu nobre esplandor, tu sserias posta em algũu lugar arteficioso e nobre. Çerto tu nom es compridoyra a mym, nem eu a ty ⁹. Eu sseria mays ledo sse achasse hũa pouca de hisca pera comer, que achar ty.

Per aquesta hestoria rreprehende este auctor os ssamdeus e homões de pouco emtender, os quaaes nom curam nem querem curar por a sciência quando podem; e quando acham algũa cousa que lhe sseria proueytosa, ha despreçam e nom curam d'ella, e ao depois sse rrepemdem: assy que pello gualo sse emtende o ssandeu, e pella pedra preciosa ¹⁰ sse emtende a graça da ssapiemçia, a quall nom he conhecida dos samdeos, mais he conhecida dos sabedores. [Fl. 2-r.]

¹ Assim está no original. Leia-se *põe*.

² Repete-se e no começo da pagina.

³ A esta imagem allude o desenho (á penna) no começo do prologo.

⁴ Segue-se *q* riscado.

⁵ Entenda-se «aos», dependente de *compara*.

⁶ Segue-se um *r*, que parece estar riscado. De facto, não faz sentido.

⁷ Leia-se *nem hũu* ou *nehũu*.

⁸ No ms. *pssoa*, com *p* cortado na perna.

⁹ Sobre o *ty* vê-se um til (um tanto sumido). Foi engano por influencia do *mym* precedente, isto é *my* com til. Logo a baixo o ms. tem normalmente *ty*.

¹⁰ No ms. *pçiosa*. Acima porém está *preciosa*.

II. [O lobo e o cordeiro]

[C]omta-sse que o lobo bebia hũa vez em hũu rribeyro, da parte de çima, e o cordeyro bebia em aquell medês rribeiro, da parte de fundo. Disse o lobo ao cordeyro:

— Porque me luxas a augua e dapnas este rribeyro?

E o cordeyro rrespomdeo e disse homildosamente:

— Eu nom te faço emjuria, nem luxo o rrio, porque a augua corre contra mym, e a augua he muy clara; e pero sse a quisese aboluer, nom poderia.

Outra vez o llobo braada forte e diz:

— Nom te auonda que tu me fazes emjuria e dapno, e ajmda me ameaças?

E o cordeyro outra vez homildosamente rrespondeo:

* [Fl. 2. v.] — Nom te ameaço, * mais eu me escuso com boa rrazom.

E o lobo rrespomdeo outra vez:

— Ajmda me ameaças? Já ssemelhauyll ¹ jmjuria me fezeste tu e teu padre, ssom já bem sseis meses.

O cordeyro disse:

— Ó ladrom, eu nom ey tanto tempo!

E o llobo jroso disse:

— Oo maaos rrapaz, ajmda ousas de falar?

E foy-sse a ell e matou-ho e comê'-o ².

Em aquesta hestoria rreprehemde este autor os ssoberbosos e os arrogantes homêes do mundo, os quaaes contra os homildosos jgnoçentes sse esforçam de buscar cajom contra rrazom, por que ssem rrazom [os] possam offemder e fazer-lhe maas obras. E pollo lobo sse emtende[m] ³ os arroguantes e maaos homêes, e pollo cordeyro os homildosos e ignoçentes. E como este lobo mata este cordeyro ssem rrazom, assy ho maaos homem faz mall ao boo ssem lh'o mereçer.

III. [O rato, a rã e o minhoto]

* [Fl. 3 r.] * [C]omta-sse que hũu rrato, amdando sseu caminho pera emdençar sseus negoçios, ueo arriba de hũa augua, a quall ell nom podia passar. E estando assy cuydoso arriba da augua, veo a ell hũa rrãa e disse-lhe:

— Sse te prouer, eu te ajudarey a passar esta augua.

¹ No ms. *semelhauil*; na fab. xxxiv por extenso *estauyll*.

² =comeo-o. No ms. *comeo*. Podia tambem transcrever-se *comeo'*, e semelhantemente as palavras analogas que apparecem adeante.

³ Esta palavra no texto vem em fim de linha, e por isso, segundo a regra das nasaes (vid. Introducção), devia ter *ẽ*, mas o til não se percebe; só adeante, e em cima, ha um ponto.

E o rrato rrespomdeo que lhe prazia e que lh'o agradeçia muyto. E a rrãa fazia esto pera emganar o rrato, e disse-lhe:

— Amiguo, legemos ¹ hũa linha no pee teu e meu, e ssube em çima de mym.

E o rrato feze o assy. E depois que foram no meo da augua, a rrãa disse ao rrato:

— Dom velhaco, aqui murreredes maa morte.

E a rrãa tiraua pera fundo, pera afoguá-lo de so a augua; e ho rrato tiraua pera çima. E estando em esta batalha, vi'-os ² hũu mi-nhoto que andaua voando pello aar, e tomou-os com as hunhas e comê'-os ³ ambos.

Em aquesta hestoria este doutor rreprehemde os homêes, os quaes com boas palauras e doçes, de querer fazer proll e homrra a sseu proximo, <e> ⁴ emganosamente lhe<s> ⁵ fazem maas obras, porque all dizem com as limguoas e all teem nos sseus coraçõoes.

E esto sse demonstra per a rrãa, a quall dizia que queria passar o rrato, e tijnha no sseu coraçom preposito de ho afoguar e matar, como dicto he em çima ⁶.



¹ Leia-se *legemos*.

² =vio-os. No ms. *vios*.

³ =comeo-os. No ms. *comeos*.

⁴ O *e* está de mais, postoque nos textos antigos o uso de *e* não seja sempre rigoroso. Foi aqui talvez escrito por influencia do *e* seguinte.

⁵ Esperar-se-hia *lhe*, por se referir a *proximo*; mas no espirito do auctor ou no do copista a ideia de *homêes*, que apparece no começo do periodo, alternou com a de *proximo*, e o *lhe* foi referido a ella.

⁶ No desenho á penna, illustrativo da fabula que acaba de se transcrever, lê-se adeante do bico da ave: *sygo viovio*, o que traduz a voz d'ella.

IV. [O cão que cita o carneiro em juízo]

* [Fl. 3-v.] * [C]omta-sse que foy hũa vez gram demanda amtre o cam e o carneyro.

E o cam fez çitar o carneyro per diamte o corregedor, e demandou-lhe que lhe desse çerto trijguo que lhe emprestára; e o carneyro, que d'aquelo nom ssabia parte, negou-lh'o ¹ com rrazom, e defendia-sse o milhor que podia, dizendo que lhe nom prestára cousa. O cam maliçioso ² pressemtou testemunhas ³ per diante o dicto corregedor, as quaaes eram falsas e de maa fama, .s. o minhoto, a abúter e o lobo. As quaaes testemunhas depois que forom examinadas, visto ho dizer dellas, foy dada a sentença contra ho carneyro, e foy-lhe mandado que paguasse a dicta ssoma do trijguo ao dicto cam.

E o carneyro, veendo que nom avia per hu pagar, mandaron-lhe que vendesse a llãa. E assy o fez; e o frio era grande, e por mingua da llãa o carneyro morreo de frio. Depois que morreo, veo ho cam com as testemuⁿhas e comerom ho carneyro.

Em esta hestoria este doutor rreprehemde os maaos, os quaaes prouam as mintiras com falsas testemunhas ⁴ e afoguem a verdade; e rreprehemde ajnda o juiz, o quall nom he auisado de conhoçer as falsas testemunhas ⁵, e dá ssua sentença falsamente. E pollo ⁶ cam sse entemde ho maaos homem, e pollo ⁷ carneyro ho boom e homildoso.

V. [O cão e a posta de carne]

[C]omta-sse que hũa vez hũu cam furtou hũa posta de carne; e fugindo com ela passaua per hũa ponte, e mentres que passaua, guardou na augua, e vio a ssoombra da carne que leuaua na boca, a

¹ No ms. *neguolho*. Tambem podia entender-se *negou-lh'o*; cf. *rugoulho* noutro passo.

² No ms. *maliçõso*. O til representa o *i*.

^{3 4 5} No ms., ora *ts* com til (cfr. lat. *testis*, pl. *testes*), ora por extenso, como escrevo.

^{6 7} No ms. *pllo*, com *ll* cortados.

qual ssoombra parecia a elle que era duas ¹ tanta carne que aquella que ² elle leuaua na boca. E veemdo a ssoombra, deytou-sse na * augua, [Fl. 4-v.] cuydamdo tomar a outra carne, e abrio a boca; e abrindo a boca pera tomar a ssoombra que lhe ssemelhaua carne, cayo-lhe a carne que leuaua na boca: e assy perdeo hũa e a outra.

Em aquesta hestoria ho douctor rreprehende ha ³ aquelles que leixam as cousas çertas pellas jmçertas, e querem leixar as ssuas cousas por cobijça de cobrar as alheas, assy como fez este cam, que leixou perder a carne que leuaua na boca, por cobrar a ssoombra que lhe parecia mayor.

VI. [O leão que vai com outros animaes á caça]

[C]omta-sse que hũa vez estas animalias predictas ⁴ fezerom todas companhia com esta comdiçom: que todas juntamente fossem aa caça, e quanto filhasem, assy a grande como a pequena ⁵, partisem igualmente em tall guysa, que cada hũu ounesse ssua derejta ⁶ parte. E foram a ssua caça, ⁷ e a poucos passos o liom achou hũu çeruo, e como o vio, loguo o emcalçou, e filhou-ho e fez delle quatro partes, e disse:

—Eu mamdo que sse faça d'este çeruo assy: eu ssoo ⁸ herdeyro da primeyra parte, porque eu deuo de sseer pymeiramente homrrado; a ssegumda parte deuo de auer, porque ho ⁹ filhey; a terceira parte deuo d' auer, porque filhey mayor afam ⁹ em ho tomar que nhũu de uós; a quarta parte quero pera mym,—e sse algũu de uós he que m'a queyra tolher, nom será meu amigo.

E per esta guisa o leom ouue todo ho çeruo, e sseus parceiros nom ouerom nhũa cousa.

¹ Isto é: duas vezes tanta carne.

² Depois de que está riscada a palavra *posta*.

³ = a. Podia transcrever-se tambem: *haaquelles*.

⁴ O A. emprega a expressão *predictas*, porque no começo da fabula devia haver um titulo com uma estampa representativa da acção; e effectivamente no ms. ficou espaço em branco para isso. (Aqui a estampa devia ir no começo e não no fim, como na fabula III; pois no fim não ha espaço).

⁵ Subentende-se *caça*, palavra dita pouco antes.

⁶ No ms. *djta*, com *r* sobre o *j*; na fab. LX por extenso *dereyto*.

⁷ Talvez por *ssão*; cf. *ssoom* na fab. XI, e *som* (*ssom*) noutras.

⁸ Refere-se ao cervo.

⁹ No ms. lê-se melhor *afom* (não *afan*) que *afam*. Na fab. XLII *afam* e *affam*.

Em aquesta hestoria este douctor rreprehende os homêes pequenos e de pequena comdiçom que tomam companhia com os grandes e poderosos, — e ¹ porque ho homem poderoso pôde fazer força ao homem de pequena comdiçom, e nom lhe podem comtradizer: como fez o leom a sseus companheyros.

VII. [O casamento do ladrão e o do sol]

* [Fl. 5-v.] * [F]oy hũa vez hũu ladrom, e quys-sse casar com hũa molher: e de fecto ² casou-se com ella. E os vezinhos e amigos fizeram grande festa. Hũu homem ssabedor, o quall moraua em aquella rrua, chamou os vezinhos e disse-lhe este emxemplo:

— Hũa vez o ssoll quis tomar molher, e a terra queixou-sse muito ao deus Jouis, dizendo-lhe que, sse o ssol tomasse outra molher, faria outros filhos, que sseriam ssolles e dariam tamta queentura de ssy, que nhũa criatura nom poderia viuer em ella. E assy fará este ladrom: fará filhos, e fará-os ladrões assy como ssy. E ora teemos em elle hũu maaos vezinho, e depois terremos muytos.

Em aquesta estoria este douctor ³ nos demostra que nos nom deuemos d'alegrar da bem auenturamça dos maaos homêes, os quaaes ssempre fazem mall; e nunca os deuemos de ajudar, porque quanto mais ajuda e bem lhe fazemos, mais poderio lhe damos de mall obrar: como fez este ladrom, que sse fazia poderoso de filhos pera poder muyto mais furtar.

VIII. [O lobo e a grua]

* [Fl. 6-r.] * [C]omta-sse que hũa vez hũu lobo avia ⁴ grande fame, e achou carniça que auia muytos ossos. E comendo com grande pressa da dicta carniça, atreuessou-se-lhe hũu osso na guarguamta, pella quall rrazom o lobo estaua em pomto de morte; e amdaua buscamdo phisico que lhe tirasse o osso, e achou a grua e rrogou-lhe aficadamente

¹ Isto é: e isto.

² No ms. *f̄cco*. Creio que deve transcrever-se *fecto*, e não *facto*.

³ No ms. *d̄ductor*. Apesar do *u* e do *c*, ha ainda til (de certo por equivoco).

⁴ Assim se lê no ms. por *auia*. Ha outras irregularidades semelhantes.

que lhe tirasse o dicto osso, prometendo-lhe que, sse ho dêsse ssaão, que lhe faria muyto alquo.

E a grua, ouvindo sseu prometimento, prometeo de lhe dar ssaude e disse:

— Abre a boca.

E o lobo abriu a boca, e a grua lhe tirou o osso que trazia na guargamta trauessado. Depois a grua lhe rrogou que lhe dêsse o que lhe prometera; e ho ¹ lobo lhe disse:

* [Fl. 6-v.]

— Eu fize a ty mayor graça que tu fezeste a mym, porque eu dey a vida a ty, ca eu te podera talhar ho collo com os meus dentes quando tu meteste a cabeça e o teu collo na minha boca, e nom te quys matar: sseja descomtamento do seruiço que tu me fezeste.

E per esta guysa ficou emguanada a grua.

Per esta hestoria ho douctor nos demostra que nós nom deuenemos d'ajudar os maaos ² homês ³, porque os maaos nom agradeçem nem ssom conhoçentes do bom seruiço que lhe outrem faz, mais muytas vezes dam maaõ grado a quem lhe faz bom seruiço. No emxemplo ⁴ diz que ha ⁵ emgratidão e ssêca a fonte da piedade.

IX. [A cadella que pediu a casa a outra]

* [C]omta-sse que hũa cadella prenhe, querendo parir e nom ⁶ [Fl. 7-r.] avendo casa, disse a outra cadella, que era muyto ssua amiga, a quall tijnha hũa fremosa casa:

— Rrogo-te, amiga, que me emprestes a tua casa ataa que eu payra meus fi[lhos] ⁶.

A cadella rrespomdeo que lh'a queria emprestar de boamente. E leuou haa ⁷ dicta cadella prenhe pera ssua casa, e leixou-lhe a casa ataa que parisse.

Esta cadella prenhe pario e fez sseus filhos. E d'hi a hũu çerto tempo tornou a cadella cuja era a casa, e rrogou aa outra cadella que lhe desembargasse ssua casa. E a cadella muyto hirosa ssayo fora com sseus filhos; ⁸ compeçarom a dizer muytas maas palauras e mor-der todos na cadella, dizendo:

— Falsa rribalda, nom ssabemos que dizes, ca esta casa he nossa.

¹ Na 1.ª linha da fl. 6 v. repete-se: e o.

² No ms. *mãaos*.

³ No ms. *homês* por *homêes*. A palavra está em fim de linha.

⁴ No ms. *exº* (por *exº*), perto do fim da linha.

⁵ = *a* (artigo).

⁶ O que ponho entre colchetes está delido no manuscrito.

⁷ = *aa* (preposição e artigo).

⁸ Aqui falta talvez *e*. Por *compeçarom* o ms. tem *compeçarom*.

E veemdo a cadella que sse nom pudia defemder da madre e dos filhos, fugio e leixou-lhe a casa.

Em aquesta hestoria ho douctor nos dá emsinamento e diz que nós nom deuenos creer aquelles que nos querem emgvanar com falsas e doçes palauras. Ca muytas vezes acomteçe que muytos homêes no mundo ssom emgvanados com emgvanos de palauras doçes. E esto sse entemde d'aqueles que hũa palaura dizem pella boca, e outra teem no coraçom ¹.

X. [O villão que recolhe a serpente]

* [Fl. 7-v.] * [C]omta-sse que no tempo do jmuerno hũa sserpente muy fre-mosa jazia arriba d'hũa auga corremte, e jazia tanto fria com o rre-gelado, que nom ssabia de ssy parte. E hũu villãao, passamdo per o dicto rribeyro, vio a dicta serpente muyto fremosa com muytas diuer-sas cores, e ouue doo d'ella, porque ha via assy morta de frio, e tomou-ha e meteo-ha no seo. E leuou-ha a ssua casa, e mandou fazer muy grande foguo, e tirou ha serpente do seo e posse-ha açerqua d'elle, e aqueemtaua-a o melhor que elle podia; e quando a serpente foy bem queemte, vio-sse poderosa e leuamtu-sse em pee contra ho villãao, deytamdo contra elle peçonha pella boca, e queria² ho mor-der. E o villaão, veemdo esto, fez quanto pode ataa que a lamçou fora de casa com gram t[r]abalho ³.

* [Fl. 8-r.] * Em aquesta estoria o doctor nos emsina que nom deuenos aju-dar os maaos ⁴ homêes quando os veemos em algũus prijgos ⁵, por-que, sse algũu bem lhe fazemos, ssempre d'elles aueremos maaos me-reçimentos, como fez esta coobra, que deu maaos gualardom àquel ⁶ que a liurou do prijgo ⁷ da morte.

XI. [O asno e o porco]

[C]omta-sse que hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco mon-tês, e ssaudamdo-o disse com boo ⁸ coraçom:

¹ No ms. *coracom*.

² No ms. *qria*.

³ No ms. *tabalho*, sem sinal algum de abreviatura.

⁴ No ms. *mãaos*.

⁵ No ms. *pjgos* com *r* sobre o *p*. Por extenso *prijguoo* na fab. XLVI.

⁶ No ms. *aquell* (= *aaquell*).

⁷ No ms. *pjgo*, com *r* sobre o *p*. Cfr. nota 5.

⁸ No ms. alterna *boo* (e *boos*) com *bõo* e *bom*.

— Deus te ssalue, senhor porco. Compre-te de mym algũu serniço? Eu prestes ssoom pera vosso mamdado.

E o porco rrêcebeo as doçes palauras por emjuria, e ameaçamdo com a cabeça, disse:

— Quem ¹ es tu, vilãao, que ás tanta audaçia que me ssandas? Se nom fosse porque ² nom quero luxar o meu fremoso demte na tua vil * persoa, eu te adubaria como tu mereçes!

* [Fl. 8-v.]

E o asno, ouindo estas palauras, partio-sse com gram temor.

Em aquesta hestoria ho autor nos emsina que nos nom deuemos de assanhar d'algũa cousa que nos sseia dicta por bem e por folgamça. E ajmda nos emsina mais que, sse nos algem ssauda, que nos nom assanhemos ³, postoque a persoa proue sseja, e que nom despreçemos os proues, porque dho ⁴ rrico ao proue ha gram comparaçom: ca ho rrico muytas vezes escarneçe ao proue, e nom dá graças a Deus da mercê que lhe Deus fez.

XII. [O rato da cidade e o da aldeia]

[C]omta-sse que hũa vez hũu rrato que moraua em hũa çidade, amdando a hũa aldeia omde moraua outro rrato sseu amiguo, quamdo este rrato da çidade chegou aa aldeia omde moraua, este rrato sseu amiguo ouue com elle gramde prazer, e dey-lhe a comer fauas e trijguo e er^uanços ⁵ com outros mamjares.

* [Fl. 9-r.]

E depois que assaz comerom, o rrato da çidade deu muytas graças ao rrato da aldeia, de quamta cortesia lhe fezera, e rrogou-lhe que viesse aa çidade ⁶ com elle aa casa omde moraua, que aly lhe emtemdya de dar muytas delicadas higuarias. Taunto o rrogou, que o dicto rrato sse ueo com ell aa çidade.

E leuou-ho a hũa cozinha omde elle moraua, na qual avia muytas gallinhas ⁷ e carne de porco, com outros boos comeres; e rrogou-lhe que comesse aa sua vomtade. E estamdo elles assy comendo sseguros a sseu talamte, chegou o cozinheiro ⁸ e abrio ⁹ a porta da co-

¹ A seguir está *es* riscado.

² No ms. repete-se *porque* por engano.

³ Parte d'esta palavra está sobre letras riscadas de *despreçemos*.

⁴ = *do*. Primeiramente escreveu-se *ho*; depois *d* por cima, á esquerda.

⁵ A pagina começa por *E eruanços*, apesar de na antecedente já estar *e er-*.

⁶ No ms. *cidade*.

⁷ No ms. *g's*.

⁸ No texto por lapso *conhozinheyro* (cf. *cozinheyro* infra). Infl. de *conhocer* e do *nh* seguinte.

⁹ Depois de *abrio* ha uma letra riscada.

zinha; e o rrato da çidade, que ssabia o custume da casa, fugio loguo, e ho outro rrato, porque nom ssabia o custume, ficou. E o cozinheyro, amdando em pos ell com hũu paaõ ¹ pera o matar, feri'o ² muy mall; empero fugio-lhe, e partio-sse muy mall ferido.

E o rrato da çidade, veemdo-o, chamou-ho, que outra vez viesse $\langle m \rangle$ ³ a comer com elle, e nom ouuesse ⁴ medo; e o outro rrato lhe respomdeo:

—Amiguo meu, ora fosse eu jajuam ⁵ do comvite que me fezeste!

*[Fl. 9-v.] A mym praz mais de comer trijguo, fauas e heruamços em paz, que gallinhas ⁶ e capões com temor e prijguo de morte. * A paz, a quall eu ssempre tenho comiguo, me faz a mym os meus comeres ssecerem delicados. E porem teus comeres guarda-os pera ty, ca eu me comtemto do que hey.

E, as palauras dictas, partirom-sse.

Em aquesta estoria o doctor louua a proveza, e diz que quando a probeza sse toma com alegria de coração, nom sse deue chamar probeza, mas rriqueza, porque a probeza he a mays ssegura cousa que no mundo sseja; que melhor he a proveza que a rriqueza, a qual rriqueza ssempre faz viuer o homem com gram temor: e o probe que sse comtenta da ssua proveza mais rrico he ⁷ que ho rrico que nom sse comtenta, mais ssempre e numca he farto.

XIII. [A aguia que arrebatã o filho da raposa]

*[Fl. 10-r.] * [C]omta-sse que hũa vez a aguia, andamdo buscamdo caça pera sseus filhos, achou os filhos da rraposa, e tomou-hos e leuou-hos a hũu ninho hu estauam sseus filhos, e queria-hos matar e dar-lh'os a comer.

Em esto estamdo, chegou a rraposa ao pee da aruor omde a aguya tijnha sseus filhos, e rogaua com doçes palauras que lhe desse $\langle m \rangle$ ⁸ sseus filhos; e a aguya lhe rrespomdeo que lh'os nom queria dar.

¹ No ms. *maao*.

² = *ferio-o*. No ms. *ferio*.

³ No ms. lê-se *viessem* com todas as letras, mas deve ser *viesse*, como se mostra do *ouuesse* da oração seguinte. O *-m* resultou da influencia da ideia de «dois ratos» que estava na mente de quem escreveu.

⁴ No ms. *ouuuesse*.

⁵ Assim está, e não *jajũu*, como seria de esperar.

⁶ No ms. *g's*.

⁷ Depois de *que* ha uma letra riscada.

⁸ Quem escreveu pôs por equívoco *dessem*, pensando talvez na aguia e nos filhos, mas vê-se da sequencia das ideias que o sujeito da oração é só *aguia*.

E a rraposa, como he muyto maleçiosa, carreteou muyta lenha e palha e estopa, e pô-la d'arredor da aruor domde a aguya tijna sseus filhos, e foy por hũu tiçom e açemdeo o foguo e fez tam grande fugeyra que os filhos d'aguia¹ estanam em pomto de morte; e a aguya começou a rrognar e a braadar aa rraposa que nom fezesse mays foguo e que lhe queria dar sseus filhos. E per esta guisa a rraposa cobrou sseus filhos.

Em esta estoria o douctor dá emsinamemto² aos grandes homẽes que nom ssejam em todo crucees, ca os pequenos homẽes de pequena comdiçom podem muytas vezes enpeeçer aos grandes, e sse lhe nom poderem empeeçer, lhe podem fazer proueyto.

XIV. [A aguia e o cáguado]

* [C]omta-sse que hũa vez hũa aguya leuaua hũu cáguado, com *[Fl.10-v.] os pees, no haar, e nom ssabia como o comesse. E assy estando, ssaltou peramte ella hũa gralha e disse aa dita aguia:

—Queres que te dê hũu bom comsselho? Aleuamta-te-bem em çima no aar e abre as hunhas e leixa cayr esse cáguado: e cairá em terra, e quebrantar-sse-ha, e emtom o poderás comer, ca he muy ssaboroso de comer.

E a aguia feze-o assy. E pella lingua da gralha morreo ho cáguado.

Em aquesta hestoria o dontor ameestra os homẽes, que deuem temperar ssuas linguoas, e nom as deuem teer ssem freo, pollas quaaes pôde proçeder dapno e escamdalo a sseu próximo, porque da lingua que nom he temperada sse sseguem arroydos e mortes de homẽes e outros jmfijmdos males. E hũu proberbio diz:

A lingua nom ha osso,
Mais rrompe o dosso.

XV. [O corvo e a aguia]

* [F]oy hũa vez hũu coruo que estaua em çima de hũa aruor, e *[Fl.11-r.] tijna hũu pedaço de queyjo na boca pera comer. E em esto estando,

¹ = da aguia.

² Aqui está *que riscado*; o escriba pô-lo por engano, em virtude do *que seguinte*.

chegou per hi a rraposa, e vio que o coruo tinha o queyjo na boca, e começou-ho muyto de lounar, e dizia:

—Ho coruo, tu es hũa fremosa aue,—branco e nobre! Sse tu ounesses assy fremosa voz como tu has as ssimilidões do teu corpo, tu serias a mays fremosa ave do mundo! Rogo-te, ó amyguo, que cantes hũu pouco, ca muyto cobijço de te ouyr cantar. . .

E o coruo, ouvindo ssuas palauras, começou de cantar; e cayolhe o queyjo da boca. E a rraposa o filhou muy asiuha, e comê'o ¹, e escarneçendo do coruo, dizia-lhe que era velhaco, e astrosa aue, e negro, e que o sseu cantar era muyto peor. Pola qual rrazom o coruo foy muyto nojoso polo escarnho que a rraposa d'elle fazia.

Em aquesta estoria o doctor nos emsina que nós nom deuemos creer pollas palauras meygvas, porque muytas vezes emganom os homões, e os homões quedam em vergomça, ca:

Muytas vezes o mell
Sse mistura com ffell.

XVI. [O leão velho, o asno, o touro e o porco]

*[Fl. 11-v.] * [C]omta-sse que hũu leom era tam velho que sse nom podia mouer; e emcontrou com hũu asno e com hũu touro e com hũu porco. Veendo estes que o leom per velhiçe nom sse podia ² mouer, disserom antre ssy:

— Ora he tempo que filhemos vinguança d'este treedor, que matou nossos parentes e fez [a] muytos mal ³.

E ho asno lhe deu dous couçes, e o porco com os dentes e o touro com os cornos. E o leom choraua e bradava, dizendo:

— Tempo fuy que eu vemçia todas as alimalias! E ora todas as alimalias vemçem a mym! E eu perdoey a muytos, e estes nom perdoam a mym!

Per esta guisa o leom ficou chorando.

Em aquesta hestoria o doctor diz que nas nosas bem aventuranças deuemos fazer muyto pera avermos amiguos e nom jmijgos, ca
*[Fl. 12-r.] os * boos amiguos ajudam os homões nas ssuas pressas, e os emiigos

¹ = comeo-o. No ms. *comeo*.

² Aqui está *m* riscado, pois se tinha escrito antes *podiam*.

³ No ms.: *fez muitos mal*.

fazem todo polo contrayro. Ajmda diz que o homem nom deue fazer a outrem aquello que nom queria que fosse fecto a elle.

XVII. [● **branchete, o seu senhor e o asno**]

[C]omta-sse que foy hũu senhor que tijnha hũu bramchete muy fremoso, com o qual muytas vezes brincana; e o bramchete o mordia com a boca e o arranhaua com as mãos, como fazem os cãaes quando trebelham com sseu senhor. E hũu asno, veemdo que trebelhauam assy per muytas vezes, cuydou em sseu coração e disse:

— Eu todo o dia trabalho, e este meu senhor ssempre me mal diz e fere-me! Per ventura o faz porque nom trebelho com elle, como faz este bramchete. Quero veer *se he assy.

*[Fl. 12-v.]

E logno começou de ssaltar ante sseu ssenhor e lamçou-lhe os braços no pescoco e começou de abraçar e morder com os dentes; e o ssenhor começou de braadar, e os sseus seruydores veerom a elle com paaos e derom tamtas paamcadas ao asno que o fezerom fugir com grande sseu dapño.

Em esta hestoria o doutor emssina aaquelles que nom ssom promptos a fazer as cousas e trabalham-sse de as fazer: que o homem nom sse deue de trabalhar da cousa de que nom he meestre, ca sse o faz, mais asinha pode cayr em vergomça ca em homrra. E diz que ho ssamdeo cuyda ¹ de fazer muytas vezes bem e faz mall. Ajmda diz que o ssamdeu faz muytas ssamdices, escarneçemdo de ssy pera fazer prazer a outrem.

XVIII. [● **calvo e a mosca**]

* [P]om este doutor emxemplo, e diz que hũu velho estaua ao ssoll com a cabeça ² calua e descoberta, e hũa mosca o mordía na calua; e quando o uelho queria dar na mosca, daua na calua. E a mosca tornaua a morder o uelho na calua, e o caluo ssempre daua em ssy com a mão e nom podia dar na mosca. E assy fez pe[r] ³ muytas uezes. O uelho lhe disse:

— Tu cuydas a brincar comiguo, e escarneçes de mym quando eu dou com a minha mão na calua! Eu te diguo que por dar dez

¹ Ha aqui um borrão ou mancha no ms.; mas vê-se ainda parte do y.

² No ms. *cabeça*.

³ No ms. *pe* (esqueceu cortar o p).

nezes na mynha calua nom me dá nada, ca me nom dooe; mays sse hũa nez te der, tu morrerás: pero aue ssiso e farás de tua proll.

A mosca ouue medo e partio-sse do uelho.

Per este emxemplo este doutor nos amostra que a emjuria e uer-gonça nom he d'aquell que a rreçebe, mays he d'aquelle que a faz, e nhũu nom deue brincar com alguem ssem ssua voontade, ca rrazom mostra que rreçeba mal aquell que com outrem quer trebelhar comtra sseu talamte, pois o trebelho nom lhe praz.

XIX. [A raposa e a cegonha]

*[Fl. 13-v.] * [P]om este poeta doutor emxemplo, e diz que hũa rraposa convidou a çegonha que jantasse com ella; e a çegonha rreçebeo o com-vite. E quando forõ asseentados na mesa, a rraposa meteo a vianda em hũa vaxelo muy larguo: e este comer era muy augaçemto, e a çegonha o nom podia tomar co'o bico, porque o tem longuo, e a rraposa lanbia todo com a lingua, e por fazer escarnho convidaua a çegonha que comese, e a çegonha avia gram pesar, porque avia fame, e auia vergonça, porque scarneçiam d'ella. Depois que acabaram sseu jantar, a çegonha fingio que nom emtendia o escarnho que lhe fezera a rraposa, mays deu-lhe muytas graças do jantar que lhe dera.

D'aly a poucos dias ha çegonha convidou a rraposa pera jantar com ella, e aa rraposa prouue muyto. E quando foram asseentados na mesa, a çegonha pos a vianda em hũa grande rredoma. A çegonha meteo o bico e o collo demtro, e comia e dizia aa rraposa:

— Amigua, comede ¹. Vedes que nobre vianda esta he!

A rraposa queria meter a cabeça demtro e nom podia e andaua lambendo d'arredor; e lanbendo nom lhe prestaua nada e tomaua gram nojo. E partio-sse com vergonça.

*[Fl. 14-r.] * Per este emxemplo este doutor nos amoesta que os homêes nom deuem a fazer a outrem o que elles nom queriam que a elles fezessem, mays deuem-sse trabalhar de fazer seruiço e prazer a toda jemte, assy aos estranhos como aos amigos, ca muytas vezes de pequeno seruiço rreçebe o homem boo gualardom. E pero diz hũa emxemplo:

A todo homem servirás;

A quem errares, d'ell te guardarás ².

¹ No ms., por engano, *comedo*.

² No ms. *gdaras*, com til sobre as primeiras tres lettras. Cfr. por extenso *guarda-te e guardemos* na fab. xxiii.

XX. [O lobo e a cabeça de homem morto]

[P]om êste poeta emxemplo e diz que hũu lobo amdando sseu caminho achou hũa cabeça de ¹ homem morto; e este lobo compeçou-a a rrouelner com os pees. Falando dizia:

— Á boca ssem voz! á cabeça ssem entendimento ²! E vejo bem que quando ^{*} desfaleçe a alma fremosa e preciosa, loguo o corpo perde ^{*(Fl. 14-v.)} ssua virtude e fremusura, pero que a fremusura da alma he aquella que afremosenta o corpo: e como a alma desfaleçe, o corpo sse torna no clamento da terra de que foy criado.

Per este emxemplo este doutor nos amostra que as cousas d'este mundo nom ssom estanees, e os homẽes que em este mundo poem ssua sperança ficam emganados, ca a uyda d'este mundo nom he durayll ³, porque oje ssomos viuos e cras mortos: ssolamente a alma do homem he aquella que he durayll ⁴, porque nom pôde morrer, ca he facta ⁵ aa ssimildom de Deus ⁶. E a alma he aquella que afremosenta o corpo; e quando sse parte, fica o corpo terra. Assy como he a alma rracionaũl ⁷ que rreigna no homem, assy he da alma vegetatiua que rreigna nas eruas e nas aruores, que tanto estam em ssua froll quanto tem a alma em ssy; e depojs que perdem a alma, ficam nada e tornam-sse em terra.

XXI. [O corvo enfeitado com as pennas do pavão]

* [P]om este poeta e diz este emxemplo: que as aues fezerom ^{*(Fl. 15-r.)} grande homrra aos pãaos por a fremosura d'elles. Ho coruo, veemdo esto, ouue gram pesar e emveja, e foy-sse a buscar e achou muytas penas de pãaos e vistio-sse muy bem d'ellas e meteo-sse em companhia dos outros pãaos muy ssaborosamente. Os pãaos, veemdo ha malicia do coruo, tomarom-no amtre ssy, fazemdo-lhe muyto mall e depenarom-no todo. Ell depenado partio-sse, e os outros coruos scarneçiam d'ell, porque o viam tam mall trautado.

¹ No ms. *do* (i. é *d' < o > homẽ*).

² *á* = *eah* !.

^{3 4} No ms. *duratũll*. Vid. fab. II, nota 1.

⁵ No ms. *fcta* ou *fcca*, com til por cima.

⁶ No ms. *Ds*. com o *s* prolongado em fórma de curva; mas *Deus* por extenso na fab. xi.

⁷ No ms. *rracionaũl*. Vid. porém fab. II, nota 1.

Per este emxemplo o doutor nos amostra que nos nom aleuante-mos mays alto que o que nos compre, porque aquelles que em alto querem ssobir, mays que o que lhes compre, muitas vezes caem em terra e nom sse podem leuamtar. E diz que o cayr he consa ligeyra, mays o leuamtar he mays graue. E cada hũu deue estar comtente da merçee que lhe Deus faz, e nos nom deuemos de tremeter das cousas que nos podem tornar em vergonça e dapno, como fez o coruo.

XXII. [O azemel, a mosca e a mula]

*[Fl. 15-v.] * [P]om este poeta exemplo e diz que hũu azemell fazia correr hũa mua. E hũa mosca mordida esta mua e dizia-lhe:

—Corre ligeiramente, astroza, ca eu ssom aquella que te punguo e faço nojo contra tua vootade.

A mua lhe respondeo cortesamente:

—Tu falas altamente, como sse tu fosses muy poderosa! Ca eu nom temo ty, mays temo este azemell que me atormenta e faz em mym quanto mall quer.

Per este emxemplo o doutor nos amoesta e diz que o homem de vill comdiçom nom ha audaçia de falar contra o poderoso. E esto proçede de vileza de coraçom, ca o coraçom uill he aquell que faz homem sseer pera pouco.

XXIII. [A formiga e a mosca]

*[Fl. 16-r.] * [P]om este poeta emxemplo, e diz que a mosca achou hũa ¹ formigua, e conpeçou² ha a desonrrar de maas palauras, dizendo:

—Tu, formiga mizquinha, ssempre moras nas couas da terra, e eu moro ³ nas nobres moradas omde me praz; tu nom comes sse-nom trijguo, e eu como uiandas nobres, e como nas mesas dos rreis e dos senhores; tu bebes augua na terra, e eu bebo com taças e copas d'ouro preçiosas; tu andas com os pees na lama, e eu amdo pellos rrostros dos rreys e dos senhores, e como e bebo na camara dos rreys e dos ssenhores; e rreynhas e domzellas nom sse podem de mym defender, pero que, quando he meu talante, no sseu rrostro alimpo ⁴ os meus pees. Mas como ja te disse, tu es estrosa cousa: pero guarda-te de my d'aquí adiante em ⁵ nom participar comiguo.

¹ No ms. *hua*.

² No ms. *conpeçou*.

³ No ms. *mora*.

⁴ No ms. *alimpa*.

⁵ No ms. *e*, por *ẽ*.

A formigua escuytou muy bem, e depois que a mosca disse sseu sermom, lhe rrespondeo com palauras escatimosas e disse:

—Tu, mosca uelha, ca me dizes que eu moro nas couas da terra, assy he uerdade como tu dizes: mais eu te diguo que as tuas velhacas allas nunca ham rrepouso; e eu me contento de pouco trijgo, e tu nom te contentas de muitas ¹ cousas; ha ² minha pequena coua sse alegre comiguo, mas as casas dos rreis e ssenhores sse anojam * contiguo; eu me contento mays do meu grão que tu nom te contentas das rriquezas dos rreis; e o trijguo que eu como, guanço-o per meu trabalho, e tu furtas o que comes; eu como o meu trijguo em paz, tu comes o teu com temor; eu como o meu trijguo limpamente, e tu comes o teu lixosamente; eu nom faço nojo a nhũa persoa, mais toda jemte sse anoja contiguo; da minha viuemda todos tomam boo emxemplo, e tu dás de ty enxemplo lixosso e maa; tu deseias uiuer per ³ comer, e eu deseio comer por ⁴ uiuer; nhũa persoa nom dá a mym molesta, mas toda gemte te lamça de ssy com nojo que de ty ham; tu cuidas ssenpre no comer, e por ello perdes a uida, e quando cuydas beber boo uinho, bebes a peçonha e a morte, e sse as tuas aas nom ssom bem prestes pera fugir quando o abanador te dá, leixas-te cayr morta, e sse per auentura scapas o uerãao, do jmverno nom podes escapar que nom mouras. E por tanto está muda, astrosa fedemte, ca te nom compre muyto fallar. * [Fl. 16-v.]

Per este emxemplo este poeta nos dá ensinamento que nos guardemos de dizer palauras enjuriosas a nhũa persoa, porque sse o homem diz a alguem palauras enjuriosas, comvem que palauras enjuriosas rreçeba; e as palauras emjuriosas fazem o homem mudar do boo emtendimento; * e das maas palauras proçedem mortes d'omêes, e * [Fl. 17-r.] das maas palauras proçedem arroidos, batalhas e outros muytos males.

XXIV. [O lobo que accusa a raposa perante o bogio]

[P]om este poeta emxemplo e diz que o lobo acusou a rraposa d'aumante o bogio: que lhe deuia muytos dinheiros ⁵. A rraposa sse escusaua quanto podia. Veemdo o bogio a escusa da rraposa, conhoço que o lobo a demamdaua e acusaua ssem rrazom, e disse ao lobo:

—Tu demandas o que nom deues contra rrazom, e tu mereçes pena.

¹ No ms. estava *poucas* que foi riscado, escrevendo-se por cima *muitas*

² = a.

³ No ms. *pr*, com *p* cortado.

⁴ No ms. assim por extenso.

⁵ No ms. está em breve: *drr^{as}*, com *rr* (por *jr* ?).

Ho lobo sse partio confuso, e o bugio começou a olhar a rraposa e escusá-la, dizendo que era jnocente do que ho lobo a acusava.

*[Fl. 17-v.] * Per este emxemplo este poeta rreprehemde aquelles que demandam algũa cousa a sseu proximo contra rrazom. E diz que aquelles que ssom compridos de maliçias, e husam ssempre em ellas, nom as podem de ssy tirar; e aquell que he huseiro e ¹ a fazer e uiuer com emganos, ssempre deseia d'enganar aquell que póde; e quando emgana algem, todo sse gloria no sseu maa fazer.

XXV. [A doninha e o homem]

[P]om este doutor emxemplo e diz que hũa donezinha fazia gram dapno em casa de hũu homem bõo. Este homem lhe armou hũa laço e tomou-ha. A donezinha, ueendo-sse em pressa, rrogaua ao homem que lhe nom fizesse mall, e prometia-lhe de guardar bem toda ssua casa, que os rratos nom lhe fizessem dapno.

*[Fl. 18-r.] Ho ho*mem ² lhe rrespomdeo e disse:
— Tu, toda maa maliciosa, ssempre dizes doçes palauras e ³ fazes quanto mall podes; quando tu me podias fazer bem, nom m'o quiseste fazer, e fazias comtrayro. Mas sse os rratos me faziam dapno d'hũa parte, tu m'o fazias da outra muyto peor: e em fazemdo mall, engurdaste com grande mjnha perda. Pero morrerás, e sserey sseguro de ty. E dictas ⁴ as palauras, matou-ha.

Pom este poeta este emxemplo e diz que o seruiço que sse faz de noomtade, aquelle he bem factu ⁵. E o sseruiço que sse faz per força, nunca he bem factu ⁶. Ssolamente a boa voomtade he aquella que adorna o boo seruiço; e nom sse deue tanto d'esguardar ao proueyto do seruiço, quanto sse deue louuar a boa emtençom d'aquell que o faz.

¹ Este *e*, comquanto em certo modo pudésse justificar-se syntacticamente, talvez porém aqui seja de mais, por influencia do *e* que vem adelante.

² No começo da fl. 18 repete-se o *ho-* da antecedente; a linha começa pois por *homem*.

³ O ms. tem *a* por *e*. Comquanto em portuguez se possa encontrar em certos casos *a* <> *e*, não hesitei em fazer neste caso a substituição.

^{4 5 6} Com a abreviatura costumada.

XXVI. [A rã e o boy]

* [P]om emxemplo este doutor e diz que hũu boy, amdando a beber, pose o pee em çima de hũu filho d'hũa rrãa. E a rrãa, veendo esto, assanhou-sse muyto: conpeçou-sse muyto fortemente de jmchar, e quoria-sse fazer tam grande como era o boy, pera sse matar com ell. O filho lhe disse:

— Madre, nom façás ¹, ca tu es muy pequena cousa a rrespeyto d'este boy.

A rrãa, polo gram pesar que auia, outra vez muyto mays conpeçou de jmchar. O filho a rreprehendia, dizemdo:

— Madre, nom te esforçes de te jmchar tanto, ca poderias arrebehtar; e ajmda que te jnches quanto poderes, nunca serás tamanha como o boy.

A terceira vez a rrãa sse jmchou tamto, que arrebehtou pollo nemtre e morreo.

Pom este poeta emxemplo e diz que o homem que he pequeno e de pequena condiçom nom se deue d'esforçar e querer sseer grande em factos ² e em palauras, mays deue tenperar o sseu coraçom, ssegundo sseu estado rrequere. E a pequena força nom sse deue comtestar com a grande: e sse o faz, he mingua de emtemdimento. Por a quall rrazom boos homẽes ³ caem em grandes vergonças e dapnos.

XXVII. [O leão e o pastor que lhe tira do pé uma espinha]

* [P]om emxemplo este doutor e diz que, amdando hũu lleom sseu camynho, entrou-lhe hũa espinha no pee; e este liom, amdando muy tribulado com esta espinha pella mata, encontrou-sse com hũu pastor que guardaua guaado. Ho pastor ouue gram medo quando vyo o lleom, e tomou hũu carneiro e pose-o d'auante o lleom: ho lleom nom lh'o quys tomar, e mostraua-lhe ho pee omde tijnha a espinha, e rrogaua ao pastor que lh'a tirasse. E o pastor tomou hũa ssouella, e tirou-lhe a espinha e muyto uurmo que ja trazia. Ho leom lanbia a mão a este pastor.

Depoys que o lleam sse ssentio ssãao, ssenpre o acompanhou; e quando avia talamte de comer, amdaua a caçar das alimarias aa ssilua; e como auia sseu mantijmento, tornaua-sse ao pastor. Em tall guysa

¹ I. é: *nom façás esto.*

² Com a abreviatura do costume.

³ No ms. *homees.*

lhe guardava sseu gaado, que llobo nem outra anymalia nom lhe fazia dapno; e com todo esto o leom escpreueo ¹ muy bem no sseu coraçom o seruiço que lhe o pastor fezera.

E d'emde a poucos dias ffoy tomado aquele liom em hũu laço e foy posto em Rroma com outros liões. D'aly a çerto tempo o pastor fez hũu maleficio; e mandou a justiça que o metessem com os liões, que o matassem: e ffoy posto amtre elles. * O leam a que ell tirára a espinha ho conheço e chegou-sse a elle e andava-o lanbendo e defendia-o dos outros lleões que lhe nom fezessem mall. Veemdo os senadores ² esta maravilha, forom muyto espantados, e por esto perdoarom a morte ao pastor.

Em este emxemplo este poeta nos dá emssinamento que per pequeno nem gram tempo nom nos deuem d'esqueeçer os seruiços rreçebidos, mays ssenpre os deuemos teer no coraçom e dar bom galardom aaquelles que nos boos seruiços fezerom. Mas aquell que boo he, assy faz; o que maa he, depouys que rreçebe o seruiço, nom sse quer lenbrar d'aquell de que ³ rreçebeo boas obras. Mas o leom, porque he nobre, lenbrou-sse da boa obra que lhe o pastor fezera, e deu-lhe boo galardom.

XXVIII. [O cavallo e o leão que se fingia medico]

*[Fl. 20-r.] * [P]om enxemplo este poeta e diz que hũu cauallo amdaua em hũu prado a pasçer, e ueo hũu lleom e disse ao cavallo:

— Porque comes essa herua?

O cavallo lhe disse que a comia por meezinha, ca era muyto doemte.

E o leom lhe disse:

— Irmãao, ssabe por çerto que eu ssom gram phisico: pero leixame tocar teu pulsso e darey-te meezinha, que loguo sserás ssãao.

O cavallo conheço que o leom dizia esto maliçiosamente pera o matar, e cuydou em sseu coraçom ⁴ outra maliçia e disse:

— Mestre amigo, eu traguo hũa espinha no pee: rroguo-te que m'a tires.

O leom acostou-sse ao caualo por de tras pera ueer a espinha, e o cauallo lhe deu hũu par de couçes na cabeça que o deytou em terra

¹ O ms. tem *escpueo* com sinal de abreviatura sobre o *p*. Tambem poderia transcrever-se *escrpeueo*.

² No ms. *Sors*. Creio que não é *senhores*.

³ Aqui está riscada a palavra *o*.

⁴ No ms. *coracom*.

quasy morto. Entrementes que o ¹ leom assy jazia, o cauallo fugio pera casa de sseu senhor, e o leom acordon e achou-sse escarnido.

Per este emxemplo o ssabedor poeta nos amostra que nos [nom] ² devemos fazer aquelles que nom ssomos, mas denemos ³ dizer a verdade, quem nós ssomos, porque em dizendo a uerdade o homem nom pôde sser rreprehendido, e dizendo a mentira pôde auer vergonça e maa fama.

XXIX. [O asno e o cavallo loução]

* [E]m este emxemplo o poeta diz, dando a nós enxemplo, e *[Fl. 20-v.] comta que hũu asno andaua per hũu camynho estreyto carreguado, e encontrou com hũu cavallo muy fremoso, o quall andaua louçãoo, porque trazia muy fremoso freo, ssella, rretramcas e peytorall.

O asno disse ao caualo:

— Senhor, Deus te mantenha!

O caualo com grande ssoberba conpeçou a dizer muyta vilania ao asno, dizendo:

— Ó astroso uilãoo, como ás tu tanto ardir de fallar e de te parares no camynho per omde ey-d'amdard? Tu cada dia carretas vinho e lenha e outras cousas lixosas em çima dos teus lombos, e trazes albarda: e eu trago o meu senhor honrradamente em çima de mym, e trago sella dourada, freo, rretrancas ⁴ muy preçadas. Eu te diguo que, sse nom ffosse que eu nom quero em ty luxar os meus couços, que eu te faria que * nunca ouuesses ardimento de fallar a tam nobre cauallo *[Fl. 21-r.] como eu ssom! Vay, e nom te ueja eu mays passar per omde eu estener!

Ho asno nom ousaua de falar, e partio-sse com vergonça. D'aly a pouco tempo o caualo emagreçeo, e o sseu senhor o meteo aa carreta; e pello grande afam que o cauallo duraua, veo a sseer muy magro. E hũu dia aquell asno o encontrou no camynho e conheço-ho muy bem e disse-lhe:

— Ó caualo, rrogo-te que me digas omde he a tua ssella e o teu fremoso guarnimento? Tu ssoyas sseer muy guordo! Ora te uejo muy magro!

¹ Aqui está riscada a palavra *cauallo*.

² Falta evidentemente *nom*, que escapou por causa da vizinhança de *nos*, que começa pelas mesmas letras. O sentido é: «não devemos fingir que somos quem na realidade não somos».

³ No ms. *disemos* (por influencia do *dizer* seguinte), com *z* emendado em *v*, e plica no *i*.

⁴ Aqui ha uma letra riscada.

E per estas palauras escarneçia o asno do caualo. O caualo, pela gram vergonça que auia, nom falaua, e partio-sse com vergonça.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que nós nom ajamos ffe nem esperança nas uãas glorias d'este mundo, porque nom som estanees; e homem que está em prosperidade em este mundo nom deue ¹ escarneçer do minguado, porque, quando sse nom pecatar ², elle pode viir em misseria, e o minguado em prosperidade, ssegundo veemos cada dia.

XXX. [Batalha entre as aves e as animalias]

*[Fl. 21-v.] * [E]m este emxemplo este poeta nos amostra e diz que foi hũa gram batalha antre as aues e animal[i]as ³, e foy assignado hũu dia çerto, que d'abalas partes viessem aa batalha. A aguia ordenou ssuas aazes, ssegundo vio que conpria; o leam outrosy as ssuas.

Postas as aazes d'abalas partes, o morçeguo, que vio tanta multitud d'animalias, e que dauam tam grandes vozes, ouue gram temor, e partio-sse das aues, e nom quis teer da hũa parte nem da outra.

Em esto foy fecta a batalha muyto cruell; e d'abalas partes foram muytos mortos e feridos. Finalmente as aues vencerom por ssuas ligeyrices, e pella ⁴ gram vertude da aguya, que ssoube muy bem hor*denar ssuas aazes.

Depois que todas foram assenbradas, e a batalha vencida, foy dicto aa aguia que o morçeguo fezera treyçom e fugira e leixára sseu senhor no campo: a agia o fez chamar, e ⁵ ssabida a verdade, feze-o todo depenar, e mandou-lhe que nom voasse ssenom de noute, por pena do mal que ffezera.

Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que nom he boo uassalo nem fiell amigo aquell que ao tempo da neçessidade ⁶ leixa sseu ssenhor no priigo ⁷ e foge, ca o homem nom pode bem

¹ No ms. *deuem*.

² No ms. *pcatar*, com a haste do *p* cortada perpendicularmente por um traço, abreviatura que d'ordinario no nosso ms. representa *per*. Este texto tem tambem: *espança* (com *p* cortado) = esperança; *prospidade* (com *p* cortado) = prosperidade, mas logo em seguida *prosperidade* por extenso.

³ No ms. *animalas*, mas noutro passo, logo abaixo, *animalias*.

⁴ No ms. *plla* com os *ll* cortados.

⁵ Antes de se escrever *e*, escreveu-se outra letra que foi riscada.

⁶ Aquí estão riscados dois *ss*. O amanuense ia a escrever *ssou*.

⁷ No ms. *prijgo*.

sseruyr a¹ dous senhores; e tal como este mereçe de auer mall e pena de treedor, porque desenpara sseu senhor, estreuendo-sse em ell, e lhe foge.

XXXI. [O gavião e o rouxinol]

* [P]om este poeta este emxemplo, e diz que estando hũ rrousinoll cantando no sseu ninho, omde tijnha sseus filhos, veo hũ gauiam e tomou-lhe hũ dos filhos do ninho. E este rrousinoll ho rrogaua, quanto podia, que lhe dêsse o sseu filho e nom lhe fizesse mall, e que ssempre faria sseu seruiço. O gauiam lhe disse: * [Fl. 22-v.]

— Sse queres teu filho, camta o mays doçemente que tu ssabes.

O rrousinoll começou de cantar o melhor que ssabia, e bem que cantaua com a boca, choraua de coração. E depouys que cantou, o gauiam scarneçia d'ell, dizendo que lhe nom parecia bem aquell² canto; e d'anante a ssua madre lhe comeo ho filho.

E depois este gauiam voou em hũa aruor omde armauam aas aues com ho visco, e enviscou-sse: e o passareyro o tomou e matou ho. E o rrousinoll vio matar o gauiam, e prouue-lhe d'ello muyto.

Per este emxemplo o poeta nos demostra e diz que os homêes jnicos e çruces, que ssempre persseueram em mall, digna cousa he que façam maa fim, e mortes maas mouram, assy como ssem piedade derom morte aos jnoçementes, ssem sseus mereçimentos.

XXXII. [O lobo, o bode e a raposa]

* [P]om este poeta emxemplo, e diz que hũ lobo furtou hũ bode e leuou-ho a hũ gram ssiluado e aly o comia a sseu gram ssabor. E a rraposa, que todo esto muy bem vio, foi-sse pera elle e ssaudou-hó e disse: * [Fl. 23-r.]

— Deus³ te mamtenha, meu compadre! Gram tempo faz que eu nom vos vy! Prazer-m'ia de me rrazoar e ffalar hũ pouco comvosco cousas que me muyto comprem.

Ho lobo lhe rrespomdeo:

— Tu, ffalssa comadre, me cuydas d'enganar com tuas doçes palavras, por comeres comiguo d'este cabram muy ssaborido! Por çerto d'esta uez tu nom me emguanarás!

¹ Aqui estão riscados dois *ss*, principio de *senhores*, que se segue.

² No ms. *aql* com *l* cortado (em fim de linha).

³ No ms. *Des* (abreviatura). Mas na fab. xi, *Deus* por extenso.

A rraposa, veendo que o nom podia emganar, ffoy-sse ao que guardaua o gaado, e acensou o lobo, dizendo aquelle lugar onde ¹ acharia o lobo que lhe ffurtára o bode e lh'o jazia hi comendo. Ho guardador do gaado ffoy e achou o lobo no sylluado, assy como a rraposa lhe dissera, e matou-ho.

A rraposa foy pera comer a carne do cabrom que ficaua do lobo, e ho pastor a matou.

E per esta guysa morreo o lobo e a rraposa.

Este poeta, querendo-nos amaestrar, pom este emxemplo ssuso dicto, e diz que nós [nom] ² deuemos viuer de rrapina, porque aquell que de rrapina viue, muytas vezes lhe acontece que perde o corpo. [Fl. 23-v.] Diz ajmda que muytos perdem o corpo pollo dapno ³ d'outrem. Diz ajmda mays, que ho homem que ffaz furto he perdido, e pello comtrayro aquell que per sseu trabalho uyue he ssaluo, porque per nosso trabalho mandou Deus ⁴ que viuessemos, e ssaluariamos nossas almas.

XXXIII. [O cervo e os seus galhos]

[P]om este poeta este emxemplo, e diz que estando hũu çeruo bebendo em hũa fomite muy clara, vio os sseus cornos que lhe pareciam muy fremosos, e tomaua por ende grande prazer e uãa gloria; er esguardou espelhamdo-sse na fomite e vio os sseus pees que eram [Fl. 24-r.] muy delgnados e ffeos, e tomou gram nojo. E estando-sse assy ^{*} espelhamdo naquela ffomite, vieram os caçadores com muytos çaaes. E o çeruo, quando os vio, começou de ffugir, e rrogaua aas pernas que o ajudassem, e ellas o ajudauam quanto podiam; em tall guisa o ajudarom, que escapou dos caçadores. Assy que sseemdo o çeruo escapado, deu gram louuor aas pernas; ⁴ brasfamou muyto os cornos que lhe dauam grande estorua quando ffugia.

Querendo-nos este poeta amostrar, pom este emxemplo ssuso dicto, e diz que nós nom deuemos despreçar aquelas cousas que nos ssom proueytosas, posto que ffeas sseiam; nem deuemos louuar as cousas que nom ssom proueytosas, posto que ffremosas sseiam: mas deuemos amar mays as cousas que nos ssom proueytosos, ajmda que ffeas ssejam, que as fremosas que nom proueytam.

¹ No ms. está o riscado junto de *acharia*.

² No ms. falta *nom*. Podia tambem suppor-se que está *nos* por *nom*, mas é mais conforme com o estylo do auctor que estivesse *nos nom*.

³ No ms. *Des* (abreviatura). Vid. uma das notas antecedentes.

⁴ Provavelmente aqui falta *e*.

XXXIV. [A viuva e o alcaide]

* [P]om ho poeta este emxemplo e diz que hũa molher tijnha *(Fl.24-v.) hũu sseu marido, o quall ella dizia que amaua ssobre totalas cousas do mundo.

Aueo per caso que lhe morreo este marido e ffoy ssoterrado em hũa ermida, pouco fora da villa, quassy mea ¹ legua. Aquesta ssua molher tomou gram nojo e ffoy-sse a esta ssepultura com gram chanto, e sobr' esta ssepultura dizia que queria viuer e morrer ², e nom ffazia ssenom chorar; padre nem madre nem parente nom a podiam d'aly tirar.

Aconteço que hũu ladrom, homem de grandes parentes, ffoy em aquell dia emforcado açerqua d'aquella jrmida, e ffoy dado em guarda ao alcaide porque o nom ffurtassem de noyte sseus parentes da forca, porque ell fosse emxemplo aos outros mall fectores ³; e o senhor disse ao alcaide que sse lh'o furtassem per ssua maa guarda, que emforcariam ⁴ ell.

E estando este a o guardar, ouue grande ssede e mandou aos sseus que o guardassem bem, ca ell queria hir beber aaquella hermida hy açerqua, omde pareça hũu pouco de fogo. E em mentres que ell ueo aaquella hirmida, os sseus sse adormentaram, e ffoy furtado o emforcado, nom ssabemdo o alcaide parte d'ello. Quando o alcaide chegou aa hirmida, derom-lhe da augua a beber. Depoys que bebeo, preguntou porque choraua aquela molher. E ffoy-lhe dicto porque lhe ⁵ morreo *(Fl.25 r.) ora aqy hũu sseu mã[ri]do ⁶ que ella amava mays que o sseu cor[açom] ⁷. O alcaide lhe disse que ella nom tom[asse] ⁷ nojo por aquella cousa que ella nom podia cobrar por nhehũa rrem do mundo; ella disse que auia muy gram rrazom de chorar, ca ela nom poderia ja nunca achar homem que a tanto amasse como sseu marido fazia; ho alcaide lhe disse que era homem que a amaria e seruyria tanto e mays que ell, e que era tam rico e tam de proll como ell. E tanto lhe ssoube dizer com doços palauras, que já nom choraua, e namorou-sse do alcaide, e rrecebê'-o ⁸ por sseu marido. Depoys tornou ell aa forca e achou que lhe furtarom o emforcado, e sseus homões eram fugidos, e ele tornou loguo aaquella molher e disse-lhe como lhe furtarom o emforcado e que sse temia que o senhor o faria emforçar. A dona, que ja d'ell era namorada muito, lhe disse:

¹ No ms. *mã*. Cfr. *meo* «meio» na fab. III.

² Isto é: dizia que queria viver e morrer sobre esta sepultura.

³ No ms. *fccores* ou *fectores*, com til sobre a primeira metade da palavra.

⁴ No ms. *enforcariã*. Poderia parecer que o til seria engano, e que *enforcaria* teria por sujeito grammatical o alcaide; *enforcariã ell* corresponde a «o emforcariam» = «seria emforcado».

^{5 6 7} O ms. está roto nos logares onde ponho colchetes.

⁸ No ms. *rrecebeo* = *rrecebeo*-o (Tambem poderia transcrever-se assim: *rrecebeo*-').

— Amiguo, nom tomedes uojo nem percaedes por emde a terra; mas nós tomemos este meu marido e ponhamo-lo na forza e eu vollo ajudarey a enforçar: e a gemte cuydaria que he o que furtarom.

E assy o fezerom, e vuerom anbos casados em ssuas vidas.

*[Fl. 25-v.] * Pom o poeta este emxemplo ssuso dicto pera [d]jar¹ emssynamento a nós, e diz que nom de[u]emos² creer nem ssiguyr³ aa voomtade da molher, porque o sseu emtendimento nom he estauyll, mas muda-sse muytas vezes no dia, e Ssalamam diz: *ffemyna nula bona, quya ter mulatur im ora*. Diz ajmda: poucas uezes acaba cousa que compeçe; a molher he naso de demonio que traz em ssy hũa doce peço-nha; a molher foy aquella que enganou Adam com outros grandes ssabedores; a molher he hũu armuzello do demonio, e assy como o pescador pesca os peixes com o armuzello, assy a molher pesca os homẽes e manda-os ao Inferno breuemente; passa de ssabedor aquelle que sse d'ela pode guardar; a Virgem Maria ffoy aquella ssolamente que foy comprida de todas bondades e foy coroa de todalas boas molheres.

XXXV. [A rameira Tayda e o mancebo]

*[Fl. 26-r.] * [P]om ho poeta este emxemplo e diz que hũa⁴ molher puta, que auia nome Tayda, muy fremosa, com ssuas doçes palauras enganava muytos homẽes.

Esta puta sse namorou d'hũu homem mancebo, e husando com ell, lleuou d'ell hũa ssoma de dinheiros; e ell ssentio-sse d'ella emganado, e apartou-sse e nom curaua mays d'ella. Veendo Tayda que ell nom ussua com ella como ssoya, mandou por ell e disse-lhe que o amava, e que lhe oferecia sseu corpo ssem nhũu⁵ preço. Ho mancebo lhe rrespondeo que ell a amava, mas que nom queria mays conversar com ella, porque ja hũa vez o enganára, e nom queria que o mays enganasse.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que polas cousas passadas deuemos a entemder as que ham-de uyr, e diz ajmda que o homem nom deue converssar com aquellas persoas que useyras ssom d'enganar aquelles que emganar podem; pero que aquell que engana⁶ hũa uez ho homem, cobijça de o enganar outra.

¹ ² Onde ponho colchetes o ms. está roto.

³ No ms. *ssiguyra*, estando riscado o *a*.

⁴ No ms. *hua*.

⁵ Leia-se *nehũu* ou *nem hũu*.

⁶ O copista tinha escrito *enganam*, e depois riscou o *m*.

Deuemos [tomar]¹ emxemplo da aue que algũa vez come de hũu fruyto que ha nome taxo, que amarga muyto; e a aue, despois que o come hua vez, nunca o come mays, * porque o acha muyto amargoso: *[Fl. 26-v.] e este fruyto sse pôde comparar aa puta que parece doce, e no partir amarga, ca ella nom ama o homem ssenom a todo sseu proueyto, e pera leuar d'ell quanto pôde.

XXXVI. [O camponês e o filho]

[P]om ho poeta emxemplo e diz que hũu filho de hũu burgês ssenpre fazia comtrayro do que lhe sseu padre emssynaua.

O padre nom ho podia castigar, e hũu dia tomou hũu pao ssem porquê, e firió hũu sseu seruo na pressença de sseu filho. O filho, veendo tam ssem porquê espaancar este sseruo tam cruellmente, estaua com gram medo. Depoys perguntarom ao burgês porque * feria *[Fl. 27-r.] o seruo ssem seu mereçer; disse o burgês (que era homem amtijguo e discreto) que o boy pequeno aprende de arar do grande, e quem quer castigar o leom fere o cam:—e por tanto eu nom quero fferir meu filho, porque ja per fferidas nom ho posso castigar, mays fferio o meu seruo, porque elle aja medo e tome emxemplo.

Per este emxemplo o poeta nos amostra e diz que nós deuemos auer maneira com discriçom nos nossos emssynos e castigamentos: e o padre deue castigar sseus filhos com palauras e boos emxemplos, quando vee que com fferidas ho nom pôde castigar, e que o pequeno deue tomar emxemplo do grande. E elle ffoy d'ello lounado.

XXXVII. [A vibora e a lima]

* [P]om este poeta emxemplo e diz que hũa bibera entrou em *[Fl. 27-v.] casa de hũu fferreyro pera comer algũa cousa, e nom achou em ella ssenom hũa lima d'aceyro. Ha bibera começou-ha a rroer com os dentes, e nom lhe podia empeeçer; ha lima ffallou aa bibera e dizia:

—Tu, bibera, quamto rroes em mym, todo he nada; tu dapnas os teus dentes, e a mym nom enpeeças. Eu ssom de tanto poder, que do fferro faço poo, assy como sse fosse farinha, e nom ha fferro no

¹ No ms. lê-se: *deuemos emxemplo da aue*. Falta *tomar* ou outra palavra analoga. Cfr. «o pequeno deve tomar emxemplo do grande» na fabula XXXV (no fim).

mundo assy forte que ho eu nom ffaça fazer poo e talhar per meo: pero eu te consello que te nom tomes comiguo, porque quanto me tu mays roes, eu mays escarneço de ty. Tu cuydas ffazer mall a mym, e fáze-llo a ty.

Per este emxemplo este poeta nos amostra e diz que o homem forte deue sseer misurado, e o homem débille e fraco nom deue contrastar com o poderoso, porque póde d'ello auer uergonça e dapno.

XXXVIII. [Os lobos e as ovelhas]

*[Fl. 28A-r.] * [C]onta este poeta emxemplo pera nos amostrar, e diz que os lobos faziam cada dia gram dapno a hũu fato d'ouelhas; e porque quando os cãaes hi eram nom podiam fazer dapno, porque lhe defendiam o gaado, e quando os lobos vijnham pera tomar as ouelhas os cãaes as defendiam ¹, e cada uez os lobos leuauam a peor, e tornauan-sse com vergomça e dapno, veendo os lobos que lhe nom podiam en-peeçer, mandaram missegeyros aas ouelhas, dizendo que queriam fazer paz.

Aas ouelhas prouue muyto de fazer a paz. Em esta paz ffoy acordado que as ouelhas mandassem aos llobos os cãaes por arrefêes, e os lobos mandassem ² sseus filhos aas ouelhas outrossy por arrefêes. E assy o fezerom.

Hũu dia os lobinhos compeçarom de uyuar muy fortemente. Os lobos os ounirom e correrom allá, e conpeçarom a comer das ouelhas a sseu talamte; e sse os lobos bem matauam, nom matauam menos os filhos. E per esta guisa sse quebrantauam as treguoas, e d'aly auante ssempre viurom e viuem em guerra.

*[Fl. 28A-v.] * Per este emxemplo este doutor nos amostra e diz que o homem que nom está sseguro de sscus jmijgos ssempre deue teer defensores que o defendam, porque, nom auendo defensores, ligeiramente sseus jmijgos o podem ofemder, como entreueo aas ouelhas que, depoyes que os cãaes nom as defemderom, os lobos sseus jmijgos faziam d'elas maaos pesar a sseu talamte.

¹ Em vez do *m* ha um borrão no ms.

² Depois d'esta palavra está riscado *fuser*.

XXXIX. [O machado e o bosque]

[C]onta o poeta este enxemplo pera ¹ nos amostrar, e diz que hũu machado nom auia manguo, e foy-sse a hũu mato e cortês memte ² lhe rrogou que lhe desse hũu paaõ pera hũu mango: * ho mato lh'o *[Fl. 28^B-r.] deu de boa mente ³.

Ho vilaão, depòys que pos o manguo ao machado, tornou aa mata e compeçou a talhar das arnores quanto lhe prazia; e fazia-lhe muyto dapno. A mata sse anojaua muyto e dizia:

— Ay mizquynha! ca eu ssom culpada d'este dapno que me este machado faz, ca sse lhe eu nom dera o manguo, ell nom avia poder de me fazer o dapno que me faz! Bem empreguaõ sseja em mym, ca eu fuy cajom de meu mall e dapno que rreçoibo!

Per este enxemplo este doutor nos amostra e diz que nós nom deuemos dar ajuda nem comsselho aos nossos emijgos, porque quanto nossos jmijgos forem mays fortes, tamto averam mayor audaçia sso-bre o sseu jmijguo, e dando-lhe ajuda e comsselho, ell medês he cajom de ssua morte ou desonhorra ⁴.

XI. [O lobo e o cão medio]

* [P]om o poeta este enxemplo por noso amoestramento, e diz que*[Fl. 28^B-v.] andando hũu lobo sseu camynho, encontrou com hũu cam. Ho lobo ho ssaudou e mostrou-lhe boõ ssenbramte, e disse que queria ser sseu com panheyro. O cam disse que lhe prazia d'elo muyto.

Andando anbos de companha, o lobo compeçou de olhar o cam, e disse-lhe:

— Como tu estás guordo e fremoso?!

Ho cam lhe rrespondeo:

— Porque de noute eu guardo a casa de hũu senhor com que viuo, e non leixo acheguar a ella nhũu ⁵ ladrom. E por tamto meu senhor me ama muyto, e dá-me de comer e de beber quanto me faz mester.

Diz o lobo:

— Eu me quero vijr com tiguõ ⁶, porque me faças poer na graça do teu ssenhor.

¹ No ms. *pa*, tendo havido esquecimento de cortar o *p*.

² No ms., em separado *cortes mente*, como transcrevo; hoje *cortesmente*.

³ No ms. em separado *boa mente*.

⁴ *Sic*.

⁵ Leia-se *nehũu* (ou *nem hũu*).

⁶ No ms. *com tiguõ* em duas palavras.

O cam disse que lhe prazia d'ello muyto.

Amdando assy anbos, o lobo esguardou e vio que o cam avia o pescoço pelado, e preguntou-lhe¹ por que avia o pescoço pelado. O cam lhe disse que o sseu senhor o tijuha leguado o dya porque nom mordesse a gente, e aa noute ho leixaua andar ssolto, por lhe guardar a casa. Quando o lobo ouuyo que legauam o cam de dia, disse:

— Nom quero hir com tiguao. A mym praz mays viuer em mynha
*[Fl. 29-r.] liberdade e comer² mall, que bem comer e sseer³ sempre seruo.

E loguo sse partio do cam.

E este emxemplo sse concorda com este vesso que diz: *Ne ssyt alterius.*

Diz este poeta per este emxemplo, querendo-nos amaestrar, que o homem proue que viue em ssua liberdade he mays rrico que o rrico quando viue e he seruo alheo. E o homem que seruo he nom he sse-nhor de ssy meesmo, nem he senhor do que tem; ho homem que he em ssua liberdade, e em ella viue, nom pôde cobrar ssemelhante tesouro; e quem seruo sse faz, esperando de sseer rrico, tal como este se pode chamar proue. Ha liberdade nom sse pôde comprar por todo o auer do mundo; ha liberdade he hũa graça celestriall, a quall passa totalas riquezas do mundo.

XLI. [Os membros do corpo e o ventre]

*[Fl. 29-v.] * [C]omta este poeta este emxemplo e diz que os pees e as mãos acusaram o uentre, dizemdo:

— Nós ssenpre ssosteemos grande afam em andando de cá e de llá em muytos trabalhos; e todo nos este uentre come, e numca sse farta nem comtenta; e elle está ocçioso e nom faz nem dura trabalho. Nom lhe demos de comer!

E assy o fezerom. Ho uentre começou a auer fame, e disse aas mãos e aos pees:

— Amygos, dade-me de comer, ajudade-me, ca eu mouro com ffame.

As mãos e os pees diserom que lh'o nom queriam dar, e dizian-lhe:

— Sse tu queres comer, toma affam, assy como nós fazemos; d'outra guysa, nom queremos que³ comas quanto nós trabalhamos.

¹ No ms., por extenso, *preguntou*, sem a abreviatura usual.

² No ms., por engano, *commer*, com reduplicação da syllaba.

³ No ms. lê se: «nom queremos *que co* que comas». Vê se que o copista ia a escrever *que comas*, escrevendo primeiramente *só que co*, e parando; mas repetiu *que* adiante, e escreveu *comas* por inteiro.

Em esta perfia esteuerom per espaço de dias, tanto que os pees começaram de enfraqueçer, e outrossy as mãaos.

E os pees disserom:

— Nom podemos andar.

E as mãaos disserom:

— Nom podemos trabalhar.

Veemdo esto as mãaos, tomarom do pom para dal-lo aa boca; e a boca e o corpo eram ja postos em tanta fraqueza, que os demtes da boca nom sse poderom abrir. E per esta perfia o corpo morreo: e elle morto morrerom cz pees e as mãaos com todolos outros nembros.

* Pom este poeta emxemplo per nosso amaestramento e diz ¹, rre- * [Fl. 30-r.]
prehendendo os auaros, os quaaes nom querem ajudar o sseu proximo nas ssuas neçessidades. Ajnda diz que nhũu homem sse deue rreputar d'atanto, por muy poderoso e rrico que sseia, que algũas vezes nom lhe faça mester o seruiço d'outrem e d'outros que ssom de muy mays pequena condiçom que ell, porque hũu amyguo ssenpre lhe compre seruiço d'outros: hũu amyguo serue o outro amyguo. Outrossy diz que, bem que o ² homem sseja tanto maa ³ que nom queyra perdoar a outrem, deue perdoar assy medês, por nom sseer rreputado cruell e maa.

XLII. [A bugia que pede á raposa um pedaço da cauda]

* [C]omta este poeta este emxemplo e diz que hũa bugia fazia * [Fl. 30-v.]
gram queixume aas outras animalias, porque nom tijnha rrabo pera cobrir ssua vergonça; e foy-sse aa rraposa e disse-lhe:

— Amigua, uós teemdes muy granddo rrabo, e uay-sse-uos rrojando pello chãao e luxa-sse muyto; outrossy dá-uos muyto trabalho, ca vos peja muyto e empacha-uos o amdar: porem vos rroguo, comadre amjgua, que me dees hũu pequeno d'elle pera cobrir estas mynhas nadeguas, que me metem em grande vergonça. A uós nom fará myngua, e a mym fará proueito.

A rraposa lhe disse:

— Comadre bugia ⁴, a mym ⁵ parece que este meu rrabo he muy fremoso e muj leue, e parece-me muy pequeno: pero tomade cuydado de uós, e nom o tomedes do meu rrabo. A mym ⁶ praz mays que elle

¹ O rigor da syntaxe pedia para *diz* complemento directo, que mal pôde ser *exemplo*, dito antes; mas o auctor confundiu-se, e escreveu *reprehendendo* em vez de *que reprehende*, ou escreveu inutilmente *e diz*.

² As palavras *lê qo* estão em entre-linha.

³ Por engano *mãao*.

⁴ *bugia* está em entre-linhas.

^{5 6} No ms. *my* (falta o til).

jhore ¹ pelo chãao, que uós cobriredes d'ele as vossas velhacas nadeguas.

E assy sse partio ha bugia da rraposa.

Pom o poeta este emxemplo, pello quall nos dá amostramento que nom deuemos sseer avaros ao nosso proximo, porque o auaro nom ^[Fl. 31-r.] faz bem a ssy nem a outrem. Ho auarento ssempre * cree que as cousas pequenas ssejam grandes. Ho auaro he seruo dos jdolos ^{s. ²} dos dinheiros ³: que quem serue aos dinheiros ⁴ serue aos jdolos. Ho auarento faz tesouro, e nom ssabe pera quem o guarda, e morre e viue mizquynho.

XLIII. [O villão que vac com o asno á feira]

[E]ste poeta nos dá este emxemplo e diz que hũu vilão trazia hũu asno com ssua cãrrega de mercadaria pera vender na feyra, e dizia ao asno que andasse agynha. Este asno com perfia nom queria andar e dizia:

— Antes quero que me mates, que viuer contiguo em tanto trabalho: ^[Fl. 31-v.] ca * cada dia leuo cãrrega, e tu ssempre me vaas ferindo de tras; cada dia me ameaças e cada dia me feres. Por çerto eu nom quero padeçer tanto mall e tanta vergomça! Amtes quero morrer!

Ho senhor lhe deu tamtas paamcadas, que o matou. E esfolou-ho e uendeo o coyro.

Pom este poeta emxemplo pera nos amostrar, e diz que nós nom deuemos deseiar a morte per tribulaçom que ajamos, porque ho homem cree a auer vantagem por rreçeber morte, e ell pejora, porque, depoy que o homem morrer, comem-ho os vermẽes, e a alma outrossy sse vay ao Inferno, e pejora, ca muyto peor pena he aquela do Inferno que a pena d'este mundo; sse a alma vay em parayso, e o corpo rreçebe martyro por o de Deus ⁵, a alma está benta; mays o corpo sse torna terra. Porem toda cousa sse deue padeçer por nom padeçer morto.

¹ Sic.

² = scilicet.

³ ⁴ No ms. *drros* com *rr* (por *jr*?).

⁵ Isto é: *por o martyro de Deus*.

XLIV. [O cervo e os bois]

* [E]ste poeta nos dá este emxemplo, e diz que hũu çeruo fugia *[Fl.32-r.] porque os cãaes corriam em tras ell: e com pressa que o çeruo avia, foy-sse meter em hũa caulariça de boys, que os cãaes nom o virom.

Ho çeruo rrogou aos boys que o escondessem amtre ssy. Os boys lhe diserom que mays sseguro sseria em algũa mata, que estar aly, ou sse fosse ascomder em algũu rrio:

— Porque aquell que nos guarda e nos dá de comer uerrá loguo a pouca d'ora aquy, e sse te vir, matar-t'á.

O çeruo lhe rrogou que o escondessem. E os boys o cobrirom com palha.

A pouca d'ora veo o manço do Senhor e deu de comer aos boys e tornou-sse a casa. O çeruo tomou gram prazer, cuydando ja sseer fora do prijuoo ¹, e dana muytas graças aos boys. Hũu dos boys lhe disse que ajnda auia de vijr o sseu senhor a ueer como estauam, o quall avia nome Arguu, e avia çem olhos, e sse ² d'aquella ³ podia escapar, era sseguro.

Estando em estas palauras, chegou Arguu e conpeçou d'esguardar estes boys, e ueo-lhes apostando sseu comer; e esguardando com diligẽcia sseus boys, vio os cornos do çeruo e matou-ho.

* Pom ho poeta este emxemplo, rreprehendendo os homẽes que *[Fl.32-v.] nom ssom fees, e louva os homẽes ssabedores e discretos, os quaes ham cura com diligẽcia de ssuas fazendas. E este Arguu, o qual avia çento olhos, ssignificana o ssenhor, que deue auer çento olhos a ueer ssua fazenda. E quando o elle póde fazer per ssy, nom as ⁴ faça fazer per outrem, ca diz hũu prouerbio:

Maladante he aquell
Que sseu aver nom vee.

Ca o senhor que he bem avisado, melhor vee sseus fectos ⁵ que o seruo que sse cura muy pouco, como fez Arguu, que vio o çeruo, e o sseu seruidor nom o vyo, ca nom avia tanto cuydado como sseu dono avia cuja ha ⁶ cousa era.

¹ *Sic.*

² O logar correspondente aos *ss* está um tanto esborreteado.

³ Isto é: *d'aquella vez, d'aquella aventura, d'aquella feita*. Ainda hoje se diz assim.

⁴ Isto é: *as fazendas*.— A syntaxe neste periodo está um tanto irregular.

⁵ No ms. *fecos*.

⁶ = *a* (artigo).

XLV. [O judeu, o escudeiro e as perdizes]

[*Fl. 33-r.] * [C]onta o doutor ¹ este emxemplo, e diz que hũu judeu queria passar pella terra de hũu rrey com muyto aver que comssiguo leuava; e rrogou a el-rrey que lhe dêsse hũu de ssua casa que o acompanhasse sseguro, ataa que passasse sseu rreygno. El-rrey lhe deu hũu sseu scudeyro, do quall se fiava muyto; e mandou-lhe que acompanhasse este judeu bem e fiellmente, ataa que o passasse em ssaluo fora de ssua terra.

E quando este judeu foy em hũa mata, o escudeyro tirou fora de ssua espada pera o matar e rroubar-lhe sseu aver; e ho judeu lhe disse:

— Nom me mates, porque, sse me matas, aquellas perdizes que estam em aquella aruor te acusarom a teu senhor, e mandar-t'á matar.

O escudeyro escarneçeo do que o judeu dizia, e maton-ho, e tomou-lhe todo sseu aver que comssyguo leuava.

E d'aly a pouco tempo pressemtarom a este rrey perdizes, ssendo a jantar. Este sseu scudeyro cortaua amte ell; e como a Deus prouue, compeçon este escudeyro de rryr, e nom sse podia teer nem fartar de rryr. Ell-rrey ssendo aa mesa nom lhe disse nada, e depouys que jantou chamou-o a de parte, e porque rria tam fortemente aa mesa ² que lhe dissesse a verdade. Ho escudeyro nom lh'o queria dizer, que sse

[*Fl. 33-v.] temya. Elrrey ³ * amtre afaaguos e ameaças ssoube d'ell a verdade, em como matára aquell judeu e lhe tomára todo sseu auer, e que o judeu, antes que o matasse, lhe disera que as perdizes que estauam na aruor [o ac]usariam ⁴ a elle, e que o mandaria matar. Elrrey tomou d'elo gram nojo, porque amaua muyto o escudeyro:

— Por certo as perdizes te acusarom!

Depouys ouue consselho com sseus comsselheyros:

— O que mereçia este 'scudeyro?

E acordarom todos que morresse na forca.

E assy foy o escudeyro enforcado pelo mall que fezera.

Pe[r] ⁵ este emxemplo o poeta nos amostra que nom façamos humeçidio, nem furto, nem outro graue pecado por cobijça de dinheiros ⁶, nem escondidamente, nem manjfestamemte, ca do mal que homem faz, sse em este mundo nom ha pœmdença, ha-a no houtro de Deus, que

¹ Assim está, por extenso, no original.

² Talvez seja «e perguntou-lhe porque etc.», com ponto e vírgula depois de mesa.

³ No começo da pagina repete-se *Elrrey*, mas só com um r.

⁴ O que ponho entre colchetes está roto.

⁵ O ms. no logar do r está roto.

⁶ No ms. *drros*.

he suprema justiça; mas ¹ as mays de vezes ha peemdença em este mundo ², porque nom he nhũa cousa tanto escomdida que sse nom ssaybha em algũ tempo; e no Avangelho diz ³: *Nichill occultum quod non rreucletur* ⁴.

Aquell que faz omiçidido e furtos e outros pecados graues, que nom ha temor de Deus que nos criou e em cujo poder ssomos, nom he christãao ⁵, nem se póde chamar, ca nom viue a ⁶ ley d'homem, mais viue como diaboo do Inferno, que senpre faz e enyda em mall.

XI.VI. [O leão e o rato]

* [D]iz que foy hũa vez hũu leom que jazia em hũu mato de so ^{*[Fl. 34-r.]} hũa fremosa verdura. E os rratos ssobiam per çima d'elle. pera escarneçerem d'elle; e elle tomou a hũu e queria-ho matar. E o rrato lhe rrogou que lhe nom fizesse mall, ca nom seria ssa homrra, dizem[do q]ue [em] ⁷ algũ tempo lhe poderia fazer algũ boo s[erviço] ⁸. E o leom o leixou, e nom lhe fez mall. [E ho] rrato lhe deu muytas graças.

E d'hi a [pouco] tempo cayo o leom em hũu laço que lhe fezerom os caçadores pera o filhar: e o leom começou de braadar altas vozes. E este rrato, a que ell perdoára a morte, lhe disse:

—Quantos leões no mundo ssom nom te podem d'aquy liurar! Mays eu, que ssom a mais vill alimalia do mundo, pella graça e bem que me fezeste, te quero liurar.

E loguo ssobio e rroeo ha corda que tijnha no pescoço e liurou-

¹ Postoque neste logar a letra esteja um pouco apagada, vê-se que é *mas*, e não *mais* (e muito menos *mays*). De facto no ms. alterna *mas* com *mais* (*mays*); cf. fab. xxxiii, moralidade: «*mas* deuemos amar *mays*», onde se dá a coincidência de, como aqui, a conjunção *mas* concorrer com o adverbio *mays*.

² As duas primeiras pernas do *m* estão rotas.

³ Talvez falte *se* antes de *diz*.

⁴ No ms. *quod* e *non* estão em abreviatura.

⁵ No ms. *apãao*, abreviatura usual na idade media ($x\rho = \chi\rho = chr$).

⁶ Aqui *a* é proposição.

⁷ As letras que ponho entre colchetes, aqui e mais adiante, faltam, porque o ms. está roto. Com relação a *em*, notarei que não é muito certo que essa palavra esteja no ms. (sob a forma τ), pois ha lá uma sombra que tanto póde ser $\bar{\epsilon}$, como simples mancha; todavia na moralidade lê-se *em algũ tempo*, — e isto confirma a emenda que faço (o auctor repete muitas vezes na moralidade, como já temos visto, certas palavras da fabula).

⁸ O ms. está roto; todavia depois de *boo* vêm-se restos de uma letra que póde ser *s*, e que interpreto por a primeira de *serviço*, escrito em abreviatura, como noutros logares. A palavra *serviço*, que se lê na moralidade, confirma esta interpretação. Acha-se a mesma expressão *bom serviço*, por exemplo, na fab. viii, moralidade (no ms. alterna *boo* com *bõo* e *bom*).

[ho] ¹ d'aquelle prijguo ². E o leom veem[do]-ss' em ³ liberdade, deu muytas graças ao rrato, e foy-sse sseu caminho.

Em esta hestoria ⁴ o doutor emssina os grandes ⁵ homêes do mundo e os poderosos, que nom despreçem os pequenos que ham pequeno poder, ca nom he nhũ homem de tam * pequeno poder que nom possa seer proueytoso em algũu tempo aaquell que he grande e poderoso. Tall seruiço lhe pôde fazer hũu homem pequeno, que lh'o nom pôde fazer hũu grande.

XLVII. [● **minhoto doente**]

[C]omta-asse que hũa vez hũu minhoto foy doemte e rrogou a ssua madre que rroguase aos deus[es] ⁶ que lhe dessem ssaude; e a madre lhe rrespondeo:

— Filho, tu assanhaste os deoses com os teus pecados que tu fezezte: ssempre amdauas furtando em tall guysa que os deoses te dam peemdemça; quando tu fazias mall, deuêras a auer medo e deuêras de husar de piedade e nom de crueldade. Ora es piadoso porque nom podes mays fazer.

E o minhoto ficou muy triste e cuydoso com ssua enfermidade.

*[Fl. 35-r.] * Em aquesta estoria o doutor ⁷ nos emssina que nom deuemos esperar de fazer bem pera quando formos doemtes ou velhos, pera nos arrepeemdermos, ca muytas vezes acomteçe que quando o homem sse quer arrepeemder nom pôde.

Pero quando ssomos mamçebos e fortes, deuemos de fazer bem, pera depois auermos bom gualardom, e rrepemdermo-nos dos pecados que auemos fectos ⁸, e nom dizermos: «sse oje nom fezermes bem,

¹ Ainda se percebe a parte superior do *h*.

² Aqui, *prijguo* por extenso, e não com a abreviatura usual.

³ O ms. está roto, e só distingo *veem...ss.*, seguindo-se aos *ss* uns traços que só podem representar as extremidades superiores de *e* e *m*.

⁴ Poderia também ler-se *hestorea*, porque a letra que parece *i* não é bem nitida; todavia o usual no ms. é *hestoria*.

⁵ Neste lugar o ms. está um tanto delido, mas depois de *emssina* distingo *os gñdes* (o *til* abrange o *n* e o *g*). A leitura *os grandes* confirma-se plenamente com a expressão *grande e poderoso* que se lê mais abaixo.

⁶ Como abaixo se lê *deoses*, supponho que *deus* aqui é erro por *deuses*. Como se vê, alterna no ms. *deus[es]*, com *u*, e *deoses*, com *o*.

⁷ No ms. por extenso.

⁸ No ms. em abreviatura. Leia-se *feitos*.

faze lo emos de manhãa, que tall ora cuydaremos d'achar misericordia, e nom a podemos auer.

XLVIII. [O lavrador e a andorinha]

[C]omta-sse que hũu laurador ssemecou linho em hũu campo. E a amdorinha, quando esto vio, fez ajuntamento com quantas aues pôde auer e disse-lhe:

— Ueedes nós este linho que aquy he ssemeado? Elle será aazo de nossa morte. Vós fazed [e]m ¹ tall guysa destroyr a ssemente antes que * naça, ca este vilãao quier fazer d'aqueste linho rredes e laços pera nos tomar em elles; e esto ssey eu porque durmo em ssua casa, e nom sse guarda de nym, e diz esto. *[Fl.35-v.]

E as outras aues ouuerom-na por ssamdia, e escarneçiam d'ella.

Depois a pouco tempo, o linho começou de creçer. E a amdorinha chamou outra vez as aues e disse-lhe que, pois nom quyserom comer a ssemente, que em toda guisa ho fossem dapnar com os pees ante que mays creçesse. E as aues outra vez escarneçerom d'ella e nom o quyserom fazer.

Depoys que o linho foy grande, fez ² d'elle rredes e laços, e tomanua muytas aues. Depoys as aues sse rrecordarom do comsselho da amdorinha, e diziam:

— Myzquynhas! Nós nom quisemos creer ao bõo comsselho da amdorinha!

Em aquesta estoria o doutor nos emsina que [a]uemos ³ sseer ayudados do tempo que ha d[e] uijr ⁴, e nom deuemos de despreçar o bõo comsselho de nũa perssoa ⁵, por pequena que sseia; outrossy nom deuemos estar sseguros das cousas que sson prijgosas, que aqueles que muyto sse fiam, algũas vezes ficam emguanados.

XLIX. [Os Athenienses que elegem um rei]

* [Em] a çidade de Athenas foy hũu tempo muy poborada e rri- *[Fl.36-r]
qua e poderosa, e viuam em gram paz. E fezerom hũu dia hũu gram comsselho no quall liuraram a auer hũu rrey que os rregesse e guuernasse como aviam muytas outras provemçias: e assy foy fecto ⁶.

¹ Roto o ms. no logar do e.

² O sujeito grammatical é o lavrador.

³ No ms. está roto o logar do a.

⁴ Da expressão *ha de uijr*, só se percebe *had. . . jr*, com parte do u e o til.

⁵ No ms. *pscoa*, com o p cortado na haste (=per).

⁶ Leia-se *feito*.

E depois que ouuerom o rrey na cidade, derom-lhe comprido poder que fezesse todo aquello que quysese. E [este]¹ rrey começou de fazer cruell justiça: a hũus emforcaua, a outros cortaua as cabeças, a outros fazia tirar os olhos. E o poboo, veemdo aquesto, começaua de braadar e chorar, dizendo: «Mal fizemos! Que melhor viuamos da primeyra que aguora!».

*[Fl.36-v.] * Em esta estoria o doutor emssina aaquelles que bem estam, que sse nom deuem de mudar, porque muytas vezes o homem cuyda de melhorar, e pejora; e o homem que he em ssua liberdade nom sse deue subjugar, sse liure póde viuer, ca no mumdo nom ha moor the-souro que a liberdade e ssaude.

I. [As rrãs que pedem um senhor a Jove]

*[Fl.37-r.] * [C]omtasse que hũu tempo as rrãs viviam em grande liberdade, e muyto a sseu talemte, e nom sse contentauam d'esta boa vida; foram-sse ao<s> deus Jouis e rrogarom no que lhe desse hũu senhor: e o dicto Jouis rryo e escarneço d'ellas, e fez que as nom ouuia.

E outra vez tornarom a ell, e o<s> deus Jouis fez deytar hũa traue em a augua, e ellas ouucrom gram medo e esteuerom quedas e meterom as cabeças do fumdo da augua; e depois que perderom² o medo, alçarom as cabeças e virom esta traue e acheguarom-sse a ella e ssobirom-sse em çima d'ella: e veemdo que nom falaua nem sse mo- via, escarneçiam d'ella.

Tornarom ao deus Jouis, rrogamdo que lhe desse mjlhor³ se- nhor: e o deus Jouis com grande ssanha lhe mamdou hũa grande coobra que as comia cada hũu dia. E estas rrãs pidiam misericor- dia⁴ ao deus Jouis, que as liurasse da boca d'esta ser[pe]mte⁵; e pouco lhe prestaua pidir misericordia⁶, ca o de[us] Jo[uis] nom as queria ouuir nem liurar.

Em aquesta estoria o doutor nos emssina e diz que ssom algũas persoas⁷ que nom conhoçem e bem quando o ham, mays antes ho

¹ O ms. está roto aqui; todavia vêem-se restos de letras que supponho serem *es*, e por isso transcrevi por *este* e não por *o* (talvez *este* estivesse em abreviatura, i. é, *est'*, — como noutros muitos lugares: o espaço faz suppôr isso).

² Aqui está riscada a palavra *em*.

³ A linha termina no meio da palavra: *mj*.

⁴ Em abreviatura: *mia*.

⁵ No lugar de *pe* o ms. está roto. O mesmo succede com relação ás palavras que adiante pouho entre colchetes.

⁶ Também *mia* em abreviatura, como acima.

⁷ No ms. *psaos* com o *p* cortado na haste.

despreçam. E o homem nom conhoçe o bem nem o doçe ssemom quando gosta ho am[argo]; pero quando o homem ha boa auenturança, * deue ha conhoçer. Nehũu ¹ que está em liberdade nom sse' faça seruo, *[Fl. 37-v.] como fezerom as rrãas.

LI. [As pombas, o gavião e o mynhoto]

[C]omta-sse que as poombas hũa vez tomarom o gaviãom por senhor pera as defemder da batalha do mynhoto: e o gaviãom defemdia-as muyto bem; e depois que as defemdeo, tomava d'ellas e comia-as. E esto quamtas ell queria. E a[s p]oo[m]bas ², veemdo tanto mall, começaram de braadar e diziam que melhor lhes era aver guerra com o mynhoto ca morte ssem batalha.

Em aquesta estoria o doutor nos emssina que deuemos sseer sabedores e esguardar a fim d'aquelle que fazemos, porque me[lh]or ³ he ssofrer pouco mall que muyto mall.

* E esta hestoria comcorda com as outras duas ante dictas. *[Fl. 38-r.]

LII. [O ladrão e o cão]

[C]omta-sse que foy hũa vez hũu ladrom que queria de noute rroubar hũa casa, a quall guardaua hũu cam: e o ladrom chamaua o cam, [e] ⁴ que[ri]a-lhe ⁵ dar do pam; e o cam disse:

— Tu me queres dar este pam por tall que nom ladre, e queres rroubar esta [casa] ⁶, que bem ssey que este pam que me tu queres [d]ar ⁷ tem peçonha ascomdida. Eu nom fa[ço com]tigo ⁸ amizade, ca eu amo mays meu senhor que nom a ty; e sse tu nom te partes d'aquy, eu b[raa]darey ⁹ alltas vozes.

E o ladrom quis ¹⁰ procu[rar] ¹¹ * de filhar o que estaua em *[Fl. 38-v.] casa: e o cam começou fortemente de ladrar, e o ladrom fugio com temor.

¹ Por extenso: *nehũu*, o que confirma o que se disse supra, na nota 7 da fab. I e noutros logares. Cf. *nehũu* na fab. xxxiv.

^{2 3} O ms. está roto onde ponho colchetes.

^{4 5} Roto no ms. o que ponho entre colchetes.

⁶ *rroubar* está mal distincto; *casa* apagado.

^{7 8} Apagado o que ponho entre colchetes; *queres* está em abreviatura.

⁹ Roto o que ponho entre colchetes. Na fab. I. ha tambem *braadar*.

¹⁰ O ms. está aqui um tanto apagado, mas, examinando-o com cuidado, vê-se que a respectiva palavra é realmente *quis*, e não *mais*, como tambem poderia parecer.

¹¹ O ms. está roto onde ponho colchetes.

Em esta estoria o doutor emssina os homêes que deuem sseer ssa-bedores¹ quando filham algũs² emcarregos e³ seruiços, e ssempre deuem d'cẽsguardar os⁴ que lhe dam estes doçes, ca muytos doçes sse dam pera emguanarem os ofiçiaaes: e ssemelhantemente os homêes, quando ofereçem e dam algũa cousa a algũas persoas⁵, deuem es-gu[a]rdar⁶ a quem as dam. Ajmda nos este dout[or ensin]a⁷ que nos deuenos guardar do [uici]o⁸ de guargamtoiče.

LIII. [A porca prenhe e o lobo]

*[Fl. 39-r.] * [C]onta-sse que hũa porca era prenhe e esperaua o tempo do parto, [e emcomtrou]⁹ com hũu lobo; e o lobo lhe mandou em [ss]eu gesto muytas mesuras e cortesia, e disse-lhe que queria sse[er sseu c]ompadre e guardar sseus filhos quando parisse; e ha¹⁰ porca lhe deu muytas graças, dizendo-lhe que lhe nom compria sseu seruiço, mays¹¹ disse-lhe:

— Guarda te bem que te nom chegues aos meus [filhos], ca eu nom queria que so¹² espeçia de bem fazer tu fezesses mall aos meus filhos!

O lobo, ouuindo taees palauras, emtendeo que a porca emtemdia o mall que ell queria fazer, e partio-sse d'ella ssem contemda.

Per este emxemplo o poeta nos amoesta que nom deuenos creer em quamtas palauras nos dizem, porque nos homêes rreignam muytas maldades e emguanos, e muytas pala[ur]as sse dizem mais por emguanarem os ho[m]êes que p[or] outra cousa. E poreu sse diz: «Quem neyçiamente cree, neyçio he chamado e neyçiamente¹³ péca».

¹ O ms. está um tanto apagado no logar d'estas duas palavras.

² Assim, e não *algũus*. A palavra é a ultima da linha.

³ *emcarregos* e pouco distinctamente.

⁴ Apagado o que ponho entre colche es.

⁵ *Psoas* com *p* cortado em baixo.

⁶ ⁷ ⁸ Roto o que ponho entre colchetes.

⁹ Nos sitios em que ponho colchetes o papel está delido ou roto.

¹⁰ = *a* (artigo).

¹¹ *mays* vale pela moderna conjuncção «mas»; se fosse adverbio, a construcção do resto da phrase seria *lhe disse*.

¹² Tambem se póde ler *su* em vez de *so*.

¹³ A palavra *neyçiamente* está um tanto difficil de se lêr, mas é certa. Cfr. a sentença hespanhola «*Quien neçiamente peca, neçiamente se va al Inferno*» em Hernán Nuñez, *Refranes o proverbios*, Lérida 1621, fl. 105-r., a qual confirma absolutamente a leitura que proponho.

LIV. [A terra que pare um rato]

* [P]om emxemplo ¹ este poeta e diz que hũa vez a terra imchou, *(Fl. 39-v.) e algũs vilãaos que hy estauam açerqua ouuerom gram temor e fugirom hy açerqua; e logo a pouca ² d'ora a terra pario hũu rrato, e os vilãaos que esto bem viam ssegurarom-sse e ouuerom gram [prazer] ³.

Per este emxemplo o poeta nos amostra que nom deuemos temer as ameaças, porque ssom muytos homẽes que ham mays palauras que obras. Ajnda diz que hũa pequena ameaça faz a muytos homẽes auer gram medo. E diz hũu emxemplo: «Cam que muyto ladra, poucas vezes morde».

LV. [O cordeiro que pasce e o lobo]

* [P]om emxemplo este poeta e diz que andamdo hũu cordeyro *(Fl. 40a-r.) a paçer com outros cordeyros, a madre d'este cordeyro emcomendou sseu filho a hũa cabra. Pouco estando, veo o lobo e chamou este cordeyro dizemdo:

— Filho, nem aquó, que aqui está tua madre que te traz as mamas cheas de leyte; e leixa estar essa cabra fedemte.

E ho cordeyro rrespondeo:

— Eu nom quero hir a ty, nem fazer teu mamdado; mas quero estar com esta cabra, a quall me ama como faz madre filha, e dá-me do sseu leyte quanto me compre. Eu amo mays estar com esta cabra, e viuer segura, que viuer a teu mandamento, que ssey que me queres matar e comer.

Ouvindo esto o lobo, partio-sse e foy-sse sseu caminho.

Per este emxemplo este poeta nos amostra e diz que a mayor rriqueza que no mund[o] sse h[a] ⁴ he viuer ho homem sseguro; e no

¹ No ms. *exemplo*, sem *m* ou *til*, por engano. A regra é com *m* ou *til*.

² Tambem se poderia lêr *pouco*, pois o ms. está aqui manchado; mas na fab. LIV lê-se claramente *pouca d'ora*.

³ Aqui o ms. está delido, e a palavra não se distingue toda; mas quer pelo que resta d'ella, quer pelo sentido, quer porque em fabulas latinas medievas que correspondem a esta occorre *locus e ricius* (L. Hervieux, *Les fabulistes latins*, II², 328 e 411), não hesitei em pôr *prazer*.

⁴ Como está aqui um pedaço da folha roto, a photographia não deixa vêr por completo a palavra que falta; mas distingo restos de letras que podem corresponder a *sse h*, pelo que transcrevo sem hesitação *sse ha* (= «se tem»).

mundo nom ha mayor proueza que o homem seer rico e viuer ssempre em ssospeyçom e medo. Ajmda diz que nom ha no mundo mays nobre cousa que ho boo ameestramento, ca ho homem que mall amaestrado he, sempre viue em rroindades.

LVI. [O senhor e o cão velho]

*[Fl. 40^a-v.] * [P]om emxemplo este doutor poeta e diz que hũ senhor tijnha hũ cam muyto preçado e muy valente, e tanto ho amaua que comsigo o tijnha muytas vezes na cama.

Este cam veu a envelheçer. E hũa vez o sseu senhor o leuou com siguo ¹ aa caça e mostrou-[lhe] ² hũ[a] lebre: e este cam nom a pôde tomar. O sseu senhor ouue gram nojo, e tomou hũu paa e começou a ferir ³ este cam crueelmente ⁴. Depoys que o ferio, o cam falou e disse:

— Quando eu era nouo, caça nhũa ⁵ nom escapaua da minha boca; ora que ssom velho, tu me deuias perdoar e deuias-te lembrar do boo seruiço que eu te fiz quando era nouo. Entom me * preçanas tu muyto; ora que som velho, me despreças e nom te nembras do boo seruiço que de my rreçebeste.

Per este emxemplo este poeta nos demostra que o amor dos maaos homẽes tanto dura quanto dura o seruiço que o homem lhe faz. E aquell que serue os maaos perde o seruiço, por que aquell que maaos senhor he, nom ha em ssy discreçom pera rremunerar sseus seruidores do seruiço que d'elles rreçebeo ao tempo que lhe comprira.

LVII. [As lebres e as rãs]

[P]om emxemplo este poeta e diz que em hũa mata jaziam muytas lebres; e hũu gram vemto daua pellas aruores, e faziam ⁶ gramde

¹ No ms. *com siguo*, em duas palayras.

² Onde ponho colchetes, o ms. está roto.

³ No ms. lê-se *começou aaferir*. E' provavel que o segundo *a* seja engano e não constitua com *ferir* uma palayra *aferir*, pois *ferir* é frequente no ms.

⁴ No ms. *crueelmente*: o til que cobre *ueu* representa *e* ou *i*. As fórmãs *crueuel* e *cruevil* são conhecidas em portuguez antigo; o nosso ms. tem noutro logar *crueuecs* (fab. xxxi). Quanto a escolher *-il* ou *-el*, o nosso ms., se tem *estauyll* (= *estávil*) na fab. xxxiv, tem *ciuell* (= *cívil*) na fab. lx.

⁵ Leia-se *nũ hũa* ou *nehũa*.

⁶ O sujeito grammatical é *aruores*.

arroyd[o] ¹. * As lebres ouuerom grande temor, e começaram de fu-*(Fl. 40^{n-v.}) gir. E fogindo chegarom a hũu lago d'augua omde estauam muytas rrãas; e ssemtindo as rrãas que as lebres fugiam, ouueram gram temor e começaram todas de fugir e deytarom sse na augua.

Hũa d'estas lebres, veendo fugir as rrãas ssem porquê, disse:

— Nós fugimos em vãao! ca tall he o nosso medo como ² o medo d'estas rrãas que fogem por nada. Estemos quedas, e ajamos boa esperança ³ e vejamos que cousa nos fez fugir.

E assy estando, viram que fogiam ssem porquê.

Per este emxemplo este doutor nos amoestra que, por nhũa gram tribulaçom que o homem aja, nom deue perder a esperança, porque a esperança he aquella que mantem o homem que e[stá] em [tr]ibulaçom: e aquell que perde a esperança, ligeiramente sse despera. Ajmda diz que muytos homêes foram no mundo em priguio de morte, e ouuerom esperança d'escapar, e escaparom.

LVIII. [A cabra, o filho e o lobo]

* [P]om emxemplo este poeta e diz que hũa cabra leixou sseu ⁴[Fl. 41-r.] filho em ssua casa, e çarrou a porta e mandou-lhe que sse nom partisse nem abrisse a porta a nhũa ⁵ persoa ataa que ella viesse. E como lhe disse esto, foy-sse a cabra a paçer.

E hũu pouco estando, veo o ⁶ lobo e bateo aa porta, e começou de falar como sse fosse cabra, dizemdo que lhe abrisse a porta.

A cabrita disse:

— Saac-te d'aquí, falso ladrom, e nom te achegues aquí! [ca tu nom] ⁷ es a mynha madre, mas falsamente tu arremedas a noz d'ella; e pella fendedura da porta vejo eu bem que tu es lobo.

E o lobo vemdo que o conhoçia, foy-sse sseu caminho.

¹ Tudo o que nesta fabula ponho entre colchetes falta no ms., por este estar roto.

² A photographia apresenta aquí um traço, que corresponde a uma dobra do ms., de modo que adeante de *com* só se vê parte da letra seguinte, que creio ser *o*.

³ No ms. *espança*, sem traço no *p*. Nos logares seguintes, ora com traço, ora por extenso.

⁴ Leia-se *nehũa* ou *nêhũa*.

⁵ No ms. *psoa*, tendo esquecido cortar a haste do *p*.

⁶ Depois de *e* ha um traço sem significação.

⁷ Onde ponho colchetes, está roto o ms.

[Fl. 41-v.] Per este emxemplo este poeta nos amoesta que os filhos deuem de sseer obidientes aos mandamentos do padre e da madre; e *¹ diz que como os filhos som bem aventurados, obedeçendo ao padre e aa madre, assy pelo contrayro² os que nom obedeçem a sseus mandados.

LIX. [O vilão que acutilou a cobra]

[P]om emxemplo este poeta e diz que hũ vilão criou hũ coobra per espaço de tempo. Hũ dia deu este vilão hũa cuitelada na cabeça aa cobra: fugio³ d'elle, e o vilão afaagaua-a, que sse tornasse pera ell, e pedio-lhe perdom, e a coobra lhe disse:

— Eu te perdoo⁴, mas nom quero mays viuer com tiguio, ca ssempe me temeria d'aquy avante de ty que me dèsses outra tal ferida; e ja com tiguio nom viueria ssegura: pois me * nom foste lleall amiguo, ja nunca auerey fiuza em ty.

E dictas as palauras, a cobra sse partio d'elle.

Per este emxemplo este poeta nos amoesta que nós nom deumos comfiar d'aquelles que nos hũa vez emganam, porque assy como nos emganam hũa uez, assy uaam cuidando d[e n]os⁵ emguanar outra, ca ho bem que nos faz o homem que nom he fiell nom se deue chamar «bem», mas «mall».

LX [O cervo e o cabrão]

[P]om emxemplo este doutor e diz que hũ çeruo demandou a hũ cabram hũ moyo de trijguo, que dizia que lhe emprestára, perante o lobo⁶: e o cabram per medo do lobo lh'o confessou, e o lobo lhe deu çerto termo a que lh'o pagasse.

Acabado o [q]ual⁷, o çeruo lhe pidio o dicto trijguo. Ho cabram

¹ Repete-se e no começo da pagina.

² Isto é: assim são pelo contrario.

³ Talvez falte a *coobra* (sujeito), por equivoco com a palavra anterior; todavia ha outros exemplos analogos de omissão de sujeito.

⁴ Passa aqui uma dobra, de modo que d'esta palavra só se vê *po* (estando cortada a haste do *p*). Não era *perdo*, pois não ha vestigios de til. Noutros casos o ms. tem *perdoar*, sem til.

⁵ Onde ponho colchetes o ms. está roto.

⁶ *Perante o lobo* depende de *demandou*.

⁷ O logar a que corresponde *q* está roto. O mesmo succede com relação ás outras letras que ponho infra entre colchetes.

di[sse] que nom lh'o queria dar e que o confesso qu[e] *¹ ell fezera *²[Fl.42-v.] nom era valioso, porque o fezera com medo do lobo: e as cousas que com medo prometem ³ nom ssom valiosas, segundo dereyto da ley.

E veendo o juiz a alegaçom, ssoube a uerdade, e absolueo o cabram do confeso que fezera per medo.

Per este emxemplo este poeta nos amostra que nom deuemos cõostramger ³ nhũa ⁴ perssoa que digua nhũa ⁵ cousa per força nem per medo, porque a confissom facta per medo e temor nom vall segumdo dereyto ⁶ canonico e çiuell, nem ssegumdo Deus, o quall he sabedor de totalas cousas.

LXI. [O vaqueiro que combate por seu senhor]

* [C]omta o doutor este emxemplo e diz que hũu caualeyro, familiar d'hũu rrey, conhoçia hũu homem velho que nom avia filhos e era ja muyto velho e desapossado e era muyto rrico, ca ell ssempre fora e era officiall d'el-rrey, que avia curado sseus caualeyros. *⁷[Fl.43-r.]

Este caualeyro lhe avia grande emveja, porque era rrico ⁷, e buscava cada dia maneyra em como lhe tomasse o que tijnha; e ffoy-sse a el-rrey e acusou-ho dizemdo que quanto ell tijnha, todo furtara a el-rrey, e que de furto era assy rrico, dizemdo d'ell muyto mal, e que era ladram e homem de maa condiçom: e que esto lhe queria prouar em hũu campo com a espada na mão.

El-rrey fez chamar o velho, e mandou-l⁸ que sse escusasse ou emtrasse em campo com ell; e sse com ell nom sse estreuesse de combater, que buscasse outrem que sse com ell combatesse em sseu nome.

O caualeyro era muyto valemte em armas. E o velho rreçeaua de sse combater com elle, ca o caualeyro era muyto manço, e elle era muyto velho e muyto desapossado: e amdaua rrogando parente[s e a]mygos ⁹ a que ell ja fezera muytas boas obras, e nom podia achar quem quy[se]sse ⁹ tomar a aventura por ell, ca sse temiam do caualeyro. Este velho sse querelaua e dizia:

¹ Repete-se que no começo da pagina.

² Ou falta se («que com medo se prometem»), ou *prometem*, por estar no plural, exprime aqui por si só a impersonalidade (Não se pôde lêr *prometemos*).

³ E' difficil decidir se no ms. está *cõostramger* ou como escrevo.

⁴ ⁵ Leia-se *nehũa* ou *nẽ hũa*.

⁶ No ms. *djto* com til sobre o *j* (que não tem ponto). Mas supre, por extenso, *dereyto*.

⁷ O sujeito grammatical é o velho.

⁸ Onde ponho colchetes o ms. está roto.

⁹ No ms. lê-se por engano *quysse*.

— Muytos ajudey ao tempo de ssens mesteres, assy a parentes
*[Fl. 43-v.] como amygos, e ora nom acho parente nem amyguo! Quando ¹ * a
furtuna he comtra o homem, todos los parentes ffogem d'ell, como ora
fazem de mym!

E este velho tijna hũu sseu pastor que lhe guardaua sseu guaaado.
E veemdo o pastor sseu ssenhor amdar tam triste, ouue piedade d'ell,
e preguntou-lhe ² porque andaua com tanta tristura. O uelho lhe com-
tou todo sseu negocio. O pastor, que ouue d'elle doo, lhe disse:

— Meu ssenhor, eu quero tomar esta auentura em vosso nome.
O uelho lhe deu muytas graças ³.

Ho outro dia, do combate, mandou este pastor bem armado ao
campo a combater-sse com este caualeyro. Quando o caualeyro vyo
este vaqueyro, disse que a ell seria gram vergomça sse sse muyto
amdasse combatemdo com este vaqueyro, mas que loguo o emtendya
de vemçer: e compeçou tirar e dar com ssua espada grandes golpes
no vaqueyro. Ho uaqueyro cobria-sse e leixaua o bem camssar, e al-
gũas vezes esquyvava os guolpes do caualeyro: esto fazia ell por o
leixar bem caussar. O caualeyro maginaua que sse nom podia defem-
der o uaqueyro, e cada uez o despreçaua mais. O caualeyro tomou
hũu ssodairo, e enxugaua ho rrostro, porque ssuava. Ho vaqueyro sse
achegou a ell, e deu-lhe hũu golpe no cotouelo do braço derejto ⁴, que
o caualeyro perdeo a força do braço, e arredou-sse por de tras, e
posse-sse a sseer; e o uaqueyro < o > ⁵ outrossy sse asseemtou no
*[Fl. 44-r.] campo. Ho uaqueyro * disse ao caualeyro que sse leuantasse; ho ca-
ualeyro disse que nom queria. O uaqueyro, veendo que o caualeyro
nom sse queria leuantar, posse-sse outra vez a sseer no campo.

Aaqueste combate estava pressemente el-rrey com outros muytos
barõoes ⁶ pera o ueer; e veendo-os ambos sseer, toda a gente compe-
çou d'escarneçer. Ell-Rey mandou-lhes dizer que sse combatessem. Ho
missigeyro disse ao uaqueyro que sse alçasse ⁷ e sse combatesse ou sse
desse por veençudo; ho uaqueyro disse:

— Eu nom me dou por vemçido, mas eu ssom vencedor, ca eu
nom quero dar no homem que ssee asseemtado; mas sse o caua-
leyro sse quiser aleuantar em pee, eu ssom prestes de me combater
com elle.

A gente essarneçia. Ho uaqueyro foy-sse ao caualeyro e disse

¹ No pé da pagina, entre ornatos, lê-se como reclamo ou chamada «A fur-
tuna», que é a expressão que começa a nova pagina.

² Em *preguntou* a syllaba *pre-* está em abreviatura, que é igual, por ex., á
da primeira syllaba de *preciosa*, *pressemente* etc.; por isso transcrevi a syllaba por
pre- e não por *per-*.

³ No ms. *gracas*.

⁴ No ms. *djto* com til sobre *j*; mas noutros logares, por extenso, *derejto*.

⁵ Está de mais *o*; esta letra é a ultima da linha. O escrevente ia de certo
a escrever *outro*, mas passou a palavra toda para a linha seguinte, sem riscar *o*.

⁶ No ms. *barooes*.

⁷ No ms. *alçasse*.

muyta vilania, porque sse nom queria leuantar; ho caualeyro rrogou ao pastor que lhe perdoasse, e que sse fosse com Deus ¹, ca ell sse daua por vencido.

Ho uaqueyro sse partio do canpo com gramde homrra, e com gram prazer; o uelho folgeu mujto, e feze-o herdeyro de todos sseus bées. E nom foy mays vaqueyro.

Pom o poeta este emxemplo e diz que nhũu ² nom deue acusar nem fazer mall a outrem ssem rrezom, porque quando comfiam vencer algũa batalha, comfiando mays no sseu poder que no poder de Deus, perde ³, porque ssoo Deus he juiz derejto ⁴ e defemdedor da rrazom, e poucas vezes pôde o homem * empeeçer aa rrazom; e muytas vezes acomteçe nas batalhas que os poucos vemçem os ⁵ muytos quando combatem com rrazom. Ajnda diz que nas prosperidades nom sse conhoçem ⁶ os amygnos, mas conhoçem-sse nas auerssidades; mas ora em este tempo nom sse acham ssenom pera leuar-lhe o sseu, e do sseu nom dar nada: e taaes como estes nom ssom amigos, mas ssom lobos rrabazes. E porem diz Sseneca: *Ille est vera amicicia que nom querit ex rrebus amicy nisi sollam benyvolemçiam* ⁷.

LXII. [O capão, o gavião e o seu senhor]

* [C]onta-nos ho poeta este emxemplo e diz que hũu senhor avia [*Fl.45-r.] hũu capam muy guordo e muy fremoso; e quando o capam ssentia que este senhor vijnha pera casa, o capam sse escomdia em lugar que o ⁸ senhor nom o visse.

Hũu gauyam d'este senhor pregumtou a este capam porque fugia quando vijnha sseu senhor, e ell ⁹ nom fugia nem avia medo d'elle,

¹ Neste caso o nos seguintes a palavra está abreviada (*dē*); mas, como na fab. xi vem *Deus* por extenso, transcrevo assim também aqui com *u*, e não com *o*.

² Leia-se *nchũu* ou *nehũu*.

³ No ms. lê-se *perde*, no sing., porque o A. tem na mente a anterior palavra *nhũu*, e elle exprime a impersonalidade ora com essa palavra, ora com o verbo no plural. Não faltará til, pois a palavra não está no fim da linha, mas perto do começo (*só* no fim se usa geralmente til). Tudo ficaria corrente, se, em vez de *comfiam* ou *perde*, estivesse *confia* ou *perdem*.

⁴ Vid. supra, nota... a pag....

⁵ Aqui está riscada a palavra *poucos*, que tinha sido escrita por engano.

⁶ O *o* de *os* está esborreteado.

⁷ Nesta sentença, antes de *i* e *y* ha *e* e não *ç*. Na palavra *benyvolemçiam* o escriba havia posto *ç*, mas riscou-o. Vê-se que elle sabia que *ç* não era letra latina.

⁸ Está riscada a palavra *capã*, escrita por engano em vez da palavra *Sor*, que foi posta em entre-linha.

⁹ Sc. o gavião.

mas ante tomava muyto prazer quando via o sseu senhor. Ho capam disse:

— Este nosso ssenhor fez matar muytos meus irmãaos e comeo-¹s¹, e por tanto me temo d'ell, ca eu ey medo que faça a mym como fez a meus irmãaos. Este meu ssenhor he tirano e nom ama ssenom homẽes crucees, e por elle amar ty nom he marauilha, ca tu es cruell como ell comtra aves, mas eu ssom homildoso e paçiemte, e por tanto elle nom me ama: e esta he a rrazom porque fugo², ca me temo que me mande matar.

Pom o poeta este enxemplo e diz que nhũu³ deue morar na terra do tirano, porque nom ha no mundo mayor prijgoe que viuer ssob tiranya, ca os tiranos todos ssom maaos e nom amam ssenom os maaos e crucees, os quaaes ho[s]⁴ comsselham e ajudam de fazer mall aaqueles que boos ssom e bem viuem; e quando uẽe⁵ algũu boe que lhe despraza do mal, nom o amam de coraçom, mas muytas vezes lhe buscam a morte ssem porquẽ.

LXIII. [O pastor e o lobo]

*[Fl. 45-v.] * [C]omta-nos este poeta este emxemplo e diz que hũu pastor rrogou ao lobo que morasse com ell e lhe guardasse sseu gaado e lhe fosse bem fiell. Ho lobo disse que o faria de bom talente com esta condiçom, que lançasse⁶ fora todolos cãaes, porque antre elles⁷ e os cãaes ania mortal guerra, e nom podia sseer paz nem boe amorio; pero sse quysse que ell o seruisse bem e lealmente e lhe guardasse muy bem sseu⁸ gaado, lançasse fora todolos sseus cãaes, ca ell era poderoso de lhe guardar sseu gaaado. Ho lobo dizia esto com gram

¹ No ms. *comeos*. Podia tambem transcrever-se *comẽ-os*.

² Leia-se *fugo*.

³ Leia-se *nchũu* ou *nchũu*.

⁴ No ms. *ho*, mas emendo em *hos*, porque o pronome refere-se a *tiranos* mencionado antes; o auctor ou o escriba teve talvez na mente o *tirano* do comẽço da moralidade, e por isso equivocou-se.

⁵ No ms. *uee*. Não deve suppor-se que o auctor ou o escriba teve em mente o *tirano* do comẽço, a que talvez referiu *ho*, como vimos na nota antecedente; por isso deve *uee* emendar-se em *uẽe*, i. é, *ueem*, o que se confirma com o facto de os verbos seguintes estarem tambem no plural, referidos a *tiranos*. O *lhe* tanto pôde ser singular como plural.

⁶ Primeiro havia-se escrito *lançassem*, mas o *m* foi depois riscado.

⁷ Sc. *os lobos*.

⁸ Depois de *seu* ha *g*, ultima lettra da linha; o escriba ia a escrever *gado*, mas passou esta palavra para a linha seguinte, sem riscar o *g*. Cf. um facto analogo supra, pag. 148, nota 5.

malícia pera comer* do guaado quanto lhe abastasse, e temya-sse dos cãaes. [Fl. 46-v.]

Ho pastor, cuydamdo que o dizia por fazer bem, lançou de ssy todolos cãaes. Ilo lobo entrava ao fato sseguro¹ e nom temya nada.

Ilu dia o pastor sse partio e leixou o guaado na guarda do lobo, e o lobo chamou outros lobos, e matarom o guaado e comerom quanto quiserom e partirom-sse. Quando o pastor tornou e achou tamto mall factio², foy muy triste.

Comta-nos ho poeta esta hultima estoria e diz que per afaagos que nos façam nom deuemos leixar as cousas que nos ssom compridoyras e de nosso proueyto, e nom deuemos tomar nem buscar aquelas cousas pellas quaaes podemos aver dapno ou uergonça. Ajmda diz que os afaagos que sse fazem maliciosamente empeeçem mays que peçonha.

*
* *

EXPLICIT LIBER EXOPY CUM ALEGORIJS. DEO GRACIAS.

Ffinito libro, ssit laux³, gloria Christo.

Scriptor⁴ est talis demonstrat litra⁵ qualis⁶.

¹ Isto é: entrava seguro ao fato.

² Leia-se *feito*.

³ Para o verso ficar completo falta aqui *et*, mas assim está no original.

⁴ No ms. *sctor* com *r* sobre a 2.^a e 3.^a letras.

⁵ Esperar-se-hia *demonstrat littera* ou *litera*; mas assim está no manuscrito.

⁶ No fim, para completar a linha, ha um ornato insignificante.



Um este poeta emy e diz que hua
libera entrou em casa de hui fe
reyro pa comer alguma coisa e no
achou em ella peno hua lima.
Daeyro Ha libera comecou hua vez com
ce de mto e nony lbe podia empecer ha
lima ffalou aabirza e dizia Ha libera
quanto vezes em my todo he nada tu dap
nae ce teus dentes e amny nony empeces
Su nony detanto poder que do ffeyro fago
po affo amo se fosse faunha e no ha ffeyro
no mundo affo forte que ho eu nony ffaca
fazer po e ta lha e pmeo po eu te conffelly
que te no tomes comuguo porq qnto me
tu mayo bora eu mayo escauea de ty tu
curdas ffazer mall afmy e fazello aty
Dez este emy este poeta Noe Imostray
e diz que ohomen forte deue pter mizra
Do ohomen debille. E frao no deue con
trastar com opoderoso por que pode dello
Hauer uergonca e dapho

Quando gnto he abastage. **Tempa.**
pe de caues ho pastor cuidando que edizim
por fazer ben canou desy todolos caues ho
lolo entraba ao furo peguto i no temyana
da hui dia opastor preparao i leuou oguanda
na guarda dolo i olo chamou outros
lodos i matao oguanda i comerom qm q
fom i partiom pp. Quando opastor ve
nou i achou tarato mall fto fty inuy tpe.

Comtando ho poeta **Esti hultima estoria d**
diz que pa fua goz quenos facim no duemo
leuar de coupo que nos ppim compdyta
i dnoppo pucyto i no duemos tomia nen fuy
at aquelae coupo pliao quaaeg pding
abet dapno ou uergonca afmida diz que ve
afuaguar que se fazim ma liciafmente
empocem maye que peonba.

Expliat liber exopy cu alegoria deo gracia
finito libro fit lauz glia xpi / **S**epior est talis
amollcat lura qualis.



VOCABULARIO

No presente Vocabulario collijo apenas vocabulos das seguintes especies:

- 1) aquelles que estão hoje completamente fóra de uso, por ex.: *guarnimento*;
- 2) aquelles que, com quanto não estejam totalmente fóra de uso, tem porém uso restricto, por ex.: *talante*;
- 3) aquelles que são fórmãs archaicas de vocabulos ainda vivos, por ex.: *coobra*;
- 4) aquelles que tem alguma significação ou emprêgo syntactico, diversos dos da actualidade, por ex.: *curar*;
- 5) aquelles que apresentam particularidades orthographicas que possam induzir em êrro de pronúncia, por ex.: *reignar*.

Pois que o meu intuito não é só tornar intelligivel de todos os leitores o texto das fabulas, mas tambem contribuir para o vocabulario geral da lingoa portuguesa com alguns elementos, não hesitei em juntar frequentemente aos vocabulos notas lexicaes e etymologicas.

Os algarismos romanos referem-se aos numeros que tem as fabulas; os algarismos arabicos ás linhas de cada fabula, posto que estas não estejam numeradas no texto¹ (não os faço referir ás linhas de cada pagina, para facilitar a separata que tiro d'este artigo, pois que ella ha de levar paginação nova).

Como, por um lado, a orthographia do texto é bastante variavel, pois ahi se lê, por ex. *hestoria* e *estoria*, *se* e *sse*, *llobo* e *lobo*, *comta*

¹ Os leitores que quiserem seguir com attenção o que digo no Vocabulario devem numerar as linhas das fabulas (de 5 em 5, por exemplo)

e *conta*, *ssiluado* e *syluado*; e, por outro lado, não havia vantagem em conservar na ordem alphabetica estes archaismos orthographicos, que não revelam differença de pronúncias, e são só para os olhos: uniformizo a orthographia dos vocabulos segundo as regras usuaes, e indico entre parenthesis, adiante dos respectivos numeros, a orthographia originaria.

A

aa, asa: xxiii, 3o. Alterna com *ala*. Os *aa* são etymologicos: lat. a la.

aar, ar: iii, 15; xiv, 2 (haar), 5.—Os *aa* poderão ser etymologicos: lat. a e e.

aaz. Vid. *aç*.

aazo, occasião, causa: xlviii, 4. Os *aa* podem ser etymologicos. A respeito do etymo vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, 2.^a ed., § 164.

abanador, abano para enxotar as moscas: xxiii, 31.

abastar, bastar, ser sufficiente: lxiii, 9.

abolver, revolver a agoa para a turvar: ii, 8.

abúter, f., abutre: vi, 8.—A *abúter* corresponde *abútere* (pl. *abúteres*) nas *Decadas* de Barros: vid. *Dicc. da Ling. Port.*, publicado pela Academia das Sciencias. Comquanto *abutre*, nas suas differentes fórmãs (*abútere*, *abuitre*, etc.), seja masculino nos AA. classicos, aqui é feminino: cfr. *abestruç* ou *avestruç*, que é tambem masculino e feminino (por influencia de *ave*). O facto nada tem estranho, se nos lembrarmos que em latim ha varios nomes de animaes que estão nas mesmas circunstancias, como, para só citar nomes de aves: *accipiter*, *anser*, *perdix*, *phoenix*, *turtur*: vid. Neue, *Formenlehre der Lateinischen Sprache*, 1 (1877), 612, 613, 615, 617. Para a adopção do genero feminino podia concorrer o cuidarem muitos autores antigos «que estas aves todas são femeas, e que sem commercio masculino concebem unicamente do vento», como diz o P.^o Manoel Consciencia, *Academia Universal*, Lisboa 1732, p. 133.—A par de *abuitre*, com as suas variantes, havia tambem em port. arc. *avuitor*, no *Canc. da Vatic.*, n.^o 321 (*avuytor*).

aceiro, aço: xxxvii, 3 (*aceyro*).

acerca, perto (adverbio): liv, 2 (*açerqua*). Esta accepção adverbial está hoje antiquada.

achegar, aproximar: xl, 10; l, 8; lxi, 40.

acó, cá: lv, 5 (*aquo*).

acostar, encostar, chegar: xxviii, 13.

adormentar, adormecer: xxxiv, 19.

adubar, arranjar, tratar: xi, 9 (em sentido ironico).

afaago, afago: xlv, 21 (afaaguo). Os *aa* são etymologicos: cfr. hesp. ant. *afalagar*, mod. *halagar*. Origem germanica.

aficadamente, com afinco, encarecidamente: viii, 5.

afremosentar, aformosear: xx, 7, 14.

aginha, de pressa: xliii, 3 (agynha). Alterna com *asinha*.

al: iii, 20 (all), na phrase: «*all* dizem com as lingoas e *all* teem nos seus corações» = uma cousa . . outra cousa.

ala, asa: xxiii, 17 (alla). Alterna com *aa*. Latinismo.

alá, lá: xxxviii, 14 (alla).

alcalde: xxxiv, 11 (alcayde). Nas instituições medievas era o governador de um castello ou provincia. A definição ajuda a expressão que se lê na l. 36: «nem percaedes por ende a *terra*». Cfr. A. Herculano, *Hist. de Portugal*, iv (1.^a ed.), 134-135.

aldea, aldeia: xii, 2, 3.

alegaçom, allegação: lx, 9.

alevantar, levantar: xxi, 9 («nos nom *aleuantemos*»). Alterna na mesma fabula, 12, com *levantar* («nom sse podem *leuamtar*»).

algo, bem: viii, 7. Propriamente *algo* é o lat. *aliquid*, mas no nosso texto tem a significação que indico, i. é: o lobo faria muito bem á grua, dar-lhe-hia muito dinheiro, ou outra cousa de valor. *Algo* «equivale a alguma cousa, fazenda, bens»: *Dicc. da Ling. Port.* de Moraes; *receber algo*, ib. Em gallego ant. «et que gannaua grand' *algo*»: *Cantigas de Affonso o Sabio*, ii, 296. Hesp. ant.: «partir sus *algos*» = sua fazenda: *Dicc. da Acad.* Hesp.—Cfr. *fidalgo* = filho d'algo.

algũa, alguma: passim.

algũu, algum: xi, 3. Os *uu* são etymologicos: vid. s. v. *ũu*.

alheo, alheio: v, 11: xl, 29.

alimalla, animalia: xvi, 9; xlvi, 12. No primeiro passo alterna com *animalia*. A fórma antiga mais usual é esta ultima e *alimaria*, por ex.: no *Leal Conselheiro*¹ e noutos textos.

alimpar, limpar: xxiii, 10.

amaestramento, ensino, doutrinação: xli, 25. Cfr. o voc. seguinte. Alterna com *ameestramento*.

amaestrar, ensinar, doutrinar: xxxii, 30; xl, 27. Alterna com *ameestrar*, *amoestar* e *amostrar*.

¹ Quando eu citar o *Leal Conselheiro*, entenda-se que sigo a edição de J.-I. Roquete, Paris 1854 (comquanto não seja isenta de defeitos).

amar, desejar: LV, 10, na phrase «eu amo mays». Cfr. fr. *j'aime mieux*.

ameaçar (intransitivamente), fazer ameaça: XI, 5.

ameestramento, ensino, educação: LV, 18. Alterna com *amaestramento*. Cfr. *amostramento*.

ameestrar, ensinar, educar, doutrinar: XIV, 10; LV, 18. Cfr. *amaestrar*, *amoestar* e *amostrar*.

amoestar, admoestar, avisar, ensinar, exhortar: prol., 15; XIX, 19; XXII, 9. Cfr. *amaestrar*, *ameestrar*, *amostrar*.

amorio, cordialidade: LXIII, 5.

amostramento, ensino, exhortação: XLII, 17. Cfr. *ameestramento* e *amaestramento*. Também em hesp.: *amostramiento*.

amostrar, ensinar, avisar, mostrar: XXXIII, 12; XXXVIII, 1; XXXIX, 1; XXXV, 12; XXXVI, 12. Cfr. *amoestar*, *ameestrar* e *amaestrar*. Em hesp. arc. *amostrar* no sentido de «instruir ó ensinar»; vid. *Dicc. da Acad. Hesp. No Poema de Fernan Gonçalez*, ed. de Marden, Baltimore 1904, vem *demonstrar* na mesma accepção, estr. 2.—Nas fabulas de Marie de France encontra-se também o correspondente vocabulo *mustrer*, em correlação com *essample* «exemplo», como nas nossas, mas significa «mostrar», «contar»: «e por *essample* li *mustra*», prol.; «*cest essample vus vueil mustrer*», IV, 15¹.

andar, ir: XII, 2 (*amdar*); XXVI, 1 (*id.*); XXVII, 1 (*id.*), 11 (*id.*); XXIX, 2, 3. O quarto passo é: «*amdava a caçar das alimarias aa ssilua* = ia ao bosque caçar; cfr. no *Leal Conselheiro*, cap. VI, p. 47: «se me vem hũa voomtade de hir a monte ou caça», onde *hir a monte*, que significa «ir á caça grossa», representa a fôrma primitiva da expressão. Em ital. *andare* significa «ir»; o *Dicc. da Acad. Hesp.* traz também *andar* = «ir», em accepção familiar.

anojar, enfadar, molestar: XXIII, 19.

ante. Emprega-se: 1) como preposição, e significa—perante, deante de: XLV, 16 (*amte*); 2) como adverbio, e significa—anteriormente: LI, 10 «comcorda com as outras duas *amte dictas*»², e—pelo contrário: LXII, 7 (mas *amte*); 3) fazendo parte de uma locução conjuncional, *ante que*—antes que: XLVIII, 13 (*amte que*).

antre, entre: IV, 1 (*amtre*); XVI, 4 (*id.*); XXX, 2.

¹ Vid. *Die Fabeln der Marie de France*, ed. de Karl Warnke, Halle 1898. Cfr. também L. Foulet na *Zeitsch. f. rom. Philol.*, XXIX, 316.

² No ms. está também em duas palavras. Hoje escrevemos *antedicto*, considerando *ante-* como prefixo, por isso que *ante* já não se usa como palavra avulsa.

apostar, concertar, compôr, dispôr: XLVI, 18.—Em hesp. arc. *apostar* «componer», «ataviar» etc.: vid. *Dicc.* da Acad. Hesp.—Deriv. do lat. *positus*¹.

aquel, aquelle: xxxi, 9 (aquell); xxxii, 25 (id.); xxxiv, 11 (id.).

aquello, aquillo: iv, 5 (aquelo); xvi, 17.

aqueentar, aquentar, aquecer: x, 8. Os *ee* são etymologicos: arc. *acaentar*. Deriv. do lat. *ca(1)ere*.

aquesta, aqueste, esta, este: passim. Alternam com *esta* e *este*, sem differença de significação, como se vê d'estes exemplos: «*Aqueste Exopo*», prol. 6; «*Este Exopo em aqueste sseu liuro*», prol. 9; «E assemelha *este* sseu Ijuo», prol. 13. Na moralidade das fabulas lê-se a cada passo: «Per *aquesta* hestoria», «Per *esta* estoria», «Em *aquesta* hestoria», «Em *esta* hestoria». O emprêgo de uma ou de outra d'estas fórmas dependia provavelmente do gôsto do escriptor, que assim variava o estilo.

aquesto, isto: XLIX, 8.

ardimento, atrevimento, ousadia, audacia: xxix, 15. Cfr. *ardir*.

ardir, atrevimento, ousadia, audacia: xxix, 9. Cfr. *ardimento*.

A palavra *ardir* creio que não foi ainda registada nos nossos dictionarios; pelo menos não vem no *Elucidario*, nem nos Dictionarios da Academia, de Moraes, do Caturra, de Cortesão. Propriamente *ardir* é verbo, mas está aqui em accepção de substantivo (verbo substantivado).—Cfr. fr. ant. *hardir* e mod. *enhardir*; ital. *ardire*. De origem germanica: cfr. got. *hardus* «rude», «aspero»; all. *hart* «duro», «forte».

Arguo, Argo: XLIV, 15 (Arguu), 17 (id.), 22 (id.), 29 (id.).—Vid. a annotação que adeante farei a esta fabula.

armuzello, armadilha de apanhar peixes, ou mais provavelmente «anzol»: xxxiv, 47, 48. O segundo passo diz: «o pescador pesca os peixes com o *armuzello*»².

¹ Digo que a palavra vem de *positus*, e não de *posto*, por causa do hespanhol. Em port. arc. ha *aposto* no sentido de «adequado», por ex. na *Lenda de Barlaão e Josaphate (sic)*, sec. xiv, ed. de Vasconcellos Abreu, p. 6: «deolhe . . mancebos autos e *apostos*»; mas aqui a palavra tem como etymo o lat. *appositus* «apropriado».

² Esta palavra é sem duvida a mesma que *armazello*, citada por Viterbo, *Elucidario*, s. v. «santello», como vinda nas actas das côrtes de Lisboa de 1434. Resta porém saber se é effectivamente *armazello*, ou se estará a por *u*. Consultando eu sobre o assunto o Sr. Pedro de Azevedo, Conservador da Torre do Tombo, respondeu-me o seguinte: «Não encontro as actas das côrtes de Lisboa de 1434. Mesmo ellas não foram em Lisboa, mas sim em Leiria e depois em

arrefões, refens: XXXVIII, 10, 11.

arrepender, arrepender: XLVII, 12, 13, 14. Alterna, ib., 15, com *rrepemder* («e rrepemdermo-nos»).—Os dois *ee* são etymologicos: lat. *repentere* = **re-peneter*(e). (Em *rrepemdermo-nos* escreveu-se só um *e*, talvez porque *rrepem* || está em fim de linha no ms.).

arriba de (= a riba de), acêrca de: III, 2; x, 2.—Tambem podia transcrever-se *a rriba de*.

arroido, ruído, sussurro: LVII, 3 (arroydo); briga: XIV, 13 (id.); XXIII, 40.

artefcioso, artificioso, feito com arte, distincto: I, 7.

arvor, arvore: XIII, 4, 9; XV, 1.

asconder, esconder: prol. 18 (ascomdido); XLIV, 6 (ascomder); LI, 6 (id.). Alterna com *esconder* no prol. 19, e em XLIV, 9.

asinha, de pressa: XV, 10.—Vid. *aginha*.

ascentar, sentar: XIX, 3, 12.—Os *ee* são etymologicos: lat. **a s - s e (d) e n t a r (e)*.

assembrado, reunido: XXX, 12 (assenbradas).

assl, assim: prol. 18 (assy); III, 3 (id.); tão: XV, 6 (assy); XXXVII, 8 (id.).

Santarem (J. P. Ribeiro, *Memoria sobre as Fontes do Codigo Philippino nas Memorias de Litterat. Port.*, II, 80). D'estas côrtes ha uma certidão de bastantes capitulos no cartorio da Camara do Porto». Na Bibliotheca Nacional de Lisboa, secção dos Manuscritos, existe uma cópia das actas das mencionadas côrtes de Santarem, segundo a citada certidão da Camara do Porto, mas, num rapido exame que nella fiz, não encontrei lá infelizmente nenhuma das fórmulas da palavra de que se trata.—Esta é possivel que desaparecesse do uso geral; pelo menos não a encontro no glossario do *Estado Actual das Pescas em Portugal*, de Baldaque da Silva, Lisboa 1891. No *Dicc. da Ling. Port.* de Fonseca & Roquete vem, como palavra arcaica, *armasello* (com *s*), a que se dá a seguinte definição: «armadilha ou rede de pesca»; mas provavelmente isto baseia-se no *Elucidario*. O Caturra, no *Novo Dicionario*, s. v. «*armasêlo*», repete, resumindo-o, o que diz o *Dicc.* precitado; só não appõe á palavra nota de arcaismo.—Já depois de composto na imprensa o que fica dito, se publicou outro texto em que se lê *armuzello*, no sentido de «anzol»: vid. *Rev. Lusit.*, VIII, 247 (texto do sec. XIV). Em vista de esta repetição da fórmula *armuzello*, com *u*, é possivel que o *armazello* do *Elucidario* seja inexacto, e portanto os *armasellos* dos dicionarios que o copiaram.—Talvez *armuzello* derive do lat. *h a m u s* «anzol» por cruzamento com a palavra *armar* (e *armadilha*). Incidentemente notare que *ancinho* (variante popular *encinho*) me parece resultar do cruzamento de *hamus* ou **hamycinus* com *uncinus* (que vive no it. *uncino*), d'onde viria *(h) a n c i n u s, que explica juntamente o it. *ancino*. A mesma familia perence *anzol*, e pertencerá tambem *engaço* (gall. *angaço*, hesp. *angaço*).

assolver, absolver: LX, 9.

astroso, de mau agouro, mofino: XV, 11 (id.); XXII, 3.

atá que, até que: IX, 4 (ataa), 8 (id.); X, 11 (id.).—Os dois *aa* de *ataa* são orthographicos (para indicarem *a* aberto) e não etymologicos: arab. *h a t t a*¹; cf. hesp. arc. *ata*.

atanto (d'), tanto: XLI, 28. Cfr. *d'atanto* e *atanto* em D. Denis, *Liederbuch*, ed. de Lang, vv. 817 e 905.

atre vessar (se não ha êrro no ms.), atravessar: VIII, 3 (atreuessar). Alterna com *trauessado*, VIII, 12².

auga, agoa: X, 2; II, 6 (augua); XXIII, 6 (id.); LVII, 4 (id.).—Embora se escreva por vezes *augua*, soava *auga*, como o prova X, 2 (e é ainda hoje fôrma popular); *-gua* é mera representação de *-ga*. Vid. adiante a secção da Orthographia, e o vocabulo seguinte.

augacento, aguacento, aguado: XIX, 4 (augaçemto). Vid. *auga*.

avangelho, evangelho: XLV, 37. Ainda hoje é fôrma popular.

avantagem, vantagem: XLIII, 13.

avante (d'), perante: XXIV, 2 (dauamte); XXVIII, 5 (dauante).

aventura (per), por acaso: XXIII, 32 (aentura).

aventurança (bem), bem-estar, prosperidade: VII, 12 (aumenturamça): XVI, 13 (aemturanças).

aver. Vid. *haver*.

aversidade, adversidade: LXI, 69 (auerssidades).

avir, advir, acontecer: XXXIV, 4 (aueo).

avondar, bastar; II, 10 (auonda).—No mesmo sentido se diz ainda hoje na Beira-Alta *bondar*.

az, ala, fileira: XXX, 4 (aazes), 5 (id.).—Em *aazes* os dois *aa* são meramente orthographicos, pois o etymo está no lat. *a c i e*.

B

bibera, vibera: XXXVII, 1, 3, 4.

boglio, bugio: XXIV, 2, 3. Tambem ib., 7, se lê *bugio*, com *u*, como hoje se escreve.

boo, **bõo**, bom. Não ha duvida de que estas duas fôrmas da mesma palavra alternam entre si. Os exs. de *boo* são muito nume-

¹ Dozy & Engelmann, *Glossaire des Mots Esp. et Port. deriv. de l'Arabe*, Leiden 1869, p. 286.

² Como em VIII, 12, a phrase é na *guargamta trauessado*, poderia suppôr-se que *trauessado* estaria por *atrauessado*, tendo havido na escrita fusão do primeiro *a* com o *a* final de *guargamta*; todavia Moraes cita *travessar*, e ha em gallego ant. *travessar*, em hesp. ant. *travesar* em fr. *traverser*, etc.

rosos: II, 28; XI, 2, 12; XIX, 23; XXIII, 30, 39; XXV, 16; XXVII, 27, 30; XXX, 18; XL, 3; XLVI, 5; L, 18; LVI, 11, 14; LXII, 20; e no plural (*boos*): XXVI, 20; XXVII, 27; XXXVI, 14; LXII, 20. Tal abundancia de exemplos mostra que em *boo* não falta til, e que pelo contrario essa fórma era viva, como hoje o é ainda no povo, simplificada em *bô* (Beira-Alta); em gallego mod. *bó*. Exemplos de *bôo*, escrito por vezes *boom* e *bom*: XXV, 2; IV, 20; VIII, 21, 22; XIV, 4; XXVII, 26. Ha uma fabula, XXVII, em que, como se vê, concorrem *boo* (duas vezes), *boos* e *bom*; ha outra, XXV, em que concorrem *bôo* e *boo*. Os *oo* são etymologicos: lat. bo(n)u-. lat. *bono- = bonu-. O feminino é sempre *boa*, que corresponde a *boo*: II, 13; III, 18; XXVII, 30; no pl. (boas): XXVII, 29¹.

braadar, bradar: II, 9; XIII, 12; XVII, II. Mas *bradar*: XVI, 8 (bradaua), sem ser em fim de linha; provavelmente escapou um *a*. — Exemplos de *braadar* empregado transitivamente: XLVI, 9-10 («braadar altas vozes»); LII, 8 («eu b[raa]darey² altas vozes»). — Em *braadar* os *aa* são etymologicos: cfr. hesp. *baladrar*, onde se mantem o *-l-* etymologico que desapareceu em portuguez.

branchete, certo cãozinho: XVII, 1 (bramchete), 2 (id.), 8 (id.). — Esta palavra, que não encontro archivada ainda nos nossos lexicos, é sem duvida a mesma que a hespanhola *blanchete*, a que os dictionarios dão a significação de «perrillo ó gato blanquecinos», «perro faldero»³. O *ch* mostra que ella veio do francês (*blanchet*) para as lingoas da Peninsula.

brasfamar, blasphemar: XXXIII, 10.

burgês, burguez: XXXVI, 1, 6, 7. — Como a palavra se repete tres vezes, é mais que provavel que não haja erro de *g* por *gu*,

¹ Se na lingua actual existe *bô* (pop.) e *boa*, que correspondem a *boo*, a par de *bom* e *bôa* (pop.), que correspondem a *bôo*, não admira que no ms. se encontre *boo* conjuntamente com *bôo*. Hoje é ainda frequente em Lisboa ouvir á mesma pessoa (nas proprias classes que tem certa educação) *bôa* a par de *boa*. E quantas incertezas não temos na orthographia, correspondentes ás incertezas da pronúncia? Por ex.: *noite* e *noute*; *Doiro* e *Douro*. Nas nasaes citarei *lage* (fórma usual) a par de *lagem* (que tambem tem algum uso, e que é mesmo dada pelo *Dicc. de Rimas* de E. de Castilho e por outros). Igualmente é frequente em Lisboa, até na gente culta, *mença* (que porém não se escreve) concomitantemente com *mesa*.

² Restitui *b[raa]darey*, com dois *aa*, e não com um, porque o espaço os exige.

³ *Dicc. de la Leng. Cast.* da Acad. Hesp., s. v.; *Nuevo diccion.* de R. Barcia, s. v.

embora na fab. III, 8, esteja *legemos* = *leguemos*¹; de facto o uso geral do ms. é representar por *gu* o *g* guttural. Com *burgês* cfr. *burgés* em Viterbo, *Elucidario*, s. v., comquanto elle a par cite *burgues*²; e cfr. principalmente hesp. arc. *burgés*³ e fr. *burgeois*. Deve entender-se que o *burgês* do Fabulario, a ser exacta a explicação que dou, vem directamente de *burgense*-, como o hesp. e o fr., ao passo que a moderna fôrma *burguês* deriva de *burgo*; tambem em hesp. mod. ha *burguês*, que, do mesmo modo, vem de *burgo*.

buscar: emprega-se intransitivamente em XXI, 3.

C

1. **ca**, porque: XX, 11; XLII, 9; etc.—Do lat. *quia* ou *quã*.

2. **ca**, do que: XVII, 17.—Do lat. *qua* (m).

cabrom, cabrão, bode: XXXII, 17. Na mesma fab., 2, emprega-se *bode* como synonymo. Alterna com *cabram* em LX, 2, 5, 10, a não haver, como parece que não ha (pois *cabram* repete-se tres vezes), erro de *a* por *o*.

cajom, occasião, causa: XXXIX, 11, 15. Em II, 24, *buscar cajom* (*contra rrazom*) = buscar pretexto.

cam, cão: V, 11; XXXVI, 9. A pronúncia era certamente *cã* (no pl. *cãaes*: XXXIII, 6); cfr. gall. *can* (= *cã*), hesp. ant. *can*.

carriça, carne morta, em grande quantidade: VIII, 2.

çarrar, fechar⁴: LVIII, 2.

cárrega, carga: XLIII, 2 (carregua).

carretar, acarretar: XIII, 8; XXIX, 10. Comquanto nas phrases onde entra esta palavra as palavras antecedentes a ella terminem em *a*, não parece que *carretar* seja êrro por *acarretar*, pois Moraes cita tambem *carretar*. Cfr. o subst. vb. *carrêto*, que faz pre-suppor esse verbo.

caso (per), por acaso: XXXIV, 4.

¹ A fôrma *legemos* = *leguemos* é de origem litteraria (a fôrma popular que lhe corresponde é *liemos*), e por isso nunca ahí *g* podia ser palatal; o conjunctivo baseia-se em *legar*, por analogia com os outros conjunctivos da 1.ª conjugação.

² Neste caso e em *burgés*, Viterbo escreve por êrro *ɣ* em vez de *s*.

³ Vid.: *Dicc.* da Acad. Hesp., s. v.; M. Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, Madrid 1904, p. 126; Meyer-Lübke, *Gram. der Rom. Spr.*, II, § 473.

⁴ Em portuguez moderno (pelo menos na Beira), *cerrar*, fallando de porta ou janella, significa «fechar incompletamente», «encostar»; mas na fabula de que se trata, *çarrar* significa «fechar completamente», como o hesp. *cerrar*.

castigamento, acto de castigar, correcção: xxxvi, 13.—Vid. *castigar*.

castigar, emendar, corrigir.—Vid. outros exs. classicos d'esta accepção em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.* É a do lat. *castigare*, em phrases taes como *castigare vitia*.

celestial, celestial: xl, 34 (celestriall).

cento, cem: «çento olhos» (bis), xliv, 23; mas esta expressão alterna com «cem olhos», ib., 15.—Na lingoa moderna *cento* emprega-se como substantivo, mas nos textos arcaicos, como aqui, *cento* pôde empregar-se adjectivamente, como em latim, no sentido de «cem». Outros exs. dos seculos xiv e xv são: «cento annos» na *Vida de Santa Maria Egipcia*¹; «Nosso Senhor outorga .. cento por hûu», no *Leal Conselheiro*².

certo, certamente: i, 7 (çerto). Adjectivo adverbial.

cervo, veado: xliv, 1 (çeruo).—Que a palavra foi muito usada em port. arc. mostra-o ainda o onomastico moderno, que mantem como que estereotypadas muitas palavras antigas, neste caso *Cerva*, *Cervo*, *Cervos*, *Cerveira*.

chanto, pranto: xxxiv, 7.

cheo, cheio: lv, 6.

cobiça, cobiça: v, 11 (cobijça). Os dois *ii* são etymologicos: *cupi(d)itia; cfr. prov. *cobezeza*. A nossa palavra tem aspecto semi-popular. Vid. infra *cobiiçar*.

cobiiçar, cobiçar: xv, 8 (cobijçar).—Vid. supra *cobiça*.

collo, pescoço: viii, 15.—A palavra hoje é pouco empregada neste sentido.

color, côr: x, 5.—A palavra apparece noutros textos antigos, por ex.: nos *Ined. de Alcob.*, i, 234; no *Leal Conselheiro*, p. 264 (traducção de um *Tratado* de S. Thomás). A par de *color* encontra-se tambem na litteratura antiga frequentemente *coor*. Na *Cronica Troiana* (gallego do sec. xiv) ha igualmente *color* e *coor*. A fórma *color* é mero latinismo. Só *coor* é legitimamente popular (mod. *côr*), pois -l- latino syncopa-se.

como, quando, logo que: xxvii, 12.

companha, companhia: xl, 5.

comparaçom, comparação: xi, 15.

¹ *Anciens Textes Portugais*, publicados por J. Cornu, Paris 1882 (extr. da *Romania*, xi), p. 25.

² Cap. xxxii, p. 190.

começar, começar: IX, 12; XX, 2; XXXIV, 44.— Alterna com *começar* (XVII, 9).

comprido, cheio, provido: XXXIV, 51; completo: XLIX, 5.

compridoiro, necessario, respeitante: I, 8-9; LXIII, 18.

comprir, convir, competir, importar: XI, 3; LV, 10; XXI, 10; XXIII, 34.

condiçom, condição: VI, 2 (comdiçom); XIII, 17 (id.), etc.

confêssom, confissão: LX, 6. Alterna com *confissom* na mesma fabula.

confissom, confissão: LX, 13 (confissom). Vid. *confêssom*.

conhocente, conhecedor: VIII, 21 (conhoçemtes).

conhocer, conhecer: I, 6 (conhoçesse); IV, 18 (conhoçer). Alterna com *conhecer*, XXVIII, 9 (conheçeo).—A fórma *conhocer*, muito frequente na lingua antiga, é mais arcaica do que *conhecer*, porque assenta no lat. *cognoscere* (cfr. hesp. *conocer*), ao passo que *conhecer* me parece ser mera dissimilação de *conhocer*, facilitada talvez pela presença da palatal *nh*; em gallego mod. ha *conhecer*, como em português mod., e *conecer*, por influencia do hesp. *conocer*; em gallego ant. ha *coñoscer*, como no nosso texto.

conselhar, aconselhar: XXXVII, 9 («eu te conselho»).

contestar, XXVI, 18, na phrase: «a pequena força nem se deve *contestar* com a grande», i. é: não deve disputar, bater-se.—Toda-via o Sr. Epiphanio Dias nota-me que talvez deva emendar-se em *contrastar*, de acôrdo com XXXVII, 14.

contra, na direcção de: II, 7.

contrastar, contender, medir-se: XXXVII, 14. Vid. supra *contestar*.

contrairo, contrario: XXXII, 34; LVIII, 15. *Fazer contrairo*: vid. a annotação á fab. XXV, 9.

coobra, cobra: LIX, I, 3 (vid. *Erratas*). Alterna com *cobra* em LIX, 9, com um só *o*, porque no ms. esta palavra está em fim de linha. A duplicação do *o* em *coobra* é etymologica: lat. **co(l)obra* = *colubra*.

coraçom, coração: IX, 22; XXII, II.

cordeiro. Apesar de a palavra *cordeiro* ser masculina, e em port. arc. existir *cordeira*, que lhe corresponde como fórma feminina¹, nota-se na fab. LV, 9, que o cordeiro, fallando de si, diz *filha*, e mais abaixo *ssegura* (embora o lobo, ib., 5, lhe chame *filho*,

¹ Por ex., na *Vida de Eufrosina* (sec. XIV): «quem foy aquel que espadaçou a minha *cordeyra*?» em Cornu, *Anciens Textes Portugais*, p. 6.

porque *filho* estará aqui em sentido geral). E de facto na fab. LVIII, que concorda com esta, a *cordeiro* corresponde *cabrita*. Por isso, na mente do autor, *cordeiro* parece ser nome epiceno; e dar-se-ha aqui a especie de concordancia que os grammaticos chamam syllepse de genero¹.

couce, calcanhar: xxix, 14. O cavallo diz ao asno: «nom quero em ty luxar os meus *couces*», i. é. «patas traseiras». Do lat. *calcē-*, «calcanhar»². Ainda hoje dizemos metaphoricamente «no *couce* da procissão», por «na retaguarda».

cousa, nada: iv, 6, na phrase «que lhe nom prestára *cousa*». Cfr. *Leal Conselheiro*, cap. x, p. 62-63: «sem o Padre, *cousa* nom poderia fazer». Os exemplos d'este uso em port. arc. são numerosos. Cfr., quanto á evoluçãõ do sentido, o fr. *rien* < lat. *rem* «cousa».

cras, amanhã: xx, 12.

creer, crer: ix, 18; xv, 15.

cruevees, crueis: xiii, 16 (crueuees). O singular é *cruevel* ou *cruevil*, por isso que no ms. alternam entre si adjectivos em *-vel* e *-vil* (e *-bile*): vid. nota 4 á fab. lvi; o sing. de *cruevees* não se encontra por extenso. A fórma *crueuees* alterna com *cruees* em xxxi, 15; sing. *cruel*, lxii, 12. Noutros textos antigos encontra-se tambem *cruevel* e o pl. *crueviis*³. Deve admittir-se que no lat. vulg. da Lusitania houve o adjectivo **crudébilis*, correspondente a *crudelis*, por analogia com outros, como *flebilis*, *delebilis*⁴.

¹ Convem a este proposito observar o seguinte: Em algumas terras da Beira-Baixa (Fozcõa) e do Baixo-Minho (Braga, Guimarães) não se usa a palavra *cordeira*, e sómente *cordeiro* (ou *cordeirinho*), que tanto se applica ao macho, como á femea: os *cordeiros*; todavia no Minho o mais vulgar é *anho*, *anha* (*anhinho*, *-a*); e em Fozcõa ha *borrêgo* e *borrêga*, com quanto estes nomes se dêem a animaes um pouco mais velhos que o *cordeiro*.—Em hesp. ha *cordero*, *-a*; em mirandês *cordeiro*, *-a*. Quanto ao gallego, os dictionarios só citam *cordeiro* (Javier, Piñol, Valladares); não encontro nelles *cordeira*.

² Cfr. o seguinte exemplo em Phedro, *Fabul.*, I, xxi, 8-9:

... Asinus, ut vidit ferum
Impune laedi, *calcibus* frontem extudit.

³ Vid. *Ined. de Alcobaça*, II, 268 e 109, fórmas já colligidas por Cortesão, *Subsidios para um Dicc. da Ling. Port.*, s. v.

⁴ A formação é comtudo irregular, porque os adj. em *-bilis* são formados de verbos, e o *e* de *flebilis* e *delebilis* pertence ao thema: *fle-bilis*, *dele-bili-s* (thema ampliado); ao passo que *crudelis* é formado do adjectivo *crudus*, com o suffixo *-eli-s*. Neste caso o povo regulou-se apenas pela terminação, e substituiu *-élis* por *-ébilis*.

cruevelmente ou **cruevilmente**, cruelmente: LVI, 7 (crueülmente); e vid. a respectiva nota. Cfr. *cruevees*.

cutelada, cutelada ou cutilada: LIV, 2. Na mesma fab., linha 6, vem *ferida* como synonymo. Propriamente *cutelada* significará aqui «pancada com um cutelo», e não «ferida com derramamento de sangue», como hoje; cfr. *espadeirada* na lingua usual, e *firir* neste Vocabulario.

cujo, de quem: IX, 10 «cuja era a casa»; XLIV, 31 «cuja ha (= a) cousa era».

curar, ter cuidado de (empregado transitivamente): LXI, 4 («avia curado sseus caualeiros»). Cfr. o lat. *curare*.

D

dapno = damno: II, 10. O *p* não tem valor phonetico, é meramente orthographico.

dar. Vid. a annotação á fab. XXIII, 27.

débile, debil: XXXVII, 13 (debille).

demonstrar, mostrar: III, 21.

dereito, -a, justo, -a: VI, 4 (derejta); LXI, 40 (derejto), 65 (id.). Substantivado: «segundo *derejto* da ley», LX, 8; «segundo *derejto* canonico e ciuel», LX, 14.

desapossado, sem fôrças, fraco: LXI, 3.—Ao exemplo que traz o *Elucidario* de Viterbo (sec. XIV) junte-se pois mais este, e o que vem no *Leal Conselheiro*, cap. 1, p. 16: *desaposados* (sec. XV).

descontamento, desconto: VIII, 17 «sseja descontamento do seruiço» = seja em desconto. Deriv. de *descontar*.

desembargar, desembaraçar: IX, 11.

desemparar, desamparar: XXX, 21 (desamparar).

desperar, perder a esperança: LVII, 15. O proprio texto dá a definição: «aquelle que perde a esperança, ligeiramente sse despera». O verbo não vem nem no *Dicc.* de Moraes, nem no do Caturra; apenas este e o de Cortesão citam *desperança*. Etymo: lat. *desperare*.

despreçar, não dar apreço, desprezar, depreciar: I, 13; XI, 14-15; XXXIII, 13; LVI, 12.

destroir, destruir: XLVIII, 5 (destroyr).

1. **Deus**. Na fab. LX, 13-14, lê-se: «a confissom fecta per medo e temor nom vall segundo *derejto* canonico e çiuell, nem *ssegundo*

Deus. Vê-se pela enumeração *dereito civil*, *dereito canonico*, que *segundo Deus* quer dizer — direito que provém de Deus, i. é, *direito divino*¹. Também no testamento de D. Affonso II (sec. XIII) se lê: «e elles as depártiã segūdo deus»². No *Leal Conselheiro* (sec. XV) encontro: «aquella tristeza, que he *segundo Deos*, obra peendencia stavel para a saude; a tristeza do segle obra morte», onde *segundo Deos* se oppõe a *do segle*, i. é, «mundana», e significa como o proprio D. Duarte explica mais adeante: «aquella [tristeza] que descende de Deos»³. Outro ex. da mesma obra: «ao sprito da tristeza, que nom he *segundo Deos*, devemos a fugir»⁴.

2. **deus** = plural? Vid. a annotação á fab. XLVII.

Diaboo, Diabo: XLV, 42.

dinheiros. No plural, em circumstancias em que nós hoje poríamos collectivamente o singular: «hũa ssoma de *dinheiros*», XXXV, 5; «ho auaro he seruo dos jdoles .s. dos *dinheiros*», XLII, 20-21; «quem serue aos *dinheiros* serue aos jdoles», XLII, 21; «cobijça de *dinheiros*», XLV, 32. Cfr. no *Leal Conselheiro* (sec. XV): «nom penssem que a justiça de Deos he cousa que se possa vender como se dessem pellos pecados *dynheiros*»⁵. Em hesp. do sec. XIV:

.. aora que estas lleno
.. de pan e de djneros ..⁶

discreçom, discrição: LVI, 17. Alterna com *discriçom*: vid. este vocabulo.

discriçom, discrição: XXXVI, 13. Vid. *discreçom*. — A fórma *discreçom* está mais proxima do lat. *discretione* — do que *discriçom*; todavia esta alterna, como vemos, com aquella. Também

¹ Num documento do sec. XVI encontro expressamente *dereito deuino*: «do arroz dous dizimos, hũ que he *dereito deuino*, que eu tenho por bulla do santo padre, e outro dizimo de direito (*sic*) a [prepos., ou por *d*] minha fazenda». Vid. *Archivo Hist. Port.*, I, 380.

² Este testamento foi publicado pelo Sr. Pedro de Azevedo na *Rev. Lusit.*, VIII, 80 ss. O trecho que cito vem a p. 82. Repete-se a phrase a p. 83.

³ Cap. XVIII, p. 110.

⁴ Cap. XVIII, p. 111.

⁵ Cap. LXXXVIII, 426. — No cap. LXII, p. 236, *dinheiros* póde porém também estar no sentido geral de «moedas». — O *dinheiro* era uma moeda antiga.

⁶ Arcipreste de Hita, *Libro de Buen Amor*, ed. de Ducamin, Tolosa 1901, est. 255.

no *Leal Conselheiro* (sec. xv) se lê *descliçom* p. 25, *discliçom* p. 28, *discreçom* p. 46. — Em hesp. ant. ha *discriçion*, tambem com *i*¹.

× **doctor**. O *c* não tem valor phonetico, é meramente etymologico: lat. *doctor*. A fôrma genuina no nosso texto é *doutor*.

— **donezinha**, doninha: xxv, 13. Esta fôrma não estava ainda archivada nos nossos dictionarios.

doo, dó: x, 5; LXI, 27. — A duplicação do *o* é etymologica: lat. *dolus*, que vem no *Corp. Inscr. Lat.*, XIII, 905; a esta fôrma corresponde hesp. *duelo*, prov. *dol*, fr. ant. *duel*. Cfr. *Literaturblatt für Germ. u. Rom. Philol.*, XXVI, 206.

douctor, doutor: VII, 11. Vid. supra *doctor*.

durar, supportar: XXIX, 20; XLI, 5. — A palavra, neste sentido, não foi ainda archivada nos nossos lexicos. Cfr. em hesp. arc. *endurar* «soffrer»², e fr. *endurer*, por ex. na phrase «endurer le froid». Tambem no Cancioneiro de D. Denis se acha *endurar* no mesmo sentido³.

duravil. Póde ser assim, ou *duravel*. Vid. xx, 12, 13 e respectivas notas.

E

el, elle: prol. 11 (*ell*) e passim.

elamento, elemento: xx, 8. — Esta fôrma encontra-se tambem num ms. do sec. xv, da Bibliotheca Nacional⁴. Não foi ainda archivada nos nossos lexicos. O *a* por *e* póde explicar-se por influencia do *l* seguinte.

¹ O *i*, por *e*, tanto em port. como em hesp., é provavel que resulte de influencia do de *discrimen*, *discriminare*; o *cl* das fôrmas usadas por D. Duarte resulta da oscillação que na lingua antiga havia entre esse grupo de sons e *cr*, oscillação motivada originariamente pela phonetica (cfr. *craro*, *claro*; *cramol*, *cramor*, *clamor*), embora depois influisse nella a analogia falsa, como aqui. Escusado seria notar que todas as fôrmas que cito nesta nota e no texto são de origem litteraria.

² *Poema de Fernan Gonçalez*, ed. de Marden, Baltimore 1904, p. 49, est. 339 a:

No se omne en el mundo que (lo) podies[s]e *endurar*.

Incidentemente notarei que este verso me parece dever corrigir-se assim:

No se omne en el mundo que-l' podies[s]e *endurar*.

³ Vid. *Das Liederbuch*, ed. de Lang, Vocabulario, s. v. *endurar*.

⁴ *Cod. illuminado*, n.º 94.

ello, isso: xxiii, 29; xxxiv, 20.

emlgo, inimigo: xvi, 15 (emijgo); xxxix, 13 (emijgos). Alterna com *imiigo*: vid. este vocabulo. No *Leal Conselheiro* (sec. xv) tambem: *emiigo*, p. 15, a par de *inmiigo*, p. 256.—O duplo *i* pôde ser orthographico. Para ser etymologico, era preciso admittir a serie: i n i m i c u - > * i m i (n) i c u > * i m ã i g o .

empceçer, empècer: xiii, 17; xxxvii, 4.—O duplo *e* é etymologico: lat. * i m p e (d) e s c e r e . Cfr. *Leal Conselheiro*, p. 30 e 240.

empero, porém, comtudo, todavia: xii, 18. Cfr. *pero*, que tem porém outro sentido.

encalçar, ir no encalço: vi, 8 (emcalçou).

encommendar, recommendar, deixar ao cuidado de: lv, 2 (emcomendou).

encontrar. Este verbo apresenta no Fabulario tres construcções: 1.^a) transitivamente: «aquell asno o encontrou», xxix, 21; 2.^a) reflexamente: «encontrou-sse com hũu pastor», xxvii, 3; 3.^a) intransitivamente, no sentido de *ter encontro*: «hũu asno encontrou com hũu porco montês», xi, 1; «hũu leom . . emcomtrou com hũu asno», xvi, 2. A ultima construcção é completamente arcaica. Cfr. em hesp.: «un asno que encontró con un león»³.

ende. Em xxvii, 16, «e d'emde a poucos dias», significa *ahi*. Em xxxiii, 3, «e tomava por *ende* grande prazer», e xxxiv, 36, «nem percaes por *emde* a terra», significa *isso*. Na origem *ende* < lat. i n d e significava «d'ahi»; mas assim como *onde* < lat. u n d e, que significava *d'onde*, passou a significar *onde*, por causa da junção pleonastica da preposição *de*, assim *ende* passou a significar *ahi*. O mesmo parallelismo se encontra na significação translata *isso*, pois *onde* tambem pôde significar *o que: por emde* «por isso», como *por onde* «pelo que».

enderençar, dirigir, encaminhar, dispôr, tratar de: iii, 1.—Pôde juntar-se mais este exemplo aos que traz Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, noutra accepção.—A par de *endereçar*, que se encontra já tambem nas *Cantigas gallegas* de Affonso o Sabio (por ex.: ii, 282), no *Leal Conselheiro* e na *Cronica Troiana*, temos em port. mod. *endereçar*, e em port. e gall. antigos *aderençar*.—No Minho existe ainda o verbo *enderençar* e o subst. verbal *enderença*, usados na linguagem das tecedeiras; em Trás-os-Montes *enderença* designa certa peça do carro.

³ *Libro del Sabio Ysopo*, Sevilha 1533, fab. xi, fls. xviii-r.

engradidõe, ingratição: viii, 23 (emgradidõe). — A terminação *-õe* < lat. *-tudine* e (neste exemplo *ingrati tudine*) é ainda corrente nos sec. xiv e xv: vid. Cornu, *Études de Phonol. Esp. et Port.*, p. 27.

enjuría, injuria: ii, 6 (emjuría); xviii, 12 (idem). Alterna com *injuria* em ii, 15.

enjurioso, injurioso: xxiii, 36, 37.

entençom, intenção: xxv, 17 (emtençom).

entender, tencionar: xii, 8 (emtemdya). Cfr. *Leal Conselheiro*, p. 44: «entendo screver».

entom, então: xiv, 6 (entom).

entrementes, entretanto: xxviii, 15 (entrementes que: «emquanto»).

entrevir, acontecer: xxxviii, 21 (entreueo). Cfr. hesp. *intervenir*, *entrevenir*, «acontecer», no *Dicc. da Acad. Hesp.*

enveja, inveja: prol., 8 (emveja).

enxemplo, exemplo, fabula: xviii, 12 (emxemplo), e passim. — O nasalamento inicial é frequente em palavras que começam pela syllaba *ex*. Cfr. num texto do sec. xiv a seguinte phrase, onde *enxemplo* apparece no mesmo sentido que no *Fabulario*: «asy como diz hũu *enxemplo* de hũu sabedor que tinha hũu filho que muito amava»¹. D. Duarte, sec. xv, emprega a palavra no sentido de «proverbio» no *Leal Conselheiro*, cap. xxxix, p. 223, e no sentido usual em muitos outros logares, p. 194, etc. Em hesp. arc. ha tambem *enxyemplo*, com *en-* inicial². — A respeito de *exemplo* (port.) e *enjiemplo* (hesp.), no sentido de «proverbio», cfr. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Tausend Portugiesische Sprichwörter*, p. 20, n.º 2.

er. Encontra-se na fab. xxxiii, 4, como particula reforçativa, junto de um verbo: «er esguardou, espelhamdo-sse na fonte». Do uso de *er*, quer nesta fórma, quer na fórma *ar*, se encontram muitos exemplos até o sec. xiv³. O Sr. Julio Cornu explicou *er* pelo pre-

¹ Cornu, *Anciens Textes Portugais*, p. 29.

² *Poema de Fernan Gonçalez*, est. 349-d:

Dellos toman enxyemplo los que han de venir.

fixo *re-* tornado independente¹. Em apoio de tal explicação está o facto de em francês arcaico se encontrar *re* também como adverbio². Da vitalidade do prefixo *re-* em português e hespanhol falla a Sr.^a D. Carolina Michaëlis na *Rev. Lusit.*, III, 183. Esta vitalidade favorecia o emprego adverbial do prefixo.

errar, agravar, offender, causar damno: XIX, 25.—Junte-se mais este exemplo aos que trazem Moraes e Cortesão nos seus Dicionarios. Também na *Demanda do Santo Graal*, sec. XIV: «por Deus, se vos errey en algũa ren»³. Em hesp. arc.: *errar* «ofender», «agraviar»⁴.

ervanço, grão de bico: XII, 5 (ervanços), 23 (heruamço). Cfr. também Moraes, *Dicc.*, s. v. «ervanço».

escarnecer. Empregado transitivamente: «ho rico . . escar neçe ao proue», XI, 16. Cf. Moraes, *Dicc.*, s. v.

escarnho, escarnio: XV, 13.

escarnido, escarnecido: XXVIII, 16. Participio do verbo ant. *escarnir*.

escatimoso, offensivo, malicioso: XXIII, 14.—Este adjectivo não estava ainda archivado nos nossos lexicos. Cfr. hesp. *escatimoso* no mesmo sentido.

escultar, escutar: XXIII, 13 (escuytou).

escusar, justificar: LXI, 11.

esguardar, olhar, attender, observar: XXV, 16; XXXIII, 4; XL, 17; XLIV, 17, 18. (Talvez deva pronunciar-se *esgardar*).—Vid. *guardar*.

espaancar, espancar: XXXVI, 5.—Os *aa* são etymologicos, pois o etymo remoto está no lat. p(h)a(l)anga.

esprever = escrever. O *p* não tem valor phonetico.

especia, apparencia: LIII, 8. Numa phrase: *so espeçia*, como em lat. *sub specie*.

esplandor, esplendor: I, 6 (esplamdor).

esqueecer, esquecer: XXVII, 25 (esqueeçer). Os *ee* são etymologicos: *esquecer* < *escaecer* < lat. *e x-c a(d) e s c e r e.

estávil, estavel: XXXIV, 42 (estauyll).

¹ *Romania*, IX, 580. Cfr. o mesmo periodico, XI, 87, onde junta exs. de *er* na linguagem dos personagens populares dos Autos de Gil Vicente.

² Meyer-Lübke, *Gram. der Rom. Spr.*, II, § 613, III, § 492.

³ Fl. 181-v., *b*: apud Cornu, *Romania*, XI, 93.—Outro exs., no texto impresso, pp. 63 e 98. Este ultimo é: «porque sentya que *lhe errára* do que auja feito».

⁴ *Dicc.* da Academia Hespanhola.

esto, isto: III, 21; IX, 20: XXVI, 2, etc.

estoria, historia: prol. 9; 1, 10 (hestoria).

estórva, estôrvo: XXXIII, 11. Cfr. *torva* no *Leal Conselheiro*, cap. XLII, p. 237. Tanto *estórva* como *estôrvo* são substantivos verbaes de *estorvar*; *torva* é subst. verbal de *torvar*¹.

estrever, atrever: XXX, 21 (*estrevendo-sse em ell*); LXI, 12 (*estreuessa*). Com a expressão *estreuendo-sse em ell* cfr. em port. classico *atrever-se em alguem*².

estroso, mofoino, mezquinho, desditoso: XXXIII, 11. Alterna com *astroso*: vid. esta palavra. No passo citado a mosca dirige-se á formiga: «como já te disse, tu és *estrosa* cousa»; ella diz *como já te disse*, porque na l. 3 chamára-lhe *formiga miçquinha*, d'onde se vê que *miçquinho* é synonymo de *estroso*.

F

(Procurem-se com *f*- as palavras que no texto vierem com *ff*-)

fallar. Usado intransitivamente na expressão *fallou e disse*, passim; cfr. num texto do sec. XIV «e o ydollo *falou-lhe e disse*»³. Usado transitivamente: «fallar . . cousas», XXXII, 6. Nós ainda hoje dizemos: *fallar uma lingua*.

fame, fome: VIII, 1; XLI, 7, 10.

fazenda, cousa, bens: XLIV, 24, 25. Na phrase «nom as faça fazer por outrem», onde *as*, segundo a minha interpretação, se refere a *fazendas*, revela-se-nos uma alliteração thematic (figura etymologica): *fa*zer *fazendas*. Synonimo de *fazendas* é *fectos* = feitos, — na l. 28: «o senhor . . melhor vee sseus *fectos*». Cfr. em Moraes «*fez fazenda* de bom cavalleiro», i. é, fez feitos, *Dicc.*, s. v. «fazenda».

fecto = feito. O *c* não tem valor phonetico, é mero latinismo (*factu*-). Orthographia corrente neste e noutros textos antigos.

fedente, «que fede», «que cheira mal»: XXXIII, 33. Adjectivo uniforme, não ainda archivado nos nossos lexicos. Do lat. *foe*-

1 Cf. sobre os substantivos verbaes em geral, os meus *Respigos Camonianos*, I, Lisboa 1904, pp. 41-43.

2 *Dicc.* da Acad. e *Dicc.* de Moraes, s. v. — Em hesp. ant.: «atreuendo-me en la uestra mesura», — *Crónica general*, cap. xxxvi, ms., apud Marden, *Poema de Fernan Gonçalez*, Baltimore 1904, p. 156.

3 Cornu, *Anciens Textes Portugais*, p. 32.

tente-, partic. pres. de foetere; cfr. hesp. *hediente*, e na lingoagem pop. port., *fedentinha*, *fedentinhoso*, -a e *fedença*¹.

feito, fazenda, facto. O primeiro significado, — no plural —, está em XLIV, 28 (fectos); vid. s. v. *fazenda*. O segundo está em VII, 2 (*de fecto*).

fendedura, fenda: LVIII, 10. — Não vem nos Dicionários de Moraes, Caturra e Cortesão. Cfr. hesp. *hendedura*.

feo, feio: XXXIII, 5, 14 (ffeos).

ferida, pancada: XXXVI, 10 (fferidas). Vid. *firir*.

ferir, Vid. *firir*.

filhar, tomar, apanhar: XV, 10; XVI, 5; XLVI, 9.

fim. Do genero feminino: XXXI, 16, «maa fim»; LI, 8 «esguardar a fim» (= attender ao intuito). Ha ainda hoje na lingoagem da Beira uma phrase estereotypada onde *fim* mantem o seu antigo genero (finis em lat. é masc. e fem.): «a fim do mundo».

firir, bater, espancar: XXXVI, 4. Alterna com *ferir* em XXXVI, 6; XLIII, 6. Ha outros exs. de *firir* em português e gallego antigos. — Aqui *firir* está no sentido do lat. *ferire*. Vid. *ferida*.

fuza, confiança: LIX, 8. No *Leal Conselheiro*, p. 237, vem *feuzza*, com *e*. Forma ainda hoje popular (Extremadura). Tambem é usada como appellido.

fogir, fugir: LVII, 11. Alterna com *fugir* noutros logares da mesma fabula.

fôrça, violencia: VI, 18, na expressão allitterada *fazer força*. Cfr. a definição dada em Moraes, *Dicc.*: «a violencia que se faz, usando do que não é proprio o forçador, entrando a outrem por suas terras e herdades, tolhendo a outrem o uso do seu: *fazer força*», — definição que evoca os tempos do feudalismo. Cfr. tambem em gallego do sec. XIII, com forma alatinada: *förtja*².

¹ *Fedentinha* significa «mau cheiro» (subst. fem.); e applica-se tambem a uma pessoa ruim de aturar («é um *fedentinha*»): Beira-Alta, Baixo-Douro. Nas mesmas duas accepções se emprega *fedença* («está aqui uma *fedença*», B.-Alta e B.-Douro: «F. é um *fedença*», B.-Douro»). Quanto a *fedentinhoso*, -a, significa no Baixo-Douro «desageitado», «mal feito», «mal arranjado» (por ex. «cousa *fedentinhosa*»). — Á mesma familia de palavras pertencem estas: *fedanho* (= *fedenho*) «importuno», e *fedanhar* (= *fedenharr*) «importunar», ambas usadas em Moncorvo, e a phrase *á fedoca* «desajeitadamente» dada pelo Caturra no seu *Dicc.* (o Caturra diz que *fedoca* vem de *foedus*, mas contra isto protesta o -d- intervocalico). Cfr. tambem o gall. *fedento*.

² *Docum. Gallegos de los sigl. XIII al XVI*, n.º 2, linha 23 (p. 2).

fremoso, -a, formoso, -a: prol. 9 (ffremosas); 1, 3; xi, 8. Cfr. *fremosura*.

fremosura, formosura: xxi, 2. Cfr. *fremoso*.

freo, freio: xiv, 11.

frol, flor: xx, 17 (froll). Alterna com *flores* no prol., 13, e com *fror*. Vid. *fror*.

fror, flôr: prol., 14. Vid. *frol*.

fruto, fruto: prol., 14.

fundo, baixo (subst.): ii, 3, «da parte de fundo»; iii, 13, «tirava pera fundo». Na fab. l, 7 «[as rãs] meterom as cabeças do fundo da auga», a ultima expressão significa *de baixo*; talvez *do fundo da agoa* esteja mesmo por *de fundo*, com *do* por *de*, ou por influencia da labial, como na expressão popular *do baixo* por *de baixo*, ou por êrro de copia.—Na *Visão de Tundalo*, publicada na *Rev. Lus.*, iii, texto do sec. xiv, lê-se *cayr en fundo*, p. 104. Em textos gallegos do sec. xiv encontra-se também *en ffoundo* «pelo lado de baixo»¹. Moraes cita *rua a fundo* como antiquado². Ainda no sec. xvi se dizia *Mondim de Fundo* a povoação que hoje se chama *Mondim de Baixo*³.

G

gaado, gado: xxvii, 4; xxxii, 13, 15. Os *aa* são etymologicos; cfr. hesp. *ganado*.

galardom, galardão, pago, agradecimento: x, 16 (gualardom). A expressão *dar maa galardom* corresponde a expressão moderna *dar mau pago*. Vid. *grado*.

gançar, ganhar, adquirir: xxiii, 21 (guançoso). É frequente em textos do sec. xiv e xv *guançar*, *gançar*, *gaançar*. Do radical de que veio *ganhar* (origem germanica) deve ter provindo para as linguas da Peninsula um verbo *ganar, d'onde viesse o hesp. *ganar*, e o port. prehist. **gãar*, com que se relaciona *gaança* (*gança*) e *gaançar* (*gançar*); á mesma familia pertence hesp. *ganancia* (d'onde o port. mod. *ganância*), hesp. *ganado*, port. ant. *gaado* = **gãado* (mod. *gado*), gall. e port. do Alto-Minho *gando*.

¹ *Docum. Gallegos de los sigl. xiii al xvi*, p. 121, etc.

² *Dicc. da Ling. Port.*, s. v. «fundo».

³ Documentos mss., que publicarei noutro lugar.—Cfr. *Moita Fundeira*, como quem dissesse «Moita de Fundo», isto é «Moita de Baixo», nome de um logar no concelho da Sertã.

gardar. Vid. *guardar*.

garnimento. Vid. *guarnimento*.

gargantolec, gula: LII, 18 (guargamtoice).—Deriva de *gargantom*, que vem no *Leal Conselheiro*, p. 187, na forma pl. *gargantões*, «comilões», «gulosos», e na *Visão de Tundalo* (vid. *Rev. Lus.*, III, 106: *gargantooens*). O *Leal Cons.* contém varias vezes *gargantolec*: pp. 192, 193, 194; *gulla e gargantuyce*, p. 286, expressões synonymas e allitteradas.

gaviam, XXXI, 2, 5, etc. A pronúncia era de certo *gaviã*; cfr. hesp. *gavilan*, mir. *gabilã*.

gema, pedra preciosa: I, 4. Lat. *gemma*. Na moralidade, I, 15, em vez de se repetir a palavra *gema*, emprega-se a definição: *pedra preciosa*.

gesto, semblante: LIII, 3.

grado, agradecimento: VIII, 22, «dar maa grado», que corresponde a *dar maao galardom* em X, 16. Vid. *galardom*.—Do lat. *gratum* (adj. neutro substantivado). Cfr. *en grat* em provençal¹; *savoir bon gré* em francês. No *Leal Conselheiro*, p. 83, e em varios outros textos: *de grado* «de vontade».

gram, grande: X, 12, em próclise.—Cfr. *Rev. Lusit.*, VIII, 11-12.

grua, femea do grou: VIII, 5.—O vocabulo ainda não foi, neste sentido, archivado nos nossos lexicos; pelo menos não o encontro nem em Moraes, nem no Caturra, nem em Cortesão. Cfr. hesp. ant. *grua*, fr. *grue*. Do lat. **grua-*, por *grue-*².

galardom. Vid. *galardom*.

gançar. Vid. *gançar*.

guardar, olhar: V, 3 «guardou na auga» = olhou para a agoa. (Talvez deva pronunciar-se *gardar*). Cfr. fr. *regarder*. E vid. neste vocabulario *esguardar*.

guargantolec. Vid. *gargantolec*.

guarnimento, apparelho do cavallo: XXIX, 24. (Talvez deva pronunciar-se *garnimento*). Moraes, *Dicc.*, cita o vocabulo apenas no plural.

guisa, maneira: VI, 4 («em tall guysa»), 14 («per esta guisa»), XXXII, 19 («per esta guysa»).

¹ Bartsch, *Chrestomathie Provençale*, 5.^a ed., 110-42.

² Entre *grou* (por **gruus*, **gruu-*) e *grua* ha o mesmo parallelismo phonetico que entre *dous* e *duas*.

H

(As palavras que não se encontrarem com *h-* procurem-se sem elle)

haver, ter: II, 18 («nom ey tanto tempo»); IV, 12 («nom avia per hu pagar»); etc. No prol., 18, alterna *aver* e *ter* no mesmo sentido. Assim se justifica o *sse ha* de LV, 15 (e vid. nota respectiva). Em XL, 33, *haver* está substantivado e significa *riqueza*, palavra que mesmo lhe corresponde ib., 35.

hi, ahi: IX, 9, «d'hi»; XV, 3, «per hi» = ahi perto.

homem. Ao seu emprego como pronome indefinido, como o fr. *on*, me refiro no capitulo da Syntaxe.

homildosamente, humildemente: II, 5.—Vid. *homildoso*.

homildoso, -a, humilde: II, 23.

honra, acolhimento respeitoso, estimação: XXI, 2, «as aues fizeram grande *homrra* aos pãaos por a fremosura d'elles». Cfr. a ideia opposta em «*desonrrar* de maas palauras», XXIII, 2.

humecidio, homicidio: XLV, 31-32 (humeçidio). Alterna com *omiçidio* em XLV, 39.

I

(As palavras que no texto estiverem com *j-* procurem-se com *i-*)

ignocente. Mera variante orthographica de *inocente* ou *innocente* (II, 27 ignoçentes). O *g* resulta de confusão do lat. *ignoscens*, de *gnoscere*, com *innocens*, de *nocere*, e de haver varias palavras que se escrevem ora com *gn* ora com simples *n*.

imilgo, inimigo: XVI, 14 (jmijgos); XXXVIII, 18 (id.), 21 (id.), 22 (id.). Alterna com *emiigo*; vid. este vocabulo.

infindo, infindo: XIV, 14 (jmfijmdos). Os dois *ii* são etymologicos: lat. *infinitu-*.

inico, iniquo: XXXI, 15 (jnicos).—Com quanto de origem litteraria, *inico* é a fórma corrente na litteratura antiga: cfr. Camões, *Lus.*, IX, 59, «passaros *inicos*» em rima com *bicos*. A fórma actual *iniquo* é restaurada pela latina *iniquus*.

J

ja nunca, jamais, nunca mais: XXXIV, 26; LIX, 8. Cfr. *jamais nunca* no *Leal Conselheiro*, p. 115.

jajūu, (adj.), que está sem comer: XII, 22 (jajuum). É o sentido do lat. *ieiunus*. Cfr. na *Demanda do Santo Graal* (texto do sec. XIV): «os caães . . seiam *ieiuus* de VII dias»¹. — Vid. outros exs. em Moraes, *Dicc. da Ling. Port.*, s. v.

Jovis, Jove, Juppiter: VII, 6 (Jouis); I, 4 (id.), 5, 11, etc. — É o ant. nominat. lat. *Iouis* (por *Iuppiter*). — A título de curiosidade acrescentarei que em linguagem de giria, em certos pontos do país, se diz *Jobes* por «Deus».

L

(As palavras que no texto estiverem com *ll-* procurem-se aqui com *l-*)

lãa, lã: IV, 13 (llãa), 14. Os *aa* são etymologicos: lat. *lana*.
ladram. Vid. *ladrom*.

ladrom, ladrão: II, 18; VII, 1; LVIII, 8. Alterna com *ladram* em LXI, 9.

latino, latim: proL., 6. Vid. a anotação respectiva.

leam. Vid. *leom*.

legar, ligar: XL, 19 (leguado), 21 (legauam). Cfr. *legamento* no *Leal Conselheiro*, p. 41.

leixar, deixar: V, 10 (*bis*); XXIII, 31.

leom, leão: VI, 14. Na fabula XXVII alternam *leom*, *liom* e *leam*.

lhes, lhes: VIII, 21. Vid. o que digo nas Observações Grammaticaes.

ligeiramente, facilmente: XXXVIII, 20 (ligeiramente); LVII, 15 (id.). No mesmo sentido se encontra essa palavra no *Leal Conselheiro*, pp. 22, 75, e em hesp. arc. *ligeiramente*.

ligeirice, ligeireza: XXX, 10 (ligeirices).

ligeiro, facil: XXI, 12 (ligeiro). Cfr. *ligeiramente*.

liom, leão: VI, 5. Vid. *leom*.

liurar, deliberar: XLIX, 3 (liuraram). D'esta accepção se aproximam alguns dos exemplos que traz Moraes no Dicionario.

lixosamente, immundamente, çujamente: XXIII, 24. Vid. *lixoso*.

lixoso, immundo, çujo: XXIII, 26 (lixosso); XXIX, 11. Alterna com *luxar* em XXIX, 14; vid. este vocabulo.

luxar, manchar, çujar: XI, 8; XXIX, 14; XLII, 5. Alterna com *lixoso*, XXIX, 11; vid. este vocabulo. Ha outros exs. de *luxar* em por-

¹ Otto Klob na *Rev. Lusit.*, VI, 336. Provavelmente deve ler-se *ieiūus*.

tuguês ant. Em gallego tambem alterna *lujar* (= luxar) com *lijar* (= lixar): vid. Valladares, *Dicc. Gall. Cast.*, s. v.; e já na *Crónica Troiana*, texto gallego do sec. XIV, temos *luxar* «manchar». — Parodi, na *Romania*, XVII, 69, explica o gallego *lujar*, *lijar* por *lutulare, explicação admittida por Körting, *Lat.-Rom. Wb.*, 2.^a ed., n.º 5761; mas ha difficuldade phonetica.

M

maa, má: prol., 7; xxv, 7. Os *aa* são etymologicos: lat. *ma* (l) a.

madre, mãe: IX, 15; xxvi, 6; xxxiv, 8. Não se usa *mãe* no nosso texto.

maginar, imaginar: LXI, 37. — Por se ler em Camões *maginar* ensina-se ás vezes nas aulas que temos aqui uma *licença poetica*; mas o nosso texto prova que *maginar* é da prosa, e existem outros exemplos: *maginar* em Azurara e no *Cancioneiro* de Resende¹, etc. Deu-se a apherese (lat. *imaginari*, *imaginare*) por confusão de *i* + *m*- com o prefixo *in*-.

mais, mas: I, 5; XXI, 13 (*mays*). Alterna com *mas* em: LIX, 5 (no ms. *mas* está em fim de linha); XII, 30; xxxiv, 32; xxxv, 9, etc.

malandante, malaventurado, infeliz: XLIV, 26, onde saiu, por êrro typographico, *maladante* em vez de *malãdante*.

malecioso, -a, malicioso, -a: XIII, 8 (*maleçiosa*).

mancebo, criado, serviçal: XLIV, 11 (*manço*). Ibid., 29 e 30, o auctor emprega *seruo* e *servidor* como synonymos d'este termo. — Cfr. Gama Barros, *Sobre a significação da palavra «mancipium»*, na *Rev. Lusit.*, IV, 247, onde mostra que *mancipium* e *servus*, nos mais antigos textos da idade-media, eram synonymos entre si, e que já no sec. XIII «a significação de *mancipium* correspondia á de *mancebo*, quer no sentido de individuo que servia por soldada, quer no sentido de adolescente»². — Na fab. XLVII, 14, *mancebo* (*manços*) tem a significação actual de «joven»; e nesse sentido emprega D. Duarte tambem a palavra no *Leal Conselheiro*, p. 184, com o substantivo correspondente *mancebia* «juventude», ahí contraposto á palavra *velhice*³.

¹ Vid. Cortesão, *Subsidios para um Dicionario*, s. v.

² Loc. cit., p. 264. Este artigo foi reproduzido na *Hist. da Adm. Publ. em Portugal*, II.—Cfr. tambem Pedro de Azevedo, no *Archivo Hist. Port.*, I, 290.

³ Entre *mancipium* «servo» e *moço* «joven» ha a mesma relação sematologica que entre *moço* «serviçal» e *moço* «joven».

maneira, moderação: xxxvi, 13. O passo é: «deuemos auer *maneira com discriçom*», i. é: moderação discreta.

mango, cabo: xxxix, 2, 3 (manguo). Trata-se do *mango* de um machado.

manhã, manhã: xlvii, 17. A expressão *de manhã* nesse passo significa «amanhã», pois que está contraposta a *oje*.

mantimento, mantimento, sustento, comida: xxvii, 12 (mantijmento).—Os *ii* são etymologicos, pois esta forma está por **man-teimento*, de *manteer*; cfr. hesp. *mantenimiento*. Também em Azurara se encontra *mantimento*¹.

martelro, martyrio: xliii, 17 (marteyro).

matar. Na expressão *matar-se com ell*, xxvi, 4, *matar-se* significa «bater-se»; cfr. hesp. *matarse con uno* «refñir», «pelear con él»².

medês, mesmo: ii, 2 (aquell medes); xxxix, 15 (ell medes); xli, 33 (assy medes). Em todos esses exs. *medês* reforça o pronome ou adverbio a que vem junto. Cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 27, *esso medes*, e p. 46, *aquel medes*. Na *Rev. Lusit.*, viii, 9, me referi a este pronome.

meesmo, mesmo: xl, 30.—Os *ee* são etymologicos; cfr. ital. *medesimo*.

meestre, mestre: xvii, 16.—Os *ee* são etymologicos: arc. *maestre* < lat. ma(g)istru-. Todavia *maestre* não provém directamente do latim, como o mostra o -e³.

meezinha, remedio: xxviii, 4. Cfr. também *Leal Conselheiro*, p. 234: «por as esmollas recebem *meezynha* as nossas chagas». Ainda hoje se usa *mèzinha* no sentido de remedio caseiro («fazer uma *mèzinha*»,—Beira). Em Trás-os-Montes (Norte) essa palavra significa virtude medicinal («tal herua tem *mèzinha*»). Também em provençal achamos *mecina* no sentido de remedio: «Al vostre mal

¹ Cortesão, *Subsidios para um Dicc.*, s. v.

² *Dicc. de la Leng. Cast.* (da Acad. Hesp.), s. v.

³ A forma normal em port. devia ser *maestro*, como em hesp. e ital. A par de *maestro*, ha *maestre* em hesp., mas noutro sentido. Provavelmente o nosso obsoleto *maestre*, d'onde saiu *meestre*, e por fim *mestre*, vem do hesp. *maestre* ou do fr. arc. *maestre*. De facto, nos exemplos que conheço do uso antigo de *mestre* em português, como *mestre-sala*, *mestre* no sentido de «médico», *mestre do Templo*, etc., a palavra relaciona-se com instituições sociaes, e podia pois vir de fóra com ellas. No sentido moderno de «mecanico», dizia-se antigamente *mesteiral*.

queretz *mecina*»¹. Na Estremadura *mêzinha* passou a ter a significação restricta de «clister». — Os *ee* de *meezinha* são etymologicos: *me(d)ecina < lat. medicina-.

mente. Nos adverbios: vid. o que digo na Morphologia.

mentres que e em mentres que, emquanto: v, 2; xxxiv, 18.

meo. meio: III, 10.

meolo. miolo: prol., 18.

mercadaria, mercadoria: XLIII, 2. Este vocabulo creio que não estava ainda archivado nos nossos lexicos. Elle encontra-se em varios textos dos secc. xv e xvi, pelo menos,—por ex.: «per maneira de *mercadaria*»²; «de falsas *mercadarias*»³; «nam resguatando porém na dicta terra nenhũas *mercadarias*»⁴; «que os compradores nã paguê das dictas *mercadarias*»⁵. Conheço ainda mais exemplos.—Cfr. hesp. *mercaderia*.

merçee, mercê: XXI, 14.

mester. 1) Locução—*faç mester* «é preciso»: XL, 12; XLI, 29, 2) Plural—*mesteres* «necessidades», no seguinte passo, LXI, 20: *muytos ajudey ao tempo de sseus mesteres*, isto é, por occasião das suas necessidades, quando tinham necessidades.

meter, pôr: XIX, 3; XLII, 8.

[**mi.** Comquanto em XXIII, 12, em XLII, 11 e 13 (vid. nota respectiva) e LVI, 13 se leia *my*, e a fórmula nasalada fosse precedida de outra sem nasal no uso geral da lingua, é provavel que nestes passos haja mera falta de til, pois *mim* (*mym*) é muito frequente no ms., e em XLII concorre *mym* com *my*. Todavia cfr. o que se disse s. v. «bõo»].

milhor, melhor: IV, 6; XII, 31. No *Leal Conselheiro*, por ex. a p. 175, tambem se lê *mylhor*.

mintira, mentira: IV, 17.

missegeiro, mensageiro: XXXVIII, 7 (*missegeyros*). Alterna com *missig-*; vid. este vocabulo.

¹ *Flamenca*, 2.^a ed. (P. Meyer), v. 3023.

² *Leal Conselheiro*, p. 192.

³ *Cancioneiro de Resende*, 1.^a ed., fol. xxv-r, col. 1.^a, verso 10. Sirvo-me do magnifico *fac-simile* feito pelo Sr. Archer M. Huntington.

⁴ Foral da ilha de S. Thomé dado por D. João III em 1524, fl. 4: ms. da Torre do Tombo, gav. 7, maço 16, n.^o 4. Este texto foi-me indicado pelo Sr. Pedro de Azevedo.

⁵ Do mesmo Foral citado na nota antecedente, fl. 5-v.

missigeiro, mensageiro: LXI, 49 (missigeyro). Alterna com *misseg-*; vid. este vocabulo.

misurado, comedido: XXXVII, 13. Mas *mesura*, LIII, 3.

mizquinho, -a, mezquinho, -a: XXIII, 3; XXXIX, 8 (mizquynha); XLII, 22 (mizquynho); XLVIII, 18 (myzquynhas).

molher, mulher: VII, 1.

moor, maior: XLIX, 15.

mua, mula: XXII, 2.

N

nehũu, -a: L, 21. Em XXXIV, 25 *nhehũa*. Noutros casos *nhũu* e *nhũa*, que podem ler-se respectivamente *nehũu* ou *nẽhũu*, e *nehũa* ou *nẽhũa*. A graphia *nhũu* ou *nhũũ* não é caso unico: vid. *Archivo Hist. Port.*, I, 419 «*nhũũ* trabuto». Se se encontra *nẽhũu* em muitos textos, por ex. nos *Anciens Textes Port.* (sec. XIV) de Cornu, p. 33, e no *Leal Conselheiro* (sec. XV), p. 25, tambem se encontra *nehũu*, por ex. em um doc. do sec. XV no *Archivo Hist. Port.*, I, 319, *nehũa* nas *Cantigas de Affonso o Sabio*, p. 395, *niũ* (por *niũ*) em Viterbo, *Elucidario*, e *neũm* em Cortesão, *Subsidios*. Comquanto entre *n e c u n u -* e *nẽ hũu* seja legitimo admittir *nehũu* (neũ), nada mais facil tambem do que ter-se ás vezes omittido por esquecimento o til.

neclamente, nesciamente: LIII, 16 (neyçamente).

nelcio, nescio: LIII, 15 (neyçio).

nembrar, lembrar: LVI, 12.

nembro, membro: XLI, 24.

nhũu. Vid. *nehũu*¹.

nojo, damno: XXII, 4 (faço nojo); XXIII, 24 (id.); enfado: LVI, 6.

nojoso, desgostoso: XV, 13.

nom, não: passim.

nunça. Vid. *já*.

O

obidente, obediente: LVIII, 13.

official, empregado de justiça em geral: LII, 15 (ofiçiaaes).
D. Duarte dá a definição no *Leal Conselheiro*, p. 32: «*dos offiçiaes*,

¹ Hoje na Extremadura diz-se em próclise *nhuma* (vid. os meus *Dialectos Extremenhos*, I, 35); mas esta fórma, que resulta de *n'nhuma* < *nenhuma*, nada tem com a do Fabulario.

em que se entendem os mais principaes, conselleiros, juizes, regedores, veedores, scrivães e semelhantes».

omem. Vid. *homem*.

ora. 1) Em VII, 9, corresponde a «agora», como na lingua moderna. 2) Com relação a *pouca d'ora* vid. *pouco*. 3) *tall ora* «então», XLVII, 17; cf. ital. *talora* «algumas vezes».

orto. pomar: prol. 13. É corrente na orthographia antiga: cfr. *Orto do Sposo* (titulo de um ms. do sec. XIV) e *Garcia d'Orta* (autor do sec. XVI).

outrossi. outrosim: XXXVIII, 11 (outrossy).

P

paancada. pancada: XVII, 12 (paamcada); XLIII, 9 (id.).—Os *aa* são etymologicos: cf. *espaancar* (supra), e hesp. *palancada*.

paão. pavão: XXI, 2, 4, 5.—Os *aa* são etymologicos: cf. *pavão* < lat. *pavone*-.

padre. pai: II, 16; XXXIV, 8; XXXVI, 14.—No nosso texto não se usa *pai*.

pam. pão: XLI, 21, onde por erro typographico saiu *pom*.

parecer. apparecer: XXXIV, 18 (pareçia).

parte. noticia: XXXIV. Cfr. na ling. corrente *dar parte*, dar noticia. Em X, 3, *não sabia de si parte*, não dava conta de si. Em XLV, 19, *chamou-o a de parte*, i. é, de parte, á parte.

passar. ultrapassar, exceder: XL, 34. Cf. no *Leal Conselheiro*, p. 175: «a despesa . . *passa sobre* a recepta». Em XXXIV, 49, lê-se: *passa de sabedor*; vid. a annotação respectiva.

passareiro. passarinho, caçador de passaros: XXXI, 12.

passos. Na phrase *a poucos passos*, VI, 5, d'ahi a pouco.

pee, pé, garra: XIV, 2.

peendença, castigo: XLV, 34 (peemdença); XLVII (peemdemça).

pelorar, piorar: XLIII, 13 (pejora), 15 (id.). Mas vid. *peor*.

peor, pior: XV, 12; XXV, 10.—Comquanto hoje se escreva muitas vezes *peor*, a pronuncia é sempre *pior*; porém no tempo da redacção do Fabulario pronunciava-se de certo *peor*, com *e*.

pequeno. pouco (substantivado), pedaço: XLII, 7 (me dees hũu pequeno d'elle). Nesta accepção creio que o vocabulo não se acha nos nossos lexicos. Todavia no *Leal Conselheiro*, p. 331, lê-se: «hũa pequena d'afeiçom» (= uma pouca de, um pouco de); e ainda do sec. XVII posso citar este passo: «hũas velinhas . . com o pavio tão cortado que . . era necessario, para as accenderem, cortarem hũa

pequena de cera com os dentes» (= uma pouca de, ou um pouco de)¹; e *Pão partido em pequeninos* (= pedacinhos), é o título de uma obra de Manoel Bernardes, Lisboa 1694.

per. por: prol. 8; xv, 3; xvii, 7. Corresponde a «para» em xiii, 27 (onde alterna com *por*: *per comer*, *per viver*), e xli, 25 (*per nosso amaestramento*).

pera, para: passim.

percatar, precatar: xxix, 31.

perdom, perdão: lix, 4.

perfla, porfia: xli, 15, 23.

pero, por isso: ii, 7; xxv, 11. Do lat. *per ho(c)*.—Em xx, 6, e xxiii, 10, *pero que*, por isso que.

persoa, pessoa: i, 6 (*perssoa*); xi, 9; xxiii, 27. Esta forma encontra-se também no *Leal Conselheiro*, vid. o respectivo glossário. Na *Cronica Troiana*, texto gallego do sec. xiv, ha *persona* (vid. vocabulário), que deve talvez entender-se por *persôa*. Em gallego moderno ha *persoa* e *persoia*. Latinismo; cfr. *verso*.

pesar. Em xxxviii, 23: *faziam d'elas maaos pesar*, i. é, causavam-lhe damno. Cfr. no *Dicc.* de Moraes *fazer mao pesar de alguem*.

physico, medico; viii, 4 (*phisico*); xxviii, 7 (*id.*).—Cfr. em fr. ant. *fisicien*², medico, ingl. *physician*, hesp. ant. *fisico*³. D. Duarte no *Leal Conselheiro* distingue entre *fisicos* e *solorgiãaes*⁴; igualmente na *Hist. do imperador Vespasiano* (impressa nos fins do sec. xv) se lê: «e nom se podem achar *fisicos* nem *celorgiãos*», p. 44 da 2.^a ed. (feita por Esteves Pereira). Gil Vicente escreveu o *Auto dos Fisicos*. Na actual linguagem da Estremadura (Porto de Mós) *physico* ou *fisico* decaiu da sua antiga accepção nobre, e passou a significar *curão*, isto é, «curandeiro»: assim se diz «o *fisico* d'aquella terra», «o *fisico* d'aquell'outra», conforme as localidades em que elles habitam. Parallelamente a *fisico*, tinhamos em port. ant.: *fisica* «medicina»⁵. No fr. da idade-media *physique* tinha também essa significação⁶.

¹ *Centinella contra os Judeus*, trad. por Pedro Lobo Correia, Lisboa 1710, p. 152; mas a 1.^a ed. é de 1688.

² Sobre o sentido pejorativo que esta palavra pôde ter tido, cfr. Jaberg, na *Zeitsch. f. rom. Philol.*, xxvii, 54.

³ *Libro de buen amor* do Arcipreste de Hita (ed. de Ducamin), est. 252-d.

⁴ P. 59.

⁵ D. Duarte, *Leal Conselheiro*, p. 135.

⁶ Vid. *Dict. génér. de la langue fr.*, s. v.

pladoso, piedoso: XLVII, 7. Mas *piiedade* no mesmo lugar. Do lat. *pietosus*.—Tambem no *Canc. de Rêsende*, I, 356, *piiedade*, fôrma ainda hoje corrente no povo.

pidir, pedir: L, 15; LX, 5.—É corrente em textos do sec. xv e anteriores e posteriores: vid. *Arch. Hist. Port.*, I, 56, 299 e 420; Sousa Viterbo, *Tapeçarias*, p. 15; *Doc. para a hist. da typographia*, I, 24. Hoje ainda popular (Sul).—Cfr. *siguir*.

poboo, povo: XLIX, 8.—Os *oo* são etymologicos: lat. *populus*.—Fôrma corrente em português arcaico; alterna com *povoo*.

poborar, povoar: XLIX, 1.—Cfr. Viterbo, *Elucidario*, s. v. *pobrar*, *pobramento*, etc. No *Arch. Hist. Port.*, I, 420, *povorar* (sec. xv), I, 302, (sec. xvi).

poderio, poder, faculdade: VII, 14. A expressão *poderio* . . de *mal obrar* pôde traduzir-se em latim por *facultas laedendi*, o que mostra bem o sentido de *poderio*. Cfr. *poderoso*.

poderoso, que tem poder, potente, capaz: VII, 15, *poderoso de filhos* = que ficava potente com a ajuda dos filhos; LXIII, 8, *era poderoso de lhe guardar sseu gado* = podia guardar, tinha poder, capacidade, para guardar.—Cfr. nos *Doc. Gallegos de los sigl.* XIII al XVI: «non seian poderossos dea dar nen arrendar» (i. é, senhores, livres de a dar, etc.), p. 118, l. 6-7; *poderoso de* em Moraes, *Dicc.*, s. v.; em prov., C. Appel, *Provenzalische Chrestom.*, 1895, n.º 7, l. 34: «li retenc pueih sa terra e'n devenc poderos».

poer, pôr: XL, 14.

pollo, -a, pelo, -a: II, 25; XIV, 11. Alterna *pollo* com *pello*.

poo, pó: XXXVII, 7.—Os *oo* são etymologicos: **polo*, cfr. *Rev. Lusit.*, II, 364, e III, 297, nota.

poomba, pomba: LI, 1.—Os *oo* são etymologicos: **paomba* < lat. *p a (l) u m b a*.

porém, por isso: XLI, 72; XLII, 6; LIII, 15.

porque, visto que: XLV, 19; para que, XXXVI, 11. Na expressão *sem porqué* «sem motivo», XXXVI, 4, 5, e LVII, 7, a palavra, por ser independente, e não proclitica, recebe accento na ultima syllaba.

pos (em), atrás de: XVII, 17 (*amando em pos ell* = indo atrás d'elle).

pouco. Locução adverbial: *loguo a pouca d'ora*, ou sômente *a pouca d'ora*, XLIV, 8, 11; LIV, 3; o que significa «d'ahi a pouco». Corresponde-lhe: *depois, a pouco tempo*, XLVIII, 10; i. é: «depois, passado pouco tempo». Cfr. ainda: *pouco estando*, LV, 3; *hũu pouco estando*, LVIII, 5.—Temos outros exs. em textos port. antigos: «e em *pouca d'ora* alongou-se», na *Demanda do Santo Graall*, p. 83; a

pouca d'ora na *Visão de Tundalo* (vid. *Rev. Lus.*, VIII, 252). Ambos são do sec. XIV.—A expressão *a pouca d'ora* corresponde a *poca de ora* ou a *poca d'ora*, e em *poca d'ora* em hespanhol antigo: vid. *Poema de Fernan Gonzalez*, ed. de Marden, est. 518-c, 689-d (vid. tambem p. 132; e confere no mesmo poema: *a poca de sazon*, est. 34-a); e Arcipreste de Fita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, est. 134-d. Cfr. o synonymo provençal, do mesmo typo syntactico, em *breu d'ora*, em Bartsch & Koschwitz, *Chrestomat. prov.* (6.^a ed.), 286-12¹.

preçado, -a, de preço: XXIX, 13; de aprêço: LVI, 2.

preçar, apreciar, prezar: LVI, 11.

preguntar, perguntar: XXXIV, 21 (pregumtou); LXII, 5 (id.).

preposito, proposito: III, 22.

presentar, apresentar: XLV, 15 (pressemtarom).

pressa, apuro, apêrto, urgencia: XVI, 15; XXV, 3.—A evolução sematologica foi a mesma que em *apêrto*.

prestar, emprestar: IV, 6.

prestes (adj.), pronto: XI, 4; XXIII, 31.

prijgo, perigo: X, 14 (prijgos); XII, 24 (prijguo); XXX, 19 (prijgo) XLIV, 13 (prijguoo).

primeira (da), primeiramente: . . Cfr. hesp. *de primero*.

probe, pobre: XII, 23.

proberbio, proverbio: XIV, 14.

probeza, pobreza: XII, 30.—Alterna com *prov*-; vid. este vocabulo.

prol, proveito: III, 18 (proll). Em XVIII, 10, é feminino (tua proll). Em XXXIV, 29, *tam de proll*, i. é: «tão fidalgo», «tão nobre». Cfr. *Dicc.* de Moraes, *homem de prol*; fr. ant. *preu d'homme*, mod. *prud'homme*, prov. *prodom*, ital. *produomo*.

prove, pobre: XI, 14.—Cfr. *proveza*.

proveitar, aproveitar, dar proveito: XXXIII, 17.

proveza, pobreza: XII, 29; LV, 16.—Alterna com *prob*-; vid. este vocabulo.

provençia, provincia: XLIX, 4 (prouemçias).—Este vocabulo creio que não foi ainda archivado nos nossos lexicos; apenas Vi-

¹ O texto diz:

s'en breu d'ora no m'autreyatz
que, s'el vos ama, vos l'amatz.

terbo, *Elucidario*, traz *provença* como do sec. XIV. Nos *Dialigos de S. Gregorio*, ms. do mesmo seculo, existente na Bibliotheca Nacional¹, fls. 19-v., lê-se tambem *provencia*. Numa cantiga que ouvi em 1904 em Castro Laboreiro (Alto-Minho) entra *probencia*; aqui a cito:

Adeus ó billa d-Acrasto, No dia que te num bêjo
Probencia de Trás-os-Montes, Meus olhos som (ou *sôu*?) duas fontes².

Cfr. *Proença*, nome de terra e appellido.

pulso. Vid. *tocar*.

pungir. picar, ferrar (em sentido physico): xxii, 3.—Flexão: *punguo*, 1.^a pessoa do pres. do indicativo.

Q

quebrantar. quebrar (em sentido material), despedaçar: xiv, 6 (quebrantar-sse-ha); quebrar (em sentido moral), interromper: xxxviii, 16 (quebrantauan as treguas).

quedar. ficar: xv, 16 (os homêes quedam em vergomça).

quente. quente: x, 9.—Os *ee* são etymologicos: por *caente* < lat. ca(l)ente-.

quentura. quentura: vii, 7-8.—Os *ee* são etymologicos; vid. *quente*.

querelar-se. queixar-se: lxi, 19.

R

(Vid. com *r-* as palavras que no texto começarem com *rr-*)

rãa, rã: iii, 3 (rrãa)—Os *aa* são etymologicos: lat. rana-.

rabaz, adj., que arrebatá: lxi, 72, na expressão «lobos rrabazes». Analogas expressões se encontram em Sá de Miranda, *Obras*,

¹ Marcação bibliothecal: $\frac{\text{ant. 73}}{\text{mod. 183}}$.

² A cantiga contém um êrro geographico, pois *Crasto* (que ahí soa *Acrasto*) não fica em Trás-os-Montes; ella porém é mera adaptação local de outra que começa:

O Villa Real alegre,
Provincia de Trás-os-Montes.

O povo attendeu só á rima, e não ao sentido.

ed. de D. Carolina Michaëlis, *lobo roaṛ, lobo rapaṛ, lobo robaṛ*: vid. p. 930. O adjectivo é pois especialmente applicado a *lobo*.

raclonavil, racionavel: xx, 16 (rracionauyl).

razoar, discorrer, conversar: xxxii, 6 (rrazoar). Cfr. *Archivo Hist. Port.*, 1, 418, num texto do sec. xv, no sentido de «apresentar razões», «discorrer», «allegar».

razom, razão: viii, 4; xxiv, 4 (rrazom).

regelado, gêlo: x, 3 (rregelado).—Participio de *regelar*, tornado substantivo concreto; cfr. na lingua commum *gelado*, certo doce muito frio. Este vocabulo creio que é agora archivado a primeira vez.

reignar (rreignar) = reinar. O *g* é meramente orthographico: lat. *regnare*.

reinha, rainha: xxiii, 9 (rreynhas).

rem, cousa: xxxiv, 25 (rrem), na phrase estereotypada «por nhenhũa rrem do mundo». Na poesia dos nossos trovadores é muito frequente *nulha ren*, por ex. no *Cancion. da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis, vol. 1, pp. 119, 141, 147, etc., por imitação, supponho eu, do provençal *nulla ren* (*nulha, nuilla*, etc.)¹.

reponder-se, arrepender-se: 1, 14 (sse reepemdem), xlvii, 15 (rrepepdermo-nos).—Alterna com *arrepeender* (com dois *ee*).

rezom, razão: lxi, 63 (rrezom).—Alterna na mesma fabula em *rrazom*: 66 (bis).

riba. Vid. *arriba*.

ribaldo, mau, velhaco: ix, 14 (rribalda).

rirr, rir: xlv, 17, 18 (rrijr). No texto saiu, por erro typographico, *ryr* em vez de *rijr*. Os *ii* são etymologicos: lat. *ridere* (com mudança de conjugação; propriamente **ridire*).

rogar. Empregado transitivamente: «este roussinoll ho rrogaua . . que», xxxi, 4; «andaua rrogando parente[s e a]mygos» =

¹ Tambem no *Canc. de D. Denis*, ed. de Lang: *nulha cousa*, v. 153; *nulha saçom*, v. 568; *nulha rem*, v. 1042; *nulha rem* «nada», vv. 677, 1178, etc.; *per nulha rem*, vv. 683, 689. Cfr. expressões analogas em provençal (Bartsch & Koschwitz, *Chrestomat.*, Marburgo 1904): *si m'escomet de nulla ren*, col. 272-1; *per nuilla ren*, col. 75-18; *no i pot nulla ren parlar*, col. 273-21; *qu'en nulla sasom non pejura*, col. 271-18. Assim como hoje na nossa lingua literaria ha muitos francesismos, tambem na dos trovadores havia certos provençalismos. Digo que *nulha rem* (ou *ren*) será um d'elles, por isso que o lat. *nulla* não podia dar *nulha* em port. (a geminação -LL- deu -l-); discordo pois de J. Cornu, *Gram. der port. Spr.*, 2.^a ed., § 129. Sobre o *lh* prov., cfr. *Romania*, xxxiv, 334.

andava implorando, LXI, 16.—Na ling. pop. mod. usa-se *rogar*, transitivamente, no sentido de «convidar homens para o trabalho agrario»; d'ahi se fez o substantivo concreto *roga* «conjunto de gente que vai rogada para a vindima» (Douro).

rostro. rosto: XXIII, 8 (rrostro).

roussinol. rouxinol: XXXI, 2 (rroussinoll).

rovelver. revolver: XX, 3 (rroueluer).—Esta fórma, se não ha êrro, está em vez de **rovolver* (dissimilação vocalica); e **rovolver* resultaria de *revolver* por influencia da labial *v* no *e* surdo:

S

(Vid. com *s*- as palavras que no texto estiverem com *ss*-)

sabedor. sabio: prol., 6 (ssabedor); VII, 3 (id.). Empregado ora como substantivo, ora como adjectivo, e muito usado nos seculos XIV e XV: por ex. *Anciens textes port.*, de Cornu, pp. 28 e 29; no cod. illuminado n.º 47 da Bibliotheca Nacional, fl. 31; no *Leal Conselheiro*, p. 411; na *Hist. do imperador Vespasiano*, 2.ª ed., p. 62, etc.

sabor, gôsto, prazer: XXXII, 2 (ssabor), na phrase: «o comia a sseu gram ssabor».—Ainda hoje *a sabor* se emprega em alguns casos: «ao sabor do vento», «ao sabor da fantasia», etc.

saborido, saboroso, em sentido physico: prol., 18 (ssaborido); XXXII, 10 (id.).

saborosamente: XXI, 5, na phrase *muy ssaborosamente*, i. é, com muito contentamento, muito contente.

Salamam. Salomão: XXXIV, 43 (Ssalamam).

sapiencia, sabedoria: I, 15.—Latinismo (de origem ecclesiastica) tambem usado noutras lingoas romanicas.

scapar, escapar: XXIII, 32.—Alterna com *escapar*.

scarneeer, escarnecer: XIX, 8 (scarneçiam); XXI, 8 (id.).

scudeiro, escudeiro: XLV, 5 (scudeyro).—Alterna com *esc*: 13, 17.

seer: 1) ser: VI, 9 (sser); 2) estar: LXI, 52 (ssee); 3) sentar-se: LXI, 42 (sseer). Este verbo, no sentido de «sentar-se», alterna mesmo com *asseemtar*: «o caualeyro . . posse-sse a sseer, e o uaqueyro outrossy sse assemtou», LXI, 42.

segurar-se, ficar seguro, sossegar, tranquillizar-se; LIV, 4 (ssegarom-sse). Cfr. *seguro*.

seguro, tranquilo: LV, 15 (sseguro).—Cfr. em hesp. ant. *seguro* «tranquillo» em Berceo: vid. Lanchetas, *Gram. y vocab.*, s. v.

sembrante, semblante: XL, 3 (ssenbrante).

semelhar, parecer: v, 7 (ssemelhaua). Alterna na mesma fabula com *parecer*.

semelhavil, semelhante: II, 15 (ssemelhauil).

sempre e nunca, nunca (emphaticamente), em tempo algum: XII, 35. Cfr., quanto á fórma, o hesp. *siempre jamas*, «siempre com sentido esforzado» (*Dicc. de la Acad.*).

senhor: XXXIV, 14. Nas instituições medievas *senhor* era o individuo que tinha, por concessão do soberano, a jurisdição de uma terra.

senom, senão: XXXIV, 8 (ssenom).

seo, seio: x, 6 (sseo).

sermom, discurso: XXIII, 14 (ssermom). Cfr. *façer longuo sermom* em Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo* (sec. XVI), ed. de Epiphanio Dias, Lisboa 1905, pp. 78, 82, 96, etc.

siguir, seguir: XXXIV, 41 (ssiguyr). Cfr., quanto ao primeiro *i*, *pidir*.

silva, selva, bosque: XXVII, 11 (ssilua).—Ainda no onomastico temos *Silva Escura*, etc.

similidom, proporção, conformidade, semelhança: xv, 6 (a phrase é: «sse tu ouuesses assy fremosa voz com tu has as ssimilidões do teu corpo», i. é, se tivesses voz conforme ao teu corpo); XX, 14.

so, sob: III, 13; XLVI, 1.—Alterna com *sob* em LXII, 18.

soberboso, soberbo: II, 22 (ssoberboso).

sodairo, sudario, pano de enxugar o suor: LXI, 39 (ssodairo).

soer, costumar: XXXV, 7 (ssoya).

solamente, sómente: XX, 12 (ssolamente); XXV, 15 (id.); XXXIV, 50 (id.).—Tambem se lê *solamente* no *Leal Conselheiro* (por ex. a p. 25, a par porém de *soamente*, por ex. a p. 53), e noutros textos.

soombra, sombra: v, 3, 4 (ssoombra). Os *oo* são etymologicos: cfr. *Estudos de Philol. Mir.*, II, 217.

sospeçom, suspeição: LV, 17 (ssospeçom).

sosteer, soffrer, aguentar: XLI, 4 (ssosteeinos).

soterrar, enterrar: XXXIV, 4 (ssoterrado).

sperança, esperança: XX, 11 (sperança).

suso, acima, supra: *suso dicto*, XXXII, 20; XXXIII, 12; XXXIV, 40. Tambem no *Leal Conselheiro* se lê *suso dictas*, p. 89, etc., a par de *suso scriptas*, p. 14.

T

tal, na expressão «*por tall que nom ladre*» = para que não ladre: LII, 4.

talante. Vid. *talente*.

talente, vontade: L, 2 (*talemte*); LXIII, 3 (id.). — Alterna com *talante* em XII, 14 (*talamte*); XXIII, 10; XXVII, 11 (*talamte*). Noutros textos portugueses antigos oscillam também *talente* e *talante*: vid. as observações de Roquete no *Leal Conselheiro*, p. 267, nota 1. Em hespanhol antigo dá-se o mesmo: «desit me vuestro *talante*», Arcip. de Hita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, est. 664-c, «sabre vuestro *talente*», id., est. 676-c. Hoje usa-se ainda em português *talante* em algumas expressões estereotypadas («a seu *talante*»), mas não *talente*.

talhar, cortar: VIII, 15, «talhar o collo» = degollar. — Na lingua moderna usa-se ainda *talhar* nesse sentido; mas só em certos casos: talhar um fato, talhar o bicho (em ling. pop.), etc.

taxo, teixo, no sentido de fruto do teixo: XXXV, 18 «hũu fruyto que ha nome *taxo*». Também nos fabularios latinos da idade-media se encontra *taxum* neste sentido¹. — Para os antigos, a arvore chamada em latim *taxus*, era de caracter infernal, por ter fruto venenoso. O nosso Fr. Isidoro de Barreira insiste no caracter peçonhento do teixo, e cita as auctoridades da antiguidade romana que o abonam, Ovidio, Plinio, etc.². — No Fabulario *taxo* é mero latinismo por *teixo*. Esta palavra hoje usa-se pouco; não foi assim porém outr'ora, pois no onomastico moderno resta ainda do passado *Teixedo*, *Teixeira*, *Teixello*, *Teixoso*.

teer, ter: 1) em sentido commum, XIV, 11; 2) na expressão «partio-sse das aues, e nom quis *teer* da hũa parte nem da outra», XXX, 7, i. é: ficar, ser partidario; cfr. fr. *tenir pour quelqu'un* «ne point abandonner son parti»³.

¹ Vid. Fabulas do *Anonymus Neveleti* (= Walter Anglicus) no *Lyoner Yzopet*, ed. de W. Förster, Heilbronn 1882, p. 126, fab. XLIX, v. 13; «vitat auis *taxum*». Alguns mss. tem *toxum* e *tantum* (vid. *loc. cit.*, nota; e Hervieux, *Les Fabulistes latins*, 1, 2.^a ed., 342).

² *Tratado da significação das plantas*, Lisboa 1698, pp. 329-330 (a 1.^a ed. é de 1622).

³ *Dict. génér. de la lang. fr.*, t. II, p. 2136, col. 2, in fine.

terra: 1) synonymo de «alcaidaria», territorio que está sob a alçada do *alcaide* (vid. esta palavra), xxxiv, 36; 2) synonymo de «reino», xlv, 7, pois alterna com esta palavra, *ib.*, 4.

tiçom, tição: xiii, 10.

tirar, puxar, iii, 13; xlv, 8-9 («*tirou fora de ssua espada*»).—Cfr. o fr. *tirer*.

tocar, na expressão «*leixa-me tocar teu pulso*», xxviii, 8; hoje diríamos «tomar-te o pulso». Cfr. lat. *tangere venam, venarum pulsum attingere*.

totalas, todas as: xvi, 9. Alterna com *todas as*.—Propriamente *totalas* está por *toda'las* = *todas las, com assimilação do s ao l do artigo arcaico, e absorpção consecutiva.

todo, tudo: xvi, 16.

tolher, impedir, vedar: vi, 13.

trabalhar de, esforçar-se por: xvii, 15, 16; xix, 21.

tras (em), atrás de: xliv («os cães corriam em tras ell»). Esta expressão não foi ainda, como creio, archivada nos nossos lexicos.

[**travessado,** atravessado: viii, 12 (trauessado). Alterna com *atrauessar* na mesma fabula, l. 3. Vid. o que se disse s. v. «*atravessar*»].

trautado, tractado: xxi, 8.

trebelhar, brincar saltando: xvii, 4, 7, 8; xviii, 15. Vid. *trebelho*.

trebelho, brinco: xviii, 16.—Temos em português dois vocabulos nesta fórma, os quaes não devem confundir-se: 1) *trebelho*, substantivo abstracto e verbal derivado de *trebelhar*,—é o que se emprega no Fabulario; 2) *trebelho*, substantivo concreto,—no sentido de peça do jogo do xadrez, etc. De modo que *trebelhar* vem do subst. concreto *trebelho*; e o subst. abstracto *trebelho*, vem, como digo, de *trebelhar*. O Caturra, no *Novo Dicc. da ling. port.*, confundiu em um só estes dois vocabulos, originariamente distinctos.—Aos textos citados por Viterbo e Moraes, em que se lê *trebelho* nos dois sentidos, junte-se mais: *Vida de Maria Egipcia*, sec. xiv, publicada por Cornu¹, p. 16; *Demanda do Santo Graall*, ed. de Reinhardtstoettner², p. 14 (*trebelho, trabelho*, e certamente por êrro *trabalho*).

¹ *Anciens textes portugais*, Paris 1882, extr. da *Romania*, vol. ix.

² Vienna de Austria 1887.

treedor, traidor: XVI, 5; XXX, 21.—A fôrma *treedor* presuppõe outras anteriores: **traedor*, **traidor*, esta ultima com o dissyllabo *ai* (não ditongo), por assentar directamente no verbo *trair*, de que foi considerada substantivo verbal (agente). A moderna fôrma *traidor* (duas syllabas) assenta em *traditore*.

trelladado, trasladado (partic. de *trelladar*): prol., 5.

tremeter de, cuidar de, occupar de: XXI, 14.

treçom, traição: XXX, 13 (treçom).

tribulaçom, tribulação: XLIII, 12; LVII, 14-15.*

tribulado, attribulado, dorido: XXVII, 3.

trigo, trigo: XII, 5 (trijguo, 23 (id.); XXIII, 5 (id.), 17 (trijgo), 23 (trijguo).—A fôrma *triigo* encontra-se noutro texto ant., citado por Cortesão, *Subsidios para um Dicc.*, s. v. Se *ii* tem valor phonetico, poderá admitir-se que a evolução da palavra foi: *tríticu*-> *tridigo*¹ > **triidgo* > *triigo*.

U

(*U* consoante: vid. *v*-)

u, onde: IV, 12 (hu); XIII, 3 (id.), em que alterna com *onde* (omde) na l. 4.—Provavelmente *u* era já arcaismo, pois é raro nestas fabulas.

ũa, uma: passim.

ũu, um: passim.—Os *uu* são etymologicos: lat. *u n u*-.

usar: 1) teimar, porfiar, permanecer, ser useiro e vezeiro, XXIV, 11; 2) *usar com*, ter uso com, ter trato com, XXXV, 4, 7 (cfr. hesp. arc. *usar con*).

V

vãa, vã: na expressão *ũa glória*, XXXIII, 3; e *ũaas glórias*, XXIX, 29. O segundo exemplo mostra que estas expressões valem por duas palavras, e não por uma, como hoje.

vaxelo, certa vasilha: XIX, 4. Era prato ou outra semelhante, pois o texto diz: *hũu vaxelo muy larguo*. Esta palavra creio que não está ainda archivada nos nossos lexicos.—Do lat. *vascellum*, deminutivo de *vas* «vaso». A mesma palavra existe noutras lingoas romanicas com sentido variado: fr. *vaisseau*, ital. *vascello*.

¹ Representado pelo hesp. ant.: vid. Pidal, *Gram. Hist.*, 2.^a ed., § 96-1.

veer, ver: IV, 12; XVI, 3.—Os *ee* são etymologicos: lat. *videre* > **ve(d)er(e)*.

vergonça: 1) vergonha, XV, 16 (vergomça); XVII, 17 (id.); 2) = *pudenda*: XLII, 3.—Do lat. *verecūdia*, i. é **ver'gondia*, onde *-dia*, por estar depois de consoante, deu normalmente *-ça*, como em *verça* < *vir'dia* (de *vir'dis*); cfr. hesp. *verguenza*.

vérmões, vermes: XLIII, 14. Presuppõe o sing. *vérmẽ*, que Viterbo, *Elucid.*, cita como do sec. XIV.—O etymo está no lat. vulg. **vermine-*, deduzido de *verminosus*; cfr. hesp. arc. *bierven*, ital. *vérmine*.

virtude, virtude, no sentido de «capacidade», «valor», como *virtus* em latim: XXX, 10.—A fôrma *virtude* é corrente no sec. XV: em D. Duarte e Azurara; no cod. iluminado n.º 94 da Biblioteca Nacional, tambem do mesmo sec., fl. 90-r, lê-se igualmente *virtude*; e ella existe ainda hoje na lingoagem do Alemtejo: Vid. *Rev. Lusit.*, II, 24.

verso, verso, no sentido de «sentença»: XI, 25.—A mesma palavra, no sentido porém de «verso» ou «versiculo», se encontra nos *Ined. de Alcobaca*, III, 12, em um texto já citado por Cortesão, *Subsidios*, s. v. Esta é a legitima fôrma portuguesa,—do lat. *versu-*, com *ss* por *rs*, como em *avêssu* < *adversu-*; talvez mesmo *verso* se pronunciasse *vêssu*. A fôrma *verso* é mero latinismo; cfr. *persoa*.—No sentido de «sentença» ou «adagio» temos em Gil Vicente, III, 371, *verso*. Cfr. tambem hesp. arc. *viesso*¹.

vezinho, vizinho, VII, 2.—É a fôrma legitima portuguesa, do lat. vulg. **vecinu-*, e toda a gente, que não falla com affectação, assim pronuncia hoje, embora, por influencia do lat. classico, *vicinus* se escreva *vizinho*.

vlanda, comida: XIX, 3.—Gallicismo já antigo.

vīr, vir: XXIX, 32; XL, 14; XLIV, 14.—Os dois *ii* são etymologicos: lat. *venire*.

villania, palavra propria de vilão, injuria: «conpeçou a dizer muyta *vilania*», XXIX, 7; «e disse muyta *vilania*», LXI, 56.—Neste sentido não vem nos lexicos.

villão, camponês, rustico (por opposição a *fidalgo*): X, 3 (vil-lão); LIV, 2 (vilãoos).—Cfr. hesp. *villano*. Ainda hoje na ilha da Madeira *villão* corresponde a aldeão, çaloio, etc.: Cupertino de Faria, *O Archipel. da Madeira*, Setubal 1901, p. 152.

¹ Vid. D. Carolina Michaëlis, in *Festschrift Adolf Tobler*, 1905, p. 21 e nota 3.

vistir, vestir: XXI, 4.

võotade, vontade: XXII, 4. — Os *oo* são etymologicos: lat. *v o-*
(1) *untate-*.

vurmo: XXVII, 8, na expressão «o pastor . . tirou-lhe a espinha e muyto *uurmo* que já trazia», á qual corresponde no P.^o Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, II (1708), 159-160, quando se occupa da mesma fabula: «tirey-lhe o abrolho, espremi-lhe o *sangue pôdre e materias* que já tinha criado», — d'onde se vê qual é a definição de *vurmo*. Ainda hoje dizemos *esvurmar*. — Fôrma antiga, paralela a *vurmo*, é *brumo*. G. Baist, na *Zs. für Rom. Philol.*, XXVIII, 111, diz, sem probabilidade nenhuma, que tanto *vurmo* como *brumo* podem ter vindo do francês *gourme*.

ERRATAS DO VOCABULARIO

S. v. *afaago*: cfr. na lingua moderna *fâgueiro*, onde *â* (por ser atono, mas aberto) testemunha a antiga duplicidade do *a*; está por *faagueiro*.

S. v. *algo*: cfr. *muito algo* nos *Anciens Textes* de Cornu, p. 1.

Emende-se *alguu* em *algũu*.

O vocabulo *armuzello* talvez signifique no nosso texto «anzol».

No artigo correspondente a *gançar*, l. 1, emende-se *guançoso* em *guanço-o*.

S. v. *mi*: emende-se na l. 2 *tenha sido* em *fosse*.

CONSIDERAÇÕES GLOTTOLÓGICAS

I

GRAMMÁTICA

No Vocabulário precedente archivei todas as palavras antigas que se encontram no nosso texto. Agora convem que eu especifique os caracteres archaicos que a phonetica, a morphologia e a syntaxe do mesmo texto apresentam; na secção consagrada á phonetica farei algumas considerações a respeito da orthographia. Depois do estudo da grammatica direi duas palavras acêrca do estylo das fabulas. Por fim procurarei determinar a epoca da lingoagem.— Para as etymologias das palavras citadas vid. o *Vocabulário*.

A) PHONÉTICA

1. As vogaes atonas apresentam algumas oscillações: *i* alterna com *e*; *u* alterna com *o*,—o que succede, quer quando as vogaes são iniciaes, por ex. *emiigo*—*imüigo*, *ermida*—*irmida* (*hirmida*), *enjuria*—*injuria*, quer quando, sem serem iniciaes de palavras, estão comtudo em syllaba inicial, por ex. *fogir*—*fugir*, *podia*—*pu dia*—*pudera*, *bugio*—*bogio*. Ora se mantem *o* e *e* em circumstancias em que hoje ha *u* e *i*, ora succede o inverso: *arroido*, *molher*, *custume*, *sobio*, *firir*, *legar*, *mester*, *milhor*, *mintir*, *missigeiro*, *misurado*, *miçquinho*, *vertude*, *vistir*, *obidiente*, *destruir*. Phenomenos avulsos: *enxemplo* (*e* nasal inicial), *piadoso* (hoje *piadoso*).

A terminação latina -VNT nos verbos deu -om, por ex. *comérom*, *dissérom*, *tomárom*, mas *ouvéram*, preter., LVII, 5, e *viram*, LVII, 11, se não ha erro de *a* por *o*; -ANT deu -am, por ex. *estávam*, excepto *engánom*, XV, 15; -ENT deu -em, por ex. *procédem*. Provavelmente as terminações verbaes atonas -am e -em soavam ainda -ã e -ẽ, e não -ão e -êi (-ãi), como hoje.

Nos verbos as terminações -eo, -io absorvem a enclitica *o* (*os*): *comeo* = *comeo-o*, II, 21, e III, 16; *vios* = *vio-os*, III, 14; *ferio* = *ferio-o*, XII, 17; *recebeo* = *recebeo-o*, XXXIV, 31. Este uso é corrente noutros textos antigos (portugueses e gallegos).

2. A *vadunt* corresponde *vaam*, LIX, 12; a *stant* corresponde *estam*, prol. 13. Temos *-om* no futuro: *acusaróm*, XLV, 12.

3. Mantem-se os digraphos tonicos *-ea* e *-eo* (hoje *-eia*, e *-eio*): por ex. *aldea*, *alheo*, *cheo*, *feo*, *freo*, *meo*, *seo*. Atonos: *leom* (a par de *liom*), *meolo*. Temos tambem *peor* < lat. *peiore-*, a par de *peiorar* < lat. *peiorare*.

4. Mantem-se o ditongo *ui* (hoje reduzido a *u*) em *cuitelada*, *escuitar*, *fruito*; e o ditongo *au* (hoje reduzido a *a*) em *trautado*.

5. Quando da syncope de certas consoantes entre vogaes iguaes resultaram ditongos ou digraphos que na lingoa moderna estão reduzidos a vogaes simples, oraes ou nasaes, o texto mantem os ditongos ou os digraphos:

-L-	-N-	-D-	-V-
<i>aa</i>	<i>algũu</i>	<i>cobiũa</i>	<i>pãao</i>
<i>afaago</i>	<i>arrepeender</i>	<i>creer</i>	
<i>braadar</i>	<i>bõo</i>	<i>empeecer</i>	
<i>coobra</i>	<i>gaado</i>	<i>fiees</i>	
<i>cruévees</i>	<i>homêes</i>	<i>meezinha</i>	
<i>diaboo</i>	<i>infiindo</i>	<i>pee</i>	
<i>doo</i>	<i>jajũu</i>	<i>seer</i>	
<i>estávees</i>	<i>lãa</i>	<i>treedor</i>	
<i>fiees</i>	<i>manhãa</i>	<i>veer</i>	
<i>maa</i>	<i>peendencia</i>		
<i>notávees</i>	<i>rãa</i>		
<i>paancada</i>	<i>sosteer</i>		
<i>poboo</i>	<i>teer</i>		
<i>poo</i>	<i>ũu</i>		
<i>poomba</i>	<i>vãa</i>		
<i>queente</i>	<i>vermêes</i>		
<i>voontade</i>	<i>vũir</i>		

É de notar que, a par de *braadar*, se encontra *bradava*, XVI, 8; a par de *coobra* se encontra *cobra*, LIX, 9 (em fim de linha, porém); a par de *seer* se encontra *ser*, XXVIII, 20, e *serás*, XXVIII, 9; tambem se encontra *fe*, XXIX, 29, e *rria*, XLV, 19, a par de *riir*, duas vezes, *ib.*, 17 e 18. Primitivamente as duas vogaes resultantes da syncope pronunciavam-se distinctas uma da outra, como se prova dos versos dos Cancioneiros; com o andar do tempo as duas vogaes fundiram-se em uma só, mas continuou a escrever-se *maa*, *poo*, *seer*. O encontrar-se no nosso texto *ser* a par de *seer*, e por outro lado o encontrar-se ahi *vaas*, XLIII, 6, *ataa*, *oo* a par de *ho*, e *antiiguo*,

onde a duplicação das vogaes não é etymologica, faz crer que a oscillação da pronuncia se dava já no tempo em que se escreveu o nosso texto, ou pelo menos no da execução do manuscrito; todavia podia o copista ter-se ás vezes enganado¹.—Em *moor* temos tambem o duplo.—A par de *bóo* o texto apresenta *boo*: vid. o *Vocabulario*.

6. Da syncope de -N- em -ONE- e -ANE-, e de -D- e -N- em -VDINE-, resultou respectivamente -om, -am, -õe (e -om), sons que hoje estão reduzidos a -ão:

	-ONE-	-ANE-	-VDINE-
<i>cabrom</i>	<i>razom</i>	<i>cam</i>	<i>mansidõe</i>
<i>cajom</i>	<i>sermom</i>	<i>gaviam</i>	<i>multidom</i>
<i>condiçom</i>	<i>suspeiçom</i>	<i>pam</i>	<i>simildom</i>
<i>confissom</i>	<i>tiçom</i>		
<i>ladrom</i>	<i>treiçom</i>		
<i>leom</i>	<i>tribulaçom</i>		

Em *galarandom*, de origem germanica, e em *afam*, de origem desconhecida, temos respectivamente tambem -om e -am.—Do pl. -ONES, -ANES e -VDINES veio respectivamente -ões, -ães, -ões, por ex. *ladróoes*, *cãaes*, *simildões*.—A par de *cabrom* temos *cabram*, LX, 2, 3, 5 (tres vezes; a repetição mostra que não é erro de escrita); a par de *leom* (*liom*) temos *leam*, XXII, 10, mas o mais usado é *leom*; a par de *ladrom* temos *ladram*, LXI, 9; a par de um exemplo duvidoso de *capom*, temos cinco vezes *capam*, LXII, 2, 3, 5, 7, repetição que mostra não haver erro de *am* por *om*.—O lat. -ANV está representado igualmente por -ãao, como em *irmãao*, XXVIII, 7, *grãao*, XXIII, 20, *vilãao*, XI, 7, *mãao*, XVII, 3, *sãao*, XXVII, 10, palavras cuja terminação corresponde á lat. -ANV-; cfr. ainda *louçãao*, XXIX, 3, <> hesp. *lozano*, a que alguns attribuem origem germanica (got. *laus*), mas que poderia vir do lat. **lautianu-*, derivado de *lautus*.

¹ Possuimos provas de que oscillação de *ee* para *e* existia já no tempo de D. Denis, pois este rei-trovador, se contava, por exemplo, *sóo* como dissyllabo, contava *bem* (de *bēe* < *b e n e*) como monosyllabo: vid. *Liederbuch*, ed. de Lang, n.º 36, etc.—Claro está que, assim como hoje umas pessoas dizem *pouco*, outras *póco*, ou uma mesma pessoa diz, conforme as circunstancias, ora *bõa*, ora *boa*, ora *noite*, ora *noute*, tambem na epoca em que começou a simplificação dos digraphos ou ditongos havia de haver variações de pronuncia.

7. De non veio *nom*, hoje *não*; de sunt veio *som*, hoje *são*.

8. Na classe das consoantes labiaes temos: -b- > v em *avondar* < abundare; *proveza* a par de *probeza*; temos b por v em *bibera* < vipera e *proberbio* < proverbium; temos -BILE- > -vil em *estavil*, a par de *débille*, xxxvii, 13 (latinismo); temos *poborada*.

9. O s- (s impuro) está representado, ora por s-, ora por es-: *sperança*—*esperança*, *scudeiro*—*escudeiro*. Cfr. *escapar*—*scapar*, onde es- (s-) provém de ex-; *escarnecer*, a par de *scarnho*, de origem germanica.—Depois de semivogal está s reduzido a j em *cajom* < (oc)casione-.—Havia constante diferença entre s-ç e f-ç. Em *mizquinho* o ç tem origem arábica; cfr. hesp. *mezquino*.

10. -qvo está representado por -co em *inico*.

11. Grupos de consoantes: BL- > br em *brasfemar*; FL- > fr em *fror*; -m'l- > br em *sembrante*.

12. PHENOMENOS GERAES. Dá-se prothese de a em *abastar*, *abolver*, *abüter*, *achegar*, *alevantar*, *alimpar*, *arrefees*, *arroido*. Epenthese em *celestrial*. Metathese em *afremosentar*, *percatar* a par de *precatar* (confusão de pre- e per-), *probe*, e em -airo por -ario: *contrairo*, *sodairo*. Apocope em *árvor*, *el*. Apherese em *maginar*. Syncope em *simildões*. Assimilação em *assolver*, *aversidade*, *trelladado*, *vesso*. Dissimilação vocalica em *arteficioso*, *homecidio*, *malecioso*, *vezinho*; consonantica em *frol* por *fror*. Por influencia do r temos *çarrar*, e do l temos *elamento* (em ambos os vocabulos mudança de e em a).

ORTHOGRAPHIA

13. O que se vae dizer é natural complemento não só da phonetica, estudada a cima, mas do que se disse na introduccção d'este trabalho.

14. As vogaes tonicadas estão ás vezes duplicadas: oo (interjeição «ho», que porém alterna com o, ii, 18, e com ho, xv, 5), *ataa*, *trijguo*, *prijguo*, *imijgo*, *antijguo*. Cfr. § 5.—Caso avulso é *obee-decer*, LVIII, 14.

15. Ditongos e digraphos:

A vogal tonica do ditongo nasal ou oral, cujo segundo elemento é e ou o, duplica-se geralmente: *capõoes*, *pinhõoes*, *simildõoes*, *cãaes*, *irmãao*, *mãao*; *quaaes*, *saae*, *maao*, *paao*, *dooe*.

A subjunctiva i dos ditongos está geralmente representada por y: *muytas*, *foy*, *vay*, *mays*, *dey*. Todavia tambem se encontra i e j: *pois*, *depojs*.

16. Uso de *j*, *y* e *i*:

É frequente *j* por *i*: ex. *ajmda*, *jroso*, *ljvro*, *jmçertas*, *jmverno*, *jmfiymdas*, *jrmida*, a par de *liuro*, etc. É frequente *y* por *i*: *guysa*, *ssy*, *cayr*, *ty*, *aguya*, a par de *guisa*, *aguia*, etc. Em *seia*, XI, 27, temos *i* por *j*; mas *seja*, XI, 29. Parece-me porém que o mais geral é *y* nas tónicas e *j* nas atonas; *i* por *j* é raro.

17. Uso de *g* e *gu*:

Ha alguns casos raros de *g* por *gu* antes de *e* e *i*: *legemos*, III, 8 (em fim de linha), *algem*, XI, 13 (tambem em fim de linha), XXIV, 14, *fugeyra*, XIII, 11 (com um pequeno traço sobre o *g*: representará o *u*?), *ágia*, XXX, 14 (em fim de linha). Estes exemplos são pouco comprovativos de que realmente o escriba queria com *g* representar *gu* (i. é., podem ser enganoso ou recursos para poupar espaço); além d'isso, em contraposição com elles mesmos, encontra-se *alguem*, XVIII, 14, *aguia*, XXX, 3. A respeito de *burgês*, vid. o *Vocabulario*.

Na fab. LXII, 14, lê-se *fugo* «fujo». Comparavel a esta fórma é *fugades*, que se lê no codice illuminado n.º 94 da Bibliotheca Nacional, sec. XV ou anterior, fl. 89, e *fugan*, que se lê na *Cronica Troiana*, sec. XIV, Vocab., II, 331. Comquanto não fosse impossivel que no lat. vulg. da Lusitania houvesse **fugo* e **fugam*, talvez porém em todas estas palavras *g* valha *j*.—Cfr. tambem *corrige* no *Leal Conselheiro*, p. 139, e *elegam*, que Roquete cita na nota àquelle passo.—No citado cod. illuminado ha tambem *mangar* = manjar.—Comquanto no nosso ms. fosse mais natural estar *fuguo*, se o *g* tivesse o seu valor de guttural, todavia nem sempre o escriba representou o *g* por *guo*, por ex. *trijgo* (a par de *trijguo*).

Exemplos de *gu* por *g*: *amiguos*, *antiguo*, *augua*, *cáguado*, *di-guo*, *enguordar*, *foguo*, *greguo*, *guaado*, *guaallo*, *guarguanta*, *lugar*, *meygua*, *traguo*, *trijguo*, *vinguamça*,—a par porém de *auga*, *engomar* (quasi em fim de linha), *trago*, *gaado*, *galardom*, *guarganta*, *trijgo*.—Em *lingua* o *o* mostra que depois do som guttural se fazia, como hoje, ouvir uma vogal labial.—A razão de se empregar *gu* está em querer frisar-se perfeitamente que *g* não tinha o valor de *j* que muitas vezes se lhe dava, mesmo antes de vogaes que não fossem *e* e *i*.

18. Uso de *qu*:

Parallelamente a *gu* por *g*, temos *qu* por *c* em *açerqua*.

19. Uso de *u* e *v*:

Usa-se *u* por *v* entre vogaes, entre vogal oral e consoante liquida, e ás vezes depois de palavra proclítica: *aves*, *deuemos*, *leuou*,

ouuesse, crueuees, proueyto, aleuamta, mouer, rroueluer, durauyll, ssouella, caualo, aueo, louuado, auysados, viujam, auer, guouer-nasse, auemturança, caualeyro, leuantar, marauilha, uissem, numerosos preteritos em -aua, nouo, liuro, liurar, seruiço, eruauço, eruas, seruo, aruor, coruo, çeruo, palaura, calua, ssalue, ssiluado, aboluer; o uelho, hũa uez, dez uezes, e uergonça, dá-uos, ell ueo, a uos a uyda, muyto uurmo, ho uaqueyro.

Usa-se *v* no principio de palavra e depois de nasal: *vivia, vedes, virtuosamente, vãao, venhã, velhaco; voamdo, emveja, com-vida.*

Todavia tambem ha excepções, sobretudo á primeira regra (*u* entre vogaes).

20. Uso de *h*:

Usa-se *h* antes de *u* em *hu, hũa, hũu, hultimo, hunhas, husar* (a par de *ussar*). Antes de *i* em *hi, higuarias, hirmida* (a par de *jrmida*). Alem d'isso em *ho* (a par de *o*), *haos* (a par de *aos*), *he, haar* (a par de *ar*), *hestoria* (a par de *estoria*), *houtro* (a par de *outro*), etc. Pelo contrario falta *h* em muitas palavras em que hoje se emprega: *oje, omildoso, aver.*

21. Consoantes iniciaes dobradas:

É frequente no principio haver *ss-*; tambem se encontra muitas vezes *ff-*, e ás vezes *ll-*: *ssua, ffoy, llãa*. Quanto a *rr-*, vide o que digo na Introduccão.

22. Consoantes mediaes dobradas:

Entre vogaes, *l* e *ll* oscillam: *villãao, vilãao*. Notavel é entre vogaes o uso, por vezes, de *-ss-* por *-f-* (isto é *s* sonoro), tambem existente noutros textos: *pressença, quassy, pressentar, misseria, ussar*. Alem do uso normal de *ss*, como hoje, encontra-se: *comverssar* (a par de *persoas*), *emssynos* (a par de *emsinaua*), *consselho*. Ás avéssas, temos *s* por *ss* em *comese*, XIX, 7.

23. *L* final:

O *l* final de syllaba, ou *l* gutturalizado, é frequentemente representado por *ll*¹: *ell, proll, cruelmente, mall, aquell, quall, vill, froll, peytorall, rroussinoll, sylluado*. Todavia tambem se encontra *vil* (em fim de linha, XI, 24), *qual* (em fim, V, 4; mas *qual* tambem noutras circunstancias), *ssiluado*.

24. Em certos casos em que ha crase de vogaes, o *ms.*, como outros muitos textos, representa apenas o som resultante: *comeos* = *comeo-os*, *d'aguia* = *da aguia*. Cfr. § 1.

¹ Cfr. Rev. Lusitana, I, 64.

B) MORPHOLOGIA

Tratarei successivamente dos nomes, dos pronomes (com os artigos), dos verbos e das particulas.

a) NOMES.

25. O plural do substantivo *sol*, VII, 5, é *soles*, VII, 7, e não *soes*, como hoje. Fernão de Oliveira, na *Gram. da Linguagem Port.*, 2.^a ed.¹, p. 109, dá uma regra conforme com esse exemplo: «*sol* fará *soles*, e não *soys*, e *rol* *roles* e não *rois*, por differença das segundas pessoas d'estes verbos: *soyo*, *soes*, por *acostumar*, e *royo*, *roes* por *roer*». — Os nomes em *-am*, *-om*, *-em*, fazem respectivamente o pl. em *-ãaes*, *-ões*, *-êes*: vid. §§ 6 e 15. — Sobre o pl. de *deus* (*deos*) vid. a annotação que faço á fab. XLVII, 2.

26. Como vimos no § 8, os adjectivos latinos em *-bilis* estão representados no singular por *-vil* e *-bille*. O seu plural é em *-vees* (§ 5): *estávees*, XX, 10, *cruévees*, XIII, 16 (vid. Vocabulario); mas *cruées*, XXXI, que presuppõe o sing. *cruel*.

27. O adj. *grande*, quando proclítico, apocopa-se frequentemente, tomando a fórma *gram*, o que succede tanto antes de substantivos masculinos, como de femininos, começados por consoante: *gram temor*, XI; 10, *gram vergonça*, XXXIV, 27; antes de vogal emprega-se *grande*, que pôde tambem empregar-se antes de consoante, mas menos vezes que *gram*²: *grande arroido*, LVII, 2, *grande enveja*, LXI, 5, — *grande temor*, LVII, 3, *grande sanha*, I, 12; no pl. é *grandes*: *grandes golpes*, LXI, 34, *grandes vozes*, XXX, 6. — Na lingua moderna perdeu-se o uso geral de *gram*, que ficou apenas estereotypado em certas expressões litterarias, como *grão-mestre*. Em hespanhol, porém, é ainda corrente, *gran sermón*, *gran yegua*.

b) PRONOMES E ARTIGOS.

28. Como pronomes demonstrativos temos: *aqueste*, *aquesta* (a par de *este*, *esta*), *esto*, *medês*, *aquell*³ (a par de *aquelle*), *aquello*, *ello*. Como pronomes pessoaes: *ell*, tanto em proclise, como em

¹ A 1.^a ed. é de 1556.

² De uma estatística que fiz, que, comquanto não seja completa, é porém extensa, vê-se que *gram* se emprega 24 vezes antes de masculino, e 8 vezes antes de feminino, ao passo que *grande* se emprega 3 vezes antes de masculino e 2 antes de feminino.

³ Os exs. que colhi de *aquell* são em proclise. — No pl. *aquelles*.

pausa¹ (a par de *elle*²), plural *elles*; em *com tigo* a preposição vem separada do pronome, XL, 14, 22 (cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 116, *com mygo*); *lhe*, plural, II, 25; VII, 4; VIII, 21; XLVIII, 11 (a par de *lhes*³). Como pronomes indefinidos: *al . . al* (III, 20), *algo*, *algũu*, *algũa*, *cousa* (IV, 6), *todo* (neutro) «tudo».—A respeito de *homem* empregado como pronome, semelhante ao *on* fr., vid. Syntaxe, § 35-c e § 39-f.

29. Artigos: *ũu*, *ũa*. O artigo definido conserva o *l* quando ligado com certos pronomes ou particulas que terminam em *s* e *l*: *ambalas*, XXX, 3, *todallas*, XL, 34 (a par de *todas as*, XVI, 9), *pollo* (que alterna com *pelo*).

c) VERBOS.

30. Phenomenos communs:

A 2.^a pessoa do pl. do indic. e conj. terminam em *-des*, e a do imperat. em *-de*:

<i>percades</i> , XXXIV, 36	<i>ajudade</i> , XLI, 9
<i>tomedes</i> , XXXIV, 36	<i>dade</i> , XLI, 9
<i>veedes</i> , XLVIII, 4	<i>comede</i> , XIX, 15
<i>veredes</i> , prol., 11	<i>façede</i> , XLVIII, 5
	<i>morredes</i> , III, 12

um exemplo avulso de syncope é *dees*, XLII, 7, na 2.^a pessoa pl. do pres. do conj.—A 3.^a pessoa pl. do pres. e imperf. do indic. e do pres. do conj., do condicional, do fut. do conj. e do pres. do infinit. termina respectivamente em *-am* e *-em*, terminações que de certo soavam *-ã* e *-ẽ* (cf. § 1):

I	II	III
<i>curam</i>	<i>devem</i>	<i>seguem</i>
<i>levavam</i>	<i>scarneciam</i>	<i>sobiam</i>
<i>accusariam</i>	<i>defendam</i>	<i>viessem</i>
<i>desprecem</i>	<i>escondessem</i>	—
<i>filhassem</i>	<i>tiverem</i>	—
<i>enganarem</i>	<i>escarnecerem</i>	—

sendo excepção notavel *enganom*, xv, 15, 3.^a pess. pres. indic. (se não ha erro de *o* por *a*).—A 3.^a pess. pl. do pret. indic. termina

¹ Por. ex.: XXXIV, 15 e 29; LXII 10.

² *Elle* acha-se tambem em proclise: v, 5.

³ Por ex.: XXI, 11.

em *-om*: *começarom*, *comerom*, *cobrirom*; excepções notáveis (se não ha erro de copista) são: *ouveram*, LVII, 5 (mas *ouverom* nos outros casos, XLIX, 5, etc.) e *viram*, LVII, 11 (mas *virom*, L, 8).— Na 3.^a pess. pl. do fut. indic. temos *accusaróm*, XLV, 12¹, a par de *averám*, XXXIX, 14 (como o fut. é formado de *aver*, notarei que a 3.^a pess. pl. do pres. é constantemente *ham*, por ex. XXIII, 17).— Na ligação do pronome com o futuro, ora se intercala aquelle, como no português literario moderno, ora não, como na linguagem popular: *façe-lo-hemos*, XLVII, 17, (em port. mod. *fa-lo-hemos*); *fará-o*, V, 9; *matar-t'á*, XLIV, 8. Futuro periphrastico: [*a*]vemos seer: XLVIII, 20.— O part. pret. é uma vez em *-udo*: *veençudo*, LXI, 50, a par de *vencido* e de outros muitos exs. em *-ido*.

31. Verbos avulsos:

AVER	DAR
<i>ouveram</i> (pret. perf.), LVII, 5	<i>dey</i> « <i>deu</i> » ³ , XII, 4
<i>ave</i> (imper.) ² , XVIII, 10	<i>dees</i> , XLII, 7
	<i>dade</i> , XLI, 9
ESTAR	
<i>esteverom</i> , XLI, 15	
<i>estever</i> , 1. ^a pess., XXIX, 16	
<i>estemos</i> (conj.) ⁴ , LVII, 9	
FAZER	
<i>fiçe a ty</i> , VIII, 14	<i>fezesse</i> , XIII, 12; XLVI, 4; XXV, 4
<i>fezeste</i> , II, 15; VIII, 14; XII, 22	<i>fezesses</i> , LIII, 8
<i>feçe-o</i> ⁵ , III, 10; XIV, 8; LXI, 60;	<i>fezessem</i> , XIX, 20; XXV, 5
XXX, 14	
<i>feçemos</i> , XLIX, 9	<i>feçermos</i> , XLVII, 16
<i>fezerom</i> , XLVI, 8; XVII, 12	<i>fará-o e façe-lo-hemos</i> : § 30
<i>feçera</i> , XII, 7; LX, 7	<i>façede</i> , XLVIII, 5
IR	
<i>vaas</i> « <i>vaes</i> » ⁶ , XLIII, 6	

¹ Também no *Leal Conselheiro*, p. 280: *poderóm*.

² Lat. *habe*.

³ Lat. *de(d)it*. É fórma corrente no sec. XIV (*Demanda do santo graall*). Mas este é o unico exemplo do Fabulario; a par ha *deu*.

⁴ Lat. *stemus*.

⁵ Quando independente é *feç*, IV, 13. Cf. *pose-a*.

⁶ Cf. *Estudos de Philol. Mirandesa*, I, 443.

MORRER

*mouras*¹, XXIII, 33*mouram*, XXXI, 16*morreredes*, IV, 12

PARIR

*páira*², 1.^a pess., IX, 5

PVNGIR

punguo, XXII, 13

POER

sing. *pom*³, XX, 1, etc.pl. *poem*, prol., 9; XX, 11{ *pose-a*, X, 7{ *pose-sse*, LXI, 42, 45{ *pose o pé*, XXVI, 2

REQUERER

requere, XXVI, 18

SABER

*saibya*⁴, XLV, 37

SVBIR

sube (imper.), III, 8

SEER

1.^a pess. { *soo*⁵: VI, 8
 sing. { *som*: LVI, 10, 12; LXI,
 53; XXVIII, 7; XXXVI,
 6; XXXIX, 8
 { *soom*: XI, 4

*see*⁶: LXI, 52*som*, 3.^a pess. pl.: II, 16; VIII, 21,
XXIV, 11, XXXIII, 15*fuy* «foi»⁷: XVI, 9*forom*: III, 10*seerem*: XII, 25

TEER

*tem*⁸: pr., 18; XX, 18*teemos*: VII, 9*teendes*: XLII, 4*teem*⁹: pr., 17; III, 20; IX, 21*tiinha*¹⁰: IX, 3*terremos*¹¹ (fut.): VII, 10*sosteemos* (= sos-teemos): XLI, 3¹ Lat. *morias, por *moriaris*.² Lat. *pariam*.³ Lat. *ponet, por *ponit*; cf. gall. e mir. *pō*.⁴ Parece resultar de *saiba* + *sábia* (lat. *sapia*-).⁵ Talvez seja erro por *sôo*.⁶ Lat. *sedet*. A fábula diz *ssee asseentado* «está sentado». Ha certo pleonasmoo, pois *sedere* já de si quer dizer «estar sentado».⁷ É fôrma corrente no sec. XIII (Cancioneiros). Mas é o unico ex. do Fabulario: o usual é *foy*.⁸ Lat. *tene(t)*. Cfr. *pom*. O *-e* apocopou-se por estar desprotegido.⁹ Lat. *tenen(t)*. O segundo *e* conservou-se por estar protegido pelo *-n(t)*.¹⁰ Lat. vulg. **tenia* > **tīa*. Cfr. *viinham*.¹¹ Por *tenremos* (**teneremos*). É fôrma corrente no sec. XV e anteriores. Cfr. *verrá*.

VALER
val: LX, 13

VĪIR
*veo*¹: III, 2; IV, 14
veerom: XVII, 11
*viinham*²: XXXVIII, 4
*verrá*³: XLIV, 7

—
aveo (= a-veo): XXXIV, 4
entreveo (= entre-veo):
 XXXVIII, 21

d) PARTICULAS.

32. Nas preposições e locuções prepositivas temos: *per*; *por* no sentido de «para» (I, 2; V, 12; XIX, 6, etc.; cfr. *Leal Conselheiro*, p. 180); *pera*; *contra*; *antre*; *em pos*; *acerca*; *perante*; *arriba de*; *per diante* «perante»; *d'avante*; *em tras* (XLIV, 2); *ante* «deante de» (XLV, 16.)

33. Nas conjunções e locuções conjuncionaes: *mais* (VIII, 21) a par de *mas* (XXIII, 19); *pero*; *mentres que*; *ataa que*; *em pero*; *como* «quando»; *entrementes que*; *em mentres que*; *depois que*.

34. Nos adverbios e locuções adverbiaes: *atanto*; *ende*; *suso*; *er*; *acerca*; *sollamente*; *cras*; *hi*; *hu* (a par de *onde*); *sempre e nunca*; *entom*; *assi*; *ora* «agora»; *acó*; *da parte de fundo*; *da primeira* (XLIX, 10); *ja nunca* (XXXIV, 26; LIX, 8); *d'atanto*; *tanto* «tão» (X, 2; XLV, 36); *senom*; *ante* «anteriormente» (LI, 10). Adjectivos empregados adverbialmente: *certo*; *forte* (II, 9). Em *cortês mente* (XXXIX, 2) temos o suffixo ainda separado, como se conservasse o seu primitivo valor de substantivo; pelo contrario está junto ao adjectivo em *cortesãmente* (XII, 5, onde por êrro saiu *cortesamente*⁴).

C) SYNTAXE

35. Orações impessoaes expressas de varias maneiras:

a) Com o verbo no plural, por ex.: «nom lhe *podem* contradizer», VI, 19; «*scarneciam* d'ella», XIX, 8; outros exs. XXXIV, 15, e LX, 8.—Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 112-b.

¹ Preterito (forte) em -o, de *venu- < > veni(t).

² Cfr. *tiinha*.

³ Por *venrá* (**venirá*). Cfr. *terremos*.

⁴ Foi o Sr. Epiphanio Dias quem me advertiu d'este êrro.

b) Com *diç*, em narrações, por ex.: «e no Avangelho *diç*», XLV, 37; «*diç* que foy hũa vez hũ leom», XLVI, 1; «no exemplo *diç*», VIII, 22.—Nos *Anciens textes portugais* de J. Cornu, Paris 1882, encontram-se varios exemplos analogos, do sec. XIV: «asy como *cõta* de hũ homẽ», p. 27; «de aquell velho de que *falla* na léenda de Sancto Andre», p. 30; «hu *conta* que lhe veo gram tẽptaçõ carnal», p. 32. O *Conto de Amaro* publicado por Otto Klob na *Romania*, XXX, 504 sqq., começa assim: «*conta* que em huũa provjcia auya huũ hõem bóo que auya nome Amaro» (p. 507). Ainda hoje no povo é frequente começar-se uma narrativa impessoalmente por *diç*.

c) Com *homem*, que serve de pronome, como o fr. *on*, e o prov. *om* (*hom*), por ex.: «e *homem* que está em prosperidade em este mundo nom deue escarneçer do minguado», XXIX, 30; «o mal que *homem* faz», XLV, 33. Na origem *homem* tinha o seu valor de substantivo e era o sujeito logico e grammatical, o que se vê ainda nestas phrases: «por nhũa gram tribulaçom que o *homem* aja», LVII, 13; «poucas vezes póde o *homem* empeeçer na razom», LXI, 66, onde até vem precedido do artigo; e no plural «os *homẽes* nom deuem a fazer a outrem o que elles nom queriam que a elles fizessem», XIX, 20-21 (a ultima oração é impessoal, com o verbo no plural, como supra, § 35-a). Nestes exemplos basta só um salto, para passar, de *homem*, como substantivo e sujeito logico, para *homem*, como pronome e sujeito meramente grammatical. A ideia geral, contida em *homem*, tornou-se indefinida.—São numerosos os exemplos d'este uso em português antigo: cfr. as notas de Roquete ao *Leal Conselheiro*, p. 268.

36. Repetição pleonastica da conjuncção integrante *que*: «ajmda nos ensina mais, que, sse nos alg(u)em ssauda, *que* nos nom assanhemos», XI, 13; «promettendo-lhe que, sse o dêsse ssãao, *que* lhe faria muyto algo», VIII, 6-7.—Este phenomeno é muito frequente em português, sobretudo quando ha grande separação entre o *que* e o predicado. O mesmo succede em latim: Madvig, *Gram. Lat.* (trad. port.), § 480, obs. 2.

37. Particularidades de concordancia:

a) Sujeito (collectivo) no singular e predicado no plural: «toda *gente* te lança de sy, com nojo que de ty *ham*», XXIII, 29. Apesar de na primeira oração estar *lança*, no singular, na ultima apparece *ham*, no plural, por estar um pouco mais longe de *gente*; podia tambem *ham* considerar-se impessoal, cfr. § 35-a.—Sobre este uso na nossa lingua litteraria cfr. o meu opusculo *O texto dos Lusíadas*, Porto 1890, p. 31 sqq.

b) Dois sujeitos no singular e o verbo no singular: «a emjuria e uergonça nom *he* d'aquell que a rreçebe», XVIII, 12-13; «nem lobo, nem outra anymalia nom *lhe fazia* dapno», XXVII, 13.—Isto succede frequentemente em português quando os sujeitos são mais ou menos synonymos, como aqui. Cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 280: «a prudencia e discreçom *quer* obrar acabadamente»; nos *Lusiadas*, v, 38: «este clima e este mar nos *apresenta*».

c) O particípio passivo, que faz parte do tempo-composto de um verbo, concorda em genero e numero com o complemento directo d'esse verbo: «peccados que auemos *fectos* (= feitos)», XLVII, 16.—São tão numerosos os exemplos d'este uso em português antigo, que nem valeria a pena citar mais nenhum: «todos avjam *feita* esta promessa», *Demanda do Santo Graall*, p. 18; «tenho *vystos* e *ouuydos* muitos enxempros», *Leal Conselheiro*, p. 212; «quem vos tivesse *furtada!*», Gil Vicente, III, 66. Vid. as notas de F. Dias Gomes, *Mem. de Litt. Port.*, IV, 65, e as de Roquete ao *Leal Conselheiro*, p. 82. O uso é commum a outras lingoas românicas: vid. Diez, *Gram. des l. rom.*, III, 269 sqq., onde tambem cita a nossa lingoa archaica.

38. Emprego das preposições.

Preposição A:

a) Depois de *andar* (exprime o termo do movimento): «andar *a hũa aldeia*», XII, 2; «andaua a caçar das alimarias *aa ssilua*», XXVII, 11.—Hoje emprega-se nestes casos *ir*.

b) Depois de *creer*: «nós nom quisemos creer *ao bõo comsselho* da amdorinha», XLVIII, 8; «nom deuemos creer nem ssiguyr *aa roomtade da molher*», XXXIV, 41.—Mas *creer em*, LIII, 12-13.

Preposição DE:

c) Na expressão: «tam rrico e tam *de proll*», XXXIV, 29, exprime a qualidade.—Cfr. Epiphânio Dias, *Gram. Port.*, § 153.

d) Ligada com o artigo definido, constituindo o que os franceses chamam *artigo partitivo*: «*farás de tua proll*», XVIII, 10, «começou a talhar *das arvores* quanto *lhe prazia*», XXXIX, 6 (= *a cortar arvores*). A palavra *quanto* é complemento de amplitude: cfr. Epiphânio Dias, *Gram. Port.*, § 122); «tomaram *do pam* pera dallo *aa boca*», XLI, 21; «deram-lhe *da augua* a beber», XXXIV, 21; «queria dar-lhe *do pão*», LI, 3.—Sobre este uso em port. ant., hesp. ant. e outras lingoas românicas, vid. Diez, *Gram. des l. rom.*, III, 39 sqq.

Preposição EM:

a) Depois de verbos de movimento, exprimindo lugar para onde: «voou *em hũa arvor*», XXXI, 11; «ir *em parayso*», XLIII, 16;

«sube em cima de mim, III, 8-9.—Este uso, que é corrente no português do Brasil, acha-se hoje limitado a algumas phrases, como *sair em terra, cair no laço*; cfr. Moraes, *Dicc.*, s. v., onde se citam outros exemplos classicos: *passou em Africa, sairem os Mouros na ilha*. São tudo exemplos em que em latim se empregaria *in* com accusativo. O português moderno, com as excepções que citei, e alguma outra que não me occorra, rejeita este uso, e só emprega *em* nas circunstancias em que em latim se empregaria *in* com ablativo.

b) Nas expressões «guardou na *auga*», v, 3 = olhou para a agoa. Cfr. lat. *inspicere in speculum*.

c) Na expressão «quando foram asseentados na messa», XIX, 3 e 12.—Hoje dizemos *assentados á mesa*, exprimindo-se com *a* a proximidade: cfr. Epiphanio Dias, *Gram. Port.*, § 134.

d) Depois de *usar* em: «husam ssempre em ellas» [em malicias], XIX, 11, onde *usar* significa «porfiar», «ser useiro e vezeiro».

Preposição POR:

a) Depois de *curar*: «curar *por a sciencia*», I, 12 (cfr. hoje *olhar por*); mas na mesma fab., l. 13, «curam *d'ella*».

b) Na expressão *por o de Deus*, XLIII, 17, = por causa de Deus. Vid. a respectiva annotação.

3g. Emprego dos pronomes e dos artigos:

a) Os pronomes pessoaes *el, ti* podem empregar-se com o valor de accusativos, sem preposição, como complementos directos: *enforcariam ell*, XXXIV, 15¹; *achar ty*, I, 9; *amar ty*, LXII, 12; *nom temo ty*, XXII, 7. Todavia tambem se diz pleonasticamente, e com preposição, como hoje: *se te a ty achasse*, I, 5.

Quando em português temos de empregar hoje *mim, ti*, etc., como complementos indirectos, isto é, com a funcção de dativo, emprega-se pleonasticamente *me, te*, etc., antes, e não simplesmente *a mim, a ti*; no nosso texto ha exemplos do emprego de *a mim, a ti*, mas sem repetição pleonastica de *me, te*: «graças que tu *fezeste a mym*», VIII, 14; *dey vida a ty*, VIII, 14-15; *eu fize a ty*, VIII, 15; «estes nom *perdoam a mym*», XVI, 10-11; *fazes a mym*, I, 5; «todas las animalias *vencem a mym*», XVI, 10.

O uso de *mim, ti, si*, isto é, das fórmas tonicas do pronome pessoal, e de *el (elle), vós*, etc., como accusativos é muito frequente na literatura antiga: sec. XIII, «vos ten(h)ades *ele* en uossa uida»²;

¹ No português do Brasil diz-se hoje tambem assim.

² *Rev. Lusitana*, VIII, 3g (artigo de P. de Azevedo).

sec. xiv, «eu matarei uós»¹; sec. xv, «salvae mym creente e obediente a vós»²; «e sabe reger sy e os outros»³; «ty servyndo»⁴; «ouve, Christo, mym»⁵. Também em gallego do sec. xiii: «pignore el por v solidos»⁶.

b) Em português moderno é de uso na lingua literaria intercalar os pronomes atonos *me, te, o*, etc., nos futuros e condicionaes dos verbos (tmese), por ex. *louvar-te-ha*⁷; só a lingua popular diz *louvará-te*⁸. O nosso texto tem exemplos dos dois empregos: *façelo-hei, fará-o, darei-te*, xxviii, 8.

c) Emprego de *nehūu* por «ninguem»: «nhūu nom deue brincar com alguem ssem ssua voomtade» xviii, 14; «nehūu que está em liberdade nom se faça sseruo» i., 21.—Cfr. no *Leal Conselheiro*, p. 290: «*nenhuū* deve d'escolher os moços guyadores dos exercitos guerreadores».

d) O pronome indefinido *todo* junta-se ao seu substantivo sem de permeio se empregar o artigo *o*: *toda jente*, xix, 21, e xxiii, 25; *todas bondades*, xxxiv, 51; *todo sseu proueyto*, xxxv, 21; *toda cousa*, xliii, 18. Este uso é tão geral em toda a literatura portuguesa antiga, inclusivè a classica, que não vale a pena citar exemplos. Em português moderno é raro⁹.

e) *Homem* póde empregar-se sem artigo, com as funcções de pronome sujeito: vid. § 35-c. Cfr. também: «o coraçom uill he aquell que faz *homem* sseer pera pouco», xxii, 11-12. No seguinte passo «ela nom poderia ja nunca achar *homem* que a tanto amasse», xxxiv, 27, *homem* póde ser pronome indefinido, valendo por «ninguem», ou póde ter o seu valor proprio, pois hoje também assim se diria.

f) O pronome relativo *cujo, cuja* póde empregar-se como predicativo, contrariamente ao uso da lingoagem moderna, que só o admite como attributivo: «tornou a cadella, *cuja* era

¹ *Demanda do Santo Graall*, p. 31. Não deve entender-se *matarei-vos*, porque a frase completa é: «ou vós me matade, ou eu matarei vós».

² *Ineditos de Alcobça*, i, 235.

³ *Leal Conselheiro*, p. 289.

⁴ *Ibidem*, p. 478.

⁵ *Ibidem*, p. 479.

⁶ *Doc. galleg. de los siglos xiii al xvi*, p. 16.

⁷ Vid. Epiphanyo Dias, *Gram. port.*, § 188.

⁸ Vid. a minha *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, p. 147.

⁹ Cfr. os meus *Dialectos extremenhos*, i, 19.

a casa» (= de quem era a casa), IX, 10; «como sseu dono avia, *cuja* a cousa era» (= de quem a cousa era), XLIV, 31. Isto é muito frequente na litteratura antiga.

g) O pronome *qual* alterna com *que*, mas emprega-se em muitas circumstancias em que hoje se empregaria mais facilmente *que*, por ex.: «este autor viuia, *o quall* se chama Exopo», prol. 3; «ó gema preciosa e nobilissima, *a quall* jazes em aqieste vill luguar!», 1, 5.

h) Emprêgo pleonastico ou redundante do pronome demonstrativo: «o serviço que se faz de voontade, aquelle é bem feito», XXV, 14. Hoje diriamos: «o serviço que, etc., é bem feito», ou «o serviço que, etc., *esse* é bem feito», ou «aquelle serviço que, etc., é bem feito». — Cfr. Madvig, *Gram. lat.*, § 489.

i) Neste exemplo, «jnoçente *do que* ho lobo a acusava», XXIV, 8, está *do que* em vez de *d'aquillo de que*, com omissão da preposição *de* entre o demonstrativo *o* (= aquillo) e o relativo *que*. Cfr. em Bernardes, *Nova Floresta* (não indico o logar, pois cito de memoria), «que vem *a quem* lhe doe a fazenda». Citei outros exemplos n-*O texto dos Lusíadas*, Porto 1890, p. 46. Póde dizer-se que o relativo absorveu em certa medida a funcção do demonstrativo.

j) Na expressão «nom quis teer *da hũa parte* nem *da outra*», XXX, 7, *hũa* vem precedido de artigo, por estar contraposto a *outra*. Todavia em XXV, 10, lê-se: «sse os rratos me faziam dapno *d'hũa parte*, tu m'ó fazias *da outra*»; e em V, 8: «assy perdeo *hũa* e a *outra*». Em fr. tambem se diz *l'un et l'autre*, mas ahí *un* está substantivado.

k) Não se usa o artigo definido em «as mais *de vezes*», XLV, 35, LI, 3, expressão em que hoje se diria *das vezes*. — Na seguinte phrase sentenciosa, «*rraçom* mostra que rreçeba mal aquell que com outrem quer trebelhar» XVIII, 14-15, omitta-se o artigo antes de *rraçom*, para esta palavra ter o character mais geral possivel.

40. Emprêgo do modo conjunctivo:

Neste passo, «em aquesta estoria o doutor . . diz que quando a probeza sse toma com alegria de coração, nom sse deue chamar probeza, mas rriqueza, porque a probeza he a mays ssegura cousa que no mundo *sseja*» (XII, 28-31), a oração relativa, que é de sentido consecutivo, e está depois de um superlativo, tem o verbo no conjunctivo (em contraste com a lingua actual). Assim tambem em francês: vid. Epiphanyo Dias, *Gramm. francesa*, 8.^a ed., § 342-b.

Neste passo, «aqieste Exopo . . sse comta que *fosse* morto . . per emveja» (prol., 6-8), o conjunctivo está tambem em contraste com a lingua moderna, pois hoje diriamos *fôra*.

41. Emprêgo do modo infinitivo:

a) Depois de certos verbos o infinitivo ora se construe com preposição, ora sem ella:

AVER: [*a*]uemos seer (futuro periphrastico), — cfr. § 30;

COBIÇAR: *cobijço de te ouuyr*, xv, 8;

COMEÇAR e COMEÇAR: *começou de creçer*, XLVIII, 10 (e outros exs. em xvii, 9); *começou tirar e dar com ssua espada*, LXII, 34; *começarom a dizer . . e morder* (no primeiro caso com *a*, no segundo sem preposição), ix, 12;

CREER: *o homem cree a auer vantagem*, XLIII, 13;

CUIDAR: *cuydas a brincar comigo*, xviii, 7;

DEVER: *deuemos de fazer bem*, xvii, 14 (outro ex. *ib.*, 7); *deuêras a auer medo*, xvii, 6 (outro ex. xix, 20); *nom deuemos esperar*, xvii, 10;

ENTENDER: *aly lhe emtemdya de dar*, xii, 9;

ESPERAR: *esperar de fazer bem*, xvii, 10;

OUSAR: *ajmda ousas de falar?*, ii, 20;

PROMETER: *prometeo de lhe dar ssaude*, viii, 8.

b) Infinitivo regido de preposição a servir de sujeito: «*a mym praz mays de comer trijguo . . que gallinhas*» xii, 23.— Este uso, de que ha mais exemplos em português antigo, é raro em português moderno, onde porém se encontram estes exemplos: «*convem a saber*», «*custa a crer*», «*custou-me a ganhar*». Noutras línguas românicas é elle corrente: *il me reste de* (sujeito logico).

c) Na seguinte expressão «*feria o seruo ssem seu mereçer*» xxxvi, 6-7, o infinito está substantivado e precedido do pronome possessivo = «*sem seu merecimento*», i. é, «*sem elle o merecer*». Cfr. *sem lh'o merecer*, ii, 28, e *ssem sseus mereçimentos* (= sem estes lh'o merecerem), xxxi, 17.

42. Emprêgo do participio:

a) Exemplos de participio absoluto em que o sujeito vem anteposto ao verbo, contrariamente ao uso moderno¹: «*e elle morto, morreram os paes*» xli, 24; «*e as palavras dictas*», xii, 28 (a par de «*e ditas as palavras*» xxv, 12), «*ell depenado partio-sse*» xxi, 7.

b) No seguinte exemplo, o participio do presente exprime circumstancia de tempo, e vem acompanhado de preposição, por o verbo subordinante exprimir sentença: «*nós ssenpre ssosteemos*

¹ Cfr. Epiphonio Dias, *Gram. port.*, § 249-obs.

grande afam em andando de cá e de llá em muytos trabalhos», xli, 3-4. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 240-b.

43. Comparação:

a) Na phrase «fará-os ladrões assi *como si*», vii, 9, esperar-se-hia na ultima parte d'ella *assi como elle (é)*, mas o sujeito *elle* foi atrahido para o caso do complemento de *fará*, e tornou-se *si* (não *se*, por ser tonico: propriamente *como a si*).—Dá-se em latim o mesmo phenomeno: «suspitor, te eisdem rebus, quibus m e i p s u m, commoveri», em vez de *quibus ipse (commoveor)*; vid. Madvig, *Gram. lat.*, § 402-b.

b) Quando se estabelece uma comparação, a oração comparativa é expressa negativamente: «eu me comtento mays do meu grão, que tu *nom* te comtentas das rriquezas de rreis», xxiii, 20; «eu amo mays meu senhor que *nom* a ty», lii, 7.—Na lingoagem popular ainda hoje se observam factos analogos.

44. Negação:

Emprêgo pleonastico de *nom* depois de uma expressão negativa: «nem lobo, nem outra anymalia *nom* lhe fazia dapno», xxvii, 13; «nehũa criatura *nom* poderia viver, vii, 8; «nehũa *nom* *deue* brincar com alguem ssem ssua voomtade», xviii, 14; «padre, nem madre nem parente *nom* a podiam d'aly tirar», xxxiv, 8-9 (cfr. no primeiro membro a falta de *nem*; hoje dir-se-hia *nem padre, nem madre*).

45. Collocação:

a) Inversão do pronome possessivo: «com grande minha perda», xxv, 11.

b) Collocação do sujeito entre o pronome pessoal dativo e o predicado: «merçee que lhe Deus faz», xxi, 14.

c) Collocação do adverbio (que ás vezes faz de complemento directo) antes do infinitivo dependente de um verbo:

«mais poderio lhe damos de *mal* obrar», vii, 15;

«pera poder muito *mais* furtar», vii, 16;

«a mym praz mays . . comer *mall*, que *bem* comer e sseer sempre seruo», xi, 23.

d) Inversão do infinitivo junto do verbo de que elle depende: «aquelles que enganar podem», xxxv, 15.

e) Inversão do predicativo: «persoas que useyras ssom», xxxv, 14.

46. Varias particularidades:

a) Na phrase «aquell que de rrapina viue, muytas vezes lhe acontece que perde o corpo», xxxii, 22. Anacolutho. Corrente nos proverbios: vid. em B. Pereira, *Adagios*, os que começam por *quem*.

b) Outras particularidades cito-as nas Anotações ás fabulas.

II

ESTYLO

As nossas fabulas constam de duas partes: enrêdo e epimythio (*ἐπιμύθιον*) ou moralidade. O enrêdo é em parte narrativo, em parte dialogado.

Em geral o estylo é muito simples e familiar; os dialogos muito naturaes. Ha algumas fabulas até de admiravel singeleza, por ex. XI, XXVIII, XXXI. A fab. XXIX é notavelmente elegante.

Como particularidade do estylo do autor notarei o costume de coordenar asyndeticamente ora dois adjectivos, ora dois substantivos: *astrosa fedente*, XXIII, 33; *falsa ribalda*, IX, 14; *maa maliciosa* (alem d'isso synonymos e allitterados), XXV, 7; *doutor poeta* e *sabedor poeta*, passim. Outra expressão adjectiva synonyma, mas syndetica: *debille e fraco*, XXXVII, 13. Nos verbos: *esguardou e vio*, XI, 17; *rraçoar e fallar*, XXXII, 6; *fallou e disse*, passim¹.

Não são raras as antitheses: *assy aos estranhos, como aos amigos, ca muytas vezes de pequeno seruiço rreçebe o homem boo gualdom*, XIX, 22 (moralid.); varios exs. nos dialogos da fab. XXIII.

¹ Nos nossos textos antigos são muito frequentes as expressões synonymas, já por hábito ou mero pleonasmio, já porque uma d'ellas era nova, e ficava a velha para a explicar melhor, ou vice-versa, já porque uma era popular e outra literaria, já finalmente porque havia certas differenças de sentido (em verdade poucas serão no uso da lingua as expressões absolutamente synonymas entre si; ha quasi sempre alguma differença). Por ex.: *quite e livre*, a cada passo na lingoagem da chancelaria; *emmendar e correger*, sec. xv (*Archivo Hist. Port.*, I, 199); «chegado em divodo e parentesco a nós», sec. xv (ib., I, 442); *autos e apostos*, sec. xiv (*Iffante Josaphat*, p. 6); *manda e testamento*, sec. xv (collegiada de S. Estevão de Valença, na T. do Tombo), e em lat. barbaro *manda et testamentum* (*Rev. de Guim.*, VI, 75); *proes e percalços*, sec. xvii (allitteração; *Archivo Hist. Port.*, I, 117); *gulla e gargantuyce*, sec. xv (allitter.; *Leal Cons.*, c. I, p. 286); *estuigar e apressar* (ib., c. LXXXVI, p. 411, numa trad. da *Vita Christi*); *aaras e altares*, sec. xvi (*Esmeraldo*, 2.^a ed., p. 151); *teve e ouve*, sec. xv (*Hist. de Vespasiano*, 2.^a ed., p. 45); *respondeo e dixee* (ib., p. 43); *falloulhe e disse*, sec. xiv (Cornu, *Anciens Textes*, p. 32). Nas demais linguas romanicas succede o mesmo; cfr. Wilmotte, *L'évolution du roman français*, Paris 1903, p. 46, nota 1, onde, a outro proposito, cita muitos exs. do sec. XII, em poetas. Corrente é tambem em francês antigo a expressão *ver ou printemps*: cfr. Cl. Merlo, *I nomi romanzi delle stagioni*, Torim 1904, p. 41, nota.

Temos o que os rhetoricos chamam «chiasmo» na fab. XI, 22-23:
*A mym praç mais viuer em mynha liberdade e comer mall, que bem
 comer e sseer sempre seruo.*

Frequentemente a citação de proverbios e ditos moraes anima
 o estylo:

Buscar cajom contra rrazom, II, 24;

A lingoa nom ha osso,
 Mais rrompe o dosso (XIV, 16);

Muytas vezes o mell
 Sse mistura com ffell (XV, no fim);

A todo homem servirás;
 A quem errares, d'ell te guardarás (XIX, no fim);

Maládante he aquell
 Que sseu aver nom vee (XLIII, 26-27);

Cam que muyto ladra, poucas vezes morde (LIV, 8-9);

Quem neyçiamente cree, neyçio he chamado e neyçiamente
 peca (LIII, 15);

O boy pequeno aprende de arar do grande, e quem quer
 castigar o leom, ffere o cam (XXXV, 9).

Às vezes porém o dizer fica sobrecarregado de sentenças, umas
 litterarias, outras ecclesiasticas: XXXIV, moralid.; XXXVI, 6 sqq.; LXI,
 62 sqq.

A estes defeitos accrescem outros: dialogos notavelmente pe-
 sados, XXIII; narração deselegante, LXI, 30 sqq.; confusão do sing.
 com o plur., XXIV, moralid., e LXII, moralid.¹; syntaxe desleixada,
 LVII, 2; XLVIII, 15; LXI, 7.

Sem embargo, esta obra, pelo seu assunto, constituía grande
 novidade para o tempo, — habituados, como todos estavam, ao en-
 fado da prosa puramente mystica—, e devia ser muito saboreada
 pelos leitores a quem o autor a destinava.

¹ Com estes dois ultimos exemplos cfr. *Leal Conselheiro*, cap. RVI, p. 259:
 «Dos virtuosos *amigos* nom devemos duvydar quando nom vyrmos o contrairo,
 porque som cousas contrairas avello por *amigo*».

*
* *

A linguagem do Fabulario ou *O Livro de Esopo*, é sensivelmente semelhante, embora talvez um pouco posterior, á dos textos contidos no Cod. Alcobacense n.º 266, publicados pelos Srs. J. Cornu¹, Vasconcellos Abreu², Otto Klob³ e J. J. Nunes⁴. Todos elles são do sec. XIV. Quem os ler, encontrará quasi a mesma grammatica, o mesmo estylo, o mesmo vocabulario que no nosso. Por exemplo⁵: a *comé'-o*, corresponde *comeos* AT 23, *rrecebias* T 256; a *engradidõe* VIII 23, corresponde *sobigidõe* J 7; a *som* (*soom*), 1.ª pess. de *seer*, corresponde *som* (a par de *sam*) T 261, *soom* AT 7, *sõ* J 8; á 3.ª pess. pl. pret. em *-om* corresponde *-om* em T, *-om* e *-ã* em AT, *-am* e *-om* em A, *-õ* em J; á 2.ª pess. pl. *-des* corresponde a mesma terminação em todos os outros textos; a *estávees* corresponde *ssemelhavees* AT 3, *semelhavees* J 11, *donzees* A 6.

Alguns d'estes phenomenos são communs a textos posteriores, por exemplo ao *Leal Conselheiro*, escrito entre 1428 e 1438; mas outros já não existem nessa data, por exemplo a terminação *-des* dos verbos, que no *Leal Conselheiro* está syncopada (*podelloees*, *compraees*)⁶.

Se compararmos agora *O Livro de Esopo* com a *Demanda do santo graall*⁷, que é dos meados do sec. XIV, observaremos que este texto, a par de phenomenos communs ao nosso, como mostrei no estudo da Grammatica e do Vocabulario, apresenta alguns que, por serem mais archaicos, não apparecem n-*O Livro de Esopo*, por exemplo, *al de meo* 69, *migo* 78, *chus* 80, *ÿa* (imperf. de *ser*) 6,

¹ *Anciens textes portugais*, Paris 1882 (extr. do t. XI da *Romania*).

² *Lenda dos santos Barlaão e Josafate*, Lisboa 1898.—Este trabalho devia intitular-se *Vida do honrrado Iffante Josaphat*, pois é assim que começa o texto.—Cfr. sobre elle Epiphanyo Dias in *Zs. für romanische Philologie*, XXVII, 465 sqq.

³ *A vida de Sancto Amaro*, Paris 1901 (extr. do t. XXX da *Romania*).—Este trabalho devia intitular-se *Conto de Amaro*, pois assim começa o texto.

⁴ *Historia do cavalleiro Tungullo*, in *Revista Lusitana*, VIII, 249 sqq.—Outra redacção d'este texto, contida no Cod. Alcobacense n.º 244, foi publicada pelo Sr. F. M. Esteves Pereira na mesma *Revista*, III, 101 sqq.

⁵ Abreviaturas que adopto: AT = *Anciens textes*, J = *Josaphat*, A = *Amaro*, T = *Tungullo*.

⁶ Vid. o meu artigo «Fórmulas verbaes archaicas no *Leal Conselheiro*», publicado in *Mélanges Chabaneau*.

⁷ Ed. de Reinhardtstoettner, Berlim 1887.

seuerom (perf.) 10, *certas* (adv.) 83, *caer* 93, *toste* 81; tambem na *Demanda* são correntes certos phenômenos que só accidentalmente se encontram n-*O Livro de Esopo*, como: participios em *-udo* (*perdudo* 2, *metuda* 3, *conheçuda* 4, *veudo* 11, *sabuda* 86,—ao lado, todavia, de *vyndo* 11, e de *conhocido* 7, etc.); a particula *er* 5, 6, 34, 82; *dei* = *deu* 47, 93 (a par de *deu*, porém, p. 111, etc.); *rem* 20, 81.

Alem dos archaismos *er*, *dei*, *rem* e *-udo*, que só uma vez se lêem n-*O Livro de Esopo*, e que são communs, como disse, a elle e á *Demanda*, lê-se lá, tambem uma só vez, *fuy*, fab. xvi, 9 (se não é êrro), a par de *foy*; a fôrma *fuy*, que vem nos Cancioneiros, por exemplo em D. Denis, v. 1575 e 1582¹, é já no tempo da propria *Demanda* completamente archaica².

A conclusão que creio que se deve tirar d'esses factos é que, por um lado, a lingua do Fabulario ou *O Livro de Esopo*, no seu estado actual, fica entre a da *Demanda do santo graall* (mais antiga) e a do *Leal Conselheiro* (mais recente), e que, por outro lado, o nosso texto é até certo ponto modernização ou leitura nova³ de outro anterior, tendo escapado ao copista os archaismos citados; certamente a redacção primitiva data do sec. xiv. Comprehende-se que isto assim seja, pois que a letra do manuscrito é do sec. xv, ao passo que a lingua tem caracteres do seculo antecedente.

Curioso é notar que, assim como n-*O Livro de Esopo* ha expressões que supponho vestigios de redacção anterior, tambem na *Historia de Vespasiano*, que, apesar de impressa nos fins do sec. xv, é talvez copia de um texto mais antigo⁴, se observa avulsamente, *dei* = *deu*, p. 45, como n-*O Livro de Esopo*. Em verdade, poderia suppôr-se *dei* êrro por *deu*; mas, como a cima temos factos parallelos, não é illogico aceitar essa fôrma como real. Tambem na mesma *Historia* alternam fôrmas verbaes em *-des* (2.^a pess. pl.) e *-es*, aquellas mais antigas do que estas. Na *Historia de Tungullo*, ao lado dos participios em *-ido*, que são os normaes, occorre uma unica vez, como archaismo, *derretuda*⁵.

¹ Ed. de Lang, Halle 1894.—Cfr. Ad. Coelho, *Theoria da Conjugação*, p. 93, onde tambem cita *fui* em um doc. do sec. xiii.

² Com a fôrma *foy* coexiste na *Demanda* frequentes vezes *foe*: p. 12, 13, etc.

³ Na Torre do Tombo chama-se *leitura nova* á transcripção que no sec. xvi se fez de documentos mais antigos: cfr. Pedro de Azevedo & Antonio Baião, *O Archivo da Torre do Tombo*, Lisboa 1905, p. 106 sqq.

⁴ Vid. a nova edição feita por F. M. Esteves Pereira, Lisboa 1905, p. 24.

⁵ Vid. *Rev. Lusitana*, viii, 243 (art. de J. J. Nunes).

ANOTAÇÕES ÀS FABULAS

Com as notas que juntei ao texto no pé de cada pagina tive a mira unicamente em torná-lo intellegivel nos passos onde por ventura houvesse alguma dúvida, pelo que ellas são de ordinario apenas paleographicas e phoneticas. As que vão agora seguir-se constituem leve commentario á obra.

PROLOGO.—*Linhas 1-2*) O *Livro da uida e dos costumes dos philosophos*, a que se allude ahí, é o *Liber de vita et moribus philosophorum* de Walter Burley ou Burleigh (sec. xiv), de que ha uma versão hespanhola, anterior aos meados do sec. xv¹, intitulada *La vida y las costumbres de los viejos philosophos*, a qual se conserva num manuscrito da Bibliotheca do Escorial². Tanto o texto latino como o hespanhol foram publicados por H. Knust em 1886 na *Bibliothek des Litterarischen Vereins in Stuttgart*, n.º 177.—Como é pequena a biographia de Esopo contida no *Liber* de Burley, julgo conveniente transcrevê-la aqui, e parallelamente a respectiva versão hespanhola que está no manuscrito escurialense:

Cap. xxiv. ESOPUS

Esopus, adelphus, poeta, claruit tempore Ciri, regis persarum.

Fuit autem grecus, de civitate attica, vir ingeniosus et prudens, qui confinxit fabulas elegantes quas Romulus quidam de greco transtulit in latinum, in quibus docet quid observare debeant homines, et ut vitam hominum emendet et ad mores instruat inducit arbores, aves bestiasque loquaces pro probanda cuiuslibet fabula quam si diligenter lector inspexerit inveniet ioca apposita que et risum misceant et ingenium acuunt eleganter.

Hic primo anno Ciri regis persarum fertur fuisse peremptus.

Cap. xxiv. ESOPPO

Esopo, adelfo, poeta, clarescio en tienpo de Ciro rrey de Persia.

Y fue griego, de la cibdad de Atica, varon yngenioso y prudente, el qual fingio fabulas elegantes, las quales uno llamado Romulo traduxo de griego en latin, en las quales para demostrar la vida de los ombres y las costumbres que deven seguir introduse a aves y arboles y bestias falantes para provar cada una de las sus fab(u)las, las quales quien estudiantosa mente las quisiere acatar fallara tales juegos puestos que mesclan rrisa y agusan el yngenio.

De aqueste se dise que ovo seydo muerto del sobredicho rrey de Persia.

¹ Vid. G. Baist, *Die Spanische Litteratur* (no *Grundriss der roman. Philologie*, II-2, p. 413 e n.).

² Marcação bibliothecal: h-III-1.

Fica assim manifesto que o prologo do nosso Fabulario não é totalmente extrahido do *Liber* de Burley; este foi apenas lá citado. A procedencia do resto da obra me referirei quando tratar do estudo litterario das fabulas.—L. 2) *Çiro rrey de Persia*. A menção de Cyro vem no Fabulario apenas como indicação de data (560-529 a. C.), e não porque se estabeleça connexão entre elle e Esopo. É com Cresos, rei da Lydia (560-546 a. C.), que a lenda antiga relaciona Esopo. Em todo o caso a epoca é a mesma, o sec. VI antes da nossa era. Cfr. tambem A. Croiset, *Hist. de la littérature grecque*, II (1890), 466-467.—L. 3) *Exopo Adelpho*. Sem duvida *Adelpho* é aqui sobrenome de Esopo. No citado livro de Burley lê-se tambem: «Esopus Adelphus poeta claruit tempore Ciri»; e na traducção hespanhola: «Esopo Adelfo poeta clarescio en tiempo de Ciro». No entanto Knust viu-se certamente embaraçado com esta palavra, porque a escreveu com letra minúscula, e entre virgulas: «Esopus, adelphus, poeta. . .», ao que corresponde na traducção hespanhola «Esopo, adelfo, poeta. . .»,—embora ella, assim escrita, só pudesse representar o grego ἀδελφός «irmão», o que não faz sentido nenhum. D'onde veio porém a Esopo nas obras citadas e no nosso Fabulario o sobrenome de *Adelpho*, se em nenhuma das antigas biographias do fabulista¹ apparece tal sobrenome? É o que vou dizer em poucas palavras². Uma das fontes dos fabularios medievaes foi a collecção latina attribuida a *Romulus*, que no sec. XIII se encontra representada no *Speculum historiale* de Vicente Bellovacense ou de Beauvais³. As *fabulae Romuleae* do Bellovacense são precedidas de uma biographia de Esopo em que se lê: «Anno regni Cyri primo Hesopus a Delphis interimitur»⁴. A lenda, segundo a qual os Delphos ou Delphicos mataram Esopo, precipitando-o da rocha Hyampia, é contada por Plutarcho (sec. I-II da e. c.)⁵; e a ella já allude Herodoto (sec. V a. C.)⁶. Sem poder, nem me ser necessario, verificar agora se foi precisamente no texto do Bellovacense, tal como fica transcrito, ou noutra ana-

¹ Cfr. Savérien, *Histoire des philosophes anciens*, vol. I (1773), p. 143 sgs.

² Este assunto foi já brevemente tratado por mim na *Revista Pedagogica*, I, 389-390.

³ Digo *Bellovacense*, pois que *Beauvais* vem de *Bellovaci*. Num livro portuguez, intitulado *Centinella contra Judeos*, de Pedro Lobo Correia, pp. 210 e 211 (ed. de 1710), lê-se «Vicente *Belyvacense*».

⁴ Vid. Hervieux, *Les fabulistes latins*, t. II, 2.^a ed. (1894), p. 234.

⁵ Vid. *De sera numinis vindicta*, XII.

⁶ Vid. *Hist.*, II, 134.

logo, que Burley se inspirou, o que contudo se torna evidente deante d'elle é que da expressão *a delphis* = *a Delphis* um copista medieval, por distracção ou ignorancia, fez *adelphus*, tomando, no manuscrito de que se serviu, *-is* por *-us*; alem d'isso juntou a preposição *a* ao nome seguinte¹. De modo que *adelphus* ou *Adelphus*, respectivamente em romance *Adelpho* ou *Adelfo*, é na origem palavra fantastica, — *ghost-word* dos Ingleses —, mas temos de acceitá-la como sobrenome de Esopo no *Liber* de Burley, e portanto no nosso Fabulario (e tambem no manuscrito escurialense de que acima fallei)². — Posto que o nome de *Esopo*, quer em grego, quer em latim, *Ἐσῶπος*, *Aesopus*, tenha *σ* ou *s*, apparece-nos no Fabulario com *x*. Essa orthographia é usada em varios mss. medievales: por exemplo, em mss. da Inglaterra, *liber Exopi*, *Exopi fabulae*³; da Italia *liber Exopi*⁴. Alem d'isso a orthographia latina do nome do fabulista variou muito: *Ysopus* (em romance *Ysopo*, *Ysopet*), *Hesopus*, *Ensopus*, *Esopus*, *Hysopo*, etc., umas vezes por influencia da orthographia das lingoas romanicas, outras por falsas ideias etymologicas, etc.; mas d'isso não tenho de me occupar, pois que as unicas fórmulas que apparecem no nosso texto são *Exopo*, no prologo, e *Exopy* (genetivo latino), no fim das fabulas. — *L. 4*) *Antiochia*. Com quanto muitas tenham sido as localidades dadas por patria de Esopo, *Amorium*, *Cotyaeum*, *Mesembria*, *Samos*, *Sardes*⁵, não sei que jamais Antiochia fosse considerada como tal. O *Liber de vita et moribus philosophorum*, que, segundo ha pouco mostrei, foi conhecido do autor do Fabulario, diz a este respeito, como vimos, «*Esopus . . fuit . . grecus, de civitate Attica*».

¹ Acêrca da facilidade com que *-us* e *-is* se confundiam em geral nos manuscritos da idade-media, diz Lindsay: «En capitales et en onciales, aussi bien qu'en minuscules, la ligature de *-us* ressemble beaucoup à *-is*. Dans l'ancienne écriture minuscule, on emploie parfois la même abréviation pour l'un que pour l'autre», — vid. *Introduction à la critique des textes latins*, Paris 1898, p. 100. Da junção da preposição ao respectivo caso os exemplos são tão numerosos, que nem valia a pena insistir nisto; todavia cfr. o que diz o mesmo Lindsay ao fallar da escrita minúscula da idade-media: «Les petits mots tels que les prépositions . . sont habituellement joints aux mots voisins plus longs», — *ibidem*, p. 19.

² No copista que commetteu o erro da troca pôde ter influido a ideia de que *Adelpho* ou *Adelfo* era realmente nome e appellido noutras circunstancias, nas quaes provém da citada palavra grega. Ha mesmo um bispo *S. Adelpho*, que se venera em 20 de Agosto. *Adelphus* é tambem *cognomen* romano.

³ Hervieux, *Les fabulistes latins*, 1, 576 (2.^a ed.?).

⁴ Hervieux, *ob. cit.*, pp. 591, 592.

⁵ Cfr. De Vit, *Onomasticon*, s. v. «Aesopus».

Consultando varios fabularios medievaes, acho tambem nelles alguma cousa que concorda com isto. O *Romulus vulgaris*, para me servir da expressão de Hervieux, diz: «Romulus Tyberino filio. De civitate attica esopus quidam homo grecus»¹. Vicente Bellovacense diz: «Romulus . . . ita scribens: De ciuitate Attica Hesopus quidam»². O *Romulus Nilantius* tem: «Esopus, quidam grecus . . . de ciuitate Attica»³. Finalmente, no *Romulus Florentinus* lê-se: «Romulus filio suo Tyberi[n]o de ciuitate attica. Esopus quidam homo grecus»⁴. Comprehende-se agora que o autor do nosso Fabulario tomasse, no manuscrito de que se servia, a palavra *Attica*, i. é, *attica* ou *atica*, por abreviatura de *Antiochia* = *Antiochia*, i. é, *āti.ca*, pois são as mesmas letras, só com a differença do til, que muitas vezes escapa na escrita, e que tambem aqui podia ser considerado abreviatura de outro *t*. Esta confusão proveio, ou de elle saber que Esopo era Phrygio, e haver na Phrygia uma cidade chamada *Antiochia* (embora, que me conste, nenhum biographo antigo, repito, a julgasse patria de Esopo), ou, o que me parece mais provavel, de se lembrar da célebre Antiochia, capital da Syria. Curioso é notar que, se *Antiochia* provém de se ler erroneamente a palavra *Attica*, esta, na obra citada, provém tambem de um erro de interpretação. Todas as phrases que transcrevi se relacionam com uma especie de epistola-prologo que a Tyberino dirigiu seu pae Romulo; como mostra a ultima phrase que transcrevi, a expressão *de ciuitate Attica*, em virtude da pontuação adoptada, não se refere a Esopo, e sim a um dos nomes antecedentes, significando segundo a luminosa explicação de Gaston Paris, não que Romulo ou Tyberino eram naturaes de uma cidade attica, mas que era de Athenas, *civitas Attica* por excellencia, que Romulo escrevia a Tyberino⁵: nos differentes manuscritos, porém, por má pontuação, fez-se da *cidade Attica* a patria de Esopo, e essa ideia passou para os fabularios e para o *Liber* de Burley, d'onde tambem o autor do nosso Fabulario a tomou, interpretando-a ainda peor⁶. — *L. 5-6*) l a t i n o.

¹ Vid. L. Hervieux, *Les fabulistes latins*, t. II, 2.^a ed., Paris, 1894, p. 195.

² *Idem, ibid.*, p. 234.

³ *Idem, ibid.*, p. 513.

⁴ *Idem, ibid.*, p. 474.

⁵ Vid. G. Paris no *Journal des savants*, 1884, p. 678, nota 2; e Hervieux, *Les fabulistes*, I (2.^a ed.), 302.

⁶ Mesmo assim interpretou-a com mais logica do que o traductor hespanhol, pois este, no ms. escurialense, tem «cibdad de Atica», considerando-a substantivo e não adjectivo, como realmente é.

O autor do Fabulario diz *em latino*, em vez de *em latim*, por ter traduzido á letra o original de Burley: *in latinum*.—L. 6) Rromulo. Já a cima fallei da collecção medieval de fabulas attribuida a Romulo. Este nome, como Hervieux mostrou¹, deve ser supposto, embora de data muito antiga; em todo o caso, tanto no nosso Fabulario, como no *Liber* de Burley que lhe serviu aqui de base, e noutros tratados da idade-media, representa realmente, para o espirito dos respectivos autores, um verdadeiro individuo, traductor de Esopo.—L. 13) f r o e s. A comparação da excellencia de uma doutrina com flores foi sempre predilecta aos tratadistas. Tambem D. Duarte (sec. xv) no *Leal Conselheiro*, prologo, p. 7 da ed. de Roquete², diz: «Prazermia que os leedores deste trautado tevessem a maneira da abelha, que passando per ramos e folhas, nas flores mais costuma de pousar, e dally filha parte de seu mantimento». No *Labyrintho* de Eberardus, natural de Bethune (Artois), sec. XIII, lê-se este distico:

Aesopus metrum non sopit: fabula flores
Producit; fructum flos parit; ille sapit.

«... ces deux vers rappellent les idées répandues dans le prologue des fables en vers élégiaques. La glose d'un ancien ms. porte ces mots: *Ysopus est planta; sed Aesopus dat bona verba*»³.

FABULA I.—L. 4) a quall. Hoje diriamos *que*; mas o mesmo modo de dizer se encontra no Prologo: «este auctor viuia o *quall* se chama Esopo».—L. 9) achar ty. Vid. na secção grammatical o capitulo da Syntaxe.

FAB. II.—L. 24) buscar cajom contra rrazom. Sentença rhythmica, especie de adagio.

FAB. III.—L. 12) Dom velhaco, aqui morreres. No primeiro dialogo da rã com o rato, aquella trata este familiarmente por tu, para o captar; agora, como vae segura de o fazer morrer, trata-o ironicamente por *dom velhaco*, e chama-o por senhor, na 2.^a pessoa do plural.

¹ *Les fabulistes*, 1 (2.^a ed.), 293-305.

² Paris, Aillaud, Monlon & C.^a, 1854.—Quando neste trabalho citar o *Leal Conselheiro*, entenda-se que cito sempre esta edição.

³ Robert, *Fables inédites des XII^e, XIII^e et XIV^e siècles*, t. 1, Paris 1825, p. LXXXIV, nota.

FAB. IV.—L. 9) As quaes testemunhas depois que foram examinadas. Esta expressão corresponde a: «depois que estas testemunhas foram examinadas». É um latinismo: *qui cum interrogati essent*; cfr. Madvig, *Grammatica latina*, trad. port., § 448. O pronome relativo vale aqui de pronome demonstrativo.—L. 12) E o carneyro. Corresponde a: «e quanto ao carneyro». Modo de dizer usado ainda hoje, sobretudo na linguagem familiar.

FAB. V.—L. 4) duas tanta carne que. Significa: «duas vezes tanta carne que», propriamente «dois tantos como a carne». Encontram-se em textos dos sec. XIV–XVI expressões comparáveis a esta: «e deu seu fruto e *çẽ dobro*»¹; «e darás de ti fruto e *çẽ dobro*»²; «entrou hũa tam grande claridade, que fez o paaço *dous tanto* mais claro»³; «e que lançará a bara⁴ *cento* alem do costumado»⁵.—L. 11–12) por está por extenso no manuscrito.

FAB. VI.—L. 5) a ssua caça. É assim mesmo, e não *á sua caça*. Cfr. *a sseus companheyros* na l. 20.—L. 16–18) Cfr. o rifão: «Ao pobre não é proveitoso || acompanhar com o poderoso», em Bento Pereira, *Adagios* (appendice á *Prosodia*).

FAB. VII.—L. 1) fo y significa «houve»; lat. *fuit*.—L. 8) herdeyro, por o leão ter parte no despojo de um animal morto.—L. 9) assy como ssy. Vid. Syntaxe.

FAB. VIII.—L. 2) E comendo com gramde pressa. Participio absoluto.—L. 22) No emxemplo diz. Vid. Syntaxe.

FAB. IX.—L. 6) que lh'a queria emprestar, isto é, que estava disposta a emprestar-lh'a.—L. 21) hũa palaura dizem

¹ *Lenda dos Santos Barlaão e Josafate*, ed. de Vasconcellos Abreu, Lisboa 1898, p. 8, l. 20.—O respectivo manuscrito é dos fins do sec. XIV ou começo do sec. XV: vid. Epiphanió Dias, in *Zeitschrift für roman. Philologie*, xxvii, 465. A lingua porém é certamente do sec. XIV. Seria mais conforme com a verdade, como já acima (p. 120) notei, intitular esta obra *Vida do honrrado Iffante Josaphat*, pois é assim que está no original.

² *Ob. cit.*, p. 8, l. 24.

³ *Demanda do Santo graall*, ed. de Reinhardstoettner, Berlim 1887, p. 17.

⁴ = barra.

⁵ Doc. de 1531, no *Archivo Hist. Port.*, 1, 226.

pella boca, e outra teem no coração. Cfr. Sallustio: *aliud clausum in pectore, aliud in lingua promptum*¹.

FAB. X.—L. 15) d'elles aueremos maaos mereçimentos, i. é, «d'elles mereceremos mal» = d'elles receberemos mal.

FAB. XI.—L. 8) fremoso demte. Alem da sua grandeza, o dente de porco é célebre como amuleto, já desde a antiguidade. A expressão *nom quero luxar o meu fremoso demte na tua vil pessoa* corresponde outra analoga em XXIX, 14.

FAB. XII.—L. 3) moraua. O sujeito é *outro rrato*.—L. 28) E as palavras dictas. Nos participios absolutos d'este typo, umas vezes o sujeito está antes do predicado, como aqui, outras depois, como na fab. XXV, 12.—L. 30) *milhor he a proveza que a rriqueza*. Ideia christã, que tambem se encontra em Villon, poeta francês do sec. XV: *Bienheureux est qui rien n'y a*².—L. 31. seja. Vid. Syntaxe.

FAB. XIII.—L. 5) *rogaua* = *rogava-a*—L. 13) e que lhe queria dar sseus filhos. Depende de *braadar*.

FAB. XIV.—L. 11) *freo*. É ainda hoje expressão corrente *não ter freio na lingoa*, pois suppõe muita gente que o freio ou *trave* da lingoa impede a falla. Cfr. Chervin, *Trad. pop. relatives à la parole*, Paris s. d.

FAB. XV.—L. 5 e 11) Branco e nobre concordam com *coruo*; em uelhaco, e astrosa aue, *velhaco* é substantivo (senão seria *velhaca*, a concordar com *ave*).—L. 17-18) Não conheço na tradição precisamente este proverbio, mas conheço outros analogos: *Boca de mel || coração de fel*³; *Mel nos beiços, fel no coração*⁴. O proprio autor do Fabulario exprime conceito analogo em IX, 20-22.

¹ *De conjuratione Catilinae*, cap. IX.

² Apud G. Paris, *François Villon*, Paris 1901, p. 182.

³ Rolland, *Adagios*, Lisboa 1780, p. 160.

⁴ Bento Pereira, *Prosodia*, Evora 1723, p. 228.

FAB. XVI.—L. 6) fez [a] muitos mal. Accrescentei *a*, que escapou ao escriba do ms.; cfr. *fazendo-lhe muyto mall*, XXI, 6, e *que lhe nom fezesse mall*, XXV, 4, onde a *fazer mall* se segue naturalmente complemento indirecto.—L. 7) tempo fuy. Esperar-se-hia *tempo foy*. Aqui *fuy*, se não ha êrro por *foy*, é talvez archaismo (vid. Morphologia), e não attracção do sujeito da oração seguinte.

FAB. XVII.—Com o sentido d'esta fabula cfr. o rifão: «Amor de asno || entra a couces e a bocados», em B. Pereira, *Adagios* (onde *bocado* está no sentido de «mordedura», accepção que falta no *Dicc.* do Caturra e noutros). L. 14-15) Entendo que o complemento directo de *emssina* é a oração de *que*, e que *aaquelles* é complemento indirecto.—L. 15) e trabalham-se = e comtudo trabalham-se.

FAB. XVIII.—L. 1) [p]om este doutor emxemplo. Também num fabulario medieval italiano se lê *pone l'autore che*¹. L. 8-9) nom me dá nada = não me importa. O autor emprega aqui *dar* por já ter dito antes *dar dez uezes ua mynha calua*; o segundo *dar*, empregado em sentido um tanto differente do primeiro, estabelece certo contraste, que ameniza o estylo.—Hoje o mais usual é dizer-se «não se me dá», mas diz-se ainda, por ex. «que mais dá?» (= que mais importa?). Às avessas o povo diz «não se me importa», com *se*, por «não me importa».—L. 10) farás de tua proll. Vid. Syntaxe.

FAB. XIX.—L. 6) *todo* «tudo» (archaismo).—L. 12) *assentados*. Como se refere á raposa e á cegonha, que são palavras femininas, esperar-se-hia *assentadas*; mas o autor emprega o masculino de modo geral. A mesma expressão se repete na L. 3.

FAB. XX.—L. 7) como «quando».—L. 13-14) *ca* (a alma) he *fecta* aa *ssimildom* de Deus. Cfr. *Genesis*, 1, 26: *Faciamus hominem ad imaginem et similitudinem nostram*.—L. 15) fica o corpo terra. Exprime-se a mesma ideia por outras palavras na L. 7-8: *o corpo sse torna no elamento da terra*;

¹ Brush, *The Isopo Laurenziano*, Columbus (Ohio) 1899, p. 52. Já em latim: *alicui praemium ponere* «propôr»; cfr. também *proponere exemplum*, *proponere exemplar*.

e cfr. *L.* 18: (*as eruas e as aruores*) . . . *tornam-sse em terra*. — *L.* 15-18) Acêrca da *alma rracionauyl que rreigna no homem e da alma vegetatiua que rreigna nas eruas e nas aruores*, cfr. o que diz D. Duarte no *Leal Conselheiro*, cap. vi: «sam Gregorio declara que participamos d'estas tres almas, — vegetativa, que perteece aas plantas, sensitiva aas bestas, e racional aos anjos»¹. — *L.* 16) da alma vegetatiua. Complemento de respeito. — *L.* 18) tanto . . . quanto. Correlativos entre si.

FAB. XXI. — *L.* 10-12) aquelles que em alto querem ssobir . . . muytas vezes caem em terra. Este pensamento é muito antigo e espalhado. Em Horacio lê-se:

. . . Celsae graviore casu
Decidunt turres².

Nos fins da idade-media, Macias o Namorado, diz:

Cando o louco cree mais alto
Sobir, prende mayor salto³.

Ha tambem estes adagios: *A grande salto, gram quebranto*⁴; *Quem de mais alto nada, mais de pressa se afoga*⁵. E mesmo uma cantiga popular que ouvi no Baixo-Douro é assim concebida:

Eu hei de assobir ao alto,	Quem ao mais alto assobe,
Ao alto hei d'assobir:	Ao mais baixo vem cair.

FAB. XXIII. — No dialogo são um tanto fastidiosas as ennumerações, postoque o autor as dispusessê em antithese. — *L.* 6) b e b o com taças. Ha aqui hyperbole, pois a mosca não bebe *com taças*, como uma pessoa, mas *em taças*. — *L.* 27-28) n e h ù a pessoa nom dá a mym molesta. Deverá emendar-se *molesta* em *molestia*; o sentido vem a ser: «nenhuma pessoa me causa incommodo (ao passo que a ti todos te incommodam)». Cfr. em hespanhol: *molestia* «enfado».

¹ Pag. 49.

² *Carmina*, II, x, 10-11.

³ H. Lang, *Cancioneiro gallego castelhano*, 1 (1902), 7. — Cfr. Rennert, *Macias o Namorado, a Galician trobador*, Philadelphia 1900, p. 36.

⁴ D. Carolina Michaëlis, *Tausend port. Sprichwörter*, n.º 172.

⁵ *Prosodia*, de Bento Pereira (Adagios).

FAB. XXIV.—L. 2) que lhe deuia muytos dinheiros depende de *acusou*. Hoje dizemos mais vulgarmente *de que*.—L. 3) innocente do que ho lobo a acusava = «innocente d'aquillo de que o lobo a accusava». Syntaxe condensada. Cfr. o meu opusculo *O texto dos Lusíadas*, Porto 1890, p. 46.—L. 11-12) Ha ás vezes desleixo de estylo, como aqui: *aqueles que ssom . . e aquell que he*. Esperar-se-hia o mesmo numero (singular ou plural) nas duas frases.

FAB. XXV.—L. 9) fazias *contrayro*. A mesma expressão se lê em xxxvi, 2: *fazia contrayro do que lhe sseu padre emssynaua*. A palavra *contrayro* tem quasi a funcção de adverbio.—L. 14) o seruiço que sse faz de uoomtade, aquelle he bêm fecto. Redundancia do pronome *aquelle*. De analogo uso em latim trata Madvig, *Gram. latina* (trad. port.), § 489-a.

FAB. XXVI.—L. 4) pera se matar com ell. Vid. Vocabulario.

FAB. XXVII.—Esta fabula vem tambem contada em Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, como já se disse no Vocabulario s. v. «vurmo». Bernardes colheu-a em Mayolo, *Dias caniculares*, t. v, dialogo 1, fl. 791; a fonte é Aulo Gellio, *Noctes Atticae*, V, xiv, que diz tê-la extrahido da Hist. de Apion Plistonices, *Aegyptiacorum* lib. v. O heroe em Bernardes é *Androdo*, na litteratura classica é *Androclus* (houve substituição graphica de *cl* por *d*).

FAB. XXVIII.—L. 8) sabe por certo = tem como certo (*por certo* é nome predicativo).—L. 9) tocar teu pulso, i. é, «tomarte o pulso». Em latim: *venam tangere* e *venarum pulsum attingere*.

FAB. XXIX.—L. 3) andaua loução, i. é, «caminhava (ia) loução».—L. 14) nom quero em ty luxar os meus couçes. Expressão analogo se lê em xi, 8.—L. 29) uãas glorias. No *Leal Conselheiro* ha tres capitulos sobre a vangloria (capp. xii a xiv), onde D. Duarte cita os *Estatutos* de S. João Cassiano e as *Collações* dos SS. Padres. Cfr. p. 84: «a Nosso Senhor despraz . . a vãa gloria, que muyto claramente nos mostra taaes abatymentos nas cousas de que nos queremos gloriar e gabar, que bem poderemos conhecer como elle quer de todos nossos bês a el seerem dados louvores».

FAB. XXXI.—Deve entender-se que o *gaviam* que figura nesta fabula é a femea, pois na l. 10 se lhe chama *madre*. Como se sabe, o nome *gaviam* (hoje *gavião*) é epiceno.—L. 8) chorava de coração. Cfr. em provençal: *s'eu chan de boca, de cor plor*,—apud *Zs. f. roman. Philologie*, XXIX, 339, n.º 3.

FAB. XXXII.—L. 6) Prazer-m'ia de me rrazoar. Creio que *me* é dativo ethico, e não complemento directo, que é *cousas* na phrase seguinte.

FAB. XXXIV.—L. 12-26. Nas palavras *senhor, alcayde, terra*, temos referencias ás instituições sociaes da idade-media. Vid. Vocabulario.—L. 29) tanto é complemento directo de *dizer*.—L. 43) *Ssalamam diz: ffemina nula bona*, etc. Salomão era muito lido por este tempo, como o mostra, por ex., o *Leal Conselheiro*, onde elle é citado varias vezes. Todavia aqui a phrase latina não lhe pertence, embora Salomão condemne as mulheres: *Liber proverb.*, v, 5-8. Esta frase constitue um verso dactylico hexametro:

Femina nulla bona, quia ter mutatur in hora

da fórmula --- --- --- --- ---; só devemos acceitar que o *ã* de *bona*, por estar na cesura, foi contado como *ā*. O verso, de mais a mais, é leonino, pois *bona* rima com *hora* (assonancia); os versos leoninos, como se sabe, tinham muita voga na idade-media. A ideia expressa no 2.º hemistichio está contida naquillo de Vergilio, *Eneida*, iv, 569-570: *varium et mutabile semper femina*; a mesma ideia se encontra em adagios portugueses, hespanhoes e franceses:

Molher, vento e ventura
Asinha se muda...¹.

Mujer, viento y ventura
Pronto se mudan...².

Femme est un cochet à vent
Qui se change et mue souvent³.

Com o primeiro hemistichio do verso latino da nossa fabula cfr. o que diz D. Duarte no *Leal Conselheiro*, p. 252, fallando das

¹ *Adagios Portugueses* de Delicado, Lisboa 1651, p. 138.

² *Refranes* de H. Nuñez, Madrid 1619, fl. 73 v.

³ Proverbio francês em um ms. do sec. XIII, apud Roux de Lincy, *Proverbes français*, II, 490.

mulheres: «Se disserem *poucas som as boas*, eu digo que, etc.». O fabulista não fez pois mais do que traduzir ideias correntes. Comtudo não sei qual é a proveniencia immediata do verso.— L. 45) A molher he vaso de demonio. Frase analogá se lê na *Vida de Maria Egipcia*: «ca nom posso eu aver gloria pellas minhas obras que fige en quanto foy¹ *vaso do diabo*»²; e no texto latino da vida da mesma santa: *fui diabolo vas electionis*³.— L. 46) com outros grandes sabedores, i. é «e outros grandes sabedores». Tambem em obras francesas da idade-media se diz que a mulher enganou Salomão e outros sabios: vid. P. Meyer in *Romania*, xv, 316 e nota 2.— L. 47) A molher he hūu armuzello do demonio. Quanto á fôrma, cfr. *Ecclesiastes*, ix, 12: *sicut pisces capiuntur hamo, . . sicut capiuntur homines in tempore malo*. Sobre *armuzello* vid. o Vocabulario. Nas Fabulas de Maria de França lê-se:

.. dit hum en reprevier
que femmes sevent engignier:
les veziées nunverables
unt un art plus que li diables⁴.

O editor d'essas Fabulas annota, a p. 362, que tambem no *Roman de Renart*, ed. de Méon, v. 7116, se diz da mulher: *Plus de deabies a un art*. É vulgar encontrar nos livros de proverbios muitas diatribes contra as mulheres: cfr. Roux de Lincy, *Proverbes français*, t. 1, p. LVII, onde dá amostras tiradas dos *Contredits de Songecreux*. De modo geral, a litteratura misogynica, ou anti-feministica, tinha grande voga na idade-media. Na *Romania*, vi, 499, dá o Sr. P. Meyer uma lista de varias diatribes. Cfr. *Zs. für roman. Philol.*, ix, 296; e xxviii, 552 (*Proverbia quae dicuntur super natura feminarum*). Assim como se dizia mal das mulheres, tambem se fazia a apologia d'ellas: «Dire du bien, et surtout dire du mal, a été pour le moyen âge, comme pour l'antiquité, un des lieux communs de la littérature»,—P. Meyer in *Romania*, vi, 499. Cfr. do mesmo A.: a introdução aos *Contes moralisés de N. Bozon*, Paris 1889, p. xxxii; e um artigo na *Romania*, xv, 315 sqq., onde cita

¹ «Fui»

² Cornu, *Anciens Textes*, p. 16.

³ *Acta sanctorum*, April. 1, ed. de Antuerpia, 1675, p. 79.

⁴ Vv. 53-56. Ed. de K. Warnke, Halle 1898, p. 152.

La bonté des femmes, poema contido em um ms. do sec. xv.—Estas discordias litterarias continuaram pelos tempos adiante. Vid. J. F. de Vasconcellos, *Eufrosina*, ed. de 1616, fl. 43 v (a favor) e 94 (contra); no segundo passo chama-se ás mulheres *armas do Diabo* e invoca-se *Salomão*. Ainda na litteratura portugueza de cordel do sec. xviii se encontram folhetos intitulados *Malicia dos homens contra a bondade das mulheres*, *Bondade das mulheres contra a malicia dos homens*,—etc.—L. 49) passa de sabedor, i. é, «é mais que sabedor», «tem grande capacidade». Cfr. no *Dicc. da ling. port.* de Moraes, s. v. «passar»: *passa de doido*, *passa de experto*, i. é, «é doido de mais», «excessivamente doido», etc.

FAB. xxxv.—L. 2) Tayda. A fórma *Tayda* corresponde ao accusativo grego *Θυιδα*, nominativo *Θυις*. Em portuguez tambem se tem usado *Thais*: cfr. *Historia das vidas de Santa Maria Egypciaca*, *S. Thais* e *Santa Theodora*, por Diogo Vaz Carrilho, Lisboa 1737. *Thais* foi uma cortesã atheniense que, em virtude do seu arrependimento, a Igreja depois santificou.—L. 21) amarga. Aqui é verbo.—Na expressão a todo s seu proueyto a preposição *a* tem o valor de «para» ou «em».

FAB. xxxvi.—L. 3) Castigar. Vid. Vocabulario.—L. 4) sem porquê. Vid. Vocabulario.—L. 7) ssem seu mereçer. Vid. Syntaxe, § 41-c.—L. 5) firio. Vid. Vocabulario.—L. 9-10) Quem quer castigar o leom ffere o cam: tem aspecto de adagio, tanto mais que no ms. alterna *leom* com *leam*; se aqui estivesse *leam*, a sentença seria rimada.—L. 10) fferidas. Vid. Vocabulario.—L. 13) maneira. Vid. Vocabulario.—L. 15) que: depende do *diç* da linha 12.

FAB. xxxviii.—L. 5) leuauam a peor. Aqui *a peor* não se refere á ovelha. *Levar a peor* significa «tirar o peor resultado»; o contrario hoje é *levar a melhor* «avantajar-se».—L. 21-22) a as ouelhas que .. os lobos .. faziam d'elas maa o pesar = ás ouelhas, das quaes os lobos faziam mao pesar. Anacoluthia. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 250-b.—A respeito de *fazer mao pesar*, vid. Vocabulario, s. v. «pesar».

FAB. xxxix.—L. 14-15) Para sujeito de dan do subentende-se «este», referido a *imijguo*, que está na phrase anterior; l he refere-se aos *imijguos* da l. 14. Depois de *jmijguo*, na l. 15, podia estar ponto e virgula, em vez de simples virgula.

FAB. XL.—L. 19) o *dy a* = durante o dia. Na l. 21, porém, está *de dia*. Não me parece que na l. 19 *o dia* esteja por *o dia* (= ao dia), de acordo com *aa noute*, l. 20, pois seria natural que o ms. tivesse *ao dia*. É vulgar no texto exprimir-se o tempo sem preposição.—L. 25-26) este vesso que diz: *ne ssyt alterius*. Ha aqui allusão a um verso das Fabulas do *Anonymus Neveleti*:

Alterius non sit, qui suus esse potest¹

o qual em um dos manuscritos começa: *Non sit alterius*². Cfr. a ultima parte d'este verso de Phedro:

Regnare nolo, liber ut *non sim mihi*³.

FAB. XLII.—L. 25) A expressão *e diã*, a que já me refiro na nota 1 que juntei á fabula, é estereotypada; d'aquí o engano do autor.—L. 30) *hũ u amyguo ssenpre lhe compre* = a *hũ u amyguo ssenpre compre*. *Anacoluthia*. Cfr. a nota á fab. xxxviii, l. 21-22.

FAB. XLII.—L. 14) A palavra que transcrevi por *jhore* não é bem clara no ms. O amanuense escreveu primeiramente parece que *chope* ou *chore*, com o *p* ou *r* junto do *e*; depois emendou o *c* em *j*. Em todo o caso essa palavra é certamente *jorre*, fórma popular de *rroje* (vid. *jorro* em Moraes, *Dicc.*, s. v.); cfr. l. 4-5.—L. 18) *sseer auaros ao nosso proximo*, i. é, para o nosso proximo, para com o nosso proximo. O autor, na moralidade, emprega ora *avaro* (*auaro*), ora *auarento*, para variar o estylo.—L. 19) A sigla *s* significa *scilicet*.—L. 20) *serue aos ydolos*. A expressão *servir os idolos* é da Biblia, por ex. em S. Paulo *Ad Corinthios*, I, v. Tambem no *Leal Conselheiro*, cap. xlvi, p. 260, se lê: «aquesto fez a rey Sallamon . . adorar os ydolos . . porque . . foy feito servo de quem nom devera»; e no cap. vxxx, p. 202: «servidõoe dos ydolos».

FAB. XLIII.—L. 14) *depoys que o homem morrer*. Emprêgo do futuro do conjunctivo com *depoys que*; hoje diriamos *depois de o homem morrer* (infinitivo). Cfr. no *Cancioneiro gallego*

¹ Hervieux, *Les fabulistes latins*, II, 2.^a ed., p. 327.

² Em Förster, *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. 108.

³ *Fabulae*, III, vii, 27.

castelhana de H. Lang, 1 (1902), vv. 438 e 458, *des que eu morrer*, segundo a correcção da Sr.^a D. Carolina Michaëlis¹.—L. 17) *por o de Deus*, não significa «por o martyro de Deus» (ellipse), mas, como me indica o meu amigo e mestre o Sr. Epiphanio Dias, «por amor de Deus». O mesmo illustre professor apresenta-me os tres textos seguintes e illustrações latinas, em apoio d'esta explicação: *pollo meu*, em Azurara, *Chronica da Guiné*, cap. 85, expressão correspondente á latina *meã causã* «em attenção a mim»; *polo seu*, no *Cancioneiro* de Resende, III, p. 617 («. . aconselhado || foy el-rey, qu'era forçado || *polo seu* de me matar», onde *de me matar* é sujeito grammatical de *era forçado* = era forçoso); *polo meu*, em D. Denis, ed. de Lang, v. 53, pag. 14 («e, senhor, nom vos venh'esto dizer || *polo meu*, mais porqu'a vós está mal», passo com o qual se pôde comparar este de Cornelio Nepote, *Epam.*, cap. IV: istud quidem faciam, neque *tua causa, sed mea*). Aos textos citados juntarei da minha parte mais dois, que encontrei ulteriormente: «e meus desejos me fazem || contente morrer *por vosso*», no *Cancioneiro* de Resende, 1.^a ed., fl. XLIV-v, col. 5, vv. 5-6; e «pero me desamparades, || *por vosso* morrei² agora», no *Cancioneiro gallego-castelhana* de Lang, 1, Nova-York 1902, vv. 15-16, p. 3, onde deve pois corrigir-se, no Glossario, p. 267, a definição «as your lover» em «por amor de vós».

FAB. XLIV.—L. 3) *que* = de modo que. Cfr. LXI; 40.—L. 15) *Arguu* = Arguo, lat. *Argus*, guardador da vaca Io, o qual tinha cem olhos, como diz Ovidio, *Metamorph.*, 1, 625:

Centum luminibus cinctum caput Argus habebat.

Na fabula de Phedro, II, VIII, correspondente á nossa, não se menciona *Argus*, diz-se simplesmente:

Sed ille, qui oculos centum habet, si venerit. . .

onde *centum* está por «muitos», segundo o estylo latino, mas com visivel allusão a Argo. Esta allusão torna-se realidade nas Fabulas de Gualterius Anglicus, com as quaes as nossas mais directamente se relacionam; ahi se diz, LVIII: *si uenerit Argus*³.—L. 29-30) e o s seu seruidor nom o vyo = ao passo que o seu servidor não o viu.

¹ Na *Zeitschrift für roman. Philologie*, xxviii, 225.

² = *morrerei* (fôrma arc. do futuro).

³ Hervieux, *Les fabulistes latins*, II (2.^a ed.), 346.

FAB. XLV.—L. 37) Com o versículo latino cfr. o Evangelho de S. Matheus, x, 26, *Nihil est . . opertum, quod non revelabitur, et occultum quod non scietur*, e o de S. Lucas, viii, 17, *Non est enim occultum, quod non manifestetur*, etc. As sentenças d'este teor eram muito vulgares na litteratura. Tambem no *Leal Conselheiro*, cap. LXXXIII, p. 403, se lê, em fôrma de adagio rimado: «Não ha cousa escondida || que nom seja descoberta e sabida», sentença que concorda singularmente com a que se lê nos versos do Arcipreste de Hita ou Fita (sec. xiv):

Et segund dis Jesu Christo, *non ai cosa escondida*
Que a cabo de tiempo *non sea bien sabida*¹.

FAB. XLVII.—Não foi sem hesitação que na linha 2 (cfr. nota 6) propus que *deus* se emendasse em *deus[es]*, porque o manuscrito, no geral, não está muito incorrecto. Levou-me a propôr a emenda o facto de logo adiante se ler duas vezes *deoses*, embora com *o*. Todavia, apesar d'esse facto, e de já um grammatico do sec. xvi legislar que o plural de *deos* é *deoses*², seria possivel que a fôrma *deus* do nosso Fabulario correspondesse á latina *deos*, e equivallesse pois realmente ao plural, tanto mais que a fôrma *deoses*, com relação ao nomin. lat. *dei, dii, di*, ou ao accus. *deos*, é inteiramente irregular, e por tanto moderna, e que em hespanhol do sec. xiii ha o pl. *dios*, do lat. *deos*, que, como se vê, é igual ao sing. *dios* (hoje *diós*), do lat. *deus*³.

¹ *Libro de cantares* ou de *buen amor*, est. 80-81 (*Collección de poetas castellanos anteriores al siglo xv*).

² João de Barros, *Gram. da ling. port.* (na *Compilação de varias obras*, ed. de Lisboa, 1785, p. 107).

³ Cfr. Menéndez Pidal, *Manual de gram. histor. esp.*, Madrid 1905, p. 131 (§ 75-3).—A titulo de exemplo, citarei estes versos do *Libro de Alexandre* (da *Coll. de poetas castellanos anter. al siglo xv*):

Allá sobre los çielos a *los dios* enioauam (est. 252-b);
Alli fueron lamados *los dios* e las deessas (est. 313-a);
Eran enna carreta todos *los dios* pintados (est. 817-a).

D'este modo, *deus* no nosso Fabulario seria um archaismo, comparavel a outros que lá se encontrem, como *dey* «deu», *er* (particula) e *veençudo* «vencido» (archaismo, já se vê, em relação á epoca revelada pela lingoa geral usada no manuscrito).

FAB. XLVIII.—L. 10) Depois a pouco tempo. Vid. Vocabulario, s. v. *pouco*.

FAB. L.—L. 7) fundo. Vid. Vocabulario.

FAB. LI.—L. 3) d'ellas. Complemento partitivo. Isto é: apañava algumas d'ellas.—L. 4) E esto quantas elle queria = e d'esta maneira tomava e comia quantas elle queria. Aqui esto corresponde, no sentido, ao latim *ita*.—L. 8) a fim = o intuito. Vid. Vocabulario.

FAB. LII.—L. 3) *do pam*. Vid. Syntaxe.—L. 4) por tall que. Vid. Vocabulario s. v. «tal».—L. 18) Ao peccado da *gargantoice* ou «gula» se refere tambem o *Leal Conselheiro*, cap. xxxii, posto que não haja semelhança na forma entre esse capitulo e a fabula.

FAB. LIII.—L. 15) Cfr. com esta sentença o *Ecclesiastico*, xix, 4: *Qui credit cito, levis corde est*, que D. Duarte no *Leal Conselheiro*, cap. xxxvii, 214, verteu assim em vernaculo: «quem de ligeiro cree, he de leve coração».

FAB. LIV.—L. 4) ssegurarom-sse. Vid. Vocabulario.—L. 6) *ssom* = ha. Lat. *sunt*.—L. 8) O adagio tem forma moderna mais generica: *cão que ladra, não morde*.

FAB. LV.—L. 1) cordeyro. Vid. Vocabulario.—L. 3) pouco estando. Vid. Vocabulario.

FAB. LVI.—L. 7) ferir. Vid. Vocabulario.

FAB. LVII.—L. 14) aquella por «aquillo» é um exemplo de attracção para *esperança*. Cfr. Epiphanio Dias, *Gram. port.*, § 189, obs.; Madvig, *Gram. lat.*, § 313.

FAB. LVIII. (Esta fabula concorda com a LV) —L. 3) como tem valor temporal: «logo que», «depois que».

FAB. LIX.—L. 11) confiar d'aquelles = ter confiança a respeito d'aquelles = contar com aquelles. Tambem em lat. *confidēre de aliqua re*.—L. 4) lhe deu . . termo a que lh'o pagasse = marcou prazo ao pagamento. O mesmo uso syntactico da preposição *a* se encontra, por ex., nestas phrases do sec. xv:

«se obrigauam per scpripturas pubricas a lh'os darem a certo tempo»; «se lhe nom pagassem a certo tempo»¹.—L. 14) ssegundo Deus. Vid. Vocabulario, s. v. «Deus».

FAB. LXI.—L. 8) de furto (não *do furto*): em sentido indefinido = de furtos.—L. 16) *rrogando*. Vid. Vocabulario.—L. 20) mesteres. Vid. Vocabulario.—L. 30) ho outro dia, do combate = no outro dia, que era o do combate.—L. 30-59. Temos nesta narração exemplo de um *duello judicialio, combate singular, desafio, prova por lide*, ou como se lhe quiser chamar. Constituia um dos *juizos de Deus*, a que tão vulgarmente se recorria na idade-media para se decidir da veracidade ou falsidade de um facto; da existencia dos *juizos de Deus* na Peninsula, e especialmente em Portugal, falla A. Herculano, *Hist. de Portugal*, iv (1853), 371-379 (sobre os combates singulares, vid. p. 373 sqq.). O nosso caso apresenta muitas das circunstancias que se notavam nas *lides*: o accusador luta com um campeão do accusado; o combate é á espada; assistem magistrados, aqui representados pelo rei e seus barões. Tambem no romance francês (ms. do sec. xiv) de *Joufroy* um dos combatentes quebra um braço ao outro; cfr. Langlois, *La soc. fr. au xiii^e siècle*, p. 31. Sobre combates judiciarios em outros textos franceses medievaes cfr. *Modern lang. notes*, xx, 46; e G. Paris, *Le roman du comte de Toulouse*, Paris 1900, p. 23, nota.—L. 35) Ho uaqueyro cobria-sse. Defendia-se, esquivava-se.—L. 41) que. Conjuncção consecutiva. Cfr. XLIV, 3.—L. 68-70) Paraphrase da conhecida sentença de Ennio, em Cicero, *De Amicitia*, xvii, 64: *amicus certus in re incerta cernitur*.—L. 70-71) sseu . . sseu. Na phrase a que pertence o primeiro *sseu* ha synese²; essa phrase corresponde a *os amigos ninguem os acha sseu nom pera leuar-lhe o sseu*, e por isso *sseu* como que se refere a *ninguem*. O segundo *sseu* refere-se a *amyguos*, isto é, aos amigos interesseiros, ou *lobos rrabazes*, como se lhes chama na l. 72.

FAB. LXII.—L. 4) que = em que. Ellipse da preposição.

FAB. LXIII.—L. 17) per afagos que nos façam: isto é, «em troca de afagos que nos façam», e não «por muitos afagos

¹ Vid. *Archivo Historico Português*, II, 48 e 49.

² Cfr. Epiphaniao Dias, *Gram. port.*, § 250-c.

que nos façam», pois em tal caso devia entrar na frase um adjetivo, como por ex: xli, 28, «por muy poderoso e rrico que sseia»; xlviii, 22, «por pequena que sseia»; lvii, 12-13, «por nhua gram tribulaçom que o homem aja».

As frases latinas que se seguem ao texto das fabulas deve entender-se que foram acrescentadas pelo amanuense do sec. xv que o copiou.

1) O *explicit* é muito frequente, tanto nos mss. medievaes, como ainda nos primeiros tempos da imprensa; corresponde-lhe hoje «fim». Por ex: num ms. de fabulas do sec. xiii-xiv, da Bibliotheca de Paris, lê-se *Explicit esopus*¹; noutro, do sec. xiii, da Bibliotheca de Wolfenbüttel, lê-se o mesmo²; num livro impresso em 1477 lê-se: *explicit presens vocabulorum materia*³. Seria desnecessario citar mais exemplos.

2) *Liber Exopy*. D'aqui se vê que o titulo da obra era O LIVRO DE ESOPHO; por isso o poderia eu adoptar em vez de *Fabulario*, que até aqui adoptei. Ha tambem um ms. das fabulas do Anonymo de Nevelet (= Gualterius Anglicus) que começa assim: *incipit liber Ensopi*⁴. O titulo *Liber Esopi* era apposto frequentemente aos fabularios medievaes⁵. Às vezes a palavra *Esopo* significava na idade-media «collecção de fabulas»; cfr. um *explicit* em Hervieux, *Fabulistes latins*, 1, 577: «explicit liber fabularum qui dicitur *Esopus*»; e outro ibid. p. 578: *explicuit Esopus*.

3) Cum alegorijs. Aqui *alegorijs* = *allegoriis*, no nominativo *allegoriae*, significa «moralidades». Do fabulario italiano de Francesco del Tупpo diz Brush: «The author of the *Del Tупpo* Collection, not content with a mere translation of Walter's text, added thereto various moralizations entitled respectively: . . . *Allegoria* or *Exclamatio allegorica* . . . *Historialis Allegoria*, etc.»⁶. Conheço um livro italiano intitulado *Bertoldo con Bertoldino e Casacenno in ottava rima con argomenti, allegorie*, Venezia 1739, onde as *allegorie* são tambem especies de moralizações postas no começo de cada canto. Cfr. o que digo mais adeante, p. 154.

¹ Apud Förster, *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. ix.

² Förster, loc. cit., p. x.

³ Apud Bouchot, *Le Livre*, Paris (1886), p. 46.

⁴ Apud Robert, *Fables inédites des xii^e, xiii^e et xiv^e siècles*, vol. 1, Paris 1825, p. xciiij.

⁵ Hervieux, 1, 567, etc.

⁶ Brush, *The Isopo Laurençiano*, Columbus (Ohio), 1899, p. 35.

4) *Deo gratias*. Fórmula corrente, e conservada até tarde, no final das obras. Cfr. Buchot, *Le Livre*, Paris (1886), p. 46.—Um dos mss. do Anonymo de Nevelet (= Gualterius Anglicus) termina tambem: *Explicit liber Esopi, deo gratias, amen*¹. No final do *Isopo Riccardiano* ha uma fórmula analoga a esta².

5) A expressão:

FINITO LIBRO SSIT LAUX GLORIA CHRISTO

fórma um verso dactylico hexametro, que deve ser interpretado d'este modo:

Finito libro, sit laus [et] gloria Christo.

Elle era muito frequentemente posto pelos copistas medievaes no fim das suas copias³; encontra-se, por exemplo, num ms. do Anonymo de Nevelet que está na Bibliotheca Nacional de Paris, sec. XIV, e noutros do mesmo seculo⁴. Uma das redacções portuguezas da *Estoria do Tungulu* (sec. XIV) termina tambem com elle⁵.

6) A expressão:

SCRIPTOR EST TALIS DEMOSTRAT⁶ LITRA QUALIS

fórma outro verso hexametro (leonino):

Scriptor est talis demo[n]strat lit[t]era qualis.

Encontram-se não raro nos livros da idade-media fórmulas finaes, analogas a esta: por exemplo, na citada redacção da *Estoria de Tungulu*, o hexametro (leonino):

Qui scripsit scribat, [et] semper cum Domino vivat⁷.

Alguns copistas costumavam indicar o proprio nome, o que este porém infelizmente não fez.

¹ Vid. Hervieux, *Fabulistes*, I, 508; outros exs. a pp. 510 e 538.

² Ghivizzani, *Il volgarizzamento delle favole di Galfredo*, Parte II, Bologna 1866, p. 155.

³ Cfr. Hervieux, *Fabulistes*, I, 504, 581 e 589.

⁴ Cfr. Hervieux, *Fabulistes*, I, 504, 505 e 509.

⁵ Vid. *Rev. Lusitana*, III, 120 (artigo de Esteves Pereira).

⁶ = DEMOSTRAT.

⁷ Vid. *Rev. Lusitana*, III, 120.

*

· Como se disse no logar respectivo (vid. *supra*, p. 5), as nossas fabulas deviam ser adornadas de estampas allegoricas; só porém se fizeram duas, ficando em branco o espaço para as outras. Também nisto o manuscrito está de acordo com outros medievaes de fabulas, ornamentados de illuminuras e desenhos¹,—costume que tem durado até hoje.

¹ Cfr. Hervieux, *Fabulistes lat.*, 1, 510 (sec. xv); 1, 528 (sec. xv). E W. Förster, *Der Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. 1.

ESTUDO LITTERARIO

SUMMARIO

Elementos para o conhecimento das fontes das nossas fabulas: *Romulus vulgaris*; *Anonymo* de Nevelet (= Gualterius Anglicus ou Walter inglês), sec. XII, e sua importancia; accordo d-*O Livro de Esopo*, no numero e assunto das fabulas, com o Fabulario de Walter; differenças avulsas que apresenta *O Livro de Esopo*; conclusão.—Quadro genealogico dos fabularios medievaes.—Caracter d-*O Livro de Esopo*.—Monumento unico na nossa litteratura antiga.—Obra desconhecida dos que se tem occupado da historia das litteraturas romanicas.

No prologo do nosso Fabulario, ou O LIVRO DE ESOPHO, lê-se: *Exopo . . fez este liuro em greguo, e depois foy trelladado de greguo em latino de hũu ssabedor chamado Rromulo*. Se tal indicação fosse exacta, não haveria nada mais facil do que determinar as fontes do Fabulario: elle proviria de Esopo, por intermedio da traducção latina de Romulo. Mas isso não se passou com tanta simplicidade, como vamos ver.

Effectivamente ha uma collecção latino-medieval de fabulas em prosa, cujo autor diz, de acordo com o citado texto do Fabulario: *Esopus quidam homo græcus et ingeniosus famulos suos docet quid homines observare debeant . . Id ego Romulus transtuli de græco in latinum*. A esta collecção de fabulas chama Hervieux, na sua preciosa e monumental obra *Les Fabulistes Latins*, vol. I, p. 330, e vol. II, p. 195, *Romulus vulgaris* ou *ordinarius*, e reprodu-la na mesma obra, vol. II, p. 195 sqq., d'onde extrahi o trecho transcrito¹. O *Romulus vulgaris* provém, com outras collecções, de um texto em prosa, hoje perdido, que o precitado autor intitula *Romulus primitivus*, texto que, por intermedio de uma antiga collecção denominada *Aesopus ad Rufum*, deriva das Fabulas de Phedro².

¹ A respeito da obra de Hervieux, vid. a importante noticia que deu d'ella Gaston Paris no *Journal des savants*, 1884, 1895 e 1899. Cfr. tambem *Romania*, XV, 629-631.—Esta obra consta até o presente, que eu saiba, de 5 volumes: Quando citar os vols. I e II, entenda-se que cito sempre a 2.ª edição.

² Hervieux, *ob. cit.*, I, 666.

Comparando as fabulas portuguezas com as do *Romulus vulgaris*, nota-se que dos quatro livros de que consta a collecção latina os tres primeiros contém muitas das nossas fabulas, mas que as fabulas 45.^a, 61.^a, 62.^a e 63.^a da collecção portuguesa não tem correspondentes na collecção latina, e que pelo contrario as fabulas 8.^a e 20.^a do livro III d'esta collecção, e todo o livro IV, não tem correspondentes na nossa,—o que tudo resulta da seguinte tabella:

Romulus vulgaris	O Livro de Esopo
I { 1-12.....	1-12
{ 13-16.....	14-17
{ 18-19.....	47-48
II { 1.....	49-50 ¹
{ 2- 7.....	51-56
{ 8.....	13
{ 9-12.....	57-60
{ 13-21.....	18-26
III { 1- 7.....	27-33
{ 8.....	—
{ 9-19.....	34-44
{ 20.....	—
IV.....	—

Logo, o prologo da collecção portuguesa não diz rigorosamente a verdade, embora haja certa concordancia entre as duas collecções, quer nas fabulas em si, quer nos grupos. Isto porém tem a sua explicação, como vamos ver.

Dos tres primeiros livros da collecção de Romulo fez-se no sec. XII, na Inglaterra, uma paraphrase, tambem latina, em disticos, cujo autor, conhecido geralmente pelo *Anonymus Vetus Neveleti*, parece ser um certo Walter (*Gualterius Anglicus*)². Estas fa-

¹ A fabula dos Athenienses que elegem um rei e a das rãs que pedem um senhor a Juppiter são tratadas como uma só na collecção de Romulo.

² Hervieux, *ob. cit.*, 1, 475-499.— A denominação de *Anonymus Vetus Neveleti*, ou simplesmente *Anonymus Neveleti*, provém de Isaac Nevelet, natural de Basileia, que incluiu esta collecção de fabulas na sua *Mythologia Aesopica*, publicada em Francfort em 1610.

bulas são em numero de 62 ou de 63, conforme se contarem como uma ou como duas as dos Athenienses e das rãs¹; outros philologos contam só 60, porque duas d'ellas, n.ºs 61 e 62, não apparecem em todos os manuscritos. Para o meu estudo sirvo-me da edição feita por Hervieux (obra citada, vol. II, p. 316 sqq.) segundo o cod. n.º 14:381 da Bibliotheca Nacional de Paris², o qual contém o numero maximo, isto é, 63 fabulas. As fabulas gualterianas coincidem com as de Romulo, excepto duas, n.ºs 59 e 60, que não vem no *Romulus vulgaris*, e que o poeta colheu noutras fontes: o n.º 59, conto dos grous de Ibyco, que promana da *Disciplina Clericalis* do judeu hespanhol Pedro Affonso (sec. XII); e o n.º 60, duello do cavalleiro com o camponio, cuja fonte se desconhece³.

O fabulario de Walter gozou de grande acceitação nos fins da idade-media e começos do renascimento⁴: d'elle restam mais de cem manuscritos em muitas bibliothecas da Europa,—França, Alemanha, Inglaterra, Austria, Belgica, Hespanha, Hollanda, Italia e Suíça⁵; d'elle se fizeram muitas edições, desde o sec. XV⁶; d'elle, finalmente, ha numerosas traducções, imitações ou paraphrases, em prosa e verso, em varios idiomas, umas já impressas, outras ainda ineditas⁷. O texto foi tambem muitas vezes glosado e commentado⁸. Entre as traducções contam-se: o *Ysopet I* de Paris ou *Ysopet-Avionnet*, publicado em Paris em 1825 por A. Robert⁹;

¹ Vid. supra, p. 90, nota 1.

² Cfr. Hervieux, I, 511-514 e II, 316.

³ Vid. sobre este assunto: Hervieux, I, 496, II, 347; Gaston Paris, *La littérature française au moyen âge*, 3.ª ed., § 80; *Grundriss der roman. Philologie*, II-1, p. 409.—Sobre o conto dos grous de Ibyco em especial, vid. *Mélusine*, IX (índice); *Zs. des Vereins für Volkskunde*, VI, 115; cfr. tambem Bédier, *Les Fabliaux*, 2.ª ed., p. 152. A designação de *grous de Ibyco* provém de que a respectiva aventura se attribuiu na antiguidade a Ibyco, poeta grego do sec. VI a. C.; e tornou-se proverbial. Diz o nosso Bento Pereira (sec. XVII), *Thesouro da lingua portugueza*, 2.ª parte, p. 226 (append. á *Prosodia*, ed. de 1723): «*Juíço de Deus: Ibyci grues*».

⁴ Cfr. Hervieux, I, 475.

⁵ Vid. Hervieux, I, 503-602.—Depois de impresso o livro de Hervieux, descobriu-se mais um ms. (fragmentario) na bibliotheca de Reims: vid. *Modern language notes*, 1904, p. 198-199 (artigo de P. J. Frein).

⁶ Vid. Hervieux, I, 602-635.

⁷ Vid. Hervieux, I, 635-668.

⁸ Vid. Hervieux, I, 503-606.—Adeante voltarei ao assunto.

⁹ Vid. as suas *Fables inédites des XII^e, XIII^e et XIV^e siècles*, 2 vols.; cfr. vol. II, p. 585-587.

o *Yzopet* de Lião, publicado em 1882 por W. Förster¹; o *Libro de Ysopete ystoriado*, em hespanhol, Çaragoça 1489²; e varias italianas³.

Pela comparação que estabeleci d-*O Livro de Esopo* com o fabulario de Walter, adquiri a convicção de que existe absoluta conformidade entre as duas collecções, tanto no numero das fabulas, como nos assuntos. Isso se mostra na tabella que se segue:

<i>Anonymus Neveleti</i> ou <i>Gualterius Anglicus</i>		<i>Fabulario Português</i> ou <i>O Livro de Esopo</i>
Prologo		Prologo
1-17		1-17
18-20		46-48
21		49
21-A		50 (= 49-A) ⁴
22-31		51-60 (= 50-59)
32-59		18-45
60-62		61-63 (= 60-62)

Excluindo os prologos, temos pois quatro grupos de fabulas em cada uma das collecções; chamando A (1-17), B (18-31), C (32-59) e D (60-62) aos grupos da collecção latina, e A' (1-17), B' (18-45), C' (46-60 = 46-59) e D' (61-63 = 60-62) aos da collecção portuguesa, verificamos que existe apenas differença na ordem das fabulas de dois grupos: a B com quinze fabulas (porque ha duas com o n.º 21) corresponde C' com igual numero d'ellas. É vulgar nos fabularios medievaes encontrar-se alteração na ordem das fabulas, o que tem varias causas⁵.

¹ *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882.—A p. 96 sqq. publica Förster tambem um texto critico do *Anonymus Neveleti* ou Walter.

² Sobre o *Isope* castelhano vid. Morel-Fatio in *Romania*, xxiii (1894), 561 sqq.

³ Sobre as collecções medievaes das fabulas italianas em geral, vid. Gaetano Ghivizzani, *Il vogarizzamento delle favole di Galfredo dette di Esopo*, parte 1 e II, Bologna 1866 (onde se reproduz um ms., do sec. XIV, da Bibliotheca Riccardiana de Florença, ou *Isope Riccardiano*); e Peabody Brush, *The Isope Laurenziano*, Columbus (Ohio) 1899, p. 1 e sqq.—As fabulas italianas tem varias origens: Walter, Marie de France, o *Libro delle Virtù*, etc.

⁴ A fabula das rãs que pedem um senhor a Juppiter dei o n.º 50.º; podia ter-lhe dado o n.º 49.º-A, de harmonia com o n.º 21-A de Walter.

⁵ Cfr. K. Warnke, *Die Fabeln der Marie de France*, Halle 1898, p. XII-XIII.

A essa concordancia absoluta da collecção portugueza com a latina, no numero e nos assuntos das fabulas, juntam-se outras. A comparação que no prologo d-*O Livro de Esopo* se faz d'este com um pomar ajardinado, e com os frutos de casca dura, encontra-se tambem em Walter, e é-lhe especial, pois não vem no Romulo ordinario: *Ortulus iste parit fructum cum flore; nucleum celat arida testa¹ bonum*. Na fab. XLIV lê-se *Arguu*, a que corresponde em Walter, fab. 58, *Argus*; esta palavra tambem não vem no Romulo vulgar (I, XIX), e é especial a Walter.

Mas, apesar de tamanhas coincidencias, é *O Livro de Esopo* traducção pura e simples do Fabulario gualteriano?

Da comparação que estabeleci, uma a uma, das fabulas portuguezas com as latinas, apurei o seguinte.

De modo geral, póde dizer-se que as nossas fabulas estão para com as de Walter na relação, ora de parafrase, ora de simplificação, ora de imitação, e raramente na de versão litteral. Á concisão, por vezes sêca e quasi enigmatica, do original corresponde o nosso texto aqui e alem com mais claro e amplo desenvolvimento. Por ex., a fab. 9.^a de Walter, que é apenas narrativa, é n-*O Livro de Esopo* artisticamente dialogada. Tambem succede que no portuguez apparece mudada de quando em quando a ordem das ideias do fabulario latino, como na fab. XVI. Os trocadilhos e ambiguidades do poeta inglês estão por vezes vertidos com elegancia na compilação portugueza; aquelle tem na fab. 30.^a:

Non ero securus, dum sit tibi tanta securis²;

neste, fab. LIX, diz-se: «ja com tigo nom viueria ssegura». Pelo contrário um verso, como este de Walter, fab. 59.^a,

Regis concilium consiliumque sedet,

reprodu-lo fielmente o texto portuguez, fab. XLV: [o rei] «ouue conselho com sseus comsselheyros».— Os epimythios ou moralidades

¹ Aquí *arida testa* está no sentido de «casca», o que se deduz da ordem das ideias expressas antes. O *Ysopet* 1 de Paris assim o entendeu (Robert, *Fables inédites*, II, 448): *Sus saiche cruse est bonne noiç*, onde *saiche cruse* quer dizer «casca sêca». E tambem o *Yçopet* de Lião (Förster, *Der Lyoner Yçopet*, p. 1): *... con la cruise qu'est soiche* || *Lo bon noeillon danç soi çuoiche*, «como a casca que está sêca esconde em si o bom grão». E o *Ysopo hystoriado* hespanhol (Sevilha 1533, fol. XVI-r): «como la cáscara seca cubre muchas vezes el meollo».

² *securis* aqui «machadinha».

são quasi sempre mais desenvolvidos no nosso fabulario, pois elles contêm frases latinas, adagios portuguezes, conceitos moraes, e mesmo trechos que no texto latino faziam parte da fabula propriamente dita. — Alterações semelhantes se encontram noutros fabularios medievaes, como no que serviu de modelo a Marie de France¹, nos italianos², e no *Yzopet* de Lião³.

Passemos agora a algumas minudencias.

O prologo compõe-se, como vimos, de duas partes: uma, com a biographia de Esopo, extrahida do *Liber de vita et moribus philosophorum* de Burley ou Burleigh; outra, com o plano do livro, analogo ao prologo de Walter.

Na fab. I diz o gallo á pedra preciosa: *eu sseria mays ledo sse achasse hũa pouca de hisca pera comer*. Walter tem: *plus amo cara minus*, isto é «prefiro cousas menos caras». No *Yzopet* de Lião os vv. 49-50,

Muez⁴ ainz⁵ grains de fromant ou d'orge,
Quar miez⁶ me font ouvrir⁷ la gorge...

correspondem melhor ao texto portuguez. Mas Phedro, *Fabul.*, III, XII, tem: *ego . . potior cui multo est cibus*.

Na fab. III a expressão *e o rrato rrespondeo . . que lh'o agradeçia muyto* falta em Walter. No *Yzopet* de Lião corresponde-lhe: *E de ce formant li mercie*, v. 148.

Na fab. IV o carneiro vende a lã e morre de frio, pelo que depois o cão e as testemunhas o devoram. Em Walter faltam as duas ultimas circumstancias, pois se diz que a ovelha, *ovis*, vende o seu vestuario e fica exposta á acção do tempo. O *Isopo Riccardiano* procede como Walter; mas ha outros dois *volgarizzamenti* italianos em que succede como n-*O Livro de Esopo*: «la pecora . . si fa proprio morire, e per giunta mangiare»⁸.

Na fab. V o cão, depois de furtar a carne, passa uma ponte. A circumstancia da ponte falta em Walter e em Phedro (nas fabulas de ambos o cão vai nadando), mas encontra-se na collecção intitu-

¹ K. Warnke, *Die Quellen der Esope der Marie de France*, Halle 1900, p. 4.

² Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano*, Columbo (Ohio) 1899, p. 75.

³ W. Förster, *Lyoner Yzopet*, Heilbronn 1882, p. IV.

⁴ Lat. melius.

⁵ Lat. amo.

⁶ Lat. melius.

⁷ = fr. ouvrir.

⁸ Codd. Laurenziano, Mocenigo e Farsetti: vid. Ghivizzani, parte I, p. cxv.

lada *Romuli Anglici cunctis exortae fabulae* por Hervieux, *Fabulistes*, t. II, p. 567: *canis per pontem transivit*. A mesma circunstancia apparece no *Isopo Riccardiano*: «andava una volta uno cane con uno pezzo di carne in bocca sopra uno ponte»¹, e nas *Fabulas de Marie de France*:

passot uns chiens desur un pont².

Na fab. X o villão acha a serpente ao pé de um ribeiro, circunstancia que não está bem expressa em Walter. No *Isopo Riccardiano*, pelo contrario, lê-se: «uno serpente aghiacciato nella via infra l'acqua»³. Walter diz que o homem levou a serpente para casa. O nosso texto, como o de Phedro, IV, XVIII, e o citado cod. Riccardiano, dizem que a recolheu no seio. Romulo, I, X, diz que o homem *sub latera sua habuit*.

Na fab. XII o cozinheiro bate no rato, o que não acontece no texto de Walter, nem noutros derivados seus que consultei (*Isopet I* de Paris, *Izopet* de Lião, *Isopo Riccardiano*, *Ysopo hystoriado* hespanhol).

Na fab. XVIII o calvo está ao sol. Em Walter, n.º 52, bem como em alguns dos seus derivados que consultei (*Ysopet I*, *Lyoner Yzopet*, *Riccardiano*, *Ysopo hystoriado*), e no *Esopus moralizatus* (commentario em prosa)⁴, não apparece a circunstancia do sol. Esta porém nota-se num fabulario português do começo do sec. XVII, a que mais adeante tornarei a referir-me, — *Fabulas* de Manoel Mendes, da Vidigueira, n.º 54: «repousava á soalheira hum Velho calvo, com a cabeça descoberta, e huma mosca não fazia senão picar-lhe na calva».

Na fab. XIX a raposa põe de comer á cegonha em um *vaxelo muy largo*, como em Phedro, I, XXVI, *in patina*. A menção da vasilha falta em Walter, fab. 33.^a Alem d'isso, em Walter, a raposa bebe; no nosso texto, lambe.

Na fab. XXI, são muitos pavões que, como em Romulo, II, XVI, e Phedro, I, III, despem das pennas falsas o corvo. Em Walter, n.º 35,

¹ Ghivizzani, *Favole di Galfredo*, parte II, Bologna 1866, p. 12.

² *Die Fabeln der Marie de France*, ed. de Warnke, Halle 1898, p. 21.— O mesmo A., no seu livro *Die Quellen der Esope der Marie de France*, Halle 1900, p. 10, cita outros textos (fabularios, etc.), onde tambem se diz que o cão passa uma ponte.

³ Ghivizzani, parte II, p. 28.

⁴ A respeito d'este *Esopus* vid. adeante, p. 153.

é um só pavão quem faz isso; o mesmo succede no fragmento de um fabulario provençal publicado na *Romania*, III; vid. p. 292, nota. Neste ponto *O Livro de Esopo* está mais proximo de Phedro-Romulo do que de Walter. Alem d'esta differença entre o nosso texto e o de Walter, nota-se que o lat. *graculus* foi traduzido por *corvo*, o que tambem se observa no mencionado fragmento provençal e noutros fabularios medievaes: vid. *Romania*, loc. cit.

Na fab. xxiv o lobo accusa de divida a raposa perante o bogio. Em Walter, n.º 38, como noutros fabularios (*Isopet I*, *Izopet* de Lião), a raposa é accusada de furto.

Na fab. xxv a dõinha promette ao homem, em troco de este lhe conceder a vida, guardar de ratos a casa no futuro. Em Walter, fab. 39.^a, a dõinha diz ao homem que lhe guardou de ratos a casa, e pede-lhe, em compensação, que a poupe. No latim a resposta do homem contrapõe-se ao pedido, pois é: guardaste-me a casa de ratos, mas foi no teu interesse, pois os comias, e tambem comias o que era meu. No portuguez a resposta é como se o pedido fosse formulado (do mesmo modo que no latim) quanto ao passado, e não quanto ao futuro.

Na fab. xxvi o boi pisa a rã, e esta assanha-se para se bater com elle, dialogando depois com a filha. Em Walter, como em Phedro, I, xxiv, a rã tenta bater-se com o boi por inveja, e o dialogo é com um filho. Mas em Horacio, *Satirae* II, III, 313, um bezerro pisa os filhos da rã:

Absentis ranae pullis vituli pede pressis

Na fab. xxvii ha uma abreviatura, *S^{ors}*, que interpretei por «senadores», aventando porém, em nota, que tambem alguém poderia entender «senhores». Curioso é notar que no *Yzopet* de Lião, v. 2186, se diz: *Li senatour et li proudome*. No *Isopo Riccardiano*: «lo signore di Roma»¹.

Na fab. xxviii ha um dialogo preliminar entre o cavallo e o leão, em que aquelle diz que é muito doente. Este dialogo falta em Walter.

Na fab. xxxii o lobo furta um bode e come-o num silvado; a raposa diz ao pastor que o lobo lhe havia furtado o bode. Em Walter, fab. 46.^a, não se menciona expressamente «bode», só *præda* e *cibus*, e o lobo está num antro.

¹ Ghivizzani, parte II, p. 102.

Na fab. xxxiv a viuva chora a morte do marido em uma ermida onde elle fôra sepultado. Em Walter, fab. 48.^a, falta a menção da ermida, e pelo contrario o A. dá a entender que a sepultura era ao ar livre, pois que diz que, entre outras circumstancias, a saraiva não podia afastar de lá a mulher: *nequit hac de sede reuelli grandine*. No mais os dois textos são semelhantes; só na compilação portuguesa se adaptaram os termos latinos aos usos nacionaes, traduzindo-se *eques* por «alcaide», e *rex* por «senhor».

Na fab. xlviii é curiosa a coincidência que se nota entre a frase *ca este villão quer fazer d'aqueste linho rredes e laços pera nos tomar* e esta do exemplo 6.^o do *Libro de Patronio* de D. Juan Manuel (sec. xiv): *podrian facer redes et laços para tomar las aves*; no mais a fabula e o exemplo não concordam.

Na fab. lx entra um *cabram*, ao passo que em Walter, fab. 31.^a, entra uma *ovis*. No português falla-se de um *moyo de trijguo*, o que corresponde ao *modium tritici* do Romulo vulgar, II, 12. Em Walter a tal expressão corresponde *vas tritici*.

D'esta breve discussão se vê que o nosso texto mantem com o latino, a par de concordancias flagrantes, tambem algumas differenças ponderaveis. Notarei ainda outras particularidades d-*O Livro de Esopo*, quanto á fórma.

Cada fabula começa ahi invariavelmente por uma d'estas expressões, com pequenas variantes: [c]onta-se que, [f]oy hũa vez, [p]om este doutor (poeta, etc.) enxemplo e diç, [e]m este enxemplo o poeta diç, [c]onta este poeta enxemplo, [d]iç que foy, [e]m aquesta estoria. Os epimythios ou moralidades começam tambem por fórmulas estereotypadas, como; *per aquesta hestoria, em aquesta estoria, per este enxemplo, pom este poeta este enxemplo, diç este poeta per este enxemplo, conta-nos o poeta*, e semelhantes. Em Walter não acontece isto, porque ahi as fabulas são apresentadas como lições dadas pelo proprio autor dos versos latinos. Já no commentario á fabula xviii, p. 129, me referi ao *pom*; aqui accrescentarei que as demais formulas são vulgares noutros textos. Em fabulas italianas lêem-se as seguintes, particularmente semelhantes ás nossas: iniciaes das fabulas, *chonta l'assempro, chonta l'Isopo, dice che, pone l'autore, una volta*; iniciaes dos epimythios, *dimostra l'autore sotto questa favola, per questo assempro*, e outras¹. Nas fabulas de Marie de France: *ci dit, c'est essamples, par ceste fable*².

¹ Peabody Brush, *The Isopo Laurenziano* já cit., passim.

² *Die Fabeln* já cit., passim.

Em fabulas hespanholas: *esta fabula nos enseña, esta fabula muestra, prueba esta fabula, aqui se recuenta una fabula*¹. Em Phedro lê-se tambem: *Aesopus nobis hoc exemplum prodidit*, I, III; *testatur haec fabella*, I, V; *Aesopus . . . narrare incipit*, I, VI; *quondam*, I, VI, XXIV, XXVIII; *dicitur*, I, XXVI; *exemplum egregium*, II, I; *praecepto* III, VIII; *olim*, III, XVII; *hoc argumento*, IV, VIII. Foi evidentemente Phedro que serviu aqui de primeiro modelo para o formulario.

Como notei, quando tratei do estylo das fabulas, p. 119, estas encerram algumas vezes adagios, com os quaes, pela sua fórma breve e incisiva, o compilador pretende incutir melhor no animo dos leitores o sentido moral das narrações que lhes faz. Ora ha uma obra hespanhola do sec. XIV, que já acima citei, o *Libro de Patronio*, ou *Conde de Lucanor*, de D. Juan Manuel², onde os exemplos contidos na 1.^a parte terminam tambem com um proverbio ou sentença (em verso); todavia não ha mais nenhuma relação do nosso fabulario com esse *Libro*, como nenhuma ha com o *Libro de los gatos* (sec. XIV)³, ou com o *Isopete hystoriado* (1.^a ed., 1489), posto que este provenha do *Romulus ordinarius*, por intermedio do *Aesop* latino de Steinhöwel⁴.

¹ *Libro del sabio y clarissimo fabulador Ysopo, historiado y anotado*, 1533 (Sevilha), passim. Ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa.— Da fonte d'esta obra fallo infra, nesta mesma pagina.

² A actividade litteraria de D. Juan Manuel exerceu-se de 1320 a 1335; vid. G. Baist in *Grundriss der roman. Philologie*, t. II-2, p. 418. As fontes do *Libro de Lucanor* são varias (orientaes, etc.).— Esta obra foi publicada diversas vezes. Tenho presentes as edd. de Gayangos, *Escritores en prosa anteriores al siglo xv*, e de Krapf, *El Libro de Patronio*, Vigo 1902.

³ O *Libro de los gatos* (ed. de Gayangos, *Escritores en prosa anteriores al siglo xv*) é traduzido de Odo de Cheriton (sec. XIII): vid. P. Meyer in *Romania*, XIV, 393, nota 5. Sobre Odo de Cheriton vid.: P. Meyer, *Les Contes moralisés de N. Bozon*, Paris 1889 (Soc. des Anc. Textes), p. XII-XIII; B. Herlet, *Beitr. zur Geschichte der äsopischen Fabel im Mittelalter*, Bamberg 1892, p. 5 sqq. (resumo das fontes: p. 44). As Fabulas e Parabolas de Odo de Cheriton foram publicadas por Hervieux, *Les Fabulistes*, t. IV, 1896, que as acompanha de um estudo litterario, e falla do *Libro de los gatos* a p. 106 sqq.

⁴ Vid. Hervieux, I, 421, e Morel Fatio, *Romania*, XXIII, 561 sqq.— No nosso Fabulario não encontro vestigios linguisticos de que alguma obra hespanhola influisse nelle; *branchete* (vid. Vocabulario), com quanto eu não conheça esta palavra noutra texto portuguez, e se encontre, por ex., no Arcipreste de Fita, *Libro de buen amor*, ed. de Ducamin, Tolosa 1901, estr. 1401-1404, numa fabula correspondente á nossa, não é prova sufficiente, tanto mais que a nossa palavra tem *br-*. — O *Libro da vida e dos costumes dos philosophos*, que se cita no prologo do Fabulario, corresponde, como provei a p. 122-126, não á obra hespanhola do mesmo titulo, mas a uma latina, fonte d'esta.

A conclusão ultima a que chego é que *O Livro de Esopo*, com quanto effectivamente se relacione de modo íntimo com o Fabulario do *Anonymus* de Nevelet (Walter), não provém directamente d'este, mesmo com alterações, mas provém de algum texto em prosa, latino ou romanico, derivado do Fabulario gualteriano.

Póde muito bem o nosso texto ser traducção modificada de um dos commentarios latinos medievaes que acompanhavam com frequencia os versos do Anonymo de Nevelet, e aos quaes me referi a cima, p. 145. Hervieux cita, por exemplo, manuscritos commentados existentes em bibliothecas de Paris, Marselha, Tréveros, Munich, Ferrara, dos secc. xv e xiv¹.

Da natureza d'estes e semelhantes commentarios, que eram destinados ás aulas, dará ideia o *Esopus moralisatus*, Antuerpia 1504, de que encontrei um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa². Existem notaveis parallelismos entre esse *Esopus* e o nosso, quanto ao formulario. O *Esopus* começa de ordinario assim: *hic auctor ponit documentum, hic auctor ponit aliam fabulam cuius documentum est, hic ponit documentum, hic ponitur una hystoria*; como o leitor se lembrará, pois ha pouco lhe chamei a attenção para isso, *O Livro de Esopo* começa tambem frequentemente: [*p*]om este poeta enxemplo. A não ser, porém, nisto, e num ou noutro caso avulso, não vae mais longe a concordancia entre o texto latino e o portuguez. Como caso avulso citarei a moralidade da nossa

¹ *Fabulistes*, 1, 504-598.—Os mss. latinos do *Anonymus* que Hervieux, 1, 583-585, cita como existentes em Hespanha são desprovidos de commentario (refiro-me aqui á Hespanha, porque, attentas as relações litterarias que em tempos antigos houve entre esse pais e o nosso, podia o leitor pensar nelle); talvez porém existam outros manuscritos que escapassem a Hervieux.

² O titulo completo é: *Esopus mora- || lisatus cū bono || cōmento Iterū textus de nouo emendatus cum || glosa interliniali. ||*. No frontispicio ha uma gravura que representa o interior de um edificio em que está Christo, de pé vestido de tunica, nimbado, com o cabello caído para os lados, um globo crucifero na mão esquerda, e a direita erguida com os dedos dispostos em acto de abençoar. Tem ao todo 76 paginas não numeradas. No fim lê-se: *¶ Esopus fabulator preclarissimus cum suis mo- || ralisationibus ad nostri instructionē pulcherrime || appositis. Impressus Antwerpie per me Henricū || eckert. Anno dñi. M. cccc. liij. In profesto sancte || Katherine virginis. ||*. Altura das paginas 0^m,195; largura 0^m,148. A uma breve introducção sobre Esopo, sobre Romulo e o *rex anglie Afferus* segue-se o prologo do Anonymo de Nevelet e as fabulas em numero de sessenta, sendo a ultima a do duello do soldado com o camponio. Os versos estão intermeados de glosas. A cada poesia succede o commento em prosa.

fabula xxxiv, onde se diz que o entendimento da mulher não é estável, e que esta poucas vezes acaba (ou *acaba bem?*) coisa que comece; o *Esopus moralisatus*, tem aqui: *patet ergo quod mulieres raro aliquid bene terminant, eo quod ex natura sunt instabiles*¹. Os epimythios do *Esopus* são quasi sempre introduzidos por adverbios: *allegorice*, *moraliter*, ou ambos; o uso de *allegorice* confirma a interpretação que a p. 140 dei da expressão *cum allegoriis*, isto é, «com moralidades», que se lê no final d-*O Livro de Esopo*.— Para amostra do methodo adoptado pelo commentador, reproduzo uma das suas diluições prosaicas dos versos do *Anonymus*:

36.^a—DE MULA ET MUSCA

Mula capit cursum; nam mulam mulio cogit.
 Mule musca nocet verberere siue minis:
 «Cur pede sopito currum te tempusque moraris?
 »Te premo, te pungo, pessima, curre levis».
 Mula refert: «Quia magis tonas, vis magna videri;
 »Nec tua verba nocent, nec tua facta mihi,
 »Nec te sustineo, sed eum quem sustinet axis,
 »Qui mea frena tenet, qui mea terga ferit».

Audet in audacem timidus fortisque minatur
 Debilis, audendi dum videt esse locum².

Commentario em prosa:

Hic ponit documentum, quod homines naturaliter timidi, videntes aliorum miseriam, nocendo sepe sunt peiores his quam (*sic*) qui ex natura sunt audaces. Quod declaratur nobis sic.

Quodam enim tempore mula trahens currum percutiebatur duris verberibus ab auriga eo quod veloci motu currum non trahebat, quod videns musca cepit morsibus torquere mulam dicens: «O mula, curre velociter, quia ego pungo te». Audiens hoc mula respondit: «O musca, quia vides me castigari, dicis mihi obprobriosa verba et tamen nec verba nec facta tua nocent mihi, sed solum auriga qui verberibus me premit».

¶ Concludit ergo quod homines timidi, quando vident alios diffortunatos pati miseriam, magis eis nocent quam potentes. Includitur enim quod timidi audent inuadere audaces dum viderint auxilium, alias non.

¹ Fol. 29.

² Sigo, já se vê, o texto do *Esopus moralisatus*, que differe, aqui e alem, dos que Hervieux e Förster (vid. supra, p. 146, nota 1) publicaram. Supprimo, porém, por ser inutil reproduzi-las, as glosas interlineares.

N-O Livro de Esopo corresponde a estes textos a fab. xxii.

Ao parallelismo que assinala entre o *Esopo* português e o *Esopus moralisatus* corresponde outro, e talvez maior, entre aquelle e o *Isopo Riccardiano*. Com effeito ha fabulas no *Isopo Riccardiano* que começam d'este modo: *dicie il detto savio che¹, conta il savio che²*; os epimythios: *per questo essempro ci amoniscie il savio che³, amaestraci qui il savio che⁴, pone il nostro libro che⁵*. No nosso texto sabemos nós que são frequentes as expressões [c]onta o doutor, [p]om este poeta, per este enxemplo nos amoesta, querendonos amaestrar. Vejamos outros parallelismos, alem dos meros formularios iniciaes:

O LIVRO DE ESOPPO

... assemelha este sseu ljuo a hũu orto no quall estam flores e fruytos,

Prologo.

ISOPO RICCARDIANO

... assomigliando questo suo libro a uno giardino nel quale sono multi belli fiori e frutti..

Ghivizzani, II, 1.

Abstrahindo dos adjectivos *multi belli*, devidos á imaginação italiana, a concordancia dos dois textos é completa. Ambos elles distam do texto latino do Anonymo: *Ortulus iste parit fructum cum flore*. E tambem não distam menos do *Esopus moralisatus*, que diz: *in isto libello est flos cum fructu*.

O LIVRO DE ESOPPO

[C]onta-sse que hũa vez hũu asno encontrou com hũu porco montês, e ssaudando-o disse com boo coração:

—Deus te ssalue, senhor porco..

E o porco rreçebeo as doçes palavras por emjuria, e ameaçando com a cabeça, disse:

—.. Se não fosse porque nom quero luxar o meu fremoso dente..

Fab. xi.

ISOPO RICCARDIANO

Conta il savio che andando uno asino per la selva trovò uno porco salvatico e salutollo e disse:

—Fratello, Dio ti salvi..

Lo porco minacciando, disse:

—Se non fosse ch'io non voglio lerciare li miei denti..

Ghivizzani, pp. 30-31 (tambem fab. 11.⁶).

¹ Ghivizzani, II, 17.

² *Idem*, II, 20.

³ *Idem*, II, 21.

⁴ *Idem*, II, 24.

⁵ *Idem*, II, 31.

Quão longe os dois textos estão do do Anonymo, se verá da transcrição d'este:

Audet asellus aprum risu temptare proteruo,
 Audet inhers forti dicere: Frater, aue!
 Vibrat aper pro uoce caput. .

 Sus tamen ista mouet: Vilem dens nobilis escam
 Spernit. .

Hervieux II (fab. 11.^o)

O Esopus moralisatus está a igual distancia.

Curiosissimo do mesmo modo é notar que, se na fabula do pastor e do lobo, que fecha a nossa collecção, se diz *comta-nos ho poeta esta hultima estoria*, frase semelhante se lê na correspondente fabula do *Isopo Riccardiano*, tambem ahí a derradeira: *per questo ultimo essempro ci amoniscie il savio*.

Mas, assim como entre o nosso *Esopo* e o *Esopus moralisatus* as semelhanças se limitam ás formulas e a casos avulsos, assim a relação que existe entre aquelle e o *Riccardiano* não são maiores do que isso.

Por um lado, estas analogias d-*O Livro de Esopo* com o *Isopo Riccardiano* e o *Esopus moralisatus*, e por outro lado as divergencias que ha entre aquelle e o texto gualteriano, fazem de facto crer que, como acima aventei, houve uma dissolução latina, em prosa, dos versos do *Anonymus* de Nevelet, d'onde provém directamente as nossas fabulas, — dissolução que o compilador português, ainda assim, modificou mais ou menos, pois enriqueceu de adagios nacionaes e de reflexões moralisticas os epimythios¹. Este compilador, que infelizmente não revelou o seu nome², seria ecclesiastico, a julgar de alguns dos epimythios, especialmente dos das fabulas xxxiv e xlv, tão cheios de unccão religiosa. A referida dissolução prosaica devia conter os factos que a pp. 148-151 citei como proprios do nosso *Esopo*, e não existentes em Walter. Fica implicitamente esta-

¹ É sabido que os traductores medievaes não costumavam ser fieis: ora ampliavam, ora resumiam, ora supprimiam.

² Os escritores medievaes occultavam muitas vezes o nome por modestia christã. Contentavam-se com trabalhar para o que elles suppunham ser o bem commum, e, em vez de gloria, só queriam a satisfação d'esse impulso da consciencia. Por tal motivo eram ás vezes as obras de uns postas a saque por outros; e ninguem se suppunha plagiario ou plagiado.

belecida a probabilidade de que o *Isopo Riccardiano*, e por ventura outros fabularios medievaes, assentarão do mesmo modo em redacções ou dissoluções prosaicas dos versos do poeta inglês, e não immediatamente nestes; taes redacções eram, como sabemos, muito numerosas, e deviam andar com frequencia nas mãos dos escolares. Ainda que a minha hypothese, não obstante explicar o accôrdo de certas particularidades d'*O Livro de Esopo* com as dos fabularios medievaes, e o desaccordo d'elle, nesse ponto, com o texto gualteriano, venha a ser rejeitada pelos philologos, e substituida pela de que o compilador português, em logar de utilizar um texto em prosa, traduziu livremente o poeta inglês, não se poderá negar que ao menos teve presente ao acto da traducção outros fabularios.

Reportando-nos outra vez, e por fim, ao prologo das nossas fabulas, do qual fiz proceder este estudo, verificamos que o compilador, quando affirmava que ellas provinham de Esopo, seguia uma tradição litteraria muito em voga na idade-media, embora, enunciada assim em absoluto, fosse inexacta. Digo *assim em absoluto*, porque, se muitas fabulas ascendem de facto a Esopo, por intermedio de Walter, Romulo e Phedro¹, outras tem diversa origem, e mesmo as que ascendem, modificaram-se na longa viagem.

*

Para que o leitor possa num relance ver a relação em que estão entre si os fabularios que mais tenho citado até aqui, apresento-lhe o seguinte quadro genealogico:

¹ Lê-se neste poeta, liv. 1, prologo:

Aesopus auctor quam materiam reperit,
Hanc ego polivi versibus senariis.

1. *Fabulae antiquae* (desfiguramento em prosa, verso a verso, de Phedro), ms. de Leiden, dos secc. x-xi, publicado por Nilant em 1709; vid. Hervieux, I, 242-266, e II, 131.

a) ms. (sec. x, em prosa) de Weissenburg, hoje em Wolfenbüttel; vid. Hervieux, I, 268 sqq., e II, 157.

de Steinhüwel, em Ulim (sec. xv), base de todas as edd. posteriores. D'ahi provém as traducções e edd. hespanholas (*Isopete historiado*, 1.ª ed. 1489).

Derivados de Phedro....

edições.....

prosa: *Romulus* de Beauvais; *R.* de Munich; etc.—em latim.

2. *Aesopus ad Rufum* re-presentado por....

A) *Romulus ordinarius* ou *vulgaris* (Hervieux, I, 330, e II, 195).....

verso: *Anonymo* de Nevelet, ou Walter, em latim (sec. xu). Com tradd. e derivados: *Ysopet* I de Paris, *Ysopet* de L.iao (sec. xiii-xiv); varios fabularios italianos (*Per uno da Siena*, *Riccardiano*, *Accio Zuccho*, *Apologhi Verseggiati*, *Tuppo*; vid. sobre isto Brush, *The Isopo Laurenziano*, p. 31-34); O LIVRO DE ESORO, em portuguez.

derivados latinos

b) *Romulus primitivus*, prosa, hoje perdido (Hervieux, I, 306); d'elle resta....

verso: Alexander Neckam, em latim, sec. xu (Hervieux, I, 668), d'onde provém o *Ysopet* II de Paris e o *Ysopet de Charitres* (vid. G. Paris, *Litt. Fr.*, 3.ª ed., § 80).

B) *Romulus* de Vienna.
C) *Romulus* de Florença.
D) *Romulus* de Nilant. D'aqui provém, em parte, as Fabulas de Marie de France (sec. xii), e d'estas provém muitos fabularios italianos (*Isopo Laurenziano* I e II, *Palatino* I e II, *Rigol*; vid. Brush, *The Isopo Laurenziano*, p. 46).

Etc.)

*

O Livro de Esopo destinava-se evidentemente á edificação moral dos leitores, como o provam a 2.^a parte do prologo e os epimythios, ás vezes muito desenvolvidos. De fabulas de origem pagã, —tão vária e tão remota—, pretendia tirar-se ensinamento christão para a vida usual.

Não foi esta a unica vez que obras antigas se adaptaram a intuitos novos,—obras pertencentes de mais a mais a civilizações que a propria Igreja combatia. Sem sair da nossa propria litteratura, lembrarei o *Orto do Esopo*, manuscrito alcobacence do sec. XIV¹, onde ha contos que correspondem a contos indianos. Particularmente notavel a este respeito é a lenda de Barlaam e Joasaph, tambem relacionada com o Oriente, e de que temos em portuguez uma redacção do mesmo seculo com o titulo de *Vida do honrrado iffante Josaphat*². A *Historia do cavalleiro Tungullo* e o *Conto de Amaro*, ambos igualmente do sec. XIV³, desenvolvem themas que na origem são extranhos ás crenças do christianismo. Assim como as superstições pagãs se transformavam de modo insensivel em práticas piedosas, tambem as lendas experimentavam incessantes metamorphoses.

Afasta-se, porém, *O Livro de Esopo* das obras religiosas que mencionei agora, e de muitas mais que poderia mencionar, sobretudo vidas de santos, meditações, traducções biblicas⁴, porque, se é certo que em alguns epimythios ha ideias mysticas, as fabulas propriamente ditas mantêm a sua independencia artistica, e formam como que um oasis em meio da aridez e insipidez da litteratura do tempo, absorventemente devota.

¹ Isto é, originario da Livraria do Real Mosteiro de Alcobaça. Está contido no cod. n.º 266, que existe hoje na Bibliotheca Nacional de Lisboa.—Deu extractos d'elle Th. Braga nos *Contos tradicionaes do povo port.*, II (1883), 38 sqq.; cfr. as notas de p. 132 sqq. O Sr. J. Cornu, hoje professor da Universidade de Graz, fez uma copia do ms., e o Sr. F. M. Esteves Pereira, a quem a *Revista Lusitana* deve já a publicação de importantes textos portuguezes antigos, está fazendo outra.

² Vid. supra, p. 120.

³ Vid. supra, p. 120.

⁴ Vid. : Th. Braga, *Curso de hist. da litterat. port.* (1885), p. 112-116; D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Geschichte der portug. Litterat.* (no *Grundriss der rom. Philol.*, II-2, p. 212).

O Fabulario vem preencher uma lacuna na nossa litteratura dos secc. xiv-xv, e fazer que Portugal se relacione neste sentido com as litteraturas medievaes, visto que ellas possuiam *Isopetes*, e na portuguesa não se sabia da existencia de nenhum. De *Esopo*, isto é, *Esope*, tiraram os franceses o deminutivo *Ysopet* (*Isopet*, *Esopet*), que umas vezes significa o nome do fabulista, outras uma collecção de fabulas. Fallando do *Ysopet I* e do *Ysopet-Avionnet*¹, diz Robert: «J'ai conservé à ces fables le nom d'*Ysopet*, où l'on retrouve celui du père de l'apologue, et que l'on donnoit, dans ces anciens temps, à toutes les collections de fables traduites en françois, parce que l'on en regardoit tous les sujets comme fournis par le Phrygien: c'est ainsi que Marie de France avoit nommé *le Dit* ou le *Livre d'Ysopet*, le recueil qui contenoit les siennes»². Tambem G. Tardif, traductor das *Facecias* de Pogge (sec. xiv-xv), diz a proposito da facecia 79.^a (*o gallo e a raposa*): «En la facétie ensuyvante, aulcuns ont attribué à Ysopet et avecques la translation des fables de Ysopet l'ont mise»³. Da França passou a palavra *Isopet* para a Peninsula Iberica, onde tomou a fórma *Isopete* ou *Ysopete* em hespanhol, e *Isopete* em português. Em 1489 publicou-se em Çaragoça o *Isopete historiado*; e em 1496 em Burgos o *Libro del ysopo famoso*, cujo *explicit* sôa assim: «libro del *ysopete ystoriado*»⁴. Pelo que toca ao português, lê-se em João de Barros, *Ropica Pniefma*: «leyxará Luciano, Homero, *Isopete*. Quando eu cuidio em tanta fabula. . .»⁵, onde *Isopete* significa o nome do fabulador; em Camões, no comêço da *Comedia del rey Seleuco*, lê-se tambem: «porém diz o Autor que usou nesta obra da maneira de *Isopete*». D'aqui se vê que eu podia dar ao nosso Fabulario o nome de ISOPETE PORTUGUÊS, no que ia de acordo com usos medievaes; mas não ousei isso, por tal expressão não constar claramente do texto.

¹ *Avionnet* é deminutivo correspondente a *Avianus*, nome de um fabulista romano do sec. iv ou v, tambem muito lido na idade-média. Formou-se como *Ysopet*.

² Vid. *Fables inédites des xii^e, xiii^e et xiv^e siècles*, vol. 1, p. *clxiv*, nota.

³ Apud Robert, *ob. cit.* na nota antecedente, vol. 1, p. *lxxxi*. Esta traducção de Tardif é posterior a 1483.

⁴ O povo castelhano tambem pronunciava *Guisopete*: vid. Morel-Fatio, in *Romania*, xxiii (1894), p. 563, n.º 2.

⁵ Pag. 289, da ed. do Visconde de Azevedo, Porto 1869.

A essas e analogas allusões ás fabulas esopicas, e a um ou outro apologo intercalado em obras de caracter geral, se limita o que a antiga litteratura portugueza nos deixou sobre o assunto¹. É preciso chegarmos ao começo do sec. xvii para encontrarmos um fabulario completo²; d'ahi em diante ha mais, que todavia não importa agora ao meu assunto especificar.

¹ Com relação ao sec. xv, cita a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, na sua *Geschichte der portugiesischen Litteratur* (no *Grundriss der roman. Philol.*, II-b), p. 229, entre as obras que então se liam em Portugal, como provenientes da França, o *Isop* (não sei onde ella colheu esta noticia; talvez em algum passo de escritor antigo). Com relação ao sec. xvi, lê-se isto, por exemplo, em João de Barros: «... segues a ignorancia do cão do fabulador», *Ropica Pnesma*, ed. de 1869, p. 112; «o povo ch[r]istão foy como a gralha de Isopo fabulador, vestiu-se das penas de todalas fermosas aves: mas o pavam, vendo que o precedia em fermosura, ouvelhe enveja, e fez com as aves que cada hũa pedisse sua pena, por ficar em pior estado», *Ropica Pnesma*, p. 185-186; «outros, como Isopo, querendo chegar a cousas materiaes e fameliars a nós, compozeram fabulas», *Dialogo com dous filhos*, ed. de 1869, p. 314. Foi a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos que me chamou a attenção para estes tres passos.—A mesma illustre Senhora, na sua ed. das *Obras* de Sá de Miranda, Halle 1885, a proposito de uma fabula d'este, allude a Diogo Bernardes: *ob. cit.*, p. 772.—Cfr. tambem Jorge Ferreira, *Eufrosina*, ed. de 1786, p. 14.—Num raro opusculo, *Collecção de algumas fabulas em verso e prosa*, Coimbra 1823, que possuo por dádiva do meu erudito amigo o dr. Sousa Viterbo, transcrevem-se trechos de Sá de Miranda, etc.: vid. o que Sousa Viterbo escreveu sobre o assunto n-*A Tradição*, v, 130-132, onde reproduz alem d'isso um trecho de Fernão López (fabula da raposa e do corvo).—Da fabula da bilha de azeite, que vem em Gil Vicente, tratou o Dr. Vasconcellos Abreu no seu opusculo *Os contos, apologos e fabulas da India*, Lisboa 1902.—Nenhuma das fabulas referidas tem porém nada com *O Livro de Esopo*.—Vê-se do que fica dito que as fabulas esopicas eram muito apreciadas pelos nossos quinhentistas. Este aprêço manifestava-se mesmo fóra do ambito da litteratura, no da arte propriamente dita. Nas *misericordias*, ou pequenos apoios, do côro da igreja de Santa Cruz de Coimbra, o esculptor figurou «facecias anecdoticas, algumas tiradas das fabulas de Esopo»: vid. *Arte e Natureza em Portugal*, n.º 28; e cfr. o cit. artigo de Sousa Viterbo (n-*A Tradição*). O distincto artista o Sr. A. Gonçalves informou-me de que entre as anecdotas figuradas no côro de Santa Cruz está a fabula da raposa e da cegonha (os dois episodios) e a da raposa e das uvas. Incidentalmente notarei que o gôsto de representar fabulas esopicas em obras de arte ascende já á antiguidade classica.

² *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo*, por Manoel Mendes, da Vidigueira, Evora 1603. Cfr. *Dicc. Bibl.* de Innocencio da Silva, vi, 59.—Esta obra nada tem tambem com *O Livro de Esopo* (nem com o *Ysopete* hespanhol de 1489, reproduzido em edd. posteriores, como se disse a p. 98 e 106).—Espero publicar ulteriormente, o que não faço agora aqui em appendice, por falta de tempo, uma nota sobre o fabulario de Manoel Mendes.

Apesar de o nosso Fabulario constituir, como acabo de dizer, certa novidade na litteratura portugueza dos secc. xiv-xv, parece que foi pouco divulgado, pois não me consta que haja allusões a elle em obras portuguezas contemporaneas ou posteriores, nem que exista outra cópia manuscrita, senão a de Vienna.

Quanto a esta, a primeira menção, que eu saiba, é estrangeira, e do sec. xix: encontra-se no Catalogo da respectiva Bibliotheca, ou *Tabulae codicum manu scriptorum praeter Graecos et Orientales in Bibliotheca Palatina Vindobonensi asservatorum*, publicação feita pela *Academia Caesarea Vindobonensis*, vol. II, Vindobonae («Vienna») 1868, p. 247. Essa menção é assim concebida: «3270 (Philol. 291) ch. xv, 46, 4.º AESOPUS, Fabulae in linguam Lusitanam versae. Incip.: *Segundo diç o liuro . . Expl.: empeeçem mayz que peçonha. Explicit liber Exopy cum alegorijs*»¹. Foi por este Catalogo que tomei conhecimento do manuscrito, quando, em 1900, estive na Bibliotheca de Vienna.

Em 20 de Março de 1902 dei noticia d'elle ao público português, em sessão da segunda classe da Academia Real das Sciencias de Lisboa: vid. o respectivo *Boletim*, I (1903), 235. Depois d'isso tornei a referir-me a elle, em 1904, em um artigo inserido na *Revista Pedagogica*, I (n.º 25, de 22 de Maio), pp. 388-390.

Até á publicação que faço agora, o manuscrito jazeu enterrado, e, por assim dizer, esquecido na rica Bibliotheca de Vienna de Austria. Apesar da indicação já ministrada pelas *Tabulae* em 1868, ninguém, tanto quanto pude averiguar, o utilizou ou compulsou: nem F. Wolf, que era viennense, e foi funcionario da propria Bibliotheca, e a quem tamanho carinho mereceu a nossa litteratura²; nem Reinhardstoettner, que ahí copiou outro precioso monumento, a *Demanda do santo graall*³; nem O. Klob, que tirou nova copia do mesmo monumento⁴; nem Hervieux, que buscou por toda a parte, e lá mesmo, elementos para a sua obra⁵; nem finalmente Keidel, no seu recente artigo *Notes on Aesopic Fable Literature*

¹ O *explicit* consta de mais alguma cousa, como se viu supra, p. 57.

² Cfr. os meus *Ensaïos Ethnographicos*, II, 297-300.

³ Começado a publicar em 1887 (Berlim); ainda não acabado.

⁴ Vid. *Rev. Lusitana*, VI, 332 sqq.

⁵ *Les fabulistes latins*, que tantas vezes tenho citado.

*in Spain and Portugal during the Middle Ages*¹. Mas, como pondera o autor do *Espelho de Casados*, 2.^a ed., fl. VIII-v, traduzindo um texto bíblico, também aproveitado n-*O Livro de Esopo*, fab. XLV: nam ha cousa tam secreta, que se nam descubra.

Ao concluir aqui o meu trabalho, não me despeço ainda d'elle, pois em ocasião mais oportuna, que talvez não se demore muito, tenciono refundi-lo e publicá-lo de novo.

¹ Na *Zeitschrift für roman. Philologie*, xxv (1901), 721-730. O que porém diz a respeito de Portugal é pouco mais de nada.



•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

•

INDICE

Dedicatoria	1
ADVERTENCIA PRELIMINAR	3
INTRODUÇÃO	5
<i>O Livro de Esopo</i> (texto):	
Prologo do colleccionador do Fabulario	8
I. O gallo e a pedra preciosa	9
II. O lobo e o cordeiro	10
III. O rato, a rã e o minhoto	10
IV. O cão que cita o carneiro em juizo	12
V. O cão e a posta de carne	12
VI. O leão que vae com outros animaes á caça	13
VII. O casamento do ladrão e o do sol	14
VIII. O lobo e a grua	14
IX. A cadella que pediu a casa a outra	15
X. O villão que rccolhe a serpente	16
XI. O asno e o porco	16
XII. O rato da cidade e o da aldeia	17
XIII. A aguia que arrebatou o filho da raposa	18
XIV. A aguia e o cágado	19
XV. O corvo e a raposa	19
XVI. O leão velho, o asno, o touro e o porco	20
XVII. O branchete, o seu senhor e o asno	21
XVIII. O calvo e a mosca	21
XIX. A raposa e a cegonha	22
XX. O lobo e a cabeça de homem morto	23
XXI. O corvo enfeitado com as pennas dos pavões	23
XXII. O azemel, a mosca e a mula	24
XXIII. A formiga e a mosca	24
XXIV. O lobo que accusa a raposa perante o bogio	25
XXV. A donezinha e o homem	26
XXVI. A rã e o boi	27
XXVII. O leão e o pastor que lhe tira do pé uma espinha	27
XXVIII. O cavallo e o leão que se fingia medico	28
XXIX. O asno e o cavallo loução	29
XXX. Batalha entre as aves e as animalias	30
XXXI. O gavião e o rouxinol	31

XXXII. O lobo, o bode e a raposa	31
XXXIII. O cervo e os seus galhos	32
XXXIV. A viuva e o alcaide	33
XXXV. A cortesã Tayda e o mancebo	34
XXXVI. O camponês e o filho	35
XXXVII. A vibora e a lima	35
XXXVIII. Os lobos e as ovelhas	36
XXXIX. O machado e o bosque	37
XL. O lobo e o cão nédio	37
XLI. Os membros do corpo e o ventre.	38
XLII. A bogia que pede á raposa um pedaço da cauda.	39
XLIII. O villão que vae com o asno á feira	40
XLIV. O cervo e os bois.	41
XLV. O judeu, o escudeiro e as perdizes	42
XLVI. O leão e o rato.	43
XLVII. O minhoto doente.	44
XLVIII. O lavrador e a andorinha	45
XLIX. Os Athenienses que elegem um rei	45
L. As rãs que pedem um senhor a Jove	46
LI. As pombas, o gavião e o minhoto	47
LII. O ladrão e o cão	47
LIII. A porca prenhe e o lobo	48
LIV. A terra que pare um rato	49
LV. O cordeiro no pasto e o lobo	49
LVI. O senhor e o cão velho	50
LVII. As lebres e as rãs.	50
LVIII. A cabra, o filho e o lobo.	51
LIX. O vilão que acutilou a cobra.	52
LX. O cervo e o cabrão.	52
LXI. O vaqueiro que combate por seu senhor	53
LXII. O capão, o gavião e o seu senhor.	55
LXIII. O pastor e o lobo.	56
VOCABULARIO.	59
CONSIDERAÇÕES GLOTTOLÓGICAS:	
I. Grammatica:	
A) Phonetica	100
Orthographia	103
B) Morphologia.	106
C) Syntaxe.	110
II. Estylo	118
Conclusão (data do texto).	120
ANOTAÇÕES ÁS FABULAS	122
ESTUDO LITTERARIO (origem e historia d- <i>O Livro de Esopo</i>)	143

A obra é acompanhada de um *fac-simile* que representa duas paginas do manuscrito (sec. xv). Intercaladas no texto vão duas gravuras, cópia de desenhos (á penna) que estão no mesmo manuscrito.

CORRIGENDA & ADDENDA

- VI, 12: devia ser *he* em vez de *he-*.
XII, 13: *voontade* em vez de *vontade*.
XIII, 5-6: *dessem* em vez de *desse* < *m* >. A nota 8 devia ser substituída por: «*dessem* refere-se á agüia e aos filhos».
XVII, 15: devia estar virgula depois de *cousas*, e depois de *fazer*.
XXI, 6: virgula depois de *mall*.
XXII, 1: devia ser *emxemplo*, embora no ms. estivesse *ex*^o (o mais usual é *em*^o).
5: *cortesãmente* ou *cortesammente*, em vez de *cortesamente*. Ou, pelo menos, deve entender-se assim. (Foi o Sr. Epiphanio Dias quem me advertiu d'isto).
XXIV, 8: *jnoçente*, embora no ms. esteja com *c*.
XXIX, 10: *ey d'andar* em vez de *ey-d'andar*.
24: ponto final em vez de interrogação.
XXX, 19: *prijgo* em vez de *priigo*.
XXXIII, 6: *vierom* em vez de *vieram*.
16: *proueytosas* em vez de *proveitosos*.
XXXIV, 22-23: devia ficar entre aspas a frase que começa por *porque* e termina por *cor[açom]*, pois é discurso directo, como se vê das palavras *ora* e *aqui*; depois de *dicto* devia haver dois-pontos.
XXXV, 8: *mamcebo* em vez de *mãcebo*.
15: virgula em vez de ponto-e-virgula.
XXXVI, 13: ponto-e-virgula em vez de dois-pontos.
15: ponto-e-virgula em vez de simples virgula.
XXXVII, 11: *fãzello* em vez de *fãze-llo*.
XXXIX, 15: depois de *jmijguo* devia estar ponto-e-virgula, e não virgula.
XL, 1: *amoestamento* em vez de *amoestramento*.
XLI, 21: *pam* em vez de *pom*, e *pera* em vez de *para*.
XLII, 4: *grande* em vez de *grando*.
XLIII, nota 5. Substitua-se tudo por: «Isto é: *por causa de Deus*». (Correcção feita pelo Sr. Epiphanio Dias).
XLIV, 15: depois de *olhos* deviam estar dois-pontos, e não virgula.
26: *mala[m]dante* ou *malãdante*, em vez de *maladante*.
XLV, 17 e 18: *rrijr* em vez de *rryr* (comquanto seja *rria* na l. 19).
19: Ponha-se virgula depois de *mesa*, e substitua-se toda a nota 2 por isto: *porque* «visto que».
28: *scudeyro* em vez de *'scudeyro*.
nota 6 da p. seg.: *preposição* em vez de *proposição*.
Supprima-se a nota 3 correspondente á l. 37, na p. 43, porque neste e noutros casos que citarei no cap. da syntaxe *diç* não tem sujeito declarado.

- XLVI, 4: *ssua* em vez de *ssa*.
- XLVII, 16: *feçermos* em vez de *feçermes*.
- XLVIII, 10: ponha-se virgula seguidamente a *depois*.
- XLIX, 1: Supprima-se [*em*].
3: *liurarom* em vez de *liuraram*.
- L, 3: *rrogarom-no* em vez de *rrogarom no*.
17: devia ser *emsina* em vez de *emsiua*.
18: *o bem* em vez de *e bem*.
- LII, 18: em vez de [*uici*]o leia-se *p[ecad]o*, porque a photographia deixa vêr, embora com custo, um *p*, e parece que um *a*; além d'isso o espaço convem mais á segunda correcção que á primeira. Cfr. tambem no *Leal Conselheiro*, p. 192 (ed. de Paris): *pecado de guargantoyce*. Que *pecado* tem só um *c*, mostra-o a fabula XLVII, 15.
- LIII, 10: *taaes* em vez de *taees*.
- LVII, 12: *amoesta* em vez de *amoestra*.
16: talvez seja *prijguo*, e não *priguo*, porque o ms. tem neste sitio uma dobra.
- LIX, 3: *coobra* em vez de *cobra*.
- LX, 10: Na palavra *cabrom* ha um borrão depois do *r* (i. é. *cabrom*), de modo que a palavra póde ler-se *cabram*, como acima tres vezes), ou *catrom* (como em XXXII, 17). O espaço parece fazer admittir antes *cabrom*.
- LXI, 55: *escarneçia* em vez de *essarneçia*.
65: a nota 4 deve ser redigida assim: «Vid. supra, fab. LXI, l. 40, nota 4.
- LXII, 14: a nota 2 deve ser supprimida, pois trato d'este caso na secção da grammatica.

NOVA ANNOTAÇÃO Á FABULA III

Como vimos, a fabula III está acompanhada de uma figura allegorica: um rato junto de agoa; dentro d'esta uma rã em acção de fallar com o rato; e no ar um minhoto ou milhafre que solta do bico a frase: *syyo vioviovio*.

Ora, curioso é notar que na *Comedia Aulegrafia* de Jorge Ferreira de Vasconcellos (sec. XVI) se lê o seguinte passo: «Muyto pareceys vós agora bilhafrão »esgalgado, que fez presa em grande trilhoada¹ de negalhos de tripas, e escapou-lhe das unhas, de confiado, e faz surto² no ar com *vio, vio*»³.

Temos pois indicada no bilhafrão⁴ voz semelhante á que na fabula se attribue ao minhoto.

¹ Isto é «grande quantidade», pois *trilhoada* está por *tralhoada*.

² O texto tem *furto*, que deve emendar-se como faço, porque na typographia em que se imprimiu a obra confundiu-se o *f* de *furto* (o *s* inicial e medial é nesta representado assim) com *f*. A palavra *surto* quer dizer «vão elevado».

³ Lisboa 1619, fl. 177 v.

⁴ = *bilhafrão*, augmentativo de *bilhafre* < > *milhafre*, synonymo de *minhoto*.



OUTRAS OBRAS DO MESMO AUTOR

(À venda na Casa Bertrand, Chiado 75, Lisboa)

Esquise d'une dialectologie portugaise , Paris 1901.....	600
Estudos de philologia mirandesa , 2 volumes, Lisboa 1900-1901.....	25500
Ensaíos ethnographicos , 3 volumes: o 1. ^o esgotado; o 2. ^o e 3. ^o	15300
A philologia portuguesa , Lisboa 1888.....	200
As «Lições de linguagem» do Caturra (análise crítica), 2. ^a ed., Porto 1893.....	250
O galho depennado (réplica ao Caturra), 3. ^a ed., Porto 1892	250
Textos archaicos (para uso da aula de philologia portuguesa estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa), Lisboa 1905	400
Summa das lições de philologia (dadas na mesma Bibliotheca), Lisboa 1905.....	300
Flores mirandesas (em lingua mirandesa), Porto 1884.....	100





3 2044 019 902 170

THE BORROWER WILL BE CHARGED

The borrower must return this item on or before the last date stamped below. If another user places a recall for this item, the borrower will be notified of the need for an earlier return.

Non-receipt of overdue notices does not exempt the borrower from overdue fines.

**Harvard College Widener Library
Cambridge, MA 02138 617-495-2413**



Please handle with care.
Thank you for helping to preserve
library collections at Harvard.

